

LA RI RIN TOS

AS TERRÍVEIS GARRAS DO MAL

UM SUSPENSE DE M. C. MARTINS





Copyright © 2015 by M.C. Martins
Labirintos: as terríveis garras do mal

Coordenação editorial
Eneas Francisco

Preparação
UPBOOKS

Revisão
Angélica Pina

Capa
Marcus Pallas

Diagramação
UPBooks

Todos os direitos desta edição reservados à
UPBOOKS

Rua Francisco Otaviano Queluz, 103
Braz Cavenaghi - Itapira, SP
CEP 13976-508

1ª edição 2018

ISBN: 978-85-66941-87-6

Dedicatória

Este livro eu dedico aos escritores cristãos do Brasil e de todo o chamado mundo subdesenvolvido, por representarem uma legítima resistência ao colonialismo do primeiro mundo. Porque, com certeza, o talento, a inteligência, o gênio artístico e a capacidade intelectual não têm pátria.

Também dedico esta obra ao grande amor da minha vida: Wani. Minha esposa, linda, fonte de permanente inspiração...
Eu a amo para sempre.

Sumário

[Prefácio](#)

[Eis a questão](#)

[O Blues da solidão](#)

[Arrastados na lama](#)

[Labirintos](#)

[Perto, muito perto do inferno](#)

[O dia em que São Paulo parou](#)

[O dia do Juízo](#)

[Execrabilis](#)

[Jackes, o filósofo](#)

[Lembranças e realidades](#)

[Jonas, o profeta](#)

[O tempo e o imaginário](#)

[O prisioneiro alfa](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também do autor](#)

[Fale conosco](#)

Prefácio

A

s histórias narradas aqui representam um projeto de usar a forma ficcional de expressão como um veículo transmissor de ideias oriundas do universo judaico-cristão, dentro de uma perspectiva cristã e ortodoxa.

Cada história contém uma lição de vida, um estímulo ao bem e ao compromisso com a verdade. Cada uma delas é um alerta contra o mal, a ausência de virtude e as transgressões à Verdade.

Leia. Será uma experiência surpreendente.

O Autor

Eis a questão

O

corpo do senador foi encontrado em uma praia do litoral pernambucano, amarrado com arame farpado, com uma bala na nuca, os dentes e a genitália arrancados, além de muitas facadas de punhal no rosto, na barriga e nas nádegas. Horrível. Um policial, novato na profissão, passou mal com o que viu e sussurrou uma expressão de misericórdia para aquela pobre alma.

O fato abalou a política nacional. Todos os assuntos foram esquecidos e só se falava da morte estúpida do senador. A mídia saturou o assunto, com matérias sensacionalistas e entrevistas, especulações, acusações infundadas e cartas de leitores inconformados com o espetáculo cruel e macabro. Um ritual de violência, assustador.

As hipóteses policiais variavam em torno da ideia de prática homossexual, crime político, assalto seguido de morte ou alguma coisa conexas a satanismo... A primeira alternativa se prendia ao fato de que o senador vez por outra era visto em restaurantes caros, acompanhado de rapazes desconhecidos, elegantes e formosos. A segunda, porque sua carreira política foi marcada por ferozes inimizades, no estilo da máfia italiana. A terceira hipótese ganhou corpo uma vez que sumiu o dinheiro, relógio, anéis e cordões do senador. A última pista a seguir só existia porque desenharam na testa do senador o número 666... A tendência da polícia era valorizar a primeira e segunda possibilidades.

O senador começou sua carreira na década de setenta, no século vinte. Os anos de chumbo da ditadura militar. Sempre apoiou o fascismo de direita, com suas expressões de tortura e perseguição aos dissidentes, concentração de riquezas e censura à imprensa. Em troca, teve apoio para ser deputado federal, governador e senador. Apoio da elite econômica e dos generais presidentes.

O senador era um homem arrogante, de comportamento aristocrático, com nível de riqueza assombroso, apto a ficar ao lado do poder e adepto do

pragmatismo conservador. Em matéria de religião, misturava candomblé com catolicismo e kardecismo.

Nos últimos anos, planejava costurar alianças visando à presidência da república. Mas seu temperamento selvagem causava rupturas constantes em seu partido e com outros partidos. Acabou por se isolar e se tornar um crítico, franco-atirador, do governo e da oposição ao mesmo tempo.

No enterro, realizado com a pompa destinada a um estadista popular, uma multidão entristecida dava adeus ao imperador de Pernambuco, como era chamado, por causa de seu estilo e domínio político completo da região.

Um padre e um sacerdote do candomblé fizeram a reunião religiosa ecumênica. Alguns políticos discursaram e a imprensa local, nacional e até estrangeira documentaram o fato que mobilizou o país.

Sua viúva, uma mulher recatada e submissa, escreveu uma carta aberta aos jornais importantes do país, contendo um agressivo desabafo contra os adversários do senador e contra as insinuações em relação a sua fortuna pessoal, seu jeito de fazer política e sua sexualidade.

Um historiador e biógrafo de grandes figuras da república nacional escreveu um artigo na revista Visão, também publicado pela Folha da Verdade e a Tribuna da Imprensa, onde dizia que uma etapa da política brasileira fora encerrada, ou seja, o fim do neo-coronelismo urbano e cosmopolita, articulado pelo remanescente da nobreza rural com a burguesia tacanha e arrivista das cidades mais desenvolvidas.

No dia que o corpo do senador desceu à sepultura, diante das câmeras de televisão, ao vivo, sua alma já se encontrava em trevas no lugar de tormento, dentro do Hades.

Pareceu que havia despertado de um estado estranho de inconsciência. Não sentia dor e não entendeu absolutamente que paisagem era aquela ao seu redor.

Cerrou os olhos e tornou a abri-los. Nada mudou. Lá estava um lago de águas escuras, como um pântano, cercado de arvoredos densos e

ameaçadores. Acima, um céu baixo e escuro, parecendo que ia chover a pior das tempestades. Aquele lugar parecia um porão preparado para ser cenário de horrores.

Por muito tempo permaneceu imóvel, silencioso, respirando o mais lentamente possível. Olhava repetidas vezes em toda direção, em busca de alguma coisa que pudesse explicar ou desfazer o terrível pesadelo.

Notou, assustado, que estava despido. E sua pele não era o mesmo tipo de pele, parecia escurecida e mais rígida.

Tentou lembrar as coisas. Conseguiu perfeitamente pensar em quem era, seus familiares, o local de sua residência, etc... mas foram junto, no fluxo do pensamento, imagens que gostaria de nunca mais reviver. Atos de corrupção, ordens de matar pessoas, imoralidades sexuais, insultos e humilhações aos subalternos, mentiras que destruíram vidas, estupros, agressões físicas e morais aos filhos e parentela, blasfêmias e um pacto secreto com uma entidade maligna, envolvendo o sacrifício de uma virgem adolescente, em um terreiro no interior do Estado. Pôs as mãos na cabeça, tentando impedir os pensamentos de continuarem. Suspirou e falou, em voz baixa, um insulto a si mesmo. Foi bom ter ouvido a própria voz. E foi perturbador ouvir um ruído no lago. Sentiu seu corpo, ou o que fosse, estremecer. Olhou na direção e notou duas pessoas remando em direção ao lado do lago onde se encontrava. Teve dois impulsos com a mesma intensidade. Ficar e decifrar aquela situação absurda de terror ou embrenhar-se na mata como um animal pressentindo a própria morte. Se é que já não estivesse morto. Contudo, decidiu ficar e aguardar a chegada dos estranhos, com uma forma humana normal, ao que parecia.

Duas semanas de investigação, debaixo da pressão de setores conservadores da imprensa e de empresários ricos, aliados ao ex-senador, foram suficientes para a polícia, supostamente, esclarecer toda situação do crime e prender os prováveis culpados.

O delegado encarregado da investigação encerrou o caso apontando dois marginais fichados como os homens que assaltaram e assassinaram o senador. A brutalidade do crime deveu-se ao fato de ambos estarem drogados

e à reação da vítima.

A imprensa recebeu, em seguida, um resumo do dossiê preparado pelo delegado e entregue ao senado da república, por solicitação da presidência e de alguns partidos. No dossiê era relatado que o senador saiu de sua casa de veraneio no dia do crime para passear na praia, como de costume. Só que, desta vez, decidiu passear na areia, deixando o carro a certa distância. Como estava um pouco escuro, não notou a presença dos bandidos deitados na areia, se drogando. Quando percebeu foi tarde demais. Os dois homens se aproximaram e cercaram o senador, agredindo e xingando. Houve luta corporal, até que caindo semi—inconsciente, o senador desistiu de resistir. Tentou gritar por socorro e foi mais espancado. Movidos por ódio, drogas e medo das consequências, resolveram matar, e o fizeram como um ritual macabro de violência. Depois roubaram os pertences e fugiram. Uma testemunha, dentro de um barraco de pescador próximo do local, viu tudo e, quando soube de quem se tratava, avisou anonimamente a polícia. Com alguns detalhes foi possível prender os culpados, que confessaram o crime, depois de interrogatórios prolongados e dolorosos.

A família do senador não voltou a fazer pressão de forma aberta. Os políticos amigos questionaram algumas coisas. E setores da imprensa ridicularizaram as conclusões da polícia e o desfecho do caso.

O barco parou na margem do lago. Uma das pessoas saltou e foi na direção do senador. À medida que se aproximava, era possível ouvir um som melancólico e animalesco, emitido por aquele ser. Já bem próximo, foi assustador constatar que aquilo misturava humanidade com não-humanidade. Uma anomalia genética, poderia se dizer. Uma pele que se assemelhava a um lagarto esverdeado, olhos esbugalhados, dentes protuberantes na boca e uma gosma parecendo pútrida no canto dos olhos.

Sem resistência, o senador, acuado e tentando controlar um desespero que crescia e estrangulava, acompanhou o ser até o barco e notou que a outra criatura era semelhante, mas alheio e sem evidenciar a inteligência no olhar que o outro evidenciava.

O pântano borbulhava, como se fosse água fervendo. E, vez por outra,

criaturas na proporção de pequenos insetos, como aranhas e escorpiões, saltavam para tornar a afundar naquela massa negra e assustadora onde o barco deslizava.

Encolhido, evitava olhar na direção dos captores ou despertar a atenção por causa de um gesto qualquer. Pensou em fazer a pergunta óbvia: Que lugar é este? Mas nada disse e também nada ouviu. O outro lado, apesar de parecer próximo, era distante, muito distante.

Um pouco mais adiante no percurso, outro barco surgiu de um outro ponto, também com três pessoas. Um era humano, com certeza. Os outros eram do tipo anomalia-genética. Entretanto, logo se distanciaram e não foi possível saber mais nada.

Próximo do outro lado da margem do lago houve um sobressalto, quando uma bola de fogo, com canos saindo de sua circunferência, atravessou duas ou três vezes o caminho do barco. Os seres atiraram-se no lago, submergindo completamente. O senador pôs-se de pé, em pânico. Perdeu o equilíbrio e caiu no pântano. Gritou com desespero alucinado. Era como se tivesse mergulhado em um caldeirão de chamas, e coisas pegajosas grudaram em seu "corpo". Chorou. Ou imaginava que estava chorando. E rangeu os dentes. Choro e ranger de dentes. Clamou do fundo de suas entranhas, pedindo para morrer, enquanto agarrava-se ao barco, lutando para escapar da temperatura e dos vermes que andavam em sua pele, nos olhos, na boca, entre as pernas, em todos os lugares.

Um rapaz loiro, de olhos claros e sorriso cínico entrou no carro e bateu a porta. Os jornalistas da revista Pátria passaram o dinheiro combinado e começaram a entrevista, tensa e explosiva.

— Seu nome?

— Me chamam de Rick. Isto basta.

— Trouxe as fotos?

— Claro. Aqui estão...

Espantoso. Realmente, o ex-senador em posições comprometedoras, na cama, com rapazes. O velho era mesmo homossexual.

- Que lugar é este?
- Uma mansão em Recife.
- Propriedade de quem?
- Um empresário do setor de telecomunicações.
- Quem?
- Posso negociar isto depois... Certo?
- Há quanto tempo o senador frequentava?
- Cliente antigo.
- Você tem mais fotos?
- Tenho.
- Como conseguiu tirá-las?
- O senador se embriagava e usava drogas. Perdia a noção das coisas. E por causa desse prazer asqueroso era capaz de atos de loucura.
- Quem matou o senador?
- Dois rapazes. Um se chama Carlão, é assassino profissional. O outro se chama Dailer e foi amante da vítima. Ocorre que ele cansou dessa vida e o senador o queria, como uma paixão doentia. Ele se dizia perseguido e incomodado. Combinou com o Carlão e atraiu o velho para um encontro. Foi aí que o crime ocorreu. Eu tenho uma fita gravada, onde o Carlão conta tudo.
- Quer negociar a fita?
- Por enquanto não.
- Por que você resolveu revelar o que sabia?
- Dinheiro e política.
- Qual político está ligado com você?
- Um deputado federal, que vai ganhar em cima do escândalo.
- Deputado federal?
- É.
- Existem evidências de outras ligações do ex-senador com o tal de Dailer?
- Claro que sim.
- De que tipo?
- Ele tem carros, uma casa luxuosa, joias e conta no banco, como

presentes do cara.

- O Dailer faz o que na vida?
- Explora idiotas ricos, cheira cocaína e eventualmente vende carros.
- Outros políticos frequentam a mansão?
- O assunto aqui não é este.
- Quer negociar o endereço do local?
- Óbvio que não.
- Faremos outros contatos? Você parece com pressa.
- Muita pressa, desculpe. Com licença. Eu ligo pra vocês. Tchau.

O rapaz saiu do carro, bateu a porta exageradamente e caminhou até seu Monza verde envelhecido. Entrou e guardou o dinheiro no porta-luvas. Esperou os jornalistas desaparecerem de vista, pegou o celular e discou um número.

— Alô... Tudo bem. Os caras pegaram a estrada Leste. Vão passar aí na esquina América, com Olavo Bilac... Sim, estão com as fotos e gravadores... Ok... Pode deixar o dinheiro lá no endereço da peixaria... Feito. Bom serviço, aí...

No outro dia, os jornais, televisões e rádios noticiaram a morte de dois jornalistas envolvidos na investigação da morte de um senador da república. Foram mortos a tiros de armas de vários tipos. Com eles foram encontrados todos os pertences pessoais, incluindo dinheiro. Só não estavam no carro nem as fotos nem gravadores... A polícia prometeu localizar os assassinos em breve.

Dentro do barco, depois de muito esforço, rolava de um lado para o outro, batendo com sua forma nas partes laterais internas daquele objeto flutuante. Tremia profundamente, com uma dor que não imaginava possível. Pior que tudo que já experimentara em relação ao sofrimento. Sacudia os braços tentando arrancar bichos que transitavam incomodamente sobre ele. Por vezes gritava de puro horror. Palavras indignas. Blasfêmias. Palavrões. Insultos contra si mesmo.

Muito tempo se passou. Percebeu que tinha estado inconsciente, em uma espécie de sono. Piscou os olhos lentamente e ergueu a cabeça. Seu barco estava do outro lado da margem do lago. Viu que o cenário era semelhante.

Uma névoa cinzenta envolvia o lugar. As águas do lago, escuras. Não havia sinal de vida.

Uma ideia obsessiva ocupou a mente do condenado. Aquele lugar talvez fosse o inferno. Faria sentido, pois tudo ali era sinistro, medonho e apavorador. Mas não podia aceitar isto, nunca creu neste fato, considerando isto uma idiotice de religiosos bitolados. E mesmo que o inferno fosse real, não se achava tão mau a ponto de merecer uma punição deste tipo. Entretanto, a ideia obsessiva permaneceu cravando punhaladas na consciência.

A cada momento aumentava a solidão, o sentimento de insignificância, a ansiedade diante do desconhecido, a vontade de ser absolutamente nada e encontrar a própria inexistência.

Um grito seco e dilacerante saiu de dentro dele, abafado com as mãos e frustrado pelo pânico. No chão abriram-se buracos, de onde foram expelidas chamas avermelhadas e larvas enegrecidas, com bichos pequenos, tipo insetos, espalhando-se em todas as direções. Um cheiro apodrecido impregnou o ar. Daqueles buracos — talvez cinco ou seis — apareceram criaturas de estrutura corporal deformada, que se arrastavam e paravam girando a cabeça, de forma agitada. Pouco a pouco eles estavam ao redor do prisioneiro. Imóveis e olhando, como bichos irracionais que repetiam gestos mecanicamente.

Quase imediatamente, uma daquelas inusitadas coisas feias e vivas mudou de forma. Adquiriu asas, como se houvesse um compartimento atrás de seu corpo, que pulsava e tremia. De suas patas, garras alongadas, parecendo ossos escurecidos e arredondados. O ar de irracionalidade desapareceu, e os olhos se abriram grandemente, fixando-se com uma maldade explícita na direção da alma do senador. Sua reação foi de pânico incontável. Gritou por Deus e virou-se instintivamente para correr. No entanto, o peso do corpo da criatura agarrada a ele não permitiu. Sentiu-se no ar. De fato estava no ar, sobrevoando aquelas árvores gigantescas e sinistras, outros lagos, o que pareciam alguns castelos medievais e, por fim, uma cidade, enfumaçada e triste, como tudo o mais ali. Era um mundo bizarro, terrível e triste. Se Deus

existisse, pensou constrangido e indefeso, que se lembrasse de sua existência com um pouco de misericórdia.

O restaurante era um dos mais sofisticados da capital da república, frequentado por burgueses sofisticados e figurões da política nacional. Existiam vários ambientes, com tipos variados de serviços, além de salas pequenas para encontros sigilosos dos clientes mais antigos.

Naquela sexta-feira à noite, em uma sala do segundo andar, dois homens poderosos discutiam os planos para a próxima eleição e analisavam os fatos recentes. Sobretudo a morte do senador pernambucano. Eram eles o líder do governo na Câmara Federal, deputado mineiro, Dr. Torres, e um ex-governador de Pernambuco, Dr. Salles, empresário do ramo agrícola e líder do Partido Nacionalista da América.

Eram nove horas da noite. Enquanto saboreavam peixe assado, com vinho italiano — atendendo os celulares vez por outra —, prosseguiram na conversa típica do caráter de ambos.

— Dr. Torres, este crime nunca vai ser esclarecido. A polícia teria que ser suíça, alemã, americana ou inglesa para chegar na origem dessa história. No Terceiro Mundo é a garantia de que tudo vai ficar bem.

— Eu sei, Dr. Salles. Tudo indica que não há suspeita séria quanto à natureza política do crime. O serviço foi bem executado.

— Aquele velhaco corrupto estava indo longe demais.

— Ambição de ir à presidência. Isto cega qualquer um.

— Tudo bem, mas denunciar os esquemas da corrupção, como disse que ia fazer?

— Será que ia?

— Ia. Eu grampeei as conversas dele com a senadora Débora, sua amiga e confidente. Ele passou para ela informações que eram secretas. Os negócios com as embaixadas da China e da Rússia. O serviço de recursos das áreas de educação e saúde no Estado. A negociação para favorecer uma construtora

nossa. E mais coisas. O homem tinha munição pesada. Seria meu fim político, Dr. Torres.

— E a senadora Débora? Agora sabe muito.

— Bom, não creio que ela fale nada. Sobretudo depois do que ocorreu com o amigo. Ela não é boba, certo?

— Lógico que não...

— Mais um brinde, então.

— Boa ideia. Mais um brinde. Viva a República brasileira. Baixa e imunda, mas lucrativa.

— Altamente lucrativa.

— E as eleições, meu caro?

— Bom, preciso de seu apoio para derrotar a direita inimiga e as esquerdas.

— Qual vai ser o esquema?

— Faço alianças em troca de cargos.

— Isto é o que interessa.

— E preciso de dinheiro. Quero encher as ruas de outdoor, placas e cartazes. Bastante poluição visual com meu nome.

— E a plataforma?

— Vou insistir em segurança e possibilidade de emprego.

— O caso é fazer muita promessa.

— Eu sei.

— E comprar votos.

— Claro. Muita camisa, dentadura, kit-escolar, bonés, latas de tinta, pacote de cigarros, churrascos com futebol... etc.

— O de sempre, não é?

— Isso, o de sempre... Conto contigo.

— Meus aliados vão te dar todo apoio. E o governo federal ficará distante, pra não atrapalhar.

— Ótimo.

— Admiro seu pragmatismo.

— É a única ideologia que jamais fica anacrônica.

— Verdade, amigo...

Torres deu uma gargalhada e dois tapas no ombro do ex-governador, que fez uma careta, esfregando as mãos e olhando para os lados.

— Mas agora vamos mudar de assunto.

— Concordo.

— Sabe qual é a surpresa?

— Não.

— Contratei duas belezas nativas para um pouco de divertimento esta noite.

— Prostitutas?

— Não. Garotas de programa. Quase virgens. Educadas, cultas, exuberantes e incansáveis. Gostou?

— Só depois de ver é que respondo.

— Deixa eu avisar ao gerente. Ele vai mandá-las, lindas e perfumadas.

— Bem rápido...

— Ah, como a vida é bela... Não é?

— E o pobre do senador perdendo tudo isto. Deve estar agora pedindo perdão a Deus ou ao diabo.

Os dois caíram na gargalhada novamente, olhando na direção da janela de vidro que mostrava parte do corredor, de onde viriam o gerente com as profissionais contratadas.

Caminhou pela cidade, após ser deixado perto do portal gigantesco que dava acesso ao seu interior. Não viu ninguém, não ouviu vozes de nenhum tipo, nem som animalesco, só o ruído, esporádico, de asas ruflando. Bem longe, mas nítido.

As casas eram cinzentas, envelhecidas e com ar fantasmagórico. Algumas eram perfeitas ruínas. Janelas com vidros rachados e pequenos portões enferrujados. As plantas eram horrorosas. Criaturas vegetais de pântanos, murchas, com espinhos e cores opacas. As ruelas estreitas apresentavam um chão irregular, sem calçadas e úmido.

Permaneceu andando. As fileiras de casas se repetiam, em todas as

direções, sem parecer ter fim. Pensou em entrar em uma daquelas residências. Hesitou por um momento. E então decidiu, tentando se convencer que nada pode ser pior quando tudo é ruim.

Empurrou uma porta cautelosamente. Um ambiente escurecido e opressor. Ponderou, olhando aterrorizado para dentro e tentando perceber qualquer movimento. Nada, no entanto. Decidiu então entrar, efetivamente. Olhou para cima de imediato e notou o que pareciam ser canos, tubos pretos, grudados no teto. Rodeou aqueles tubos, tentando identificar a natureza daquilo. Eram dez, talvez doze tubos.

Também havia ali um cheiro de enxofre e uma atmosfera de pavor. À direita havia uma mesa grande, de mármore preto, com objetos um pouco reluzentes, prateados, sobre ela. Aproximou-se e notou que eram espadas e escudos. Tentou levantar um dos objetos, porém não conseguiu.

Impressionado com tudo, voltou seu pensamento para a Terra, quando era menino, numa casa tida como mal-assombrada. Naquele dia, viu um homem de pele e olhos claros que desapareceu na sua frente, depois de uma saudação estranha, como um ritual. Passou então a ter um poder de ludibriar pessoas.

Recebeu um impacto na consciência quando ouviu barulhos de insetos sobre a sua cabeça. Estava bem no meio da sala. Olhou instintivamente para cima e notou que os tubos se moviam com crescente frenesi. Abriam-se numa metamorfose macabra e decrépita. Asas ruflavam. Jogou-se num canto, incapaz de raciocinar ou agir.

Eram seres, estranhos como os outros. Estavam agora formando um semicírculo ao redor do terráqueo. Suas cabeças eram arredondadas, com as faces enrugadas, olhos bem azuis e semicerrados. Estatura elevada, asas atrás do corpo e um olhar de odiosidade.

A maioria deles dirigiu-se para a mesa e pegou as armas e escudos. Sentaram-se e, ofegantes, usavam uma linguagem de sinais. Um deles, que havia permanecido diante do terráqueo, arrastou seu corpo/alma para fora da casa. O senador, indefeso, deixou-se levar sem reação.

Arrastado, olhava as construções, que passavam rapidamente. Uma certa hora viu pessoas, nitidamente, sem que conseguisse enxergar quem eram ou o que estava acontecendo. Ouviu uma gargalhada sinistra. De repente não havia mais ruelas e casas. Apenas uma região árida, feia, com árvores baixas e

retorcidas, e buracos no chão, de onde saía fogo. Naquele lugar, o cheiro nauseante do enxofre era mais intenso ainda.

Aquele ser parou e virou-se com seu olhar maligno para a criatura terrestre. Vociferou algo indecifrável e arremessou sua vítima para dentro de um daqueles buracos infernais.

Aos gritos, aquele que foi um poderoso senador caiu em um chão pastoso e rapidamente percebeu que bichos minúsculos caminhavam sobre o que ele era. Corpo ou alma.

Chamas vivas, como brasas, saíam do solo e das paredes no buraco, atingindo plenamente o pobre coitado. Ele uivou de dor. Chorava, sem lágrimas. Aquele fogo queimava, sem consumir. Era doloroso, humilhante e terrível.

— Oh, Deus! Oh, Deus! Onde estás?

A SSS, Sociedade Secreta de Satanás, se reunia em ocasiões específicas, em um mosteiro adquirido da Igreja Católica, lá no século XIX.

Seus membros eram poderosos homens de finanças, política e educação, controlando mídias, instituições bancárias e governos. Trabalhavam no sentido de preparar a nova ordem mundial, em obediência a espíritos de alta hierarquia, que se identificavam como extraterrestres, a caminho da terra.

A SSS prestava cultos ao anjo caído, visto como um herói injustiçado, que lutou pela liberdade dos anjos e da humanidade, contra a tirania de Deus. Investiam bastantes recursos para eleger candidatos e usar a política criando leis anticristãs. Não acreditavam em moral, desprezavam a Bíblia e odiavam as igrejas em geral...

O professor de sociologia e teólogo presbiteriano, Dr. Peter Roger, concluiu seu livro, "Sociedades secretas", com um capítulo sobre a SSS. Apresentou uma entrevista com um ex-membro da organização, evidenciando que a sociedade financiava políticos arrivistas de direita e de esquerda, "lavava" dinheiro em paraísos fiscais e tinha sobre si várias suspeitas de crimes diversos, inclusive assassinatos.

A entrevista deixou claro que o senador recém-falecido era membro da SSS. Fez parte, inclusive, da diretoria, ganhando muito dinheiro. Saiu da organização não fazia muito tempo, por discordar de um plano delirante, visando preparar um golpe militar no país, após o colapso da economia, provocado intencionalmente. Altas patentes das forças armadas atuavam naquele projeto.

No capítulo do livro, o professor caracterizava, com argumentos sólidos, a sociedade como um grupo de maníacos fanáticos, conspiradores, contrários à democracia, capitalistas selvagens e malucos místicos.

Descreveu partes de rituais deploráveis e apresentou uma foto escaneada, onde o ex-senador aparecia sentado em um trono sinistro, com um manto escarlate, cheio de símbolos, sendo exibido por ele mesmo, tendo de pé ao seu lado, à direita e à esquerda, dois notórios empresários dos ramos de comunicação e indústria de brinquedos.

O assassinato do importante político foi decidido pela ala mais radical do grupo satânico, os cavaleiros do círculo de fogo, homens que incorporavam entidades sofisticadas e poderosas. Amantes do mal. Os cavaleiros criam no apocalipse, à sua maneira. Consideravam que o Anticristo breve surgiria no cenário histórico e uma civilização única, obediente ao Príncipe das Trevas, seria implantada, até que o Juízo de Deus viesse confrontá-la. Os cavaleiros diziam que milhares e milhares de naves estavam prontas para invadir o mundo espiritual da Terra, logo após o desaparecimento dos eleitos do Deus da velha Era. Acreditavam que o líder maior do mundo apareceria no contexto geográfico europeu, com apoio dos russos, chineses, americanos, judeus e europeus.

Os homens que mataram o senador obedeceram aos agentes invisíveis do mal e praticaram a morte como um ritual de oferecimento da alma de um rebelde. Quando o fato se consumou e foi avisado, os cavaleiros brindaram com um pouco de sangue de uma jovem grávida, oferecida aos seres do mal. E, durante toda a noite, praticaram atos impuros, até à exaustão.

Em poucas semanas, o livro tornou-se um best-seller nos meios intelectuais e jornalísticos, provocando discussão apaixonada e resenhas de todo tipo. A família do senador publicou nota no jornal, ridicularizando a história e anunciando a decisão de processar o autor, para tentar salvar uma imagem pública e não por convicção de que a obra era irreal.

Num telefonema anônimo, alguém da sociedade secreta ameaçou de morte o professor Peter Roger, em termos aterrorizantes.

— Podemos sequestrá-lo e enterrá-lo vivo, seu cristão estúpido...

Quanto tempo passou, não era possível dizer. Mas, durante todo o tempo, ele chorou, gritou e rangeu os dentes. Aquele fogo não cessava e causava uma dor que aumentava e diminuía, às vezes tornando-se insuportável. Não havia como resistir ou evitar. A única coisa a fazer era suportar e esperar que algo acontecesse. Qualquer coisa. Mas a melhor seria a morte. A morte mesmo. O fim de qualquer existência consciente.

Uma corrente desceu naquele buraco e, sem pensar em nada, o prisioneiro agarrou-se a ela. Foi puxado para fora, gemendo, esgotado, destruído. O cenário era o mesmo. Uma região árida e buracos, expelindo larvas e fogo. Outras pessoas saíam de dentro de suas covas. Todas miseráveis, sofredoras, arrasadas e gemendo. Um espetáculo deprimente.

Enfileirados, cada humano caminhava, como uma sombra abatida e semimorta. Ao redor de todas essas almas, aos milhares talvez, criaturas soturnas, agitadas e indiferentes, como soldados fazendo uma escolta. Muito embora ninguém reagisse, apenas obedeciam aos sinais e caminhavam, enquanto gemiam. Ouviam-se palavras, vez por outra, em idiomas diferentes, tristes e desesperadas.

Aquela procissão tenebrosa prosseguiu durante um tempo que se imaginava não ter fim. Até que uma luminosidade bem fraca pôde ser distinguida no horizonte bem remoto. Naquele lugar sem luz, aquele brilho chamou a atenção de todos. As criaturas hostilizadoras se agitaram raivosamente. As almas fixavam o olhar para frente, onde pequenos pontos de luz se aproximavam, aumentando cada vez mais.

Certa hora, pôde-se notar que aqueles pontos eram na verdade anjos, de grande estatura, formosos em sua compostura, com olhar severo, mas sem a presença da típica maldade das criaturas abomináveis.

Os anjos afastaram as coisas vivas, feias e destrutivas. Conduziram as almas em direção àquela grande luminosidade. Logo se percebeu que se tratava de

um trono, um imenso trono, de onde uma voz saiu, imponente e oceânica, proclamando o início do Juízo Final.

O senador não tinha consciência, mas muitos anos tinham se passado. Abaixou seu rosto para o chão e amaldiçoou a si mesmo, com ódio de tudo, tremor, solidão profunda e remorso ácido. E depois, um pouco depois, somente soluçava.

"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se livros. (...) Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras". Apocalipse 20

O blues da solidão

A

cerimônia era a mais deprimente experiência existencial que uma pessoa normal poderia viver. O caixão desceu naquele buraco e um vulcão de dor e angústia entrou em erupção na minha alma.

Eu não queria consolo. Mas todos me consolaram, enquanto lágrimas quentes corriam em ambas as faces. Parte do mundo acabara ali. Apenas me lembrei de uma canção que falava de rios de águas cristalinas, descendo de uma montanha, em direção a uma cidade onde cada pessoa é o que o seu sonho imaginou que seria.

Enterrar alguém me pareceu, naquela hora, quase um crime hediondo contra a humanidade. A morte é mesmo uma maldição trituradora, aniquilante, impiedosa. Minha alma soluçava.

Olhei ao redor e os amigos eram como anjos bondosos, impregnados de amor e compreensão. No entanto, nada fazia sentido. Só o arrebatamento me salvaria daquele abismo tão profundo e melancólico.

Minha mulher estava próxima, mas distante. Ela de mim e eu dela. Agradei porque ela permanecia calada. Acho que sua voz me traria desconsolo e depressão.

Caminhei de volta para a saída do cemitério, com um nó no peito e outro na garganta. Os olhos encharcados e um sussurro na mente, de misericórdia.

— Deus, tenha misericórdia de mim.

Alguém ao meu lado, com a mão no meu ombro, falou-me do céu, do amor de Deus e outros temas teológicos. No entanto, eu não conseguia refletir. Eu era puramente uma imagem acabada de saudade.

O tempo passou rápido. À noite, em casa, repassei cenas comoventes de tempos aprisionados na memória. Até que adormeci, descontente, conformado, silencioso e indagativo.

Na volta do serviço — o miserável trabalho de um professor explorado —, parei em um restaurante, próximo de uma praça quase vazia. Da janela, eu olhava os carros passarem em alta velocidade, nos dois sentidos, enquanto bebia guaraná e comia linguiça frita. Eram quase nove da noite. Muito cedo para ir para casa. Eu precisava que as horas custassem a passar, porque eu queria permanecer longe. Sim, permanecer longe.

Pensei, então, na minha fé. Ou no que restou dela. Um sentimento de identificação com a soberania de Deus e a convicção da realidade da eternidade. Eternidade? Um mundo real, sem sombras, muito além das estrelas. Com estradas, jardins, crianças, pássaros, ciência, livros, vozes, flores, outono, ventos, montanhas, sorrisos, papéis e canetas...

Voltei minha atenção para o livro. Um ensaio teológico escrito por C. S. Lewis, sobre a fé, o tempo e a compaixão divina. Em um trecho, o professor britânico, anglicano, explicava que tudo em nós nos remete a ideias e vislumbres do infinito. Por isso vivemos e prosseguimos. É assim mesmo. Perfeito. Sou o que sou, porque aguardo ser inserido no infinito.

As estrelas estavam lindas aquela noite. Como se fossem obras de um pintor obcecado por imagens perfeitas. Permaneci com os olhos fitos, tal um astrônomo, mas, na verdade, um poeta sem poesias, com tímidas esperanças e este ócio terapêutico.

Meio cansado, solicitei a conta e saí, a passos lentos, por calçadas sujas, onde mendigos, assaltantes, moleques sem casa e outros tipos circulavam. O país a cada dia era pauperizado, enquanto o Canadá que existia dentro dele a tudo assistia com sádico silêncio.

Fiquei com pena de ver uma mulher e duas crianças enroladas no jornal. Uma das crianças, acordada, olhava o mundo à sua volta, com olhinhos tão lindos que comovia. Tive vontade de abraçá-la e salvá-la daquela condição sem humanidade. Entretanto, não fiz nada. Prossegui caminhando e querendo um destino melhor.

Abri a porta da casa e assimilei a escuridão. Lá estavam meus antigos móveis e o sofá onde eu gostava de sentar e ficar imóvel por longas horas. Fui até a cozinha para beber um pouco de água. Sem complacência, matei uma barata. Troquei de roupa e deitei, evitando qualquer barulho. Minha mulher, criatura perdida, dormia profundamente, graças a Deus.

No meio da noite, acordei — ou acho que acordei. Notei que eu estava sentado na beira da cama, com os pés no chão. E na minha frente surgiu um anjo de grande estatura. Não era possível ver seu rosto, por causa da luminosidade. Suas vestes eram suaves, alvas e imponentes. Em uma das mãos ele trazia um pergaminho, que foi desenrolado e eu pude ler o que estava escrito: "Prepara-te. Nas nuvens virá". E, subitamente, toda a visão se desfez.

Ao amanhecer, acordei confuso e impactado. Podia lembrar cada detalhe do fato sobrenatural, sem saber como explicar. Sonho ou realidade. Concreto ou abstrato. Bebi café, troquei poucas palavras e ganhei a rua, imaginada como o rumo da liberdade e um pouco de felicidade.

Na parte da manhã, dei cinco aulas de História na escola pública. Expliquei algumas coisas irrelevantes, relacionadas à cultura teocêntrica da Idade Média. Bocejando e contrariado, dei questões óbvias e passei a ler algumas linhas do livro "Muito além das estrelas", de Júlio Rosa, um escritor pentecostal e lúcido.

Na hora do almoço visitei minha tia, com seus noventa anos de ideias tradicionais e inconsistentes. Como sempre, me ofereceu macarrão com carne moída e arroz. Comi sem fazer questão de achar nada. Depois vieram as famosas rodela de abacaxi exageradamente açucaradas. Fiz uma careta discreta e engoli, praticamente. Quando fui embora, ela chorou e eu quase chorei também.

Não havia decidido se iria dar mais aulas. Enquanto ponderava, sentei no banco pichado da Praça Professor Heráclito, imaginando o anjo e a mensagem.

Passaram quase duas horas, sem que eu notasse. Já que não fazia sentido mais ir à escola, procurei um bar razoavelmente limpo e me acomodei. Pedi limonada suíça e uma pizza portuguesa.

Mergulhei então em recentes imagens do passado. Lá estava eu, no banco de uma rústica Igreja metodista, na favela onde nasci. Um ministro discreto e persuasivo falava sobre as mansões celestiais. Eu ouvia, bem-comportado, ao lado de minha mãe, uma mulher bonita, elegante e gentil. Foram dias bons de se viver. Inesquecíveis.

Precisava voltar à igreja. Aquele templo na esquina da Rua Máximo Gorki.

O pastor batista foi meu amigo de infância. Era um sujeito capaz de compatibilizar razão com fé bíblica. Fé sem razão soa falso. E razão sem fé gera um vazio na alma.

Em casa, li certos trechos do livro de Apocalipse. Passagens conhecidas sobre o Juízo Final, o lago de fogo, batalha dos Anjos e a Nova Jerusalém. Chegou a madrugada e eu permanecia lendo as palavras sagradas que o apóstolo registrou. Adormeci sobre a bíblia, me sentindo fraco em todos os sentidos e sonhador de utopias lógicas. Se é que as utopias podem ser lógicas.

Resolvi adiar minha ida ao templo. O motivo foi o último dia da Feira Internacional de Livros, na zona sul.

Passei o dia comendo biscoitos, bebendo sucos e andando entre livros, uma paixão eterna, que sempre me redimia. Amava os livros.

Eu me detive longamente no espaço da Editora Shakespeare. Havia uma coleção de livros sobre civilizações antigas, assinadas por professores de Oxford. Extraordinário. Li algumas coisas sobre os Fenícios, os Persas e os Egípcios. Mas acabei comprando os Hebreus e os Gregos. Dois volumes cada.

Olhei outros temas de interesse, como arqueologia bíblica, engenharia genética, socialismo, contos e filosofia.

Já de noite, parei em uma editora protestante de São Paulo, Hosana. Enquanto mastigava um chiclete sem gosto, desfolhei alguns livros. Tratados teológicos, um manual de história do cristianismo e ficção. Acabei por levar um pequeno romance escatológico, "Gusman, o gênio do mal e o povo do Apocalipse". Os capítulos eram curtos — como linguagem de cinema — e o assunto interessante. Ao pagar o livro, me lembrei do que me mostrou o anjo.

Prepara-te, das nuvens virá.

Dentro do ônibus, de volta para casa, dormi profundamente. Saltei no ponto final e corri para fugir da chuva. Parei debaixo de uma marquise, agachado, olhando os carros e as pessoas passarem, com a pressa típica de todos nós nas cidades modernas.

Quando o temporal parou, era meia-noite aproximadamente. Eu fiquei durante todo o tempo olhando nada, pensando nada, sentindo nada. Era este meu sentimento da vida naquela hora. Nada. Eu me levantei e fui embora para minha prisão domiciliar.

Na escola, eu me sentia perfeitamente inútil para ensinar. Por mais que eu falasse com propriedade, de forma pertinente, didática e pormenorizada, não era entendido. Ninguém entendia ou queria entender.

Abri o livro didático de História Geral, ao mesmo tempo em que os alunos faziam um resumo dos fatos relativos ao iluminismo. Fui desfolhando e observando cada título que representava uma etapa na trajetória humana. As civilizações em suas marchas rumo a alguma coisa. Quantas revoluções, golpes de Estado, reformas culturais e religiosas, grandes líderes, ideologias bizarras, genocídios, fome, planos econômicos, descobertas científicas, mudanças de fronteiras geográficas, duas guerras mundiais, bomba atômica, tratados de paz, religiões, racismo e infinidades de besteiras, crueldades e fobias.

Uma aluna chamou-me, e fui atendê-la. Seu aspecto era dos piores. Um olhar altivo, o rosto precocemente velho, uma pintura inconveniente, sem compostura, sensualidade nociva, raciocínio confuso e piegas. Era o retrato de uma geração empanurrada de drogas, da burrice que caracteriza a indústria cultural, de ideias tolas e moral sórdida. Tive pena. Respondi qualquer coisa e voltei para a mesa, olhando o relógio com esperança. Faltavam só dez minutos.

O sinal tocou. Saí imediatamente, atravessei o pátio, alcancei a calçada e fiz sinal para o ônibus. Para o centro da cidade. Iria ao museu nacional ver

uma exposição de pintura surrealista da América Latina. Se eu não gostasse, iria ao cinema. Bastava um filme americano com muita ação. Iria me divertir. Acabei vendo a exposição e assistindo a um filme de ficção científica.

Não esperava o frio que veio. Eu me encolhi enquanto atravessava a praça bem iluminada, em direção à rodoviária. Por um momento, entretanto, encostei em um poste e fiquei ouvindo um pregador magro, de olhar suplicante, que proclamava uma mensagem, com a bíblia em uma mão e o microfone em outra, diante de um aglomerado de dezenas de pessoas de todo tipo. Estudantes, mendigos, homens, mulheres, jovens, velhos, atenciosos, incomodados, de roupas surradas, terno e gravata, dois policiais e um aleijado embriagado que chorava em voz alta.

O jovem pregador, impassível, argumentava sobre o arrependimento dos pecados e o privilégio de seguir os ensinamentos de Jesus. Insistiu que Jesus é Deus, que veio à terra para salvar os humanos da maldade e desviá-los do abismo, que é o inferno. Alguns, aos poucos, iam embora, enquanto outros paravam para ouvir. Depois o pregador leu outro trecho da Bíblia, do profeta Daniel, e tornou a mencionar o retorno de Jesus à terra para buscar os salvos, que se arrependeram de viver no erro e creram no Filho de Deus. E então, espantosamente, aquele pregador desconhecido olhou na minha direção e disse as seguintes palavras: "Prepara-te. Nas nuvens virá". Foi um choque. Meu coração sobressaltou-se e tive um acesso de tosse. Dei as costas, atravessei a rua e me apressei para chegar à rodoviária, que não era muito longe.

Não sei bem o que senti, acho que foi um pouco de medo. Assim que entrei no ônibus, encostei minha cabeça no vidro, fechei os olhos e tentei pensar em Deus. Fazia tempo que não orava, concretamente falando. E enquanto mantinha aquela comunicação transcendente, me veio à mente o cemitério, a sepultura e o corpo descendo, lento e para sempre. Imediatamente, lágrimas correram em minha face.

Durante o percurso, fui recitando em minha mente uma série de declarações de Jesus Cristo e do apóstolo Paulo. Não sei o porquê, mas foi o que eu fiz.

Saltei quatro pontos antes do ponto normal, propositadamente. Queria andar um pouco e jogar meia dúzia de pensamentos fora. A noite tinha poucas estrelas e um vento seco fustigava minha pele. No meio do caminho,

um cachorro vira-lata tentou me atacar. Não hesitei um minuto. Rosnei para ele e prossegui despreocupadamente.

Parei próximo de minha casa. A luz do quarto estava acesa, ela estava acordada. Fiquei desanimado, mas entrei. Ouvi boa noite e disse boa noite. Tomei um banho quente e entrei debaixo da coberta, com leve dor de cabeça.

Nos próximos dias, alguns fatos me impactaram, de uma maneira radical. Fiquei tenso e repleto de pensamentos negativos e sombrios. Eram as aflições da vida e do mundo, como ensinava minha mãe saudosa.

Minha mulher adoeceu profundamente, com febre e tremores pelo corpo. Uma bomba explodiu no viaduto Carlos Drummond de Andrade, causando seis vítimas e deixando autoridades e população em choque. Um pequeno amigo ligou-me para dizer que perdeu meu CD de blues, com o coral da Igreja Batista do Alabama. Quase explodi de indignação, mas me contive. Que mundo terrível.

Sentei-me no banco de espera do hospital, junto com cinco pessoas de faces tristes e piedosas. Aquele era o setor para pacientes em estado grave.

Deram-me uma roupa branca e um pano para cobrir a boca. Entrei e logo a vi. Uma onda de frágil ternura evoluiu em mim. Não tive como deixar de ser tocado pela cena. Ela estava com aparelhos e inconsciente. Eu me aproximei e toquei em sua testa, com afeto. Permaneci ao seu lado, quinze minutos, imóvel e vencido.

Ao sair, procurei a escada, evitando o elevador. Desci sem nenhuma pressa. Pensava nas oscilações de um casamento insano. O altar da cerimônia, pequenas alegrias cotidianas, brigas colossais, sentimentos contraditórios, falsidade, insensibilidade, caos, índoles perversas, desamor e abismos. Minha alma se deixou levar e angustiou-se. Encostei em um muro no ponto de ônibus e deixei vários ônibus com o meu destino passarem. Que importava? Que passassem. Era como as demais coisas. Tudo passa.

O resto do dia, assisti televisão. Desenhos debiloides e jornalismo repetitivo. Cochilei várias vezes, até levantar e preparar um café bem forte,

como gostava.

À noite, sentei na varanda e comecei a ler o livro de ficção. Gusman, o gênio do mal e o povo do apocalipse. Interessante o título. Li até a página 100 e fiquei convencido que queria prosseguir na leitura na noite seguinte. Acho que a trama me empolgou. Eu achava minha própria vida uma forma de ficção.

Deitado no meio da cama, olhei para o teto e repassei uma quantidade de imagens na mente. Tentei calcular como seria o Juízo Final, descrito na Bíblia. E o arrebatamento? Que doutrina esquisita e tão impossível. Mas seria impossível?

Fui criado em uma Igreja fundamentalista, onde quase tudo era pecado e o céu e o inferno eram assuntos constantes no púlpito. Os pastores sempre alertavam: Jesus Cristo vai voltar. Obedeça e não seja rebelde.

Quando saí da adolescência, esqueci a fé protestante e me identifiquei com os conceitos anarquistas. Li livros e me revoltei contra os poderes, a ordem e as autoridades de todo tipo.

No fim da juventude, eu oscilava entre um niilismo prático e a plena consciência de que Deus é fundamental e Jesus Cristo exatamente o que cada Evangelho diz a seu respeito. Eu mesmo me estranhava.

Naquele momento me sentia rodeado pela eternidade, como se ela estivesse bem próxima de mim. Dentro deste mundo e totalmente fora dele.

Virei o rosto em direção à parede. Apaguei a luz do abajur e retornei meu pensamento para um trono de pura luz e uma voz trovejante decretando sentenças. O Juízo Final.

Domingo à noite fui ao culto. A música, comovente, me prendeu a atenção. Depois vieram os avisos. Bocejei e olhei pela janela para fora. Na hora da mensagem fiquei bem atento, querendo apreender todas proposições. O sermão falou da ressurreição dos justos durante o retorno de Cristo. E desta ressurreição participariam os fiéis, não os infiéis.

No fim do culto conversei com o ministro, que me instruiu a ser

participativo nos cultos de uma Igreja bíblica e equilibrada. Falei de minhas inquietações e certos fatos ocorridos. Ele com gentileza me ouviu e deu conselhos. Ficamos de conversar, oportunamente.

Antes de chegar em casa, liguei para o hospital e recebi a informação que não havia mudança no quadro clínico. Ela permanecia inconsciente, correndo risco de vida.

Na varanda, prossegui acompanhando a saga de Gusman. Vez por outra interrompia a leitura para relaxar o corpo, olhar para as nuvens ou buscar uma fruta na geladeira. Fiz isto umas seis vezes. Cheguei à página 200. Parei e fui dormir.

Uma noite, após vir do hospital, deitei-me de imediato, cansado e sonolento. Dois minutos e já estava dormindo. Sonhei com uma cidade, com muros reluzentes e portais brancos e imponentes. Dentro dela, várias pontes ligando núcleos de casas a outros núcleos de casas. Debaixo das pontes, riachos com águas azuis sutis. Algumas crianças atravessavam correndo de um lado para outro. As casas eram cercadas por jardins com flores de cores suaves. Pássaros lindíssimos sobrevoavam as águas azuis. Adultos educados e elegantes conversavam, felizes.

Andei por pouco tempo na cidade, mas tudo era tão lindo, que me sentia extasiado. Até que um homem de minha estatura, olhos meigos e gestos polidos indicou-me um portal. Passei por ele, ouvindo sua voz dócil falar das bem-aventuranças do Reino dos Céus. Vi o globo terrestre e me entristeci no mesmo instante, mas não pude fazer nada. Acordei e perdi aquele belo sonho. Puxei a cortina, cortando uma claridade vinda da luz artificial da rua. Deitei-me de novo e pouco a pouco fui dormindo.

Passei seguidas tardes sentado em praças, olhando as pessoas e os carros.

Passei seguidas noites na varanda, lendo livros. Passei seguidos domingos na igreja, ouvindo sermões incômodos e verdadeiros. Passei manhãs e tardes no hospital, assistindo a morte se ampliar.

Nada de novo debaixo do sol.

Concluí a leitura do livro. Li o livro do Apocalipse. Li o livro de Daniel. Assisti a uma fita de vídeo sobre as profecias relativas a Israel e à batalha de Armagedom. Pensei muito. Em mim. No mundo. No tempo que envelheceu meu rosto. Na eternidade. No Anjo mensageiro. Na cidade acima das estrelas. Minhas ideias eram como uma panela com água fervendo.

Um pouco relutante, dobrei meus joelhos no centro da sala. Principiei uma oração, travada por dificuldade de concentração. Recomecei, fechando os olhos fortemente. Curvei mais a cabeça entre minhas pernas e, em voz alta, mais ou menos alta, confessei meus pecados, evidenciei meus temores e capitulei. Não sei bem como nem por que me pus a chorar, com soluços envergonhados e ritmados. Tentei parar e não consegui. Chorei mais ainda, enrolando minha cabeça em meus braços, enquanto balbuciava a palavra "Deus", com um sentimento de arrependimento e fé girando como um redemoinho dentro de mim.

Deitei-me no tapete, vencido e submisso, para sempre. Em paz, absoluta paz. Acho que a minha sensação era de estar dentro de uma luz de entendimento perfeito e da verdade única que resiste a todas as soberbas humanas. Difícil de explicar, no entanto era assim.

Entrei de férias. Comprei mais livros. Tornei-me membro da Igreja. Ajudei uma creche cristã, pintando paredes, pedindo donativos e doando recursos financeiros.

Todos os dias eu varria a casa quando acordava. Tomava leite e ia andar

nas ruas, olhando mais para dentro de mim. Do jeito que sou.

Minha mulher morreu. Perdoada. Perdoando.

Acabaram as férias e o frio chegou, intenso, com chuvas e noites longas. Eu me enrolava na cama e ouvia músicas instrumentais, hinos e jazz.

Li o Paraíso Perdido de Milton durante o próximo mês. Comprei um computador pequeno e navegava direto em assuntos de teologia.

Descobri que eu estava indiferente à felicidade ou à infelicidade. Pois tudo aqui é sombra, como ensinou Platão. Claro que sim. A realidade plena está por vir.

Às vezes ligava a televisão e me distraía com banalidades, até morrer de sono. E os meses se passaram, com chuvas, mensagens, blues e solidão...

Encostei o rosto no vidro da janela do restaurante. Lá fora o vento soprava como o uivo de um coioote e uma garoa embelezava aquela noite que mais parecia um poema.

Pequenas trovoadas distraíam minha atenção de vez em quando. O céu estava escuro, com poucos pontos luminosos. Pequeninas estrelas grudadas no quadro negro.

Pedi pêssegos com calda de morango e água mineral. Contei as notas que tinha no bolso para pagar a conta e sobrou quase o valor da passagem. É difícil ser pobre.

Caminhei vagarosamente na calçada, com meu guarda-chuva aberto, espirrando e protegendo meu livro de filosofia da chuva fina. No dia seguinte precisava dar uma aula discutindo Thomas Hobbes. Seria uma aula interessante talvez.

Entretanto, quinze minutos depois, eu não estava mais na Terra. O que aconteceu não sei explicar. A primeira coisa que eu disse, nunca vou me esquecer: Adeus, solidão.

Arrastados na lama

22h30

Rio de Janeiro - Centro da Cidade

O

grito de Nana cortou o ar com uma expressiva sonoridade de horror. Todos correram em direção a um dos quartos do segundo andar do prédio onde as meninas ganhavam e perdiam a vida...

O prédio estava localizado em uma rua silenciosa e praticamente escura. Por ali circulavam apenas a escória do terceiro mundo e alguns intelectuais boêmios em busca de inspiração, no centro da sordidez. Do lado de fora, a construção se assemelhava a um sobrado residencial com muitas janelas, sujo e pichado. Do lado de dentro, quartos, banheiros, escritório, bebidas, cigarros, drogas, facas e mulheres indecentes agradando clientes porcos.

Quando a polícia chegou, procedeu imediatamente algumas ações. Isolou o quarto onde ocorreu o assassinato e pediu informações sobre a vítima e os homens dela naquela noite. Era preciso encontrar pistas.

Detetive Ewerton chamou atenção quando apareceu, como sempre ocorria. De calça jeans, camisa de meia, jaquetão de couro, cabelos lisos e rentes, óculos escuros, cigarro no canto da boca, um jeito meio cínico e um ar de superioridade. Andava de um lado para o outro, olhando cada detalhe. Quando soube o nome da garota que descobriu o cadáver, mandou chamá-la. Ao vê-la, disse para si mesmo que precisava de um pouco de atenção feminina. Era deslumbrante.

Nana parecia ter quatorze anos. Um sorriso tímido e inocente. O rosto meigo, com olhos redondos e castanhos. A pele morena como uma índia idealizada. Formas apolíneas. Cabelos encaracolados, com uma franja discreta na testa. Lábios sedutores. Sua voz, um jeito formidável de despertar paixões. Ewerton tirou os óculos e sorriu, meio inquieto, meio distraído.

— Me conta, meu amor... o que houve aqui? Hein?

— Não sei bem, doutor. Foi... Foi...

— Fique calminha, certo? Olhe pra mim...

— Bom, já parei de tremer, ao menos. Foi terrível...

— O que você viu?

— O nome dela era Theresa. Eu entrei no quarto, depois que bati e ninguém atendeu. Queria conversar um pouco. Aí, acendi a luz e vi aquela coisa impressionante. O corpo dela todo cortado. Muito sangue. Estirada na cama.

— Foi navalha, me disseram. Uma crueldade.

— Que louco fez isso, doutor? Por quê?

— Vamos descobrir, meu bem. Agora conversa ali com aquele rapaz, ele vai te perguntar mais coisas. Tenho que atender ao telefone.

— Sim, senhor. Com licença.

— Meu nome é Ewerton. Detetive Ewerton.

— O meu é Nana.

— Lindo.

— Oi?

- Seu nome é lindo. E você é linda também. Com licença... Demétrio, conversa aqui com a Nana...

Trancado dentro de casa, quieto no sofá, com a luz apagada, Pr. Estevão olhava as sucessivas imagens de guerra na televisão. No entanto, seu pensamento não estava ali.

Várias vezes esfregava a mão no rosto, limpando o suor. As janelas estavam fechadas, e a noite estava quente. Sua memória ia e vinha na imagem do corpo de uma mulher. Suas pernas, o sorriso, os seios, o ventre, sua voz de veludo, macia.

Deu um salto e se pôs de pé. Desligou a televisão e foi à cozinha beber café. Voltou para a sala, acendeu a luz e foi ler a Bíblia, tentando se

concentrar e se livrar da tensão, do desejo, da imagem fatal da morte.

"E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre (...).

E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.

Mas, quanto aos tímidos, aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, a aos fornicários, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte".

Leu três vezes a mesma sequência de textos, com a respiração lentamente alterada e o batimento cardíaco ligeiramente transmutado. Fechou a Bíblia, apagou a luz, ligou a televisão, encostou a cabeça no sofá e ficou alisando o cabelo grisalho com as duas mãos.

11h00 – Dia seguinte

Rio de Janeiro - Restaurante Baby

Ewerton pediu um chopp e churrasco simples.

— E você, Nana?

— A mesma coisa... – disse com timidez.

Enquanto acendia o cigarro, fixou o olhar nela, com um sorriso discreto, mas concreto. Objetivo. Convidativo.

— Hoje eu quero que você fique comigo o dia todo.

— Mesmo?

— Depois o mês todo.

— Como?

— O ano todo.

— Brincadeira, é? – Observou, com as mãos na cintura.

— A vida toda.

Impetuosamente segurou o rosto dela com as duas mãos e beijou sua testa, seu queixo e sua boca. Roçando os lábios, com intensidade e paixão. Nana

revirou os olhos e gemeu baixinho, com suavidade, possuída de desejo.

— Talvez muitas sejam lindas como lindo é o sol ao nascer, mas nenhuma é assim tão linda como a beleza que há em você.

Nana abaixou a cabeça, encabulada, sorrindo e olhando o chão.

— Você me deixa sem jeito.

— Olha aqui...

— O que é isso? Minha nossa...

— Um anel. Presente... É teu.

— Ah, não.

— Ah, sim. Coloque no dedo, agora mesmo.

— Mas é tão lindo, tão, tão, sei lá...

— Claro... Coloque no dedo... isto. Assim.

— Amei, amor.

— Você merece... você é demais... você é rara...

Nana pediu para ir ao banheiro. Estava um pouco tensa. Entrou e trancou a porta. Lavou o rosto e enxugou princípio de lágrimas. Procurou se acalmar, mas não tinha mais dúvidas. Estava loucamente apaixonada e queria tudo de bom daquela paixão.

À tarde, na delegacia, Ewerton examinava os dados, mas já sabia como prosseguir a investigação. Theresa, a garota assassinada, recebia frequentemente um cliente bem atípico. Um homem de meia-idade, com cabelos grisalhos, sempre com roupas sociais e portando, várias vezes, uma Bíblia. Isto mesmo. Uma Bíblia.

Esse homem tinha fixação por Theresa. Primeiro tentou convertê-la ao cristianismo, segundo depoimentos. Depois passou a pagar para ter prazer informal com ela. Tentou tirá-la da prostituição, mas ela não quis. Algumas vezes gritou com ela e foi expulso do quarto. Pelo menos uma vez agrediu Thereza com um tapa no rosto, na calçada, mas ela não quis dar queixa.

O nome dele, provavelmente falso, era Riker. E Ewerton sabia que no dia

do crime ele estivera com Thereza no quarto. Agora era localizá-lo e prosseguir a investigação.

Anoiteceu. Ewerton e Nana estavam abraçados dentro do carro, em afagos e juras. Sem delicadeza, o policial arranhou seus braços e lhe deu motivo para que se sentisse quase violentada. Nana fingiu que tudo fora normal, no entanto. Se recompôs, conversando com um ar dócil e jeito gentil. Sabia se submeter a um homem. Era esse seu mundo.

— Nana.

— Oi?

— O tal de Riker. Você pode descrevê—lo para mim?

— Em parte. Só olhei para ele uma vez.

— Descreva, então.

— Bem. Cabelos grisalhos. Alto. Rosto fino... O que mais...

— Cor dos olhos?

— Não sei dizer.

— Barba ou bigode?

— Acho que não.

— Óculos?

— Não reparei

— Magro?

— Normal.

— Um jeito de andar específico?

— Como assim?

— Ele andava diferente de um andar normal?

— Não.

— Outra coisa. Theresa falava dele?

— Uma vez só.

— Disse o quê?

— Que era meio louco. Cheio de ideias sobre anjos, demônios, céu e

inferno.

— Nada assim sobre local, bairro, endereço?

— Não que eu me lembre.

— Alguma mania?

— Ele lia a Bíblia, antes e depois... Entendeu...

— Maníaco, esse cara... Vê se lembra de qualquer outra coisa. Qualquer coisa...

— Você acha que foi ele?

— É a hipótese mais certa. É só localizar o sujeito e interrogar.

— Todos os jornais falaram do assunto, não foi?

— É, isto vende. Notícia ruim. Sexo e morte interessa a todo mundo.

— É sim.

— Alguma coisa que você lembre? Pensa.

— Deixa eu ver... Ah, ele deu um livro a ela. Um livreto.

— Pode encontrar esse livro?

— Vou procurar... Quem sabe...

— Procura pra mim?

— Pode deixar.

— Agora vem cá.

— O que foi?

— Me dá um beijo...

Nana sorriu, um pouco artificial, e entregou-se mais uma vez, sonhando com a possibilidade de uma história de amor que desse certo, pelo menos uma vez na vida.

00h30

Rio de Janeiro - Subúrbio

Parado em uma esquina, Pr. Estevão distribuía folhetos evangelísticos a

quem passava na encruzilhada. Em tom monótono, ele repetia a cada transeunte que aceitava a oferta:

— Salve sua alma do Juízo.

Do outro lado da calçada, algumas mulheres aguardavam compradores de prazeres, parcialmente despidas, com suas roupas curtas e transparentes. Estevão olhou nervosamente em direção a elas. Sentiu um impulso ativo de se render ao pecado e praticar a abominação, mas abaixou a cabeça e se lembrou das passagens do Apocalipse. O lago de fogo. O sofrimento eterno. O castigo por conta do mal.

— Salve sua alma do Juízo.

Dentro do terreiro de macumba, os atabaques produziam um som frenético. Filhos e filhas de santos dançavam já em transe, incorporados por entidades.

Nana não se sentia muito à vontade, pois tinha medo daquelas coisas desde pequena. Só estava ali por causa de Ewerton. Procurou o tempo todo pensar no mundo lá fora.

Alguém, minutos depois, veio chamar o detetive. Ele pediu licença a Nana e entrou em um aposento, onde uma mãe de santo possuía o aguardava. Mal pôs os olhos nele, iniciou-se o diálogo.

— Tenho te protegido, filho.

— Obrigado, meu pai.

— Mereço uma oferenda, não mereço?

— É lógico, meu pai.

— Arreia prá mim carne e sangue no cemitério.

— Sim, meu pai.

— Só prá mim te dá mais força, filho.

— Obrigado, meu pai.

— Quer fazer pedido, pode fazer?

— Sorte no dinheiro, na saúde e no amor.

— É só fazer o que eu mando.

— Sempre faço.

— Deus te abençoe, filho.

— Com licença, meu pai...

A música alta no carro fazia com que eles conversassem em voz alta. Ewerton a deixou na casa da tia, onde às vezes ela dormia, e arrancou para se encontrar com uma das amantes. Estava um pouco entediado, mas convicto de que era alguém importante nesta droga de mundo.

9:00 h - Rio de Janeiro

O sinal do telefone tirou Ewerton de sua concentração nos papéis sobre a mesa. Pegou o celular e acionou a tecla de recebimento da ligação.

— Alô.

— Ewerton?

— Sou eu. Quem fala?

— Nana.

— Oi, amorzinho.

— Oi.

— Fala.

— Descobri o livro e dentro do livro uma foto de uma casa, com o Riker sentado, em um sofá, na varanda.

— Onde você está?

— No centro da cidade.

— Me espera em frente à Biblioteca Nacional. Certo?

— Agora?

— Meia—hora. Quarenta minutos.

— Certo.

— Um beijo, amorzinho.

— Um beijo, amor...

Nana sentou-se em um banco e ficou olhando um casal com um bebê,

sorridentes, bem vestidos e com aparência tão distinta. Seus olhos se encheram de lágrimas. Sempre quis ter uma família e ser feliz.

Exatamente uma hora depois, Ewerton estacionou o carro e veio em direção a ela, com passos firmes e um ar de despreocupação bem característico. Beijou-lhe e tirou do bolso um chocolate amargo.

— Uma delícia. É seu, pode comer.

— Você e suas surpresas.

— E minha encomenda? Deixe—me ver...

— Tá aqui na bolsa... um minutinho... aqui, pronto.

— Excelente serviço, garota. Deixe-me ver... Oh, joia, joia...

Ewerton examinou a foto, com atenção, enquanto Nana acariciava seu cabelo, olhando seu rosto com carinho e doçura. Amando cada vez mais.

— Vai ajudar?

— Pelo menos já temos um rosto, mais ou menos nítido. E isso é muito.

— Fica difícil saber o local, não é?

— Impossível, eu acho.

— Mas já tendo o rosto dele, já é grande coisa.

— Com certeza... E que livro é este?

— O Peregrino.

— Coisa de crente, não é?

— É, pelo que olhei...

— Bom, preciso voltar para trabalhar, estou atolado de serviço. De noite a gente se vê, ok?

— Mesmo?

— Telefona mais tarde. Tá bom?

— Telefone...

Meio-dia - Rio de Janeiro

No segundo andar de um bar, olhava-se a esquina do prédio do bordel. A

rotina, normal. Homens, em pouca quantidade, vez por outra, entravam e saíam. Algumas mulheres também. Objetos de consumo. Infelizes.

Pediu ao garçom frango assado e guaraná natural. Pegou um caderninho e ficou fazendo anotações aleatórias. Escreveu poemas tolos, frases bíblicas, notas sobre o corpo feminino e números multiplicados por outros números. E assim toda a tarde passou.

Ergueu-se quando estava escurecendo e desceu, caminhando em direção ao prédio onde ocorreu o assassinato. A poucos metros de distância ficou olhando e pensando. Theresa. O sorriso altivo. Os olhos impenetráveis. A juventude exuberante. A nudez serena. A voz suplicante. O toque das mãos quentes. A intimidade alucinante do corpo que se agitava.

Seus olhos piscavam, como se estivesse em transe. O suor descia nos dois lados do rosto. Os lábios ficavam ressecados e uma voz sussurrava em sua consciência: sexo, sangue, sexo, sangue, sexo, sangue...

Quando chegou a certa distância, Nana estremeceu. Conhecia aquele homem, de pé, na esquina. Vestido de forma social e aparência estranha. Abaixou a cabeça, fingindo estar distraída, até estar bem perto. Então virou o rosto e fitou o homem, percebendo nitidamente seu rosto. Lembrou da foto. Levou as mãos na boca e conteve o grito.

— O que foi, menina?

Nana não respondeu. Deu dois passos para trás e virou-se como quem fosse correr. Estevão adiantou-se e segurou um de seus braços, puxando com firmeza.

— Olhe para mim, menina.

— Por favor, me solta.

— Se você tentar alguma coisa feia, posso te matar com o punhal que tá aqui na pastinha ou te enforcar com minhas mãos. Ou então quebrar o teu pescoço, depois de torcê-lo. Mas não quero fazer isto. Fique quietinha.

— Eu não vou fazer nada, moço. Juro.

— Acredito em você... agora me acompanhe até o carro.

— Não, não posso, por favor, não posso...

— Me acompanhe ou eu faço uma loucura.

Pr. Estevão apertou com força o braço de Nana e empurrou seu corpo em

direção à ruela perpendicular, onde o carro velho estava estacionado.

— Pronto, entra no carro.

— Calma!

— Entra.

— O que você vai fazer?

— Entra...

Dentro do carro, ele ligou o som e uma música religiosa se fez ouvir. Um coral, belíssimo, entoando uma canção sobre a cruz de Cristo:

- Foi na cruz, foi na cruz

Onde um dia eu vi

Meus pecados castigados em Jesus

Foi ali pela fé, que meus olhos abri

E agora me alegro em sua luz...

Nana tremia e procurava não fazer nenhum gesto mais brusco. Seus lábios estavam secos e a língua grudada no céu da boca. Estevão olhava para ela, o retrovisor central e para frente, com rapidez e pronto para agir, diante de qualquer situação inesperada. Quando o hino acabou, ele fixou seu olhar na menina.

— Você crê em Deus?

Nana balançou a cabeça de forma afirmativa.

— Você tem medo de ir para o inferno?

Nana repetiu o gesto feito na primeira pergunta.

— Então por que você deixa seu corpo ser objeto para homens maus usarem?

Nana encolheu um pouco a cabeça, esfregou aflita as duas mãos e não disse nada.

— Você é tão linda. Me mostre essa beleza, por favor.

— Me deixa ir... – sussurrou, com lágrimas nos olhos.

— Eu pago... Olha aqui o dinheiro... Eu pago... Não precisa chorar. Não vou te agredir...

— Estou passando mal...

— O quê? Não seja sem-vergonha, menina. Não me engane... Olha aqui,

eu posso cortar teu rosto com minha navalha afiada.

— Não, não faz isso – suplicou, com um olhar de pânico.

— Então, diz que me ama...

Nana, constrangida, repetiu várias vezes que amava, com medo e ânsia de vômito. Estevão a olhava como um demente, movimentando a cabeça e os olhos, sem demonstrar, no entanto, qualquer emoção ou intenção perversa.

— Chega, menina. Sai do carro. Faça isto bem rápido... Desce. Sinto muito. Aqui tá o dinheiro... Deixe de ser pecadora. Eu te suplico que faça isso. Deixe de ser pecadora.

Nana afastou-se um pouco do carro e o motorista louco arrancou, dobrando uma esquina e desaparecendo. Ela agradeceu a Deus, encostou em um muro e caiu em prantos, enquanto algumas pessoas olhavam sem se intrometer.

21h00 - Rio de Janeiro

Ewerton falou todos os palavrões possíveis quando ouviu Nana contar o que aconteceu. Então tomou a decisão de publicar a foto meio imprecisa do falso profeta nos jornais da cidade, no dia seguinte.

Pediu para Nana preparar a pizza e depois assistiram a um filme americano de espionagem. Ewerton dormiu. Ela arrumou as coisas e cobriu seu corpo com um lençol fino, então se acomodou no chão, imaginando até tarde da madrugada o que seria viver com total respeito, amor, afeto e felicidade...

6h00 da manhã

Rio de Janeiro. Um dia depois.

A polícia chegou à casa de Estevão e entrou arrombando a porta. De madrugada, por volta de cinco e quinze da manhã, alguém ligou para a redação do jornal "Voz do Povo" e disse que conhecia o lugar onde morava o homem que apareceu na capa do jornal como suspeito de assassinato. A

redação comunicou a polícia. Ewerton foi avisado e acompanhou a diligência.

Estevão deu um salto da cama, mas não esboçou reação. Foi algemado e levou alguns bofetões. Não disse nada. Abaixou a cabeça e entrou dentro do carro da polícia, pedindo, em sua mente confusa, que Deus o ajudasse.

Na delegacia, Ewerton foi interrogá-lo, após agredi-lo com tapas e chutes.

— Vai negar que matou Theresa?

— Eu me lembro que eliminei o mal.

— Não, você não eliminou o mal. Pois o mal continua no mundo, e você faz parte dele. Já pensou em sua maldade?

— Eu busco o perdão pelo que fiz de errado.

— Perdão? Deus nunca poderia perdoar gente de sua laia. Você é um esgoto... vai apodrecer na cadeia. O que é pouco pra você. Eu queria meter uma bala na tua cara. Senta ali naquela mesa e assina o papel, confessando seu crime...

— Posso fazer isto.

— É claro que vai fazer. E rápido.

— Você acredita no inferno, policial?

— O quê? Repita a pergunta, por favor...

— Você acredita no inferno?

Ewerton foi tomado por uma ira incontável e aplicou um violento murro na parte central do rosto de Estevão, provocando sua queda estrondosa e sangramento nos lábios e nariz. Um policial entrou em cena e pediu calma. Ewerton pegou seu celular e deu as costas, abandonando a sala com vontade de matar alguém.

Um mês depois

Clínica - Rio de Janeiro

A decisão a favor do aborto foi dolorosa para Nana, mas a decepção não deixou outra alternativa. Em pouco tempo, a rotina do relacionamento era caracterizada por solidão, traição, agressões morais e físicas, intimidações e

demonstrações de asco. Por isto ela sentia-se despedaçada, por dentro, em sua alma. Mais um sonho sufocado e sugado para o abismo. Não sentia ódio. Só sentia um complexo de insignificância que doía como a pontada de um facão no peito.

Chegou então sua vez. Tinha que ser assim, ele não queria a criança. Então, para que criança? Nada fazia mais sentido.

O médico foi objetivo e profissional, fez o serviço. Nana sentiu dores fortes, um desconforto no organismo e um estrangulamento no coração. Saiu ajudada por uma amiga. Foram para um apartamento sórdido e pequeno, na Lapa. A amiga saiu para trabalhar, e Nana, assim que se viu só, começou a chorar e a pedir, sussurrando, que o bebê voltasse para dentro dela.

Uma hora depois começou a passar mal, com febre e frio ao mesmo tempo. Percebeu que estava sangrando. A cabeça começou a doer, sem parar. Não se ergueu da cama e começou a usar suas ideias para se culpar. Era uma punição, sem dúvida, um castigo divino pelo crime que fez. Instintivamente se pôs a arranhar o próprio corpo, trincando os dentes. Rolou de um lado para o outro na cama, gritando o nome de Ewerton.

Pôs os pés no chão, um pouco depois. Ficou de pé e caminhou vagarosamente pela casa. Parou em frente à janela, com ódio e rejeição, dois sentimentos explosivos e torturantes se agitando na consciência. Subiu na janela, era o nono andar... Alguém lá embaixo viu e gritou fortemente a palavra não. Uma pequena multidão se formou. Agitados e suplicantes. Alguém chamou o bombeiro. Alguém chamou a polícia. Nana sentiu suas pernas tremerem descontroladamente. O sangue escorria do ventre e manchava totalmente a janela. Fitou os olhos nas pessoas lá em baixo e pulou com um grito animalesco saindo de sua boca.

Bateu com a cabeça no asfalto, esmagando o crânio e quebrando várias partes do corpo. As mulheres na calçada começaram a chorar. Um homem se ajoelhou e principiou a orar, pedindo a Deus misericórdia.

Nana percebeu que flutuava sobre o local do suicídio e numerosas sombras começaram a cercá-la, ameaçadoramente, como bichos demoníacos de um mundo sobrenatural...

No outro dia

Ewerton leu no jornal a notícia da morte de Nana e ficou atônito. Balançou a cabeça, como se não acreditasse. Fez o sinal da cruz, tomou o café sem açúcar e foi trabalhar.

O dia passou rápido. Quando a noite chegou, o céu logo se iluminou com muitas estrelas. Uma lua cheia encantadora. A temperatura, embora quente, não estava se constituindo um incômodo.

O delegado convocou o detetive Ewerton e três homens da equipe de confronto para uma reunião rápida. A missão era pegar um traficante no bairro de Freguesia, em Jacarepaguá, a partir das onze horas. O cara deveria ser executado por algumas razões que não precisavam ser ditas.

Ewerton passou o resto do dia, até as onze da noite, na piscina da casa de um amigo vereador, rindo e curtindo do melhor. Porém, sentia um pressentimento ruim, vez por outra...

Quinze para as onze, os quatros policiais estavam bem próximos da mansão, na avenida principal do bairro. Pararam os carros e desceram, para caminhar até o local, vestindo jeans e camisetas simples. Passaram por um grupo de jovens ouvindo música e batendo papo, com as portas do carro abertas. Passaram por uma sorveteria quase vazia, só umas três pessoas idosas, com uma criança de colo. Passaram por um mendigo maltrapilho, deitado no chão, debaixo de alguns panos fedorentos. Assim que passaram, o mendigo pegou o celular, por dentro da camisa. Ele era um soldado do tráfico fazendo segurança como olheiro. Discou e avisou aos homens da mansão em frente à outra mansão onde estava o traficante. As poderosas armas foram engatilhadas. E os policiais sequer desconfiavam.

Avistaram a mansão. Diminuíram os passos, fingindo conversar descontraidamente, dois a dois. Pararam no bar ao lado da casa. O combinado era que a fonte abriria o portão e viria ao bar comprar uma cerveja, voltaria e deixaria o portão aberto. Os quatro policiais entrariam e o caminho estaria aberto até um dos quartos, onde o bandido estaria com uma garota. Aí era só matar e pronto. Mas Ewerton continuava com mau pressentimento.

Onze e meia. Um cara saiu de dentro da mansão e foi ao bar comprar

cerveja. Pagou a bebida e voltou, deixando o portão aberto. Cinco minutos após, os quatro policiais saíram em direção à mansão. Ao chegarem à distância de uns dez passos do portão, dois homens apareceram no muro e atiraram. Dois policiais tombaram, sem chances. Ewerton e um policial negro, um pouco pesado, recuaram e atravessaram a rua, quase sendo atropelados. Devolveram tiros e um dos soldados do traficante foi atingido mortalmente. Dentro da mansão, confusão e correria. A fonte, o X-9, foi cercado e fuzilado. O traficante foi conduzido por comparsas para dentro de uma BMW cinza e ficou na expectativa de ser retirado dali, bem rapidamente. Ewerton e o policial estavam atrás de um carro com armas apontadas na direção da mansão. Não perceberam. Atrás deles, dois homens em guaritas, na mansão em frente, sem nenhuma luz, apontaram as armas e dispararam, arrebatando a cabeça dos policiais. Um deles, em seguida, telefonou e o portão da mansão se abriu. A BMW saiu em disparada, levando o traficante, a garota, o tesoureiro e um segurança bem treinado. Os corpos dos policiais ficaram por muito tempo no local. E a imprensa começou a preparar matérias criticando a falta de competência da polícia e lastimando a audácia do crime organizado.

Ewerton não pôde acreditar quando fitou os olhos de um ser de grande estatura, com escamas no corpo, sorriso zombeteiro e garras nas mãos. O que era aquilo? Estava mesmo morto? O inferno existia? Quis fugir, entretanto permaneceu imóvel, olhando e enchendo a mente de perguntas e um pouco de medo.

Na mesma madrugada

O buraco foi feito próximo do refeitório e daria em um terreno baldio. Na hora certa a fuga teve início, no setor onde a corrupção dos funcionários funcionava. Trinta presos escaparam, entre eles, o falso profeta. Quando atingiram o terreno, do lado de fora do muro da prisão, se espalharam em quatro direções.

Estevão, completamente magro, quase desnutrido, cabeludo e barbudo, com seu olhar fantasmagórico, pulou no meio de um matagal e ficou ali

parado. Não adiantaram os apelos dos fugitivos. Ele não se movia nem falava nada.

Passado um tempo, ele foi andando no meio do mato, beirando a estrada de terra, onde vez por outra passava caminhão ou carro.

Caminhou muito, repetindo para si mesmo que era digno de morte. Seu rosto tinha uma cicatriz de uma navalhada, da briga de dois grupos dentro da prisão. Seu corpo andava curvado, como um velho fraco. Alguns dentes apodreceram e quebraram.

Na prisão, Estevão falava do Juízo de Deus e tinha pesadelos com cenas de sexo, violência e chamas de fogo, onde anjos transgressores e homens maus sofriam e gritavam... Amanheceu...

De longe, avistou um prédio mal iluminado. Caminhou até chegar. Era uma escola. Escondeu-se atrás de um muro e ficou olhando, a uma certa distância, até que uma menina saiu e dobrou em direção ao muro. Estevão se agitou. Voltou àquela volúpia incontrollável. Sua mente se encheu de um desejo sujo, apesar de sua debilidade física e ar decrépito. Mas a mente pressionou. A menina, olhando uma folha, veio desatenta para atravessar a estrada. Parou próxima do muro. Estevão suspirou e correu em direção ao que queria, como se uma força maligna o impelisse. A menina virou-se, soltando os livros no chão. Perdeu a voz, não conseguiu se mover. Desmaiou. Estevão lançou-se sobre o seu corpo, como um demônio que iria sugar o sangue de uma vítima. Procurou, agitado como um animal acuado, a inocência daquele corpo inerte. Sentiu a respiração dela, seu coração batendo. Tocou em seus lábios e concentrou sua imaginação na possibilidade de um ato mau e selvagem, mas não foi adiante. Levantou-se arfando, com saliva nos cantos da boca. Foi andando meio de lado, meio de costas, recitando versículos bíblicos sobre o pecado. Às vezes ria, de forma estranha, e em seguida praguejava, contorcendo o rosto. Estava no meio da estrada, com a mão estendida em direção à vítima, agora chorando e pedindo perdão.

Um carro, com dois jovens embriagados, veio em alta velocidade. Entraram na curva, distraídos um com o outro e não deu tempo de nada. Estevão recebeu o forte impacto do atropelamento. Rolou por cima do carro e caiu na terra, ensanguentado, quebrado, morto... os jovens olharam para trás e foram embora, bem rápido.

Estevão olhou — um pouco acima — e viu um tubo sinistro que se movia

lentamente, de um lado para outro.

Tão subitamente, como tudo tinha ocorrido, Estevão foi sugado para dentro do tubo, até perceber que estava em uma região desértica, escura, tenebrosa. Gritou por Deus, assim que começou a pensar em cenas de sua torpe vida na Terra.

Existem muitas formas de vida. Entre elas, aqueles que vivem arrastados na lama, pecando, pecando, pecando... desenfreadamente. O destino escatológico dos tais é dito de forma assombrosa no Livro dos Livros:

"(...) Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre".

Labirintos

O

dia amanheceu parcialmente nublado em um setor de Jerusalém. A santa cidade judaica. O cenário era normal e típico. Soldados israelenses patrulhavam e conversavam assuntos rotineiros, com suas armas sobre os ombros. Árabes e judeus caminhavam, de um lado para o outro, atrás de suas atividades cotidianas. Algumas crianças choravam, outras riam. Não havia nenhum sinal de tensão. Os últimos meses tinham revelado uma serenidade agradável. Talvez isto era o que se chamava esperança, de forma concreta.

Hussan, um velho árabe, de cabelos e barba brancos, introspectivo, corpulento e secular em sua forma de pensar, abriu mais cedo a livraria "Jerusalém Livre", mas o primeiro cliente só apareceu às dez horas da manhã. Durante o tempo ocioso, Hussan fez algumas contas. Tirou poeira de algumas estantes, recebeu um telefonema por engano e preencheu um pedido de livros para a Editora Nação Árabe, que publicava textos populares e panfletários contra Israel, os EUA e a Europa sionista.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia.

O cliente era um jovem padre de aparência ocidental. Vestia roupas pretas e colarinho clerical. Tinha nas mãos uma pastinha discreta, além de um crucifixo de ouro fino pendurado no pescoço.

— Livros de Arqueologia, por favor.

— Pois não. Aqui... Fique à vontade. Os preços dos usados são bem atrativos. É só escolher.

Hussan ficou olhando aquele homem de olhos claros e expressão efeminada. Sentiu uma certa repugnância ao imaginar a relação absurda entre a fé e a opção de uma sexualidade degenerada.

Meia hora depois, o padre se despediu, comprando livros sobre os manuscritos do Mar Morto. Pagou em dólar e foi embora. Hussan esfregou as mãos e tornou a sentar, quieto, contemplando o movimento banal das pessoas

na rua.

Quase meio-dia. Hussan despreguiçou e foi até a porta da livraria. Um vento frio incomodava os transeuntes, e uma chuvinha quase imperceptível dava certa melancolia ao dia.

Lá na esquina da sinagoga Monte Hebron, apareceu Yossef, apressado e sorridente. Desde sua infância mais primitiva, gostava de rir. Com ou sem motivo, vivia rindo.

Desviou de algumas pessoas e atravessou a rua, quase esbarrando em um jipe do Exército de Israel. Olhou para os soldados e riu, ingênuo e feliz consigo mesmo. Os soldados fizeram cara feia.

Seu avô desceu os degraus da livraria, segurou em seu braço e o trouxe para dentro.

— Yossef...

— Sim.

— Por que ficou olhando para a cara dos soldados e rindo, como se fosse um idiota? Você é um idiota, Yossef?

— Eu?

— Estou falando com quem, Yossef?

— Comigo, não é?

— É, é, é sim... Deixa pra lá. Me dá a comida.

— Ah, sim. Ainda não almocei. Hoje vamos dividir, certo?

— Fazer o quê.

— Gosto de você.

— O que sua vó fez?

— Não tem carne. Só legumes e pão.

— Ótimo.

— Sente-se, vovô...

— É o que eu ia fazer...

Yossef, ao contrário dos amigos de sua idade, não se interessava por política. Suas paixões eram os livros de aventuras, a natureza e uma pequena e linda judia chamada Hanna, que vivia em um quarteirão judeu elegante, relativamente próximo do bairro proletário onde estavam os palestinos. Yossef

costumava ir lá para entregar livros e prestar serviços de jardinagem.

Na primeira vez que viu Hanna, foi tomado de uma súbita aceleração de sua corrente sanguínea e uma intensificação das batidas cardíacas... A menina saiu do carro, com os pais, elegante e graciosa. Olhou por um instante em direção a Yossef e esboçou um sorriso. Foi o suficiente. Ele não conseguiu mais esquecer aquele fato, aquele dia, aquele rostinho mimoso, aquele quase sorriso. Era, sem dúvida, a mais linda das mulheres. Se apaixonou, perdidamente...

Um dia, a Comissão de Educação Palestino-Israelense promoveu um intercâmbio entre adolescentes judeus e palestinos, em uma escola judaica, para ouvirem palestras sobre a paz, a democracia, a integração dos povos e o futuro de Jerusalém. Foi um evento significativo. Sem conflitos. Houve troca de presentes, confraternização e diálogos sem radicalismo. Yossef estava lá e não acreditou quando viu a garota que amava em segredo. Deu um jeito e aproximou-se. Puxou conversa, sobre a cultura dos povos. Conversaram um bom tempo, animados e contentes. Hanna se fascinou com o jeito meigo e cativante de Yossef. Quando se despediram, ele disse para ela o quanto a achava linda e que esperava revê-la em breve. Hanna abaixou a cabeça, fazendo charme. Depois olhou nos olhos de Yossef e disse adeus, tão suavemente, que parecia uma declaração de amor.

— Yossef, que distração é essa sua? A comida vai esfriar. Perdeu o apetite? Tem hora que você está com as ideias não sei onde.

— Eu estava pensando.

— Deixe isto para os professores e cientistas. Seja um homem de ação e não de pensamentos. A maioria dos pensamentos são tolices, loucuras e inutilidades. O que traz felicidade é o trabalho. Felicidade e dinheiro. Compreendeu, Yossef?

— Acho que sim.

— Acho? Eu não fui claro no que falei? Acho? Você não tem que achar, você tem que entender, ter certeza e fazer o melhor para você. E o melhor para um homem é trabalhar e ganhar um bom dinheiro, sustentando a família. Entendeu, agora?

— Entendi.

— Muito bem... Vou abrir a livraria. Acaba de comer, volta para casa e vai

estudar.

— Não tem aula hoje.

— Por quê?

— O comitê da autoridade Palestina convocou uma passeata contra Israel.

— Certo. Havia me esquecido. Isto é outra bobagem que não muda nada.

— Também acho. Quer dizer, tenho certeza...

Enquanto reabria a livraria, Hussan cantava uma canção árabe que falava de amor e alegria. Yossef acabou a refeição, beijou o rosto do avô e foi embora.

Não passou muito tempo e o dia estava escurecendo. Dentro de alguns minutos, Hussan iria encerrar o expediente e ir para casa, assistir televisão e depois dormir, conversando algumas coisas com a mulher. No dia seguinte, começaria tudo de novo.

Durante grande parte da madrugada, Yossef escreveu uma carta de amor, que pretendia entregar a Hanna durante o evento promovido pelo governo israelense, na sexta-feira pela manhã, no museu de ciência e tecnologia, associado à Universidade Livre do Oriente Médio.

Na carta, expressou a natureza íntima dos sentimentos impregnados em seu coração...

"Querida Hanna.

A primeira coisa a ser dita é que eu a amo de forma absoluta, sem meio-termos, sem limites, sem receio de nada, sem controle de mim mesmo. Você é uma tempestade de paixão, querer e poesia dentro de mim. A cada segundo tudo isto aumenta, e acho que posso até enlouquecer de tanto pensar em você, seu encanto, sua voz, seus olhos sutis, sua forma de me olhar à distância.

Hanna, quando vejo lindos pássaros sobrevoando um bosque, penso em você. Quando vejo delicadas flores coloridas em um jardim, penso em você. Quando vejo um riacho de águas cristalinas, penso em você. Quando vejo os primeiros raios de sol, despontando no horizonte, iluminando um novo dia, penso em você. Quando vejo a vida, em qualquer uma de suas manifestações

de beleza, penso em você.

Não posso saber o futuro. Mas também não me importa. Porque meu viver não vai ficar preso pelo que não mais existe nem ficar na expectativa do que ainda não existe. Viver é ter, no presente, algo ou alguém que te faça feliz. Hanna, ouça bem, você me faz feliz. Muito feliz. Simplesmente por existir e ser tão bela.

Eu sei que você sabe o quanto te amo e sei que você me ama, tão intensamente quanto te amo. E então eu concluí que temos um destino. O destino de amar e lutar pelo nosso amor. Quero dizer que você é um poema escrito pelo mais genial dos poetas e sou capaz de morrer por você. Todo meu ser se move apaixonadamente em tua direção.

Quando você ler esta carta, eu quero que você me dê uma resposta. Meu amor por você exige uma resposta. Eu não posso viver mais sem a evidência de que você existe para mim e eu existo para você. E isto não é loucura. Não, ao contrário. É inteligência, é razão. Deixa eu repetir: te amo em todos os sentidos, Hanna.

Você é de Israel e eu sou palestino. Mas quando se ama, se entende uma coisa claramente. Você é humana e eu sou humano. E nós nos amamos. Isto é o que importa. Não é isto o que importa?

Um beijo. Não fuja de mim. Meu amor.

Yossef."

Leu e releu a carta, várias vezes. Dobrou de forma caprichada e guardou dentro de um livro. E aí foi dormir.

Hussan acordou com uma notícia triste, que lhe trouxe um aperto no coração. Abaixou a cabeça e procurou conter as lágrimas que chegaram aos olhos. Seu grande amigo, talvez único amigo, Nasser, escritor e professor de sociologia, morreu. Foi encontrado caído na varanda de sua casa, sobre uma xícara de café e um pedaço de pão.

Mais tarde, Hussan soube que seu amigo havia lhe deixado a casa e seus pertences como herança. Ficou emocionado. Seu amigo não tinha ninguém. Durante o enterro, cantou os cânticos e ouviu um líder religioso xiita falar da morte e da revolução. Nasser, entre outras coisas, era um militante da causa palestina, embora fosse pacifista convicto.

Por dois dias, Hussan não abriria a livraria, em homenagem ao amigo. Era uma forma de honrar a memória de um grande homem, inteligente e generoso.

De volta para casa, após a cerimônia fúnebre, Hussan lembrou a última conversa que teve com Nasser, no pátio de uma mesquita controlada por religiosos moderados. Após o culto, caminharam para uma sombra, debaixo de uma lona improvisada para vender livros e incentivar conversas.

— Escute, Hussan, os judeus não são os donos de Jerusalém. Ou eles negociam ou o caminho será a revolução.

— Os radicais sionistas dizem o mesmo.

— Você me acha um radical, Hussan?

— Às vezes você fala como eles.

— Bom, não posso ignorar a verdade.

— Os judeus também falam em nome da verdade.

— Em qual verdade você acredita, Hussan?

— Acredito que todos possuem deveres e direitos, judeus e palestinos.

— Raciocínio simplista, Hussan.

— O intelectual é você, Nasser. Eu sou apenas um livreiro sem ideologia.

— Desculpe, não quis ofender.

— Claro que não, Nasser. Nós somos irmãos.

— Somos irmãos palestinos. E temos um único inimigo, que se chama Israel...

— Bem, vamos beber um pouco de vinho e falar de outro assunto.

— Por exemplo?

— Literatura.

— Ótimo, meu amigo Hussan. Literatura...

Agora Nasser estava morto. É estranha a consciência da morte de alguém

que você aprendeu a respeitar. Mas muitas coisas na vida são inevitáveis. Depois, o que resta é este sentimento sem compostura, chamado saudade.

Hussan estava decidido a abandonar sua casinha modesta e ir para a casa do amigo, que era bonita e melhor localizada. Seria como abandonar uma trincheira e ir morar em um lugar digno, onde não falta água e tudo funciona, porque o governo faz funcionar. Simples demais.

O dia tão triste para Hussan foi um dia bonito para Yossef. Logo de manhã, andando em uma esquina próxima da casa de Hanna, aconteceu o inesperado. Sua bela amada estava do outro lado da rua, em frente a uma loja de eletrodomésticos. Yossef não podia se conter. Tinha que ser visto por ela. Resolveu atravessar a rua. E de pé, diante da loja, fingiu que conferia preços. Hanna, quando o viu, com aquele sorriso de menino, mordeu os lábios e colocou-se quase ao seu lado, olhando para a loja. Não podia acreditar e sentia-se imensamente feliz.

A mãe, uma senhora elegante, entrou na loja e iniciou conversa com um vendedor baixinho e calvo. Era o que Hanna esperava. A sós, mas sem olhar um para o outro, o casal aproveitou aquele momento.

— Hanna, você está tão linda, que eu não sei o que dizer.

— Diz que me ama.

— Posso gritar que te amo.

— Não, minha mãe vai ouvir e vai me fazer perguntas difíceis.

— Vou falar baixinho: te amo...

— Posso mesmo acreditar?

— Tome esta carta. Leia. Meu coração escreveu pro teu coração.

Hanna pegou a carta, sem tirar os olhos da mãe e do vendedor. Abriu sua bolsa prateada e guardou o precioso papel.

— Vou ler. Todas as linhas, palavras e letras.

— Adeus.

— Adeus, Yossef.

Imediatamente, Hanna entrou na loja e abraçou a mãe com um sorriso

descontextualizado. Yossef correu para casa e passou o resto do dia pensando nela.

Quando anoiteceu, Hussan gritou pelo neto, para que fosse jantar.

— Trancado o dia todo no quarto, Yossef? O que foi, adoeceu?

— Não.

— Então o que é?

— Posso contar depois?

— Você é que sabe.

— Por enquanto é segredo.

— Segredo?

— Por enquanto.

— Eu ouvi.

— Então...

— Então, o quê?

— Nada, vô, só falei então.

— Yossef, às vezes você é meio bobo.

— Sou...

Hussan começou a rir e todos riram, enquanto comiam uma sopa rala. Lá fora a polícia palestina espancava uns jovens de comportamento anti-revolucionário. A justiça era na hora.

Sozinha em seu quarto luxuoso, Hanna leu a carta de amor de Yossef. Por dez vezes, sem intervalo de tempo entre uma sequência e outra da leitura. Suas mãos suavam, e fechava os olhos, vez por outra, imaginando o rosto do rapaz que amava. Só podia ser amor...

Já era de madrugada. Do lado de fora da casa, três homens de roupas negras pularam o muro, atentos ao movimento da câmera, para não serem flagrados. Com rapidez, atingiram a varanda da linda residência. Com o uso de uma chave especial, conseguiram abrir a porta, o que acionou um alarme interno. Hanna saltou da cama, agitada. Abriu a porta, mantendo a corrente, que impedia a abertura completa.

Os terroristas foram recebidos com tiros por um homem velho e forte. Pai de Hanna. Conseguiu atingir dois terroristas, mas recebeu um tiro fatal. Rolou, sem vida, a escada de mármore, quebrando o pescoço, numa cena dramática, que Hanna assistiu atônita. O terrorista foi até o quarto, onde a mulher do embaixador gritava, com desespero histérico. Sem piedade, apontou a arma e eliminou a pobre mulher.

Hanna havia pulado pela janela e atravessara o jardim. Pulou o muro e correu em direção à casa de uma amiga. Quando chegou, tocou a campainha e gritou os nomes das pessoas da casa. Logo eles acordaram e foram socorrê-la. Quando abraçou a amiga, Hanna desmaiou.

Seu pai se chamava David Hermam e fora embaixador de Israel na França, onde trabalhou ativamente, levantando recursos de simpatizantes da causa sionista para o serviço secreto de Israel. Era um homem leal ao seu país e convicto defensor de uma convivência vigiada com os inimigos árabes. Havia entrado na lista dos caçados pela organização Palestinos Livres, que tinha como alvo judeus ligados ao governo e como estratégia assassiná-los de forma discreta. Hermam rejeitava proteção policial do governo.

Em função do crime, largamente debatido pela imprensa nacional e internacional, Israel decretou toque de recolher ao anoitecer e prendeu vários suspeitos. Hanna, na casa da amiga, chorava, abatida e assustada com tudo. Sua única paz era pensar em Yossef.

Às quatro horas da tarde, Hussan fechou a livraria, para chegar em casa bem cedo. Proibiu Yossef de sair de casa, por causa dos soldados israelenses apontando armas o tempo todo.

— Isto é uma loucura, Yossef. Não é preconceito, mas judeu é judeu e palestino é palestino.

— Eu a amo.

— É bonito o que você está dizendo, mas não existe razão nesta história. Esqueça.

— Nunca.

— Yossef, preste atenção.

- O amor é lindo e forte.
- Não quero que um dia você seja infeliz.
- Só é infeliz quem não ama.
- Filosofia, Yossef?
- É.
- Pense bem no que estou te dizendo.
- Só penso em Hanna, dia e noite.
- Bom, você é quase um homem.
- Sou um homem.
- Um homem tem trabalho.
- Vou conseguir um trabalho e viver com Hanna.
- A vida não é um sonho, menino.
- A vida é o que a gente faz dela.

Assim que jantou, Yossef foi para o seu quarto e ficou olhando da janela. A rua estava deserta, com chuva fina e algumas casas com luzes acesas. Era preciso arrumar uma forma de localizar Hanna. E dizer que odiava os terroristas e a estupidez das ações políticas.

Bem cedinho, Hussan organizou toda a mudança para a casa que pertencera ao amigo Nasser. Confortável casa de dois andares.

Por dentro e por fora, a casa apresentava uma excelente aparência. Possuía oito cômodos, bem distribuídos, com móveis semiclássicos e lustres bastante elegantes. Mas o que mais fascinou Yossef foi um porão, limpo e bem iluminado, contendo dezenas de prateleiras com livros de vários assuntos e baús cheios de objetos pessoais, papéis e retratos, muitos retratos. Yossef teve permissão do avô para cuidar de tudo no porão...

- Está pensando na moça, eu sei.
- Estou.
- Você não vai esquecer esta garota?
- Não.

— É, o amor te acertou em cheio.
— Bem aqui no coração.
— Qual é mesmo o nome dela?
— Hanna.
— Belo nome de mulher.
— É sim.

Um mês tinha se passado. Yossef tentou, mas não conseguiu localizar Hanna. Não podia entrar em seu bairro e a menina tinha trancado matrícula na escola...

Lembrou-se da Sinagoga Messiânica que ela frequentava. Planejou e num sábado pela manhã estava lá, bem próximo, observando os fiéis que chegavam, mas a cerimônia começou e Hanna não apareceu. Yossef voltou para casa, conformado e inconformado, ao mesmo tempo.

Em casa, desceu para o porão e foi vasculhar objetos dentro de um baú. Pergaminhos enrolados. A maioria eram desenhos de sinagogas, mesquitas e casas comuns. Pareciam plantas de bairros residenciais, imaginou Yossef.

Subiu para almoçar e bem rapidamente estava de volta ao porão, manuseando os pergaminhos, até que cansou e foi dormir. Estava chateado e entediado.

Anoiteceu. Hussan chegou e foi ao porão conversar com o neto.

— Yossef...
— O que foi? — perguntou, sonolento.
— Acende essa luz. Que escuridão...
— Anoiteceu. Nem vi.
— Que bagunça é esta?
— São as bagunças de seu amigo Nasser.
— Respeite a memória de um bom homem.
— Brincadeira...
— São pergaminhos.

— É. Muitos desenhos e coisas escritas em hebraico.

— Onde estão os escritos?

— Neste canto.

— Deixa eu ver.

— Aqui ó.

Hussan pegou os quatro rolos, pôs debaixo do braço e subiu. Iria para o escritório, onde ficava a biblioteca. Queria examinar aquele material.

— Vozinho!

— O que foi, Yossef?

— Depois devolve.

— Essa é boa.

Hanna foi levada para a casa de uma irmã de sua mãe, na área nobre de Jerusalém. Era uma senhora de boa aparência, idosa, gentil, mas com medo de tudo. Da rua, das pessoas e, sobretudo, da morte.

A casa era uma residência confortável, em uma rua bem policiada e cercada de hotéis elegantes e lojas para pessoas de classe média alta.

O relacionamento de Hanna com sua tia foi bom desde o início. Uma viu na outra um motivo para sorrir um pouco. Apesar de tudo, Hanna sofria a distância de uma pessoa que lhe era preciosa. Seu lindo Yossef.

— Hanna, deixe passar estes dias de agitação e confusão, e eu vou te levar para passear em alguns lugares bonitos.

— Eu conheço bem Jerusalém.

— Eu sei. Mas vai ser bom passear.

— Claro...

— Hanna... Nunca desista de ser feliz. Eu desisti, um dia...

Hanna olhou bem nos olhos dela e viu as lágrimas despontarem. Sentiu um nó na garganta e desviou os olhos para a janela, contemplando crianças rindo na varanda de um prédio clássico.

Enquanto examinava os pergaminhos, Hussan pensava... Com certeza aquela escrita era uma forma primitiva de aramaico. Mas não conseguia ler e interpretar o significado. Talvez aquele material tivesse algum valor, seria oportuno verificar tal possibilidade.

A certa hora, Hussan se convenceu que poderia apresentar o material a alguém e conseguir algum dinheiro. A pessoa ideal seria o reverendo Stott, um ministro anglicano especialista em aramaico, professor de História antiga e comprador de antiguidades.

Após duas tentativas, conseguiu falar com Stott ao telefone. Foi breve e objetivo. Marcou a entrega dos pergaminhos para o início da semana, na casa do reverendo, em Jerusalém. Ficou combinado que Stott pagaria o que achasse justo.

No domingo, o exército israelense fez várias incursões em territórios de predomínio palestino. Prendeu suspeitos de terrorismo, invadiu casas, impediu acesso a certos lugares públicos e deu rajadas de metralhadora para o ar.

Ao fim da operação, pouco saldo de brutalidades. Dois garotos agredidos com tapas por um jovem oficial do exército e um soldado atingido na boca por uma pedrada.

Yossef passou todo o domingo ajudando seu avô a conferir a contabilidade da livraria e a agenda de pedidos para as editoras, visando o próximo bimestre.

Enquanto olhava os títulos dos livros e os números das contas, deixava o pensamento vagar.

— Distraído, Yossef?

— Não, não.

— Ah, pensei...

— Quer água?

— Quero.

— Vou buscar.

— Ok.

— Já volto...

Na segunda-feira, já de madrugada, Yossef e Hussan estavam acordados. Os pergaminhos foram acomodados em uma pasta grande.

— Você vai entregar nas mãos do reverendo.

— Exatamente como o senhor disse...

— Vamos lá pro portão. Iasser já deve estar chegando.

— Iasser?

— É, o vendedor de tapetes. Ele sempre roda em todos os cantos de Jerusalém. Combinei com ele.

— Ele fala muito.

— É boa pessoa... Vamos.

— Vamos.

Com um beijo na testa, Hussan despediu o neto. Acenou para Iasser e entrou, pensativo, com passos lentos.

Durante o percurso, Iasser ia falando de tudo e dando gargalhadas. Yossef ria por educação. Não via a hora de acabar aquela viagem. De repente, quase sem perceber, dormiu.

Iasser sintonizou o rádio em uma emissora, onde o radialista fazia piadas de todo tipo. Ele ria, sem parar, feliz e despreocupado.

Quando chegou em uma esquina, que dava acesso à parte nobre de Jerusalém, onde vivia a elite judaica, deparou-se com a barreira policial. Seria necessário mostrar um documento de autorização para entrar, sendo árabe. Iasser sorriu para o guarda, que permaneceu sério. Entregou um papel e uma carteira. O guarda levou até um outro guarda, que consultou uma lista em seu poder.

— Acorda, garoto.

Yossef despreguiçou, depois de três solavancos.

— O que tá acontecendo?

— Nada, dorminhoco. É a polícia israelense, fazendo seu servicinho de sempre.

— Já chegamos?

— Já vamos chegar.

O guarda voltou. Entregou a carteira e o papel e fez sinal para que Iasser prosseguisse.

— Obrigado, amigo...

Meia hora depois, parou sua caminhonete velha e barulhenta em frente a uma casa imponente, de dois andares.

— É esse o endereço, garoto.

— Que bom.

— Esses europeus sempre estão por cima.

— Eu não entendo muito de política.

— Precisa entender, garoto... Precisa entender... Bom, ao meio-dia ou à tarde eu passo aqui e te levo. Certo?

— Certo... Obrigado.

— Gosto de você e de seus avós.

— Obrigado...

— Até logo.

Iasser dobrou uma rua e desapareceu com sua caminhonete quase imprestável. Iria fazer alguns negócios e ampliar seus recursos financeiros escondidos dentro de casa.

Yossef olhou detalhadamente a casa. Pintada de azul claro, com um jardim bem tratado e uma imensa varanda, com bancos e alguns gatos caminhando com elegância e preguiça.

Tocou a campainha e aguardou três minutos. Um homem de boa aparência, com um sorriso bem desenhado no rosto, apareceu na porta, trajando um terno de bom gosto.

— Yossef?

— Sou eu.

— Sou o reverendo Stott. Seu avô é um amigo... Empurre a porta e entre.

Yossef ficou admirado que ele falasse tão bem. Depois soube que o

reverendo Stott, além de inglês e árabe, falava hebraico, alemão, espanhol e russo. Deveria ser um gênio, com certeza.

Quase três horas se passaram. O reverendo examinava os manuscritos, enquanto Yossef assistia televisão, sentado na sala clássica da pequena mansão. Diante dele, uma mesa farta de frutas, doces, pães, sucos e outras coisas. Comia, esticava o corpo e assistia TV, sentindo-se um garoto rico e privilegiado.

Reverendo Stott percebeu o valor dos manuscritos. Tratava-se de histórias referentes à comunidade essênica de Qunram, sobre assuntos ligados à religião judaica. Referências e comentários de textos do Antigo Testamento, reforçando a fé na lei mosaica. E um texto que se referia ao nazareno que se dizia Messias. Era um relato de milagre. O Nazareno impôs as mãos sobre uma criança aleijada, surda e muda, possibilitando a cura. E muitos se converteram. O fato ocorreu em Nazaré e foi testemunhado por homens e mulheres.

— Meu Deus, isto é uma referência a Jesus Cristo.

Abraçou os manuscritos e tomou a decisão de pedir dinheiro emprestado a uma amiga israelense. Depois pagaria a Hussan e viajaria para Londres, levando consigo o documento histórico valioso.

A amiga do reverendo Stott era ninguém menos do que a tia de Hanna. Ela viveu na Inglaterra, durante um tempo, onde foi aluna na universidade Isaac Newton, no curso de História Geral.

— Esther, minha amiga rainha.

— Reverendo? Estava com saudades.

— Preciso me encontrar urgente com você.

— Venha a minha casa.

— Ótimo. Estou indo.

— Algum problema?

— Não. Uma bênção do céu.

— Bom, estou te aguardando.

— Até breve.

Stott pegou Yossef pelo braço, sorrindo e apressado.

— Vamos, amigo. O negócio vai ser fechado.

— Onde?

— Uma amiga.

— Vamos.

Entraram no carro e partiram. No caminho, Yossef fez perguntas sobre a Inglaterra. O reverendo sempre respondia com um sorriso amistoso.

Não demorou muito, pararam o carro em frente a uma casa. Desceram e dirigiram-se ao portão. Stott tocou o interfone e aguardou impaciente.

— Alô.

— É o reverendo Stott.

— Empurre o portão e entre...

— Venha, amigo...

Esther recebeu o reverendo com um abraço caloroso e apertou a mão de Yossef.

— É neto de um amigo, com quem faço negócios.

— Bem—vindo. Amigos de meus amigos são meus amigos.

Yossef balançou a cabeça sorridente. Entendia bem o idioma hebraico, vivendo em uma cidade onde árabe e hebraico eram ouvidos em cada esquina. Stott foi conduzido por Esther até uma sala anexa, para tratar de negócios financeiros. Yossef sentou-se em uma cadeira requintada e permaneceu olhando para fora, através de uma janela com linda cortina branca, decorada com símbolos da cultura dos hebreus. Distraído, não percebeu a entrada de uma jovem, linda como um cisne.

— Bom dia.

— Sim...

Yossef deu um salto da cadeira. Hanna, sem conter o impulso, correu para ele e o abraçou com força.

— Yossef.

— Hanna.

— Eu não me esqueci de você. Incrível te encontrar.

— Jamais te esqueceria.

Hanna deu um passo atrás e ficou olhando para o rosto dele. Olhava e sorria, com ternura e submissão. Yossef estendeu a mão e tocou em seu rosto, com um carinho evidente. Como a amava, pensou.

— Vamos sentar.

— Deus e o destino existem.

— Como é que você chegou até aqui?

Falando rápido e de forma inteligente, para impressionar Hanna, ele contou toda a história. Ela, por sua vez, evitava até piscar os olhos, interessada. Uma empregada idosa trouxe refresco e sanduíches, mas Yossef continuou sua narrativa, e Hanna, como aluna aplicada, de olhos fixos ignorava tudo ao redor.

Subitamente, Stott e Esther entraram na sala, conversando de forma animada. Yossef e Hanna levantaram-se ao mesmo tempo. Os quatro olharam uns para os outros. Hanna tomou a iniciativa e disse que conhecera Yossef em um intercâmbio de escolas judaica e árabe.

— Que bom. – Observou Esther, com formalidade.

— Bem, podemos ir, Yossef.

— Sim, senhor.

— Ah, Yossef, o livro... – disse Hanna, com certa aflição.

— O livro?

— É, o livro de poesias do poeta Jacob Gronner.

— Ah, sim...

— Vem comigo na biblioteca.

— Posso?

— Claro que sim... – Apressou-se em dizer a senhora Esther.

Yossef acompanhou Hanna através de um estreito corredor que levava à biblioteca da casa. Enquanto isto, reverendo Stott proclamou algumas verdades da fé cristã para sua amiga, sempre na esperança de que ela pudesse ser iluminada e aceitar o Messias Jesus em sua vida.

— Hanna, você é louca?

- Amar é quase igual à loucura, sabia?
- Sabia.
- Tome o livro. De qualquer maneira, ele existe... E esse aqui é o telefone.
- Hanna, vem aqui perto de mim.
- O que foi?
- Mais perto, Hanna.
- Mais perto?
- É, mais perto.
- Para quê?
- Mais pertinho, Hanna.
- Yossef...
- Isso... Mais... Por favor.
- E agora?
- Não fale nada... Nada... Nada...

Sem hesitação, Hanna cedeu seus lábios. O beijo foi curto, mas avassalador. Apaixonado. Os corações pareciam vulcões em erupção. Quando abriram os olhos, quase não respiravam.

— O amor é a maior força do universo – disse Yossef, entreabrindo um sorriso fascinante.

— É tudo de melhor que pode acontecer entre duas pessoas – respondeu Hanna, suspirando.

- Hanna.
- Fale rápido. Temos que ir.
- Eu vou vir te buscar, pra casar com você. Dentro de pouco tempo.
- Yossef, minha tia...
- Não. Meu amor por você não conhece limites...
- Certo, certo... seu louco... agora vamos...
- Vamos.

Ao entrar no salão, Yossef e Hanna discutiam a importância da poesia para a existência humana. Reverendo Stott e Esther pararam a conversação e sorriram para os dois. Imediatamente se despediram.

- Mais tarde eu ligo, querida Esther.

- Sinta-se à vontade, reverendo.

A tarde voou. Para Hanna e Yossef, só um pensamento existia. O beijo. E lembrar aquele fato era como revivê-lo. A memória era tão real quanto a história.

Reverendo Stott embrulhou o dinheiro, fazendo um pacote bem compacto. Escreveu um bilhete de agradecimento e despediu o menino. Iasser, o árabe falante, já aguardava no portão. Yossef deu um abraço em Stott e entrou na caminhonete.

— Aí, garoto, como foi o dia?

— Sublime, Iasser. Sublime.

— Que linguagem de poeta e religioso é essa?

— Eu sou meio poeta e meio religioso.

— E dorminhoco, lembra?

Iasser deu uma gargalhada e arrancou com o carro, falando sem parar, contando vantagens e prometendo ficar muito rico antes de morrer.

No início da noite, Yossef estava em casa, cansado e profundamente feliz. Tirou do bolso o telefone anotado e beijou seguidamente, deitado dentro de seu quarto. Até o avô bater na porta.

— Entra.

— Oi, menino.

— Oi.

— Olha, já contei e guardei o dinheiro no cofre.

— Ótimo.

— Obrigado.

— Sempre às ordens.

— Boa noite.

— Boa noite.

Assim que a porta bateu, tornou a pegar o papel com o telefone, para beijar

e sonhar...

Já no dia seguinte, reverendo Stott comprou passagem para a Inglaterra. Sem demora, queria levar os documentos para um lugar seguro na cidade de Londres.

Ligou para Esther para lhe agradecer mais uma vez. Comunicou sua viagem e ela se prontificou para ir até ao aeroporto com ele.

Na volta do aeroporto, Hanna pediu para ir a uma sorveteria. Sentaram e durante longo tempo conversaram, de forma adulta e séria. O assunto era Yossef. Por fim, sua tia sorriu e lhe deu palavras de estímulo.

— Ninguém tem o direito de impedir a felicidade de ninguém.

— Não sei o que falar por sua compreensão.

— Então vamos pedir mais sorvete.

As duas começaram a rir. Em seguida, Hanna voltou ao seu assunto obsessivo.

— Tia, ele é lindo e romântico...

Os telefonemas de Yossef para Hanna eram tão constantes quanto o dinheiro e o tempo dele permitiam. Trocavam juras de amor. Falavam do futuro, casamento, família e outras coisas. Um dia conversaram sobre o avô de Yossef, o pergaminho e a viagem do reverendo para a Europa. Entretanto, foi um elemento importante para o serviço de escuta do Mossad...

Duas horas da tarde. Meio da semana. Um forte calor gera um ambiente abafado em toda cidade. Dentro da loja, o velho Hussan, sentado em frente a um ventilador, examina uma revista de arqueologia bíblica, produzida por rabinos da Universidade Rockefeller de Jerusalém.

Sem nenhuma anormalidade visível, dois homens, de terno e bem apessoados, entraram na livraria, olhando os livros de forma displicente.

— Pois não... — Falou Hussan, com delicadeza.

— Senhor Hussan, somos agentes do serviço de segurança israelense. Feche a livraria, por favor. Precisamos conversar, com urgência.

— Sim, senhor. — Respondeu com um olhar apreensivo.

No espaço de uma hora e vinte minutos, os agentes inquiriram sobre o material vendido ao reverendo inglês, W. Stott.

— Como eu disse, senhores. Eram manuscritos sobre o passado religioso de nossos povos.

— Bom, meu amigo aqui não gosta de mentiras... nós achamos que esta história é fachada... Aquele material é mais importante do que você diz. Ou qual o motivo do reverendo viajar imediatamente para a Europa?

— Não sei. Eu fiz um negócio, com um religioso e estudioso. Nem ele, nem eu, que se saiba, temos nada a ver com políticos e governos.

— Mentira Hussan. Você já foi de uma organização palestina radical.

— Eu era muito jovem e fui apenas simpatizante.

— Simpatizante ou militante?

— Simpatizante.

— Mentiroso... Yuri!

O outro agente desferiu um duro golpe na região do abdômen do velho, que caiu gemendo de dor. Conteve o grito e rolou, arranhando um dos braços e ferindo o lábio inferior.

O agente fez com que ele voltasse a sentar. Hussan reprimiu a vontade de chorar. Sua respiração era ofegante e os músculos do rosto tremiam.

— Olhe para mim Hussan.

— Vocês são covardes.

O agente truculento, com os dentes trincados de raiva, agiu de imediato. Com as palmas das mãos rígidas, aplicou, simultaneamente, dois tapas no velho, um em cada orelha. Hussan gritou de susto e dor, tornando a cair. Bateu com a cabeça no chão e não resistiu. Começou a chorar baixinho e praguejar.

Os agentes deram-lhe uns chutes e derrubaram os livros no chão, com sarcasmo e insensibilidade.

— Hussan, esta história não acabou, seu bastardo.

Por quase meia hora, o ancião permaneceu encolhido no chão, com dores no corpo e sangramentos na boca, no braço e em um dos ouvidos. A porta da livraria estava parcialmente aberta. Lá fora algumas pessoas perceberam o que aconteceu, mas não se envolveram, por razões óbvias.

Finalmente Yossef chegou. Acabou de abrir a porta e correu em direção ao avô, assustado. O abraçou e começou a chorar.

— Vovô...

— Tudo bem, filho. Fique calmo... me ajude e vamos embora...

De madrugada, Yossef estava em seu quarto, com sua mente fervendo de ideias, por assim dizer, terroristas e assassinas. Pela primeira vez na vida, pensou em matar alguém. Um soldado israelense. Iria matar e desaparecer. Viver na clandestinidade.

Desceu até a cozinha. Os avós estavam dormindo, depois de chorarem bastante. Hussan tomou remédio e conciliou o sono, amargurado. Sentia um ódio da bestialidade típica da política. Gostaria de ter morrido. Com certeza, nunca mais seria a mesma pessoa. Uma dimensão de infelicidade e impotência diante da violência dos poderosos entrou no seu peito e alma.

Yossef foi até ao porão. Sabia onde tinha uma arma escondida. Pegou a arma, saiu sem fazer barulho e alcançou a rua. Perambulou para lá e para cá, sem destino, mas cheio de ódio e ressentido. Nas ruas, bêbados e mulheres suspeitas ao lado de homens mal-encarados.

Depois de algum tempo, viu uma patrulha israelense, com dois soldados em um jipe. Sentiu um fogo de indignação queimar seu sangue. Murmurou uma expressão de insulto e foi se aproximando, vagarosamente. A uma certa distância, um soldado gritou.

— Vem aqui, garoto.

— O quê?

— Vem aqui.

— Estou indo.

Já bem perto dos soldados, puxou a arma de dentro do casaco e instintivamente atirou, atingindo o soldado no peito. O outro sacou a

metralhadora e apontou. Yossef soltou a arma e atirou-se no chão. Outros soldados apareceram. Pegaram o garoto, algemaram e jogaram dentro do jipe, que zarpou, também levando o soldado ferido. A vida de Yossef seria totalmente outra... Pesarosamente outra.

O dia amanheceu com chuva. Nas ruas, algumas pessoas falavam que um garoto tinha atirado em um soldado do país invasor, mas os jornais não trouxeram nada. Algumas organizações radicais deram tiros para o alto, saudando o herói desconhecido da causa palestina.

Hussan passou parte da manhã sentado no sofá e vendo televisão. Filmes mal produzidos da causa árabe. Por volta de dez horas, perguntou à mulher sobre o neto.

— Não sei. Não está no quarto nem no porão e não foi para a escola.

Hussan não falou nada. Deu a hora do almoço e foi dormir um pouco após a refeição. Comeu pouco e dormiu bastante. Às três da tarde, acordou e tornou a perguntar pelo menino.

— Não apareceu.

— Impossível isto.

— É muito estranho, sim.

Sem esperar mais e com dores ainda no corpo, vestiu-se apropriadamente e foi para a rua buscar informação sobre o menino. Vagarosamente, procurou em alguns lugares possíveis de saber algo. Nada. Começou a ficar nervoso e abatido. Alguns conhecidos ajudavam a procurar. Até que alguém comentou sobre o assassinato do soldado israelense por um garoto. Hussan levou as mãos na cabeça e começou a chorar.

— Acalme—se, irmão. Ninguém sabe direito o que aconteceu.

— Por favor, alguém me leve para casa.

— Claro, Hussan. Acalme-se...

Em casa, Hussan procurou sua arma e não encontrou. Não tinha dúvida nenhuma. Yossef cometera o crime.

— Meu Deus! Meu Deus!

Quando a avó de Yossef soube da história, não suportou. Teve um infarto fulminante e morreu, nos braços do marido.

No enterro, a tristeza de Hussan era tão brutal, que palavra alguma poderia dar conta de explicá-la.

Hanna não sabia nada dos acontecimentos recentes. Apenas vivia a aflição de não ser mais contatada. A cada dia, hora e minuto seu sofrimento aumentava. Tinha certeza que não fora esquecida. Impossível. O amor entre eles era tão real quanto o sol brilhando naquela manhã silenciosa em Jerusalém.

- Hanna, ele vai ligar.
- Eu sei... Tia, eu queria...
- O quê?
- Procurar Yossef.
- Hanna...
- Por favor, tia.
- Tem certeza?
- Tenho. Eu quero muito.
- Bem, Hanna...
- Não me diga não.
- Ótimo...
- Obrigada, tia.

Em poucos minutos estavam dentro do carro a caminho da localidade onde o garoto vivia...

Em uma cela úmida e escura, com insetos correndo nas paredes, junto de quatro prisioneiros, Yossef, deitado no chão, olhava para um pequeno buraco quadrado, próximo do teto. A cela não tinha grades. Só paredes e uma porta tão dura que parecia ferro e rangia freneticamente quando era aberta.

Provavelmente estava ali há cinco dias. Mas o suficiente para conhecer o

horror de ser tratado como inimigo perigoso, a quem não deveria ser concedida a menor misericórdia.

Yossef sentia a dor da fome, das pancadas em todas as partes do corpo, o trauma dos choques elétricos aplicados nas axilas e no órgão genital. Por causa de tudo isto, seu ódio aumentava a cada segundo. Se tivesse oportunidade, mataria cada um daqueles torturadores. A única emoção positiva era pensar em seus avós e em Hanna.

Agora, olhando aquele buraco, pensou em seus lábios tocando os lábios da mais linda mulher. Entretanto, tinha um pressentimento de morte cutucando sua pequena alma, tão impotente e ferida.

Um grito do soldado ecoou na cela. A porta se abriu. Os prisioneiros foram obrigados a sair, com as mãos na cabeça e debaixo de golpes duros de cassetete. Era a hora de novos interrogatórios, inúteis, por sinal. A única finalidade era encontrar pretexto para bater.

Yossef descontrolou-se e saltou sobre um soldado para agredi-lo. Foi contido e arrastado para uma pequena sala, gritando palavras de maldição contra Israel. Até que sua voz foi abafada e logo transformada em gemidos...

Amigos palestinos espalharam cartazes com fotos do adolescente, pedindo informações. Enquanto isto, Hussan preparava sua mudança. Adquiriu um pequeno quarto com banheiro, em um gueto controlado por radicais islâmicos. O dinheiro da venda da casa distribuiu para associações beneficentes. O dinheiro da venda dos manuscritos guardou em uma mala, para quando Yossef voltasse...

Já saindo da casa para sua nova residência, Hussan viu um carro estacionar. Aproximou-se do portão. Hanna e sua tia saíram.

— Como vai, senhor?

— Pois não, senhora.

— Nós estamos procurando um jovem chamado Yossef...

— Eu também.

— Como assim?

— Ele é meu neto.

— Então o senhor é Hussan.

— Sim. Sou eu.

— O que houve com Yossef?

Hussan estendeu o cartaz de procura-se à tia de Hanna. As duas olharam, considerando inacreditável. Hanna começou a chorar, quando notou que Hussan estava chorando.

— Sinto muito, senhor – disse a tia, sem saber mais o que dizer.

Com a voz embargada e lágrimas correndo no rosto, Hussan contou um pouco da história e se despediu, com um tom de voz conformista.

Hanna, abraçada com a tia, voltou para o carro, sem vontade de falar ou de ouvir. Uma certa hora, no percurso, caiu em um pranto melancólico. A tia beijou seu rosto, com ternura e solidariedade.

— Tudo vai acabar bem, filha.

— Eu queria morrer, tia...

— Não diga bobagens. Ouviu bem?

Quinze dias se passaram. Era de madrugada. Chovia com intensidade e fazia um frio incômodo. Yossef estava encolhido no canto da cela, tremendo, com fome, dor de cabeça e sonolento.

De repente, uma explosão assustadora. A parede frontal da cela desabou. Gritos e tiros. Yossef deu um salto. Um terrorista segurou em sua mão e o arrastou para fora. Soldados confusos atiravam a esmo. Yossef e um companheiro de cela escaparam dos tiros. Atravessaram dois corredores e o pátio, à medida que a confusão aumentava. Muitos corpos estavam caídos, mortos ou feridos. Yossef recebeu um impulso e saltou o muro, que era bem alto. Ao cair do lado de fora, chorou como se tivesse encontrado a liberdade cara a cara.

Um carro se aproximou em alta velocidade e freou com habilidade. Yossef e o terrorista pularam, ofegantes, junto com dois outros. O carro arrancou, não antes de uma bala estilhaçar o vidro traseiro e atingir a cabeça de um fugitivo, que morreu na hora.

Yossef gritava dentro do carro:

— Acelera, acelera... Eles vão nos matar.

Aproximadamente uma hora e meia depois, os fugitivos chegavam a um apartamento. Um bairro bem defendido por grupos armados contra Israel. Beberam uma sopa em canecas velhas e se atiraram pelos cantos para dormir. Yossef agradeceu a Deus, fechou os olhos e adormeceu profundamente, aliviado e cansado, muito cansado.

Depois de muito tentar, a tia convenceu Hanna a fazer uma viagem à Europa, prometendo que um amigo advogado continuaria na busca pelo destino do jovem palestino.

Assim, numa tarde tipicamente britânica, cinzenta e monótona, Hanna desembarcou com a tia no aeroporto Wilham Shakespeare, em Londres. Foram recebidos pelo reverendo Stott, trajando um terno elegante, como sempre.

Após abraços e beijos, foram tomar um chá em um discreto restaurante da cidade. Stott era gentil e bem falante, fazendo a tia de Hanna sorrir e fazer perguntas. Mas a garota era uma imagem clara de alguém infeliz.

— Hanna, você vai amar Londres. É a mais linda das cidades europeias. Mais linda que Paris, Estocolmo ou Madrid, que são as outras belíssimas.

— Com certeza, reverendo.

— Tome seu chá, Hanna, senão vai esfriar.

A rotina no apartamento era a mesma. De manhã, estudos de religião islâmica e textos políticos de linha marxista. À tarde, trabalho e planos de ataques terroristas de todo tipo. E à noite, liberdade para ver televisão, dormir ou dar uma volta no quarteirão.

Viviam no apartamento Yossef, o terrorista que ajudou na fuga, um velho militante, professor de religião e táticas guerrilheiras, e sua filha, uma bela jovem, tímida e submissa, que fazia todo o serviço de casa.

Yossef era bem tratado, mas passava todo o tempo em silêncio. Era raro falar alguma coisa. Fez perguntas sobre seus avós, mas disseram para ele aguardar informações.

A moça, alta e morena, com olhos arredondados e voz firme, apesar da introspecção, apaixonou-se totalmente por Yossef. Ele não deu a entender. Primeiro por causa de todo o sofrimento e, principalmente, porque nunca parou de pensar em Hanna. Nunca.

Um dia, Yossef ficou a sós com ela. Evitou o tempo todo olhar em sua direção. Até que ela quebrou o jejum.

— Yossef.

— Pois não.

— Conte—me como foi na prisão.

— É difícil falar.

— Você foi torturado?

— Fui...

— O que você fez para se tornar prisioneiro?

— Atirei em um soldado.

— Ele morreu?

— Não sei dizer.

— Você é um revolucionário?

— Apenas odeio a injustiça.

— Eu também...

— Desculpe...

— Desculpar o quê?

— Nunca falei com você direito.

— Não tem importância. Mesmo assim eu gosto de você...

— Obrigado.

Yossef levantou-se e foi olhar através da janela. Lá fora, jovens palestinos conversavam animadamente. Crianças corriam de um lado para o outro. Mulheres com bolsas faziam compras. E homens armados vigiavam as ruas e os prédios.

Anoiteceu.

O professor, ao chegar no apartamento, chamou Yossef para uma conversa. Falou de sua família e comunicou que o avô, Hussan, estava muito doente. Sofrera um derrame e perguntava dia e noite pelo neto.

Foi impossível se conter. O garoto chorou, com saudade, amargura e raiva.

— Vista-se. Vamos à casa do seu avô.

O quarto onde Hussan vivia seus últimos momentos de vida era um lugar melancólico. De pequena proporção, mal iluminado, com uma janela muito pequena. Poucos móveis espalhados no espaço. Só três coisas interessavam a Hussan. O sofá onde permanecia, sempre, deitado ou sentado, o rádio para ouvir música e a mala onde guardava retratos, livros, papéis e o dinheiro para o neto.

Pelo tempo que passou, Yossef percebeu que não estava distante do avô. Assim que chegaram na rua escura, sem muito movimento, entraram em um prédio de dois andares. Subiram a escada e bateram na porta. Uma voz rouca e fraca respondeu que podiam entrar. Yossef empurrou a porta e logo seus olhos fitaram um homem bastante velho, com um pijama surrado e sentado desajeitadamente. Yossef apertou os passos e parou bem próximo.

— Meu querido avô Hussan...

Hussan cobriu o rosto com as mãos e principiou a chorar como um menino desconsolado.

— Yossef, Yossef, Yossef...

Eles se abraçaram com força e carinho. Yossef consolava seu avô com palavras amorosas. E o avô soluçava, com lágrimas molhando o rosto enrugado.

— Meu querido Hussan...

— Yossef, eu sempre te amei, filho...

Yossef fez o avô se deitar. Notou que parte de seu corpo estava paralisado, por causa do derrame. Sentou-se em uma cadeira e conversaram sobre várias coisas, noite adentro, a sós.

Bem tarde da noite, Hussan adormeceu. Yossef beijou seu rosto e acomodou-se no chão para dormir. Em meio ao sono, sonhou que estava em

um jardim de lindas flores. Então, do meio do jardim apareciam duas jovens, Hanna e a árabe alta e morena. As duas riam para Yossef. Mas Hanna foi desaparecendo no meio das flores, enquanto a árabe vinha em direção a Yossef. Eles se abraçavam e sorriam um para o outro. E o sonho acabava.

Yossef acordou assustado. Olhou ao redor e notou que o avô aparentemente dormia. Foi até a janela e viu um cachorro deitado na calçada e dois bêbados dando gargalhadas. Preparou um café e voltou a dormir sossegadamente.

Ao amanhecer, dois gatos brigavam no corredor, provocando enorme confusão, até que um homem forte colocou os dois para fora do prédio.

Yossef bocejou várias vezes, enrolado em um lençol fino. Olhou de relance e notou o avô deitado. Fechou os olhos e tentou dormir mais um pouco, pensando no futuro. Entrar ou não para a causa da revolução palestina. Procurar Hanna. Cuidar do avô. Comprar um lugar melhor para viver...

Um raio de sol iluminou dentro do quarto.

Yossef acordou de vez, levantou-se, lavou o rosto e preparou um café. Foi até o sofá e tocou no avô.

— Acorda, meu amigo.

Notou que havia algo estranho. Sacudiu o corpo do avô e nada. Seu corpo estava frio. Gritou o nome do avô. Pôs o ouvido no coração. Afastou-se com lágrimas nos olhos.

— Você é o que resta da minha família. Não faça isto. Por favor. Oh, Deus...

Yossef chegou no corredor e gritou por ajuda. Duas pessoas apareceram, um casal de meia-idade. Entraram no quarto e chegaram à mesma conclusão. O velho Hussan estava morto. Yossef abraçou o cadáver e gemeu de dor, enquanto seu coração sangrava... uma dor aguda.

À tarde, com uma cerimônia político-religiosa, o corpo de Hussan foi sepultado. Ao lado de Yossef, o professor e sua filha, que tocou em seu rosto e disse baixinho que nunca deixaria ele se sentir só. Yossef a abraçou e agradeceu. Depois começou a chorar... mais uma vez.

Nos próximos dois dias, Yossef ficou em profunda depressão, calado e choroso. Nada nem ninguém conseguia mudar o quadro de sua dor. Ficava no quarto ou na sala do apartamento, de cabeça baixa, olhando um ponto fixo e pensando em sua curta e turbulenta vida.

Tentou falar com Hanna, mas o telefone tocava e ninguém atendia. Todos os dias ligava, pois não podia tentar ir ao local, uma vez que era fugitivo e procurado. Seria tola qualquer ação neste sentido.

No final da semana, uma bomba explodiu em um comitê da extrema-direita israelense, em Jerusalém, matando dois rabinos e ferindo vinte pessoas. Quase de imediato, o exército de Israel retaliou, trocando tiros com policiais palestinos em pontos estratégicos.

Yossef pediu ao professor para participar de uma ação terrorista.

— Vai chegar a hora, Yossef.

— Que chegue logo.

Num sábado à tarde, conseguiu ter o telefonema atendido. Seu coração disparou, quando a voz da tia de Hanna atendeu.

— Alô. Pois não.

— Alô, aqui é Yossef...

Um silêncio frustrante do outro lado da linha. Yossef prendeu a respiração e teve a sensação de que algo ruim estava para acontecer.

— Yossef?

— É, Yossef. Eu queria falar com Hanna.

— Aqui é a tia dela.

— Como vai, senhora?

— Vou bem, obrigada.

— Hanna está?

— Não, não está.

— Ela volta quando?

— Não sei se volta.

— Como assim?

— Yossef...

— Pois não.

— Hanna foi para a Europa. Vai se formar em medicina, provavelmente. Não são meus planos que ela retorne para Israel. Espero que você entenda. Sinto muito, Yossef. Um abraço, meu filho.

Yossef desligou o telefone sem dizer nada. Um nó na garganta, o sangue quente no rosto e os olhos cheios de água. Procurou um bar, bebeu um pouco de vinho. Foi para casa e conversou normalmente como se nada tivesse acontecido.

Na passeata de domingo à tarde, lado a lado, Yossef, o professor e sua filha, Haggar. Muitas bandeiras e faixas com frases revolucionárias, proclamando a revolução contra o sionismo e seus aliados da América do Norte.

As crianças gritavam e líderes experientes faziam discursos em megafones precários. O professor olhava tudo com um entusiasmo idealista, pois nada era tão importante para ele quanto seu povo palestino. Haggar dividia sua atenção entre os movimentos das pessoas e o olhar de Yossef, que às vezes sorria, às vezes gritava com o punho erguido e às vezes ficava sério, sentindo o peso da tristeza e uma dor grudada no íntimo.

Quando a noite chegou, houve uma festa pelas ruas, com muita conversa, bebidas e brigas, por causa de radicalismo ideológico.

Yossef convidou Haggar para beber vinho e comer pizza com cebolas. Durante a conversa, ele contou a ela a história de sua vida, omitindo uns poucos detalhes. Falou que pensava no futuro ao seu lado.

— O que isto significa, Yossef?

— Eu e você juntos.

— Verdade?

— Verdade.

— Está certo disso, Yossef?

— Tomei esta decisão dentro de mim, Haggar. Quer casar comigo?

Haggar piscou os olhos. Yossef segurou suas mãos, com carinho, ainda que não fosse paixão. Haggar aproximou seu rosto, Yossef correspondeu. Eles se beijaram com suavidade, duas, três vezes.

— Eu quero...

Mais tarde, o professor recebeu a notícia e comemorou bebendo vinho e tocando música folclórica...

— Viva Haggar. Viva Yossef. Viva o povo palestino.

Os dias transcorreram monótonos, sem novidades e encontros interessantes. O casamento, a militância política, os pensamentos puxados pelo passado, o tédio de certas tardes vazias, o silêncio distraído em cantos da casa, o serviço da loja de raridades, os beijos no fim das noites e a expectativa de um bebê para ser amado...

Haggar tornou-se cristã. Surpreendente, pensou Yossef, enquanto ela cuidava da casa, sorria e contava as histórias de Jesus Cristo, narradas nos Evangelhos.

Tiveram três bebês ao mesmo tempo. Haggar tornou-se uma mãe feliz e dedicada. Hanna nunca mais voltou da Europa. O professor morreu bem idoso, frustrado com a causa palestina. E Yossef tornou-se um recluso escritor, interessado em história moderna e nos ensinamentos de Jesus...

"Digo-vos a vós que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos maldizem e orai pelos que vos injuriam. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra. E ao que te tirar a capa, não impeças de levar também a túnica. Dá a todo o que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho reclames. O que quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles. Se amais os que vos amam, que recompensa mereceis? Também os pecadores amam aqueles que os amam. E se fazeis bem aos que vos fazem bem, que recompensa mereceis? Pois o mesmo fazem também os pecadores. Se emprestais àqueles de quem esperais receber, que recompensa mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Pelo contrário, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem daí esperar nada. E grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bom para com os ingratos e maus. Sede misericordiosos,

como também vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á. Colocar-vos-ão no regaço medida boa, cheia, recalcada e transbordante, porque, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também.

Propôs-lhes também esta comparação: pode acaso um cego guiar outro cego? Não cairão ambos na cova? O discípulo não é superior ao mestre; mas todo discípulo perfeito será como seu mestre. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho? Ou como podes dizer a teu irmão: Deixa-me, irmão, tirar de teu olho o argueiro, quando tu não vês a trave no teu olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e depois enxergarás para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

Uma árvore boa não dá frutos maus, uma árvore má não dá bom fruto. Porquanto cada árvore se conhece pelo seu fruto. Não se colhem figos dos espinheiros, nem se apanham uvas dos abrolhos. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro, porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio.

Por que me chamais: Senhor, Senhor... E não fazeis o que digo? Todo aquele que vem a mim e ouve as minhas palavras e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante ao homem que, edificando uma casa, cavou bem fundo e pôs os alicerces sobre a rocha. As águas transbordaram, precipitaram-se as torrentes contra aquela casa e não a puderam abalar, porque ela estava bem construída. Mas aquele que as ouve e não as observa é semelhante ao homem que construiu a sua casa sobre a terra movediça, sem alicerces. A torrente investiu contra ela, e ela logo ruiu; e grande foi a ruína daquela casa".
Lucas 6: 27-49

Perto, muito perto do inferno

Quinta-feira - À tarde

D

ébora pôs seu vestido justo e amarelo, acima do joelho. Pegou a bolsa, com drops, biscoitos doces, produtos de beleza e pouco dinheiro. Foi ao banheiro, passou batom e olhou um bom tempo para ver se tinha defeito. Achou que não. Sorriu e saiu de casa, em direção à penitenciária.

Na rua, os homens olhavam para ela, cobiçando sua beleza morena, com cabelos lisos e brilhantes. Alta, elegante e graciosa. Seu rosto sério era uma obra de arte, com cada detalhe primorosamente revelado. Sobretudo os olhos castanhos, inquiridores e sensuais. Belíssima mulher.

Entrou no presídio e foi para a sala de encontros íntimos. Seu dono era Júlio Tasso, conhecido como Dom Capeta. Traficante, assaltante, assassino e falsário. Um sujeito de extrema violência, obcecado por poder e dinheiro, condenado a mais de cem anos.

Quando olhou Débora, Júlio sorriu. Ela abriu os braços e apertou os passos em direção ao seu amor. Puxaram a cortina e os lábios dele tocaram os dela, com radical desejo. Débora suspirava, com a paixão subindo e descendo no corpo, como uma onda incontrollável de calor.

Depois de tudo, Júlio deu uma risada e beliscou o braço do seu bem.

— Te amo, Débora. Só você. Entende isto? Você é minha razão de viver. Tudo em você é lindo demais. Os olhos, a voz, esses vestidinhos lindos, os dedos delicados, o batom... Tudo – continuou falando. – Vou ficar olhando para você.

— Fico com vergonha...

— Por quê? Você é minha. É pra eu olhar, beijar, me encantar, divertir, sonhar... Não é?

— Convencido.

— Um dia teremos um filho. Ou quatro.

— Homem não tem filho. Eu é que vou ficar toda acabada. Aí aparece outra, bonitinha, novinha, queridinha...

— Eu vou envelhecer com você. Prometo.

— Cumpra sua palavra.

— Claro.

— Te amo.

Os minutos se passaram, até o fim da visita. Débora vestiu-se e foi embora. Júlio voltou para a cela, piscando os olhos para alguns comparsas. O plano estava montado para aquela madrugada.

Quinta-feira - À noite

Candinho há muito tempo estava traindo Dom Capeta. Desviando o dinheiro das drogas e planejando um golpe para tomar o poder. Só não imaginava que estava sendo traído por um de seus homens de confiança. Dom Capeta já sabia de tudo.

— Eu quero aquela mulher hoje.

— É loucura, cara.

— Seja o que for, eu quero.

— Mas ela não quer...

— O que importa é que eu quero.

— Deixa isso pra lá...

— Ela vai ser minha.

Candinho levantou. Caminhou na varanda da casa, conferiu o pó da morte. Pôs a arma na cintura, chamou dois comparsas e desceu o morro, atravessando ruelas e saudando pessoas. Parou no bar, bateu papo e bebeu um pouco de cerveja, ouvindo pagode e contando piadas. Depois pagou a conta e prosseguiu.

A ascensão ao poder ocorreu quando Júlio foi preso, quinze meses antes.

Candinho foi avião do traficante, depois soldado, tesoureiro e, por fim, gerente. Conquistou espaço, com atos de bravura e bajulação. No fundo, era um sujeito nocivo, calculista, cínico e insensível. Seu plano era eliminar todos os que não eram de confiança. Consolidar seu domínio e ampliar os negócios da droga na cidade. Vivia sozinho, não tinha parentes, nem mulher fixa nem filhos. Mas estava louco para ter como objeto uma mulher, com quem sonhava de forma constante e febril: Débora.

Parou perto do campo de futebol, pegou o binóculo e direcionou para a casa de telhados coloniais. Estava tudo aceso, a varanda, a sala e um dos quartos. Débora morava com o avô, idoso e inválido. Candinho ficou parado, até que Débora apareceu na varanda, molhando umas plantas. Ele sorriu diabolicamente, e seu coração malvado despertou. Mordeu os lábios, com inveja e insolência. Sabia que ela nunca seria sua por escolha espontânea. E também sabia que é errado desejar a mulher do outro no mundo do crime. No entanto, estava disposto a ir até o fim, custe o que custar. Fez um sinal e desceram em direção ao alvo.

Na porta da casa, Candinho deu umas instruções. Pulou o muro, decididamente. Uma velhinha do outro lado, dentro de seu barraco, com as luzes apagadas, viu tudo o que estava ocorrendo.

Candinho bateu forte na porta. Débora foi abrir, assustada.

— Oi, Débora. Tudo bem?

— Tudo. O que você quer?

— Eu? Bom, eu quero você.

— Você está louco.

— Não. Eu quero você, garota. Entendeu?

— Júlio manda te matar.

Candinho segurou o pescoço dela com as duas mãos.

— Júlio não é mais nada neste lugar, perdeu tudo o que tinha aqui. O poder, o dinheiro e a mulher. Tudo agora é meu, inclusive você. Não torne as coisas difíceis.

— Nunca.

Débora empurrou Candinho com força. Ele escorou o corpo na porta e conseguiu impedir que ela escapulisse. Entrou na casa com ela imobilizada

por uma gravata, dada com o braço esquerdo. Com a mão direita, apontou a arma para o velho na cadeira de rodas.

— Agora preste atenção, querida. Vou colocar seu avô dentro do quarto. Fique quieta ou você vai ver a cabeça de alguém estourar.

— Deixa meu avô – ponderou Débora, chorando.

— Claro, amor... Fica aí dentro do quarto, vovô... Sem chorar...

Candinho trancou a porta por fora. Jogou Débora no chão. Tentou rasgar seu vestido, agindo de forma animalesca. Seus olhos reviravam e os lábios tremiam, estava como fora de si, possesso. Ria, descontrolado. Débora soluçava e lutava com todas as forças. Por fim, cansada, cuspiu na cara do bandido. Candinho foi tomado de ódio incontrolável. Apertou seu pescoço com força descomunal e bateu a cabeça dela várias vezes no chão do azulejo, amaldiçoando com fúria satânica, até que uma poça de sangue se formou no local e os olhos de Débora, semi-abertos, não viam mais nada. Candinho saiu de cima de seu corpo. Pegou a arma e foi embora, assustado e contrariado. Fora longe demais.

Quinta-feira - Madrugada

O caminhão de lixo da Comlurb aproximou-se vagarosamente do portão do presídio. A única diferença era que os homens eram falsos garis. Os verdadeiros garis estavam amarrados dentro de um matagal a um quilômetro dali, vigiados por um bandido armado.

O funcionário, sonolento, abriu o portão. Foi rendido com uma pistola na cara. Sete homens entraram, com armas potentes, atirando em guardas posicionados estrategicamente. Neste exato momento, duas bombas explodiram dentro da instituição, causando pânico e confusão. Tudo, entretanto, fora orquestrado. Três agentes penitenciários comprados abriram as celas de acordo com o combinado. A ordem era libertar certa facção. Alguns policiais reagiram, matando prisioneiros em fuga, mas acabaram desistindo e se esconderam para poupar a vida, no meio da escuridão e do caos. O alarme alternativo foi tocado. Não demoraria e a força de repressão

chegaria ao local.

Quando atravessou o último corredor de acesso à saída principal, Dom Capeta, cercado de comparsas fiéis, deu um grito de liberdade. Alcançou o portão, subiu no caminhão, saudou o motorista e pediu um cigarro.

— Pisa no pedal, parceiro.

— Ok, comandante.

O caminhão disparou, ganhando rapidamente alta velocidade, na estrada de terra primeiro, depois no asfalto, até pegar um atalho. Então chegaram ao local onde estavam os verdadeiros garis, suplicando para não morrerem. Sem perder tempo, o bandido vigilante desamarrou os garis e pediu desculpas a eles. Meteu a mão no bolso e jogou na direção dos trabalhadores um pacote de notas de dez e cinquenta. Os homens não se mexeram. O bandido entrou no caminhão e arrancaram, rindo e comentando a operação. Perto de uma outra estrada, diminuíram a velocidade, até avistar um luxuoso carro de quatro portas. Era outro homem da facção, acompanhado de uma menina no banco de trás. Dom Capeta desceu do caminhão e entrou no carro, que pegou a direção da favela.

— Dom, seja bem—vindo de volta ao teu lugar.

— Tudo sob controle?

— Tudo... Essa aí é um presente todo seu...

— Não. Eu sei que Candinho anda planejando coisas. Vou acabar com aquele pirralho...

— O idiota vai cair do cavalo.

— Quero ver uma pessoa...

— Débora...

— Meu oxigênio.

— Você manda, chefe.

— Manda a menina descer...

— Ok.

— Dá cem pratas a ela.

— Valeu.

— Aí, garota.

— Legal.

— Tchau, princesa...

Júlio encostou a cabeça no banco e o carro disparou nas ruas vazias e mal iluminadas. Vinte minutos depois, o celular do motorista tocou. Ele atendeu, sem levantar a voz. Júlio dormia profundamente. A notícia era horripilante.

Quinze minutos a mais e o carro parou na subida da favela. Um local deserto, cercado de mato e próximo da linha do trem. Júlio abriu os olhos, bocejou e desceu do carro. Foi recebido por uns cinco homens da elite do seu grupo. Abraços e beijos no rosto, no estilo da máfia.

Caminharam até um bar, preparado para a ocasião. Pediram bebidas, queijo e linguiças fritas. Um silêncio estranho tomou conta do recinto. Júlio perguntou se havia algum problema, demonstrando estranheza. Um dos comparsas pigarreou e contou, em linguagem crua, o que Candinho tinha feito com Débora. Júlio deu um pulo da cadeira e saiu em disparada em direção à casa da mulher.

Quando chegou, entrou imediatamente. O corpo ainda estava no chão. No quarto, outro cadáver. O avô de Débora se matou com um tiro na cabeça. Júlio deitou-se ao lado dela e chorou, o que não fazia há anos. Acariciava o cabelo e o rosto de alguém que era parte fundamental de sua vida. Ficou ali um bom tempo. Seus amigos aguardavam as ordens.

Júlio levantou-se e ordenou que cuidassem do enterro pela manhã. Trincou os dentes com ódio, olhando nos olhos de seus camaradas do crime.

— Quero Candinho vivo, no quartel general. Não me decepcionem.

Sexta-feira - Manhã

Eram quinze para as sete. Candinho foi levado quase morto até a casa onde Júlio estava. Levaram o traidor para um porão, onde toda a cúpula estava presente. O ódio deles era visceral. Candinho foi jogado no chão, como um saco de lixo. Uma de suas pernas estava baleada e também um dos ombros. Sua respiração era ofegante, porque havia sido espancado sem pena.

Todos os homens fiéis ao traidor foram executados e jogados em buracos,

no alto do morro. Depois derramaram gasolina e atearam fogo.

Dom Capeta mandou tirar a roupa do culpado e com um objeto de metal perfurou vários pontos de seu corpo. O homem urrou de dor. Ninguém falava nada, só olhava. Por mais de trinta minutos, foi torturado de forma nazista, até desmaiar.

Um tempo depois recuperou os sentidos e gritava como um porco sendo esfolado. Dom Capeta ordenou o esquartejamento vagaroso e a distribuição dos pedaços nas ruelas da favela.

A brutal vingança chocou os moradores, mas ninguém ousou falar. Dom Capeta voltara em grande estilo. Era melhor fingir que a vida continuava normal.

Débora foi enterrada com solenidade. Um pastor fez a cerimônia. Pastor Isaque. Um homem simples que pregava o Evangelho em qualquer ocasião.

Quando o corpo desceu à sepultura, os bandidos deram tiros para o ar e Júlio deixou cair uma rosa. Depois desceu para o bar, amparado por comparsas e foi beber doses de bebidas fortes.

Sexta-feira - Noite

Oito homens em dois carros. Júlio ia no carro da frente. Precisavam de dinheiro para comprar armas. Iriam assaltar mansões em um condomínio fechado.

Durante o percurso, ninguém falava nada. Ouviam rap, com as armas engatilhadas, prontos para um confronto que surgisse ao acaso...

Dois carros de polícia estavam próximos de um sinal. Perceberam alguma coisa e fizeram sinal para os carros. A resposta foi tiros de fuzil e pistolas. Quinze minutos de tiroteio. Dois policiais feridos. Um morto. Três bandidos mortos e um ferido. Júlio Tasso, o Dom Capeta. Uma bala atingiu seu rosto, no lado direito. Sangrava muito e o carro partiu velozmente para uma clínica próxima da favela.

Sábado - Manhã

Os jornais estamparam manchetes com fotos do traficante Dom Capeta. Editoriais e reportagens conclamando as autoridades e a polícia a agirem. O secretário de segurança prometeu a recaptura do bandido foragido. Policiais militares queriam vingança pela morte dos companheiros. Até o governador se pronunciou, prometendo rigor na caçada ao meliante. Sua entrevista foi exibida na rede Novo Mundo, direto de uma sala no Palácio de governo. A jornalista iniciou seu trabalho de forma bem agressiva.

— Governador, não parece ao senhor que não existe mais ordem nem lei?

— Existe. O Governo está atento a tudo. E dentro da lei, com o rigor policial devido, vamos agir, em operações objetivas e inteligentes, golpeando o crime organizado e cavando sua sepultura. É notório a todos que minha ação política não faz concessão a canalhas, corruptos e bandidos. Investi como nunca foi feito antes em reaparelhamento tecnológico e treinamento humano. Nossos policiais têm mais recursos técnicos e mais preparo e condições psicológicas para agir. Isto é fato. Incontestável. Por outro lado, é óbvio que a violência sempre vai existir, enquanto houver pessoas sem moral e de índole perversa. Comparado com as grandes cidades do país, o Rio é um lugar relativamente tranquilo de se viver. Não sou eu quem digo, é a população consultada em pesquisas. E é o que diz um relatório da ONU sobre as cidades, reconhecendo que a cidade é melhor, bem melhor, do que era em governos anteriores. Portanto, é equivocado dizer que não há lei e não há ordem. Há lei e há ordem. Sou o melhor governador segundo uma avaliação crítica do Jornal Cidade de São Paulo. O melhor governador do país. E, sem falsa modéstia, concordo com isto. Embora não agrade a todos.

— Governador, esse bandido Júlio Tasso, o Dom Capeta, é um problema grave, não é?

— Todas as sociedades, em todos os tempos, por mais civilizadas que fossem, viram surgir astutos criminosos. Infelizmente, pessoas inteligentes e capazes de liderar nem sempre usam esses dons para o bem. Mas é uma questão de tempo e este patife infrator estará atrás das grades ou morto.

— Procura-se vivo ou morto? É isto?

— Não foi o que eu disse? Vamos caçá-lo. Se houver resistência, a polícia não vai se intimidar. E em trocas de tiros, pessoas morrem, não morrem?

— Governador, os partidos de esquerda denunciam que sua política de segurança é de índole fascista, porque prioriza repressão e não trata das causas da violência. Concorde?

— Não. Essa crítica esquerdista é ridícula e irresponsável. Bandido é uma coisa, enquanto explorado e pobre é outra. Bandido é um burguês que ganhou dinheiro ilegal. Esse bandido, Dom Capeta, é o quê? Uma vítima do capitalismo e do imperialismo americano? Ora, ora. E olhe para a China, Cuba e outros países que tratam o crime com rigor implacável. São direitistas? Não, não são. São marxistas. Essa relação, portanto, entre crime e miséria socioeconômica é falaciosa. O crime é uma questão de caráter, herança genética e cabeça fraca. Trabalhador merece ajuda de governo. Bandido merece cadeia ou sepultura. E pronto.

— O senhor é a favor da pena de morte para que tipos de crime?

— Pena de morte é uma questão de direito da sociedade, de se livrar de quem ameaça essa sociedade com atitudes além do limite.

— Por exemplo?

— Sequestro seguido de morte. Estupro seguido de morte. Massacre de inocentes. Crimes hediondos em geral, que ninguém admite...

— E quando a justiça falhar e condenar inocentes?

— Até Deus correu risco, em certo sentido, ao criar a humanidade, minha filha.

— Que resposta, governador!

— Boa resposta, me parece.

— Que operação a polícia vai fazer contra o traficante Dom Capeta?

— Quando a operação estiver encerrada, com sucesso total, o secretário de segurança vai dar uma entrevista e explicar cada detalhe. O traficante tem dias ou horas contadas, pode acreditar.

— Última pergunta... O senhor será candidato ao senado ou à presidência da República, no fim do mandato?

— Quero ser senador. E lutar pelo Rio de Janeiro...

— Obrigada, governador.

Sábado - Noite

A vista direita foi afetada. Júlio sabia que aquela visão estava irremediavelmente comprometida. Sentado na sala confortável, ao lado do salão onde ocorria o baile funk, ele ouvia os relatórios e fazia negócios com clientes e comparsas.

Os negócios iam bem. Dois morros tinham sido reconquistados naquela noite. O carregamento de coca foi levado para o Peru e de lá iria para Nova Iorque, se tudo desse certo. Mas Júlio já recebeu sua grana, trezentos mil em dinheiro vivo. Separou cem mil para a folha de pagamento, com gratificações para seus homens, policiais, um jornalista e algumas mulheres com quem teve filhos.

Deu uma hora da manhã, Júlio pediu mais cervejas e batatas fritas. Despediu todo mundo e mandou alguém conseguir uma menina novinha, morena, atraente e que não fizesse jogo de resistência.

Sozinho, Júlio passou a mão sobre o curativo na vista afetada. Sentia latejar e às vezes escorriam lágrimas. Deu um soco na mesa e ficou olhando a janela que mostrava a pista iluminada lá no asfalto.

Quinze minutos depois, um soldado trouxe uma menina. Saiu e bateu a porta. Júlio trancou e olhou para ela. Era linda. Ela sorriu, meio ingênua e meio malandra. Júlio sentou-se e puxou a menina para o seu colo, mordendo com romantismo seu corpo... Pediu um beijo e perguntou se o nome dela era Débora.

No final de tudo, a garota recebeu mil reais e foi embora, como chegou, sem falar muito, sem sentir nada, nem asco nem paixão. Júlio pegou sua arma, chamou uns homens e foi embora, fumando um cigarro proibido.

Domingo - Tarde

As duas operações seriam desencadeadas simultaneamente. A invasão do quartel do exército para roubar armas e o sequestro do filho do secretário de segurança, que frequentava um clube de classe média em bairro nobre.

Júlio ficou no quartel general, bebendo limonada suíça e caipirinhas, sentado em uma sala confortável, com várias armas e munição espalhadas. Gostava de filmes policiais, com muito sangue e poucos diálogos. Toda hora recebia informações sobre as operações... De vez em quando sentia dores e infelicitava o policial que acertou o tiro.

Eram três horas quando os bandidos chegaram ao quartel, em dois carros. Entraram atirando. Um soldado tombou com um tiro no ombro, gemendo de dor. Já conhecendo o local, atingiram rapidamente o prédio de depósito das armas. No caminho, mataram um soldado. Com a habilidade que se adquire na prática do crime, invadiram o prédio e foram recebidos com tiros por dois soldados. Sem receio, entraram atirando, e dois bandidos caíram mortos. Um soldado foi baleado. O segundo ergueu os braços e pediu para não morrer. Em vão. Levou uma bala na cabeça, à queima-roupa. Assim que pegaram as armas, saíram, entraram nos carros e aceleraram. Na saída, dois soldados em um jipe atiraram na direção dos carros. O motorista foi atingido, então outro assumiu o lugar. Um bandido conseguiu lançar uma granada na direção dos soldados, acabando com a resistência. Dois soldados morreram e um ficou mutilado. Os carros ganharam a rua e partiram em alta velocidade. Missão cumprida. Inesquecível façanha. Ligaram para Júlio, que deu uma gargalhada e prometeu uma grana legal...

Enquanto isto, em frente ao clube, um bandido em uma moto olhava a saída dos carros, fingindo ouvir um radinho de pilha. O sinal seria ele sair e ir embora. Neste caso, o carro do motorista do secretário estaria deixando o clube, o que não demorou acontecer. O motoqueiro ligou a moto, dobrou uma esquina e foi embora. A ambulância acelerou lentamente. O carro oficial deixou a calçada do clube e pegou o asfalto. A ambulância foi atrás. Quando dobraram a esquina em uma rua deserta, a ambulância acelerou e fechou o carro com o menino de doze anos, filho do secretário, e o motorista, um velho grisalho.

Com presteza e violência, dois bandidos quebraram os vidros dianteiros do carro oficial. Tiraram o menino e o velho. O menino foi jogado dentro da ambulância, com um capuz na cabeça. Depois, um tiro seco, na cabeça, tirou a

vida do pobre empregado, que nada pôde fazer... Morreu como um bicho, deitado ao lado do carro, no meio do sangue.

Dentro da ambulância, alguém ligou para Júlio, que gritou eufórico meia dúzia de termos impronunciáveis. Desligou a televisão e foi dormir um pouco. Pediu para o acordarem na hora certa e mandou preparar uma festa no Casarão do outro lado do morro, com tudo que todo mundo gosta.

Domingo - Noite

Logo a cidade toda sabia dos fatos audaciosos da bandidagem. As televisões abordavam o assunto, com reportagens relâmpagos. Autoridades públicas começaram a ser procuradas pela imprensa. Ninguém do governo deu entrevistas, mas o governador já estava na casa do secretário de segurança, com outros secretários, discutindo alternativas e deliberando ações.

O comando Oeste do Exército publicou uma nota, divulgada em rádio e televisão, onde exigia do governo ação urgente e eficaz.

No Casarão, a festa era regada com peixe, bebida alcoólica, drogas, funk, negócios e desejos. Dom Capeta fechou dois carregamentos de drogas pesadas que viriam da Nigéria, passaria pelo Rio de Janeiro, iria para a Amazônia e depois para Paris, na França. Outro contato importante foi com um jornalista de uma revista comunista colombiana, que era agente da FARC, procurando ampliar os contatos de Guerrilha com o narcotráfico.

No porão de um casebre, bem no alto do morro, o garoto, amarrado, chorava sem parar. Uma mulher idosa, de uns setenta anos, cuidava dele, alimentando o menino de quando em quando. Do lado de fora, em uma casa de dois andares, um soldado vigiava a única saída do cativeiro. A ideia era desmoralizar o governo e exigir dinheiro pelo resgate. Júlio já tinha o plano de ir para outro lugar, um bairro do subúrbio, assumindo uma falsa identidade.

No Casarão, Júlio, num acesso de fúria, esfaqueou um sujeito que beijou à força uma menina. Depois mandou levar o cara para o cerol. Pôs a arma sofisticada na cintura e saiu. A festa continuou como devia.

Chegaram a um botequim. Júlio tomou um gole de chope e pediu para ficar

sozinho. Os homens voltaram para o Casarão.

A música que tocava era um chorinho melancólico.

Júlio se encheu, pagou a bebida e foi andando pelas ruas da favela. Quando as pessoas passavam por ele, olhavam e paravam de falar, fazendo um sinal com a cabeça, em atitude de respeito e até de admiração.

Em uma rua mais longa, com poucas casas, havia uma Igreja Pentecostal com duzentas pessoas cantando um hino alegre, com palmas e gritos de Aleluia.

Júlio encostou em um poste a oito metros da Igreja. Acendeu um cigarro e ficou olhando a lua e as estrelas, entediado, sem vontade de fazer nada. Passou a mão sobre o ferimento no rosto. Suspirou e permaneceu quieto e infeliz.

A voz do pregador, firme e rápida, leu a passagem bíblica, no livro do Apocalipse, onde se fala sobre o lago de fogo, a doutrina do estado final das almas não arrependidas de seus pecados. A multidão, em uníssono, declarou a palavra Amém.

Júlio não se mexeu e continuou ouvindo, pelo alto-falante da Igreja, que atingia em cheio seus ouvidos. O pregador ia enumerando os pecados e repetia que muitos homens estão perto, muito perto do inferno:

— Você que vive sempre mentindo. Mente para sua mulher ou para seu marido. Mente para você mesmo. Tenta mentir até para Deus. Que vida é esta? Você pode estar perto, muito perto do inferno. Você que rouba, mata e se prostitui. Não respeita nada nem ninguém. O que é dos outros, toma e diz que é teu. Por qualquer motivo ou por um motivo que acha justo, tira a vida do teu próximo. Trata o sexo, que é santo, como se fosse imundo. Que vida é esta? Você pode estar perto, muito perto do inferno. Você que consulta entidades do mundo sobrenatural, invocando esses seres que são demônios. Pensa que Deus não vai te julgar? Você pode estar perto, muito perto do inferno. Jesus Cristo morreu na cruz do Calvário para que você tenha salvação. Se arrependa e creia em Jesus Cristo como teu Salvador, pois você não sabe o amanhã. Você vai estar vivo? Pode me dizer? Ouça o que eu te digo. Deixe o pecado, antes que seja tarde, pois você pode estar perto, muito perto do inferno...

Júlio teve um acesso de tosse. Deu meia volta e afastou-se da Igreja, com

aquela frase pulando dentro da cabeça: Perto, muito perto do inferno...

No porão do casebre, o garoto estava quieto, assustado e sentindo dores no corpo. A velha deu-lhe um pedaço de pão com queijo e pediu que ele tivesse paciência até tudo acabar. O garoto balançou positivamente a cabeça...

Ao chegar em uma casa, Júlio foi avisado pelo celular que a polícia já cercara o morro e ia invadir. Júlio mandou avisar para todo mundo ficar dentro de casa. Deu outras ordens e se moveu em direção ao lugar do cativeiro. Assim que chegou, pegou o garoto e subiu com ele para uma casa murada, cercada de casas em posição estratégica, cheias de homens com armas de todo tipo. Júlio reuniu as cabeças pensantes do crime, telefonou para outros morros e se divertiu como se não houvesse perigo algum. Olhou para os comandados e disse uma única palavra, com sarcasmo discreto: resistir.

O garoto, com seus olhos azuis e cabelo ruivo arrepiado, tremia sem parar. Júlio olhou para ele e perguntou se queria levar uma bofetada na cara.

O garoto encolheu o corpo e começou a soluçar. Júlio disse que se ele não parasse seria castrado. O garoto, descontrolado, caiu no chão e teve um ataque epilético. Júlio mandou todos saírem e ficou olhando o menino se debater, com saliva saindo de sua boca. Franziu a testa, cruzou os braços e ouviu de novo a voz do pregador na consciência: Perto, muito perto do inferno...

O secretário de Segurança estava internado em uma clínica cardíaca. O chefe da polícia civil e o comandante da polícia militar estavam encarregados de conduzir a operação. A ordem foi dada pelo governador e o morro foi invadido. As pessoas da favela, acuadas, esperavam que a tragédia fosse a menor possível. A imprensa foi impedida de chegar muito perto. Os bandidos estavam prontos para reagir. Dom Capeta acompanhava tudo em uma sala com vídeos que monitoravam pontos da favela. O garoto, desacordado, estava sob os cuidados de uma jovem que ocasionalmente era amante do Chefão.

Poucos minutos depois, a guerra estourou, com tiros em todas as direções. Não passou muito tempo e o caos era completo. O pânico tomou conta dos moradores. Balas perdidas atingiam barracos frágeis e casas de tijolo. Alguns corpos mortos e feridos já estavam no chão. A polícia avançava, pouco a pouco. Uma granada explodiu. Pessoas gritavam socorro, nas janelas e nas portas. Rajadas de balas. Poças de sangue. Ódio de ambos os lados. Gritos de guerra. Católicos rezavam. Protestantes declaravam salmos.

Dom Capeta ficou nervoso e saiu agitado da sala. Convocou sua tropa de elite e com raiva gritou: Morte aos cães do asfalto. Os comparsas gritavam: Morte.

A jovem franzina saiu tensa do quarto.

— O que foi, linda?

— O menino está morto. Tenho certeza...

— Vocês dois, façam algo. É sumir com o corpo, certo? Meu Deus...

Não demorou, tiros atingiram a fortaleza. Dom Capeta e sua tropa correram para as janelas, atentos, assustados. Não esperavam que a polícia chegasse tão rápido naquele ponto do morro. Eram muitos policiais, decididos e bem treinados.

Do lado de fora da fortaleza, a polícia discutia a melhor estratégia. No entanto, prevalecia a intenção de capturar ou matar o traficante a qualquer custo. Então foi decidido. Invadir a casa, atirando sem pensar.

Os policiais arrombaram um portão e outros pularam o muro e correram para dentro da casa com as armas apontadas. O tiroteio foi intenso e impactante. Muitos mortos. Júlio, convencido por um amigo, fugiu por uma saída secreta, em direção ao cemitério, mas não foi muito longe.

Cercados pelas polícias civil e militar, os dois tiveram que se entregar por falta de munição. Dom Capeta deitou no chão de barro, perto de uma sepultura, dando gargalhadas e imobilizado por dois agentes. Até que chegou o chefe da polícia civil, um homem que odiava criminosos e rude com subordinados.

Júlio foi levado para um carro, estacionado na subida do morro. No caminho, o bandido ia cantando versos de músicas pornográficas e de insulto aos policiais. Quando passou em frente à Igreja Pentecostal, lembrou do pastor e sua pregação: Perto, muito perto do inferno. Gritou a plenos pulmões: Pro inferno vocês, tiras desgraçados.

Dentro do carro, Júlio foi amordaçado. O carro disparou em alta velocidade até estacionar, bem distante, em um quartel na zona oeste. Fazia parte do acordo entre as polícias, o governo e o exército. Júlio foi levado para uma cela, mal iluminada. Agentes da polícia federal já estavam lá aguardando. Fizeram o interrogatório, obrigando o bandido a assinar confissões de culpa. A conversa foi gravada. Falou-se do comércio internacional de drogas, da

corrupção de autoridades, da aliança com a guerrilha colombiana e outros temas. Quando se deram por satisfeitos, os policiais foram embora. Uma fita gravada ficou com um diretor da federal e a outra foi entregue ao chefe da polícia civil, que passaria cópia para o governador.

Meia hora depois, a polícia do exército entrou na cela, e o suplício começou. Júlio teve algumas unhas arrancadas a sangue frio. Dentes também. Socos no olho que havia sido operado, enquanto lhe era exigido que pedisse desculpas ao exército, mas a única palavra que Júlio falava, era: Débora.

— Façam tudo bem feito, conforme combinado.

— E depois, tenente?

— Aguardaremos ordem do comando... Mas não tenham pena.

Em uma sala confortável, no prédio ao lado, três médicos do exército estavam lanchando e aguardando para cuidarem da vítima. Eram homens escolhidos cautelosamente, por se identificarem com a ideologia de repressão a qualquer ameaça da ordem. Politicamente fascistas.

Segunda-feira - Manhã

Os jornais da cidade, do país e do exterior noticiaram os fatos com destaque. A morte do filho do secretário, a guerra na favela, com dezenas de mortos e feridos, e o desaparecimento de Dom Capeta. Em entrevista no Palácio do Governo, ao lado do secretário da Justiça, o governador parabenizou a polícia pela ação, pediu desculpas aos moradores da favela pela invasão e o transtorno causado. Pediu um minuto de silêncio pela morte do garoto. Levantou-se e saiu do salão nobre, enxugando as lágrimas com um lenço de papel.

Quarta-feira - Noite

Júlio não suportou as torturas. Seu corpo estava cheio de hematomas,

feridas nas pernas e nos braços, queimaduras e perfurações. Sua língua estava inchada, e qualquer tentativa de falar ocasionava dor profunda. Seu corpo tremia dos pés até a cabeça. Sua vista atingida estava cega. O incômodo era terrível. A cabeça doía e latejava, por causa dos socos e tapas. Só queria uma coisa: morrer.

Eram oito horas da noite. Suspirou e morreu. Olhou ao redor e viu os soldados. Um médico caminhando no corredor, bocejando e com uma malinha na mão. Viu então o prédio onde estavam as celas. Os outros prédios. Todo o quartel. O estacionamento. O campo de futebol. O bosque ao lado. A estrada bem próxima ao portão de saída... Compreendeu que estava morto. Não sentia nada, nem dor, nem angústia, nem medo ou remorso. Entendia que tudo havia acabado e que a vida fora um acontecimento inútil e idiota.

Virou-se, e estava diante de si um ser de aparência ao mesmo tempo humana e diabólica. Indescrevível, abalador...

Pensou na palavra inferno. Depois pensou na frase que parecia definir tudo. Perto, muito perto do inferno... Sua alma, arrancada de onde estava, foi sugada para um túnel, um buraco negro, e desapareceu na eternidade.

O médico olhou o corpo, balançou os ombros e voltou para a sua sala, olhando o relógio e reclamando de tanto trabalho...

Sábado - Noite

A vida voltou ao normal na favela. O baile *funk* agitava a madrugada, com som, bebida e algazarra. A Igreja Pentecostal fazia vigílias de oração, batendo palmas e gritando Aleluia. Crianças e bêbados cruzavam os becos para lá e para cá. E duas facções rivais fizeram as pazes para dominar o crime na favela. O dono do morro seria um ex-policial corrupto, com ideias terroristas, pai de treze filhos, desdentado, calvo, sanguinário e leitor fanático do Alcorão...

O domingo, por fim, amanheceu ensolarado, silencioso e em absoluta paz... E, à noite, o pastor resolveu pregar de novo o sermão impactante: Perto,

muito perto do inferno.

O dia em que São Paulo parou

S

ão Paulo é a cidade mais paradoxal da América Latina. Nela convivem diversidades absolutas e contradições insuperáveis. São Paulo possui a elegância de Londres, a turbulência de Nova Iorque, a politização dos estudantes franceses, a miséria que se vê em Cabul, a tecnologia de uma cidade japonesa pós-industrializada, a confusão no trânsito, todos os tipos de moralidade, religiosidade, criminalidade. São Paulo é uma cidade feita de poesia e sangue, música e repressão policial, miscigenação e preconceito, erudição e analfabetismo, solidariedade e neonazismo, desperdício e fome. Trevas e luz.

São Paulo é expressão do capitalismo selvagem. Um Canadá rodeado de Moçambique, Haiti, Coreia do Norte, Albânia... O lixo dessa cidade é a sobra da riqueza dos exploradores, que servirá de refeição para os indigentes. Nos esgotos desta cidade vivem não só os ratos, baratas e aranhas, mas seres humanos enlouquecidos, em busca de abrigo, em noites muito frias e chuvosas. Debaixo de viadutos e marquises, homens, mulheres e crianças se enrolam em jornais, com matérias de economistas brilhantes, políticos salvacionistas e notas otimistas dos governos.

São tantas as galerias de arte em São Paulo e são tantos os manicômios, onde os seres humanos viraram bichos. São tantos os teatros e tantos os orfanatos cheios de crianças que nenhuma família aristocrática quer em troca de seus cães e gatos. São tantas publicidades elegantes anunciando um paraíso consumista de nível de primeiro mundo e tantos guetos onde os detritos estão visíveis, ao lado da sala de jantar. São tantos mestres e doutores, por um lado. Por outro, analfabetos e educação básica precária. Tanto dinheiro em um quarteirão e tanta ausência de tudo em outros quarteirões. Pregadores falam de ética e vida eterna. E os suicidas sobem nas janelas.

São Paulo é atraente. São Paulo é odiável. É ensolarada. É cinzenta. É redentora, no sonho dos excluídos de outras regiões do país. Mas é a ante-sala

do inferno para os que foram sugados para a periferia e o subterrâneo maldito desta cidade, onde o caos é a única ordem possível. São Paulo é sofisticada. São Paulo é pútrida. É dócil. É antropofágica. É lúdica. É sepulcral.

Vivem em São Paulo pessoas do Piauí e da Ucrânia. Do Mato Grosso e da China. De São Luiz e de Israel ou Palestina. Babel de povos. Crianças e velhos. Vigaristas e santos. São milhões de pessoas, prisioneiras do sistema capitalista, do sistema carcerário, dos falsos sistemas religiosos, prisioneiras da pornografia, da violência urbana, de si mesmos, das culturas doentes que exibem sujeiras morais no horário nobre da televisão, prisioneiras do mal, da estupidez e dos vícios. São milhões de pessoas, andando de um lado para o outro, carregando pensamentos sombrios, fúteis, inúteis e macabros.

São Paulo é uma cidade cheia de amor e ódio. Vazia de esperança, para tantos que navegam em uma existência insignificante. Desiludidos, amargurados e desempregados...

Hoje, o dia amanheceu sem sol e sem chuva. Janeiro. Século XXI. São Paulo.

Wilham acordou às seis da manhã. Quinze minutos depois já estava a caminho do centro da cidade, no metrô lotado. Pessoas falavam sem parar. Assuntos de novelas, futebol e religião. Uma velha tossia o tempo todo. Irritante. Um homem elegante olhava com desdém ao redor. Duas crianças choravam, uma com raiva e outra melancólica.

Passaram dez estações e o fato ocorreu. Um jovem de cabelo liso e pele morena aproximou-se de uma mulher ruiva e grávida. Inesperadamente, tirou de dentro de um casaco branco uma faca e cravou no pescoço da mulher, que emitia um grito áspero e comovente. Caiu sobre uma criança de seis ou sete anos de idade, com sangue jorrando no corpo. Três homens pularam sobre o agressor, iniciando um espancamento furioso. Mulheres choravam. A maioria, no entanto, só olhava, resignada. A grávida tremia e murmurava palavras de dor. Quando a porta abriu, chamaram um guarda. Prenderam o agressor, socorreram a mulher. Wilham encostou em um painel, desolado. Notou que havia sangue respingado na camisa cinza e na calça marrom. Sentiu uma tristeza profunda e vontade de chorar. Mas ia prosseguir. Naquele

dia tinha de encontrar um emprego.

Uma hora depois, subiu os degraus da estação do centro da cidade. Logo estava no meio de uma multidão agitada, andando em todas as direções, com todos os tipos de faces, apaixonadas, irritadas, deprimidas, assustadas, aflitas, desorientadas, pálidas, falantes, caladas, infelizes, encantadas...

Os prédios altos, frios, cinzentos, com janelas sem pessoas, porteiros mal-educados. Calçadas sujas. Carros, ônibus, motos e crianças deitadas, maltrapilhas, barulhentas e famintas.

Livrarias espíritas e evangélicas. Lojas de discos, tocando jazz, forró, samba e rock. Táxi vazio, a todo instante. Botequins com homens soturnos, tomando café. Bancas de jornal, com revistas anunciando fofocas. Lixeiras e muito lixo no chão.

O céu estava cinzento, mas não ameaçava chuva.

Wilham abriu sua pasta puída. Sentou em um banco, em uma rua estreita, em frente ao Banco do Brasil. Ao seu lado, um senhor de meia-idade, lendo um livro qualquer. Pegou um caderninho amassado e conferiu o endereço. Exatamente ali, na sobreloja, em cima do Banco. Encostou-se, cruzou os braços sobre a pasta e ficou olhando para o chão, vazio e sufocado.

Levantou os olhos só para olhar um homem magro, rindo sozinho, acompanhado de um cachorro vira-lata que latia e perseguia o pobre-coitado. O homem parou em frente ao banco. Exatamente em frente ao banco. E abriu a boca desdentada, falando de forma pausada, com o dedo indicador da mão direita apontada na direção dos olhos de Wilham.

— Eu sei. Sei seu nome. É Wilham Carlos. E o meu é Mefistófeles. Achou engraçado este nome? É meu nome. Escute, Wilham. Escute mesmo. Quando você morrer, lembre-se do meu nome. Qual é o meu nome? Meu nome é estranho. É Mefistófeles. Adeus, Wilham. Até que a morte nos encontre.

O homem se afastou, rindo, como um demente. E, atrás dele, o cachorro latindo, como outro demente. Wilham piscou os olhos, apenas. Olhou o relógio e tornou a abaixar a cabeça. Conjecturou que qualquer um em algum momento pode adivinhar alguma coisa.

Meia hora depois, um carro-forte dobrou a esquina e estacionou na frente do banco. Um segurança desceu, com cautela, olhando para os lados. Fez um sinal e dois outros seguranças desceram com malotes vazios. Entraram no banco. Minutos depois saíram, levando o dinheiro. O senhor de meia-idade, com rapidez e profissionalismo, sacou uma pistola e acertou dois seguranças na cabeça. Uma cena inacreditável e cinematográfica. Uma mulher esbelta, relativamente jovem, que caminhava com passos firmes, com sapatos altos e elegantes, sacou uma arma e acertou o terceiro segurança. O motorista, perplexo, arrancou com o carro. O casal assaltante pegou os malotes e correu para uma esquina. Um carro cantou pneu, dando marcha à ré. Freou. Eles entraram no carro que, em segundos, partiu em alta velocidade.

Wilham tinha se jogado no chão e rolou para debaixo de uma marquise de uma casa de massagem. Levantou-se, trêmulo, com o coração querendo sair pela boca. Pessoas foram chegando, olhando os cadáveres, xingando os bandidos, culpando a polícia e o governo.

— Esse país é uma bosta! — Extravasou uma velhinha de aparência nordestina.

Wilham aproveitou a confusão e desapareceu dali, sentindo-se péssimo e abalado. Entrou em uma lanchonete e pediu um copo de mate. Bebeu e reclamou baixinho que estava muito gelado. Pagou e saiu, pensando no que fazer.

Cortou umas três ruas pequenas, abarrotadas de transeuntes. Visualizou uma biblioteca municipal, cujo nome era Machado de Assis, o grande escritor brasileiro. Impulsivamente, caminhou em direção ao prédio de três andares, com uma bandeira do Brasil na janela do segundo andar. Quando se deu conta, estava dentro da biblioteca, sentado, lendo por ler um livro de poemas de Castro Alves. Achou os versos bonitos e comoventes, mas logo perdeu a paciência. Desculpou-se, agradeceu e saiu, aborrecido. Precisava de um emprego. Abriu a pasta, pegou o caderninho e leu outro endereço. Caminhou para lá.

Um ano antes, perdeu seu emprego de office-boy, depois de cinco anos. Foi demitido por ter participado de uma greve e discutido com o dono da empresa, usando termos de baixo calão. Justa causa.

Vivia em uma favela com barracos de tijolos, sem asfalto, com terrenos baldios cheios de mato, pouca iluminação, falta de saneamento básico e muita

bandidagem. Os traficantes são a lei. Julgam e matam.

Sua única alegria era o filho de dois anos, sempre sorridente. Sua mulher era apenas uma garota parcialmente aleijada, amarga e quieta. Cuidava bem da criança, mas era distante em tudo.

Só desejava um emprego, com um salário, por pequeno que fosse. Garantir o pão, o leite, o arroz, o feijão e as roupas. E talvez comprar uma geladeira usada. Só isto.

Quando pensava no futuro, se sentia prisioneiro do passado. Imaginava que o amanhã não seria assim tão diferente do dia anterior. É o destino. Sobreviver... Lágrimas brotaram nos olhos. Mordeu sem muita força a língua e puxou do bolso umas notas amassadas. Continuou andando, enquanto contava o dinheiro.

Uns trinta homens estavam na fila, diante de uma lanchonete de pequeno porte, que oferecia uma vaga para atendente. Ocupou o seu lugar, enquanto os dois homens da frente conversavam sobre futebol. Wilham suspirou, pessimista.

Um tempo depois começou o atendimento. Um a um, com pouca demora, os candidatos preencheram fichas e foram orientados a aguardar um telegrama ou telefonema convocando para o trabalho.

Em uma praça em frente à catedral católica, Wilham parou em um círculo, onde as pessoas ouviam um pregador apocalíptico proclamar uma mensagem de cunho moralista e escatológico.

— Ele, o Rei Jesus, virá, cercado de anjos. Trazendo julgamento contra os mentirosos, idólatras, adúlteros, feiticeiros, vigaristas, incrédulos e todos que não se arrependeram. Ele, o Rei Jesus, está voltando. Primeiro vai levar os seus fiéis para o céu, com milagre e através de um mistério. Milhões de pessoas vão desaparecer da Terra. E quem são essas pessoas que vão desaparecer? Quem crê no Evangelho e obedece ao Evangelho. E você? Já se arrependeu dos pecados? Aceitou a Cristo como Salvador? Deixe de ser pecador. Deixe o vício da maconha, do cigarro, da bebida. Deixe o comportamento sexual imoral. Deixe de consultar espíritos em terreiro de

macumba. Deixe o mal. Jesus quer te salvar...

Wilham deu as costas e procurou se afastar com rapidez. Tinha outros endereços para ver. Precisava de um emprego... Entretanto... um grito cavernoso atraiu os olhos em toda praça. Um homem jovem, com ar efeminado, que estava no círculo que ouvia o pregador, estava com o corpo encurvado e os braços esticados para trás, com as mãos em forma de garras. O efeminado murmurava uma frase, com os olhos fechados:

— Eu odeio a bíblia.

Quando o pregador chegou perto, o rapaz caiu no chão e começou a rolar da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. O pregador gritou de forma espantosa:

— Criatura das trevas, saia desse homem, em nome de Jesus Cristo, o filho do Deus Altíssimo...

O rapaz deu um berro e abriu os olhos, olhando ao redor, ressabiado. Alguém ajudou para que ele se levantasse. O pregador abraçou-o e começou a orar por sua vida. Alguns abaixaram a cabeça. Outros fizeram o sinal da cruz. Wilham deu as costas e procurou se afastar com mais rapidez.

Enquanto caminhava, um episódio lhe veio à cabeça. Três anos antes, em um motel sujo e barato. Beijava uma garota despudorada, quando ela mudou a voz, enroscada em seu corpo, e começou a falar do inferno e da condenação no Juízo Final. Desconcertado, tentou se desvencilhar, mas a força da mulher era inacreditável. Perdeu o desejo na mesma hora e começou a suar frio. Até que ela o soltou, dando gargalhadas deprimentes. Levantou-se de forma atabalhoada, vestiu a roupa e saiu do motel, pulando a janela do segundo andar. Ninguém viu. Foi para casa e não conseguiu dormir durante aquela noite. Agora lembrava dessa estória e ficou arrepiado. Acendeu um cigarro e fumou nervosamente...

O próximo endereço era um escritório de contabilidade, precisando de um boy para levar documentos aos clientes. Havia na salinha estreita quatro pessoas. Wilham, dois jovens e uma mulher de uns trinta anos de idade, vestida com um vestido justo, morena, de cabelos curtos e atraente. Durante os quarenta minutos de espera, seu olhar cruzou duas vezes com o olhar de Wilham.

O primeiro a ser atendido conseguiu o emprego. A secretária pediu

desculpas aos outros e fechou a porta. Na rua, Wilham puxou conversa com a mulher morena. Ofereceu um café e continuaram a conversar. Depois foram juntos em dois outros endereços, mas nada de concreto em relação a emprego.

Wilham sabia que poderia nunca mais vê-la. Resolveu ir direto ao assunto. Convidou-a para sair e aproveitar um pouco a vida. A mulher olhou bem fixamente para ele, com um sorriso de escárnio.

— Detesto canalhas como você.

Ela virou-se e atravessou a rua. Ele abaixou a cabeça, com vergonha. Foi andando em qualquer direção, sem pensar em nada.

Parou numa esquina e encostou na pilastra de um edifício com estilo clássico e pensou em uma canção dos Beatles... Contrariado, viu quando um garoto puxou a bolsa de uma senhora gorda e branca. Uma voz logo gritou "pega ladrão", enquanto o garoto corria, sem contar com o policial que saiu de uma loja de câmbio. Com um bofetão, o agente da lei jogou o garoto no chão. Então pulou sobre ele, aplicando uma torção de braço, imobilizando-o por completo. O garoto começou a chorar. Um executivo, irado, exclamou em bom som.

— Esse lixo, só matando.

O coração de Wilham bateu mais forte, indignado, olhando aquele adolescente negro, acuado como um inseto, humilhado, agredido. Um carro da polícia chegou e levaram o rapaz algemado, ainda chorando e pedindo desculpas. Um policial mais truculento aplicou-lhe um tapa na nuca. Alguns observadores aplaudiram. A mulher branca e gorda recebia palavras de consolo do policial herói.

Uma chuva inesperada caiu, sem que o céu tenha ficado escuro. Que chuva estranha. Fininha, mas consistente.

Wilham pegou um ônibus circular para ir ao outro lado da cidade. Pagou a passagem e sentou-se bem na frente, ao lado de um velho cego, com sua bengala torta e sebosa.

— Por favor, amigo, está chovendo?

— Sim, senhor.

— Há três coisas que amo na vida.

— Certo.

- A chuva, os perfumes e Jesus Cristo.
- Bacana.
- Você conhece Jesus Cristo?
- Claro. Ele foi um bom homem.
- Já se arrependeu de seus pecados?
- Como assim?
- Senão você vai para o inferno.
- Você é crente. Eu não.
- Jesus Cristo está voltando.
- Já ouvi falar.
- Então se arrependa de seus pecados.
- Com licença...

Wilham se levantou e ficou de pé, próximo ao motorista, disposto a fazer o resto da viagem naquela posição, longe do velho cego, mas ficou pensando no que ele falou.

Dez minutos depois saltou. Entrou em um botequim e fez um lanche barato. Um quibe e um copo de guaraná natural.

Desanimado, caminhou vagarosamente para a pracinha Shakespeare, ao lado da Faculdade de Filosofia. Nas escadarias da faculdade, os estudantes, com faixas de protestos, gritavam slogans antigovernamentais e pró-marxistas.

Wilham parou bem próximo e ficou olhando e ouvindo os discursos. Um estudante bem vestido denunciava a nova ordem internacional.

— Os capitalistas norte-americanos e europeus são responsáveis pela fome do mundo, pela miséria do terceiro mundo, pelas dívidas imorais que os países pobres não conseguem pagar. Você que está desempregado é vítima de uma coisa chamada globalização. Que privatiza as empresas do país para entregá-las, por baixo preço, aos países ricos. O Brasil é refém do capital das grandes multinacionais. Nossa pobreza é o resultado da riqueza dos poderosos. Precisamos voltar a pensar em revolução. Unir o povo e, através de greves, passeatas e protestos, afrontar esse governo e sua hipocrisia social. Os capitalistas deviam ser mortos. São bandidos da economia internacional...

A massa estudantil aplaudiu freneticamente, agitando bandeiras vermelhas

e negras. Wilham bocejou e saiu andando, mais uma vez.

O céu já estava bem escuro. Alguns relâmpagos anunciavam chuva pesada. Os camelôs já reclamavam por antecipação. Wilham parou de frente para uma barraquinha de brinquedos trazidos do Paraguai e comprou um carrinho de Fórmula Um. Dois reais. Embrulhou e guardou dentro da pasta.

Foi para uma das avenidas principais, escolheu um cinema e entrou para ver o filme. Naquela hora, a sessão custava a metade. Era uma estória romântica na África colonial, um cenário e fotografia magníficos. Muita violência nas cenas de luta entre os colonizadores e os colonizados. E em meio às batalhas, um amor dramático entre o soldado inglês e a revolucionária nativa. Wilham cochilou um pouco, mas viu o filme até o final. Quando a tela corria com o nome dos atores, técnicos e participantes, Wilham saiu, com dores na coluna e os olhos cansados.

Sentou num bar e pediu água. Com os braços cruzados, acompanhava os carros de luxo que passavam, sonhando ter um para viajar nas estradas do Brasil, em alta velocidade, olhando a paisagem e entrando nas cidades.

Entre um gole e outro, tentou pensar no futuro. Um lugar melhor para morar. A felicidade no amor. Um emprego seguro. Alguns amigos fiéis e um pouco de sossego na alma. Talvez conseguisse, quem sabe.

Uma pancada forte de chuva provocou correria e reclamações. Um carro derrapou e subiu a calçada atingindo um cachorro. Ninguém ligou. O motorista voltou bem depressa para a pista e seguiu seu caminho. Só uma velhinha com cara de marroquina balançou a cabeça em um protesto silencioso.

Wilham ficou com nojo em ver aquele bicho esticado, ensanguentado, na calçada. Pagou a bebida e deu a volta no teatro Bertold Brecht, indo em direção ao prédio da Bolsa de Valores, onde os orelhões estavam sempre bons...

Na frente do prédio, uma multidão, atenta e aflita, olhando para cima. Um suicida gritava e ameaçava pular de uma das janelas. Algumas pessoas faziam sinal para que ele desistisse da ideia tola. Outras permaneciam silenciosas. Nas outras janelas do prédio, palavras que insistiam e imploravam para que ele entrasse. No entanto, o rapaz mais e mais se agitava e gritava palavras desesperadas. Pediu desculpa à mãe várias vezes.

O Corpo de Bombeiros armou duas redes na direção da janela. Dois policiais civis foram para as janelas vizinhas tentar qualquer coisa. Mas tudo foi em vão... O rapaz, inesperadamente, depois de dar sinal de estar mais calmo, se atirou, caindo sobre um carro estacionado ao lado das redes. Seu corpo afundou o teto do carro e o sangue jorrou em várias direções. Foi muito triste a cena. Wilham pediu misericórdia a Deus...

Debaixo de uma árvore, em frente ao viaduto Santo Agostinho, Wilham ficou olhando aquela população asquerosa, circulando em torno de duas vilas de casas velhas, de péssimo aspecto. Eram mulheres e adolescentes com roupas coladas e quase transparentes, mendigos embriagados, velhos com ar de maníacos, viciados em drogas, grávidas de todas as idades, crianças sujas com palavreado podre, moleques gingando como malandros, fumando e falando gírias... olhar aquela gente era uma forma de sentir-se melhor, pensou. Ou pior, ponderou.

Uma garota de mais ou menos quinze anos veio em direção ao banco, debaixo da árvore. Seu cabelo encaracolado e preto lhe dava um charme. O rosto fininho, com curvas delicadas. A pele morena, como uma índia. A saia curta era um convite ao impulso sexual masculino. Usava uns óculos esverdeados. Parou, sorriu e sentou, bem próxima. Wilham sorriu, sem graça.

— Oi, cara.

— Oi...

— Qual seu nome?

— Meu nome?

— É. Qual seu nome?

— Wilham.

— O meu é Stella.

— Stella?

— É, Stella. Gostou?

— Bonito.

— Seu nome também é bonito.

— Obrigado.

— Você tá a fim de um programa?

— Acho que não.

- Acha?
- É, acho que não.
- Bom, faço qualquer serviço e o preço é bom.
- Não, não quero.
- Gostei de você, sabia?
- É?
- É, gostei. Se você quiser, não cobro nada.
- Não, não.
- Você é gay?
- Não, sou homem.
- É crente?
- Não, sou católico.
- É impotente então...
- Não.
- Tem medo de doença? Não tenho AIDS.
- Não é nada disso.
- Quer ver melhor?

A menina puxou um pouco a saia para cima, mostrando mais as suas pernas, com pelos amarelos. Wilham ficou de pé, assustado.

- Stella, boa tarde.
- Fica comigo um pouco, por favor.
- Tchau...
- Ah, então vai pro inferno, cara. Pro inferno...

Wilham apertou os passos, enquanto a menina xingava e cuspia na direção dele. Pobre criatura. É deprimente uma vida assim.

A pancada de chuva havia cessado. Entretanto, o céu estava tenebrosamente negro. Embora ainda fosse por volta de duas da tarde, as luzes foram acesas, porque estava tudo muito escuro. Parecia um cenário de ficção científica.

Uma blitz policial encostou no muro de uma fábrica abandonada vários homens, revistando e pedindo documentos, sem violência e também sem compostura. Wilham foi parado quando já ia se afastando. Encostado na

parede, foi apalpado de forma constrangedora, depois apresentou duas carteiras, de identidade e profissional. Finalmente foi liberado, abaixou a cabeça e prosseguiu.

Inconscientemente, falou um palavrão, em tom alto. De imediato, o policial veio por trás e lhe deu um empurrão. Wilham cambaleou, virou-se e ofendeu com raiva seu agressor. Dois policiais partiram para cima dele, torceram seu braço e o jogaram dentro da viatura, junto com sua pasta. Bateram a porta e voltaram para o serviço.

Dentro da viatura, Wilham sentiu crescer sua humilhação. Imaginou que era melhor ter ficado com a menina, abusado um pouco daquele corpo público. Afinal, todo mundo erra, todo mundo é pecador.

Pensou na mulher e no filho. Sentiu vontade de chorar, mas controlou a emoção. Encostou-se à lataria, esticou as pernas e ficou revisando, na mente, os fatos do dia. Que dia desastrado!

Por fim, o motor foi ligado e o carro partiu, parando não muito depois. Abriram a parte de trás e tiraram Wilham lá de dentro. Olhou e viu que estavam em frente à delegacia, no centro da cidade. Suspirou e procurou não pensar.

Uma hora depois, insultado, agredido com uns tapas e obrigado a pedir desculpas, Wilham foi liberado. Pegou um ônibus e voltou para o outro lado, com a intenção de pegar o metrô e voltar para casa.

Três horas e quarenta minutos. O céu escuro, alguns relâmpagos. Um vento forte começou a soprar, levantando papéis e poeira. Pingos fortes. Pessoas correram, Wilham também. Uma criança de uns quatro anos, na sua frente, tropeçou e caiu. Wilham tropeçou nela e também caiu. Levantou-se rapidamente, virou-se e estendeu as mãos para erguer a criança, com a ajuda da mãe. Aí o inesperado ocorreu. A criança desapareceu, diante da mãe e dele. O vento ficou mais intenso e só cessaria cinco minutos depois.

A mulher balançou a cabeça, como se fosse enlouquecer. Levou as duas mãos à boca e caiu desmaiada. Wilham ficou parado olhando as roupas da criança no chão, mas o corpo tinha desaparecido. Percebeu que muita gente

gritava. Barulho de carros que bateram. As ruas foram enchendo de pessoas que pararam de trabalhar e olhavam umas para as outras, com os olhos esbugalhados. Havia quem estava chorando, quem falava palavras desconexas, quem gritava nomes e quem perguntava a mesma coisa a todo mundo: O que aconteceu? Ouviu-se sirene de polícia, quase imediatamente. Wilham permaneceu ali, em pé, olhando a roupa do menino. Os bancos ficaram vazios, os bares, as lojas, os ônibus... Todos se aglomeravam, com medo e boquiabertos. O que aconteceu? Alguém começou a falar aos berros que os extraterrestres haviam sequestrado pessoas com poderosa tecnologia alienígena. Outro indivíduo repetia melancolicamente: É Jesus e o Apocalipse. É Jesus e o Apocalipse...

Wilham piscava os olhos freneticamente, sentindo náuseas e os nervos abalados. Começou a chorar em voz alta, sem se importar com as pessoas ao redor. Os mais equilibrados pediam calma a todos. A esta altura, pessoas passavam mal e contavam histórias absurdas e iguais: alguém desapareceu do nada. O corpo sumiu e as roupas e objetos ficaram.

Num certo momento, uma mulher apontou para o céu e gritou de forma histérica. Algumas fagulhas cor de fogo cruzaram o céu sobre os edifícios. O pânico tomou conta da multidão. Todos correram em várias direções, invadindo prédios e qualquer porta que estivesse aberta. Vidros foram quebrados e pessoas pisoteadas. Wilham foi empurrado pela multidão e caiu sobre vários corpos dentro de uma vitrine de roupas masculinas. Com muito esforço, conseguiu sair daquele meio e voltou para a rua, olhando para o céu, com a respiração ofegante e trêmulo, balbuciando o nome de Jesus Cristo.

O caos aumentou de intensidade. Vândalos iniciaram arrastão e saques de lojas. Tiros e agressões físicas. Todos tentavam telefonar, em celulares e orelhões, aflitos e desorientados. Não havia crianças, todas desapareceram, inclusive bebês. Mulheres grávidas estavam descontroladas ou prostradas como mortas, porque sentiram que os fetos sumiram de seus organismos. Parecia um estado de loucura coletiva. Policiais chegaram e agiram com rigor para impor ordem e calma. Usavam megafones e gritavam com as pessoas, pedindo que voltassem para suas repartições e locais de trabalho, mas poucos obedeciam.

Uma equipe da TV América Livre chegou ao local. Os repórteres saltaram assustados, como todo mundo. Ligaram a câmera e foram fazer a reportagem,

filmando gente chorando, policiais tensos, mulheres desmaiadas, alguns que gritavam disparates religiosos e políticos, outros encolhidos em cantos como se fossem animais acuados.

A jornalista, pálida e séria ao extremo, tentava colher informações com algumas pessoas que pareciam um pouco normais, no meio daquele hospício. Chegou perto de Wilham e perguntou.

— O que houve aqui, senhor?

— Alguns adultos e todas as crianças sumiram.

— Sumiram?

— No ar. Sem deixar vestígio.

— Não é possível uma coisa dessas.

— Também acho, mas foi o que ocorreu.

— O senhor confirma o que disse?

— Confirmo. Um menino desapareceu na minha frente. Assim, sem mais nem menos. Lá se foi.

— Pra onde?

— Só Deus sabe, senhora. Só Deus.

A jornalista agradeceu e foi ao encontro de outros cidadãos apavorados. Todavia, o discurso não mudava. Cada um falava que alguém desapareceu de forma louca.

Logo, logo o presidente da República apareceria em rede de TV e rádio, conclamando a nação a aguardar, ordeiramente e sem temor, as explicações cabíveis para o estranho fato que se repetiu em todos os continentes e países.

Wilham conseguiu uma carona em direção a sua casa, na carroceria de um caminhão lotado de homens e mulheres que, cabisbaixos, não falavam nada. Vez por outra, chovia um pouco e um vento frio incomodava alguns. No céu, nenhuma estrela. Só um abismo de trevas sobre São Paulo, a cidade que neste dia parou.

Um homem cheio de rugas reclamou quando o caminhão passou por um buraco mais fundo, apertando a coluna com uma das mãos. Wilham olhou para ele com o rosto fechado e perguntou ressentido se havia esperança de encontrar seu filho de dois anos. Um menino chamado Wilham Jr. O homem virou o rosto, sem responder nada, encolhendo-se no seu canto.

Um radinho de pilha chiando transmitia um programa de debate, ouvindo jornalistas, padres, pastores e gente da rua. Foi interessante quando o mediador do debate informou que sobre os desaparecidos era possível dizer que não havia registro de crianças que não tinham ido e que os adultos eram homens e mulheres, na maioria, que acreditavam na Bíblia e na volta de Jesus.

Wilham ficou de pé no caminhão em movimento e falou em tom de voz normal:

— Acho que amanhã vamos acordar e ter absoluta certeza de que tudo isto foi apenas um pesadelo.

Voltou a sentar e ninguém falou mais qualquer palavra, até o ponto geográfico de seus destinos. Quando desciam do veículo recitavam uma palavra sem sentido: felicidades.

No outro dia, a manchete do jornal "Voz de São Paulo" dizia: SÃO PAULO PAROU. O mundo parou... Na reportagem que dominou quase todas as folhas da edição, fotos, depoimentos e análises religiosas e científicas, de vários lugares do mundo. Onde o evento aconteceu, gerou suicídios, ondas de crime, desastres de trem, carros e aviões. Declarações estapafúrdias de autoridades governamentais, exploração religiosa de fanáticos da ufologia, brigas nas ruas e atos de loucura. Um escritor britânico disse o óbvio, mas com enorme sensatez: o mundo jamais será o mesmo.

Wilham acordou às dez horas da manhã. Conduziu sua mulher para um hospício gerenciado pelo poder público, em parceria com a pastoral católica de saúde mental. Deixou-a sentada, conversando com um psiquiatra. Não falava mais coisa com coisa. Olhou para ela, já distante, uma última vez. Sentiu pena e remorso.

Na estrada de chão de terra, fez sinal para o ônibus. Sentou-se no banco próximo ao motorista, encostou a cabeça no vidro da janela e deixou lágrimas

rolarem na face, olhando as montanhas que ficavam para trás... Deus tenha misericórdia de nós.

O dia do juízo

N

a cela escura, a alma atormentada de Adolf Hess balbuciava um asqueroso discurso nazista, pronunciado por ele mesmo, em uma mansão na orgulhosa cidade de Berlim...

Presentes, alguns medalhões do partido nazista, sacerdotes católicos e luteranos, banqueiros podres de rico, jornalistas simpatizantes do movimento de extrema direita alemão, mulheres elegantes, jovens fanáticos por Hitler e uma adolescente de aparência nórdica, com seus olhos azuis e cabelos dourados. Hess se apaixonou. Deu dinheiro e prestígio para ter aquela menina, que era uma exuberante expressão de sedução. O pai, um indivíduo do ramo de armas, inescrupuloso e satanista, pouco se importou quando soube da morte da filha, um ano depois, estuprada e enforcada por outro lixo nazista sórdido...

No discurso, histeria antissemita, pró-germânica e delírio de grandeza. Cortado por aplausos efusivos e expressões de apoio à Nova Ordem Nacional. Hess limpava o rosto com um lenço de seda azul claro. Sorria com um ar cínico e prepotente. Erguia a voz para enfatizar tolices do programa partidário e sussurrava, apelando todo apoio à causa da Pátria. Alemanha acima de tudo.

— Vamos construir um império Mundial e dominaremos toda a Europa. País após país vai sucumbir diante de nossa poderosa máquina de guerra. Nossos tanques, aviões e submarinos farão de nós, alemães, senhores do continente e, mais tarde, dos continentes. A porca América, a sub-humana África e a torpe Ásia, tudo será nosso.

Erradicaremos do mundo a maldição bolchevique, a imbecil democracia liberal, toda arte degenerada — como a música pop inglesa —, o decadente cinema americano, as vanguardas surrealistas europeias, as filosofias que exaltam as fraquezas humanas e essa ridícula ideia de pecado. Apagaremos

dos livros escolares qualquer vestígio de intelectualidade marxista, sionista e cristã fundamentalista. Faremos do capitalismo um sistema de progresso material contínuo de nossa nação e dos povos submissos ao reino alemão.

Senhores, senhoras, nós somos a vanguarda de uma nova era, onde triunfará a tecnologia mais avançada, as leis de purificação da raça humana, a arte superior europeia, a ordem como valor supremo e tudo que os fracos impedem.

Evidentemente que não faremos isto sem a guerra, o uso da força. Porque temos inimigos, até dentro da Alemanha. Mas a decisão já foi tomada: morte aos inimigos da nova ordem, do nazismo, da Alemanha... Viva Hitler.

A noite terminou com farto consumo de whisky legítimo da Escócia e porção de comidas exóticas. Hess abandonou o local, já parcialmente embriagado, acompanhado do industrial e sua filha adolescente.

Tudo era horrível naquele lugar. Os gritos lancinantes de pura angústia e desespero. Um odor de algo permanentemente putrefato. Ruídos de correntes arrastadas. E os estranhos vermes circulando nas paredes úmidas da cela. Eram como aranhas, gafanhotos, baratas e moscas. Porém, muito mais estranhos e ameaçadores. Hess às vezes chorava, às vezes gritava e às vezes ficava encolhido, refugiado em pensamentos de medo. Um medo crescente, que alucinava.

Chovia torrencialmente na cidade de Dresden. Hess olhou sua mãe, magra, com um olhar suplicante, trêmula, no fim de sua existência monótona.

Aproximou-se, constrangido, no quarto elegante, perfumado, segurando um charuto apagado, com os olhos piscando por causa da tensão. Aquela mulher, destruída pelo tempo, o amou e fez tudo por ele.

Quando a distinta senhora abriu a boca, sua voz saiu tão frágil que foi necessário debruçar o corpo sobre ela para ouvi-la.

— Adolf, você acredita no inferno?

Ele franziu a testa e tossiu de forma discreta.

— Não, mamãe. Perdi minha fé, para sempre, quando meu pai foi assassinado pela amante.

— Adolf, Jesus Cristo morreu por você no Calvário.

Ele olhou pela janela, fixando os olhos na torre da catedral luterana, onde ouvira sermões longos e lógicos sobre doutrinas protestantes.

— Respeito sua fé, mamãe.

— Adolf.

— Sim.

— Segure minha mão.

Ele concordou contrariado, embora comovido com a situação daquela mulher que fora tão linda e cheia de juventude.

— Pronto, mamãe.

— Eu vou orar, pela última vez, junto com você...

Enquanto, com dificuldade, dirigia-se a Deus, a velha senhora interrompia o fluxo vagaroso das palavras para chorar. Hess tentava desviar o pensamento. Sentiu as mãos frias e um nó forte na garganta. O tempo quase ficou imóvel e a oração sem fim. Até que se ouviu a palavra amém. Soltou com sutileza a mão de sua mãe e recuou lentamente. Sentou-se aos seus pés na cama e tirou do bolso um papel dobrado, com assuntos importantes anotados, que ficou lendo e relendo, enquanto ela adormecia.

Meia hora depois, saiu da casa. Entrou no carro oficial e foi para um bar, onde outros oficiais bebiam e glorificavam a Nova Alemanha. Hess nunca mais viu sua mãe. No dia do enterro, estava em Moscou, com Molotov, assinando um pacto de não agressão entre comunistas e nazistas.

Na primeira vez que entrou em um campo de concentração, na Polônia, foi tomado por uma excitação de triunfo, porque entendeu que aquela cena era na verdade uma inequívoca manifestação do poder alemão de arrasar seus inimigos. Vistoriou os alojamentos, gritou com soldados, debochou de prisioneiros e fumou alguns charutos, enquanto dava ordens e telefonava para

seus amigos canalhas.

Todos os dias o hino alemão era tocado de manhã, à tarde e à noite. Os soldados ouviam discursos nacionalistas. Judeus eram mortos, mutilados e feridos. Um médico sem ética realizava experiências bestiais com mulheres prisioneiras. As que sobreviviam tentavam o suicídio. Hess contemplava tudo sem a menor emoção. Odiava irracionalmente os judeus.

Um dia, durante um ritual de humilhação, um velho rabino, com sua magreza comovente, reagiu. Começou a entoar um hino de adoração, repetindo a palavra sagrada: Adonai. Um soldado aproximou-se e deu-lhe um soco na face esquerda. O velho caiu e permaneceu um tempo tentando erguer-se. Por fim, se pôs de joelhos. Uniu as mãos no peito e prosseguiu a entoar a melancólica e linda canção. Hess decidiu que era hora de fazer o que nunca fizera. Sacou sua pistola prateada, chegou perto do homem, deu uma gargalhada sarcástica e apertou o gatilho contra a cabeça do indefeso. O corpo projetou-se para trás, com o sangue jorrando. Uma poça sinistra ao lado do rosto. Várias mulheres desmaiaram, alguns homens judeus, impotentes, cobriam os rostos com as mãos. Hess mandou tirar o corpo e fez um discurso sobre disciplina e obediência. Depois foi para a sua sala, com a imagem da bondade da mãe confrontando na mente com a maldade do seu ato. Acendeu um charuto e ligou a vitrola para ouvir Wagner, o músico admirado pelos oficiais do Reich.

A alma de Hess se assustava quando ouvia o ruflar das asas dos grandes morcegos com caras humanas. Seus olhos malignos e avermelhados. Eram escamosos, emitindo sons como se fosse uma linguagem entre eles. Uma cena dantesca. Eles vinham de tempos em tempos, como se fossem vigias, olhavam e, sem muita demora, iam embora. Então vozes humanas, com certeza, homens e mulheres, gritavam também, impactadas. Hess às vezes ficava falando como louco uma única palavra: inferno, inferno, inferno, inferno...

A polícia secreta começou a investigar as lideranças cristãs não colaboracionistas. Principalmente os teólogos ligados ao movimento protestante dissidente, chamado Igreja confessante.

Hess tinha retornado a Berlim e apoiou totalmente a perseguição aos cristãos antinazistas. Seu ódio aumentou quando leu um livreto do teólogo esquerdista Karl Barth, intitulado "A verdade do evangelho e a política", onde o senhorio de Cristo é apresentado como a única opção incondicional para o cristão. Qualquer outra alternativa era usurpar de Cristo, o homem Deus, a honra que é exclusiva Dele. Nenhum político tem o direito de se colocar em uma condição de singularidade. Sem citar o nazismo, Barth criticou duramente a Nova ordem.

Antes de fugir da Alemanha, Barth concedeu uma entrevista bombástica à Rádio Europa Unida:

— Sr. Barth, qual sua opinião sobre o nazismo?

— Pois não... Um regime do mal. Sem ética, totalitário e obsessivamente estúpido. É a pior negação que a Alemanha produziu, em sua cultura, do cristianismo. Toda nossa herança cristã, que é nobre e digna, é jogada no lixo por este regime assassino e maligno.

— O senhor prefere o comunismo?

— A democracia, ou seja, o direito de criticar o que é errado e pensar nas alternativas de pensamentos divergentes ao pensamento dominante.

— A democracia americana, por exemplo, o senhor a admira?

— É melhor do que o nazismo, eticamente falando.

— O senhor é suíço?

— Sou suíço.

— O que faz na Alemanha?

— Sou professor convidado de teologia sistemática na universidade Luterana de Berlim. E amo a Alemanha, seu povo e sua cultura.

— Para que serve a Teologia, senhor Barth? Para encher as pessoas de dogmas religiosos?

— Serve para tocar a imanência humana com a transcendência divina. Desse encontro, nasce um ser humano mais humano, humilde, compreensivo, capaz de bondade, perdão e generosidade.

— Sua opinião sobre os judeus.

— São seres humanos, lindos seres humanos. Um povo que nos legou a Bíblia. Só por isso deveríamos amá—los, com profundo vigor.

— Que futuro o senhor imagina para a Europa?

— Sombrio, se as ideologias totalitárias triunfarem. Mas a esperança é para mim uma obrigação cristã. Creio que os homens de bem farão diferença na Europa, agora e no futuro, lutando pela paz, pela democracia e pelo fim do ódio racial.

— Uma palavra final, senhor Barth.

— Cidadãos alemães, Deus é soberano na história e um dia haverá um juízo. Qual a minha escolha? Qual a sua escolha? Absolvição ou condenação? Ser condenado nesta vida é passageiro, mas ser condenado por Deus é uma questão de eternidade. Pensem nisso...

Hess desligou o rádio e acelerou o carro, blasfemando contra judeus e cristãos ortodoxos. Parou em uma esquina e ficou olhando estudantes que saíam de um educandário católico. Garotas jovens, belas e formosas. Mordeu os lábios, cheio de desejos perversos, lembrando das mulheres polonesas e judias que violentou no campo de concentração. A dor e a vergonha delas eram o prazer incontável e doentio do oficial nazista.

A alma de Hess sofria afundada em um abismo inexplicável. E ao redor, trevas e ranger de dentes.

Em uma noite fria de dezembro, no segundo andar de uma cervejaria aristocrática, Hess, cinco oficiais e o embaixador da Rússia discutiam o futuro da Europa e a questão do poder econômico e político dos Estados Unidos.

Uma garçonne de origem norueguesa, simpatizante da oposição anarquista ao nazismo, colocou o artefato explosivo no banheiro do andar de baixo, pulou uma pequena janela em direção ao beco de outro prédio e fugiu. Em cinco minutos haveria a explosão.

Hess pediu licença e desceu para fumar um pouco. Com o charuto aceso, desceu lentamente a escada até o outro andar. Entrou no salão com pouca pressa e foi até o balcão. Pediu uma cerveja. Pegou a caneca e dirigiu-se para a porta. Ganhou a calçada e respirou o ar frio. Olhou ao redor e imaginou como a Alemanha seria grandiosa em seu futuro, dominando todos os povos e impondo uma ordem única. Nada seria capaz de destruir este ideal.

Passado um tempo, resolveu voltar. Caminhou em direção à porta de acesso ao salão. Quando abriu, ocorreu a explosão violenta, assustadora. Hess foi arremessado para a calçada, desacordado e ensanguentado. Quando recuperou a consciência, estava em uma enfermaria, com o rosto enfaixado. Cego de uma vista, atingida por estilhaços. Ao saber da notícia, fez crescer seu ódio por judeus, comunistas, anarquistas e cristãos que pregavam amor e perdão aos inimigos. Mas, sobretudo, um ódio visceral por Deus.

Por causa da deficiência, Hess foi trabalhar na burocracia do partido. Ficou amargo. Seu consolo eram bebidas, as vitórias do exército alemão e a prostituição. Evitava contato com seus amigos e isolou-se em um pequeno apartamento nos arredores de Munique, onde passava as noites, olhando as calçadas cheias de bares e transeuntes ou lendo revistas com assuntos de guerra.

Um fato veio trazer mais transtorno à sua vida. Havia descoberto o sentido do amor, ao conhecer uma irlandesa que escrevia para uma revista conservadora, com circulação nos países de fala inglesa. Loucamente apaixonado, trouxe-a para seu apartamento, até que um dia chegou e encontrou a mulher assassinada. Um comunicado do serviço secreto notificou que era uma espiã do serviço secreto britânico. Hess ficou chocado e passou a ter medo de que algum figurão do partido desconfiasse dele. Os dias e meses seguintes foram insuportáveis e totalmente fúteis.

Será que um dia tudo teria fim? Será que uma vez mais veria a luz do sol, um jardim de flores delicadas, crianças correndo atrás de pássaros coloridos? Será, talvez, que aquilo era eterno? Alguém pode ser punido para sempre? A alma olhou para o teto daquela cela oval e viu um inseto que estava movendo-se em sua direção. Apenas gritou, impotente e desesperado...

Um ano após a morte da espiã irlandesa, o serviço secreto alemão concluiu uma minuciosa investigação, culpabilizando vários oficiais, acusados de sabotar ordens e alta traição. Entre eles, Hess.

Todos foram levados para um prédio do governo, com salas subterrâneas, vigiadas e pouco iluminadas, em um quartirão isolado, totalmente controlado por militares e militantes de alto nível do partido.

Cercado por soldados e um oficial, dentro de uma sala com pouco espaço, Hess foi interrogado, enquanto permanecia com os olhos vendados.

— Capitão Hess, quem é Ludwvik Gregory?

— Não sei, senhor.

— Tem certeza?

— Tenho, senhor.

— Este homem ligou de Londres para seu apartamento e falou com a irlandesa sobre o plano Londres-Berlim. O que é este plano?

— Não tenho ideia, senhor.

— Foi encontrado em seu apartamento um dossiê com o nome de dezenas de oficiais alemães e indicações de localização de bases secretas do governo dentro da Alemanha. Não sabe nada também?

— Gostaria de saber, mas não sei, senhor.

— Sua situação é complicada, capitão. Sabe disso?

— Sei, senhor.

— Um tiro na sua cabeça seria um ato legítimo de defesa dos interesses da pátria, pois não sabemos se você é um mentiroso ou inocente.

— Prestei serviços à pátria alemã, senhor.

— Outros traidores também.

— Não sou traidor, senhor. Amo a Alemanha e amo o partido.

— Alguma outra coisa a dizer, capitão Hess?

— Não, senhor.

— Levem-no, soldados. Execução.

O coração de Hess disparou, mas tentou não se mostrar covarde. Sem oferecer resistência, foi conduzido para o pátio e colocado dentro do carro, que circulou durante um bom tempo, sem que nenhuma voz fosse pronunciada.

Inesperadamente, uma luminosidade, ou melhor, várias luminosidades invadiram a cela, como raios de cores azuladas. Ruídos de vozes, correntes, gritos e suspiros se fizeram ouvir. Era como um vislumbre abstrato de esperança. A alma de Hess agitou-se, olhando os raios de luz. Sombras, insetos, morcegos e seres passavam, enlouquecidos, de um lado para o outro, em frente às celas. Hess gritou por socorro como um bebê, crescido, mas tolo e perdido. Imaginou que poderia sair daquele lugar. A luz tornou-se mais forte, mais forte, mais forte... Ocupando e ofuscando tudo naquele lugar. As trevas desapareceram.

A freada brusca indicou o fim da linha. Capitão Hess foi retirado à força, com truculência, de dentro do carro. Tiraram-lhe a venda dos olhos.

Ele se esforçou para enxergar, porém estava escuro. Era um lugar deserto, próximo de uma estrada, onde um poste iluminava fracamente o local. Homens uniformizados cercavam Hess. Eram, ao todo, seis homens e dois carros oficiais. Então teve início o último instante de vida do desgraçado oficial nazista.

— Olhem só, rapazes. Adoro quando um peixe grande cai na rede. Um oficial orgulhoso, reduzido à condição de um detrito. Traidor da pátria. Mostrem a ele o que merecem os cães...

Os homens se aproximaram e algemaram o capitão, depois cuspiram em seu rosto.

— Você é um lixo, capitão Adolf Hess. Acabou sua glória, sua superioridade, seu direito de dar ordem, sua vida de prazeres... Tudo acabou, capitão. Não tem mais doses de conhaque, mulheres lindas para abusar, idiotas milionários para ouvirem discursos, soldados tremendo de medo e batendo continência, mesa com papéis importantes para assinar, presentes no aniversário, dinheiro de suborno, apartamento confortável para passar as noites, carteira cheia de dinheiro... É, mais nada, capitão. Vergonha da Alemanha. Rato miserável. Você enoja a todos nós... Tirem a roupa dele...

Os homens se aproximaram e rasgaram, com facas, a roupa do capitão.

— Mais rápido... Mais rápido. Tirem, tirem...

No processo, várias partes do corpo dele foram cortadas pelas lâminas das facas.

— Nem a roupa do exército alemão você tem direito de usar... À sepultura... Vamos...

Os homens arrastaram Hess pelas pernas, acompanhados do sargento que dava as ordens, até um local onde estava o buraco devidamente cavado.

— Joguem esse canalha dentro do seu destino.

Os homens lançaram o corpo de Hess na cova. E, pela primeira vez, o capitão gritou, dominado por um absoluto pavor. Não pediu socorro, não insultou a ninguém, não implorou por perdão. Gritou apenas uma palavra que veio como uma explosão de sentimentos em sua mente diabólica.

— Mãe...

Assim que atingiu o chão enlameado, as pistolas foram sacadas e dezenas de tiros fizeram buracos em todas as partes do corpo, até o sargento fazer um sinal, erguendo a mão esquerda espalmada. Com lanternas potentes, examinaram o cadáver, então dois soldados jogaram terra, fechando o buraco.

— Vamos embora, leais soldados da pátria alemã.

A luz tomou conta daquele lugar sinistro, onde a dor era contínua e indesejável. Alguém de dócil aparência, como se fosse um anjo, parou na porta da cela, a abriu e conduziu a alma de Hess para fora. Percorreram corredores, como em uma penitenciária, onde outras almas, com outros anjos,

eram levadas para fora.

Subitamente, surgiu um outro lugar, uma espécie de planície imensa, repleta de almas e de anjos. As almas eram sombras agitadas, formando silhuetas humanas, e os anjos eram seres alados, com forte luz, aparência solene e grave.

Hess ergueu seu olhar, atraído por uma luz ainda mais forte. Um ponto bem distante. Não sabia o que pensar. Tornou a abaixar a cabeça. Então, uma voz poderosa, que ressoava por todo o ser, se fez ouvir, vinda do ponto de luz mais forte. Todos pararam de movimentar-se, olhando fixos na mesma direção. O ponto de luz foi crescendo até que se tornasse bem nítido que era um trono imenso e dourado, tendo sobre ele, assentada, uma figura de característica humana.

— Os profetas do Antigo Testamento, os apóstolos do Novo Testamento e os pregadores de todas as eras anunciaram este dia. O grande e terrível dia do Senhor, o dia em que tudo o que ficou oculto será revelado, o dia do Todo-Poderoso, da investigação sagrada e solene dos caminhos dos homens, o dia do juízo, o juízo final...

Relâmpagos espantosos e avermelhados apareceram sobre as cabeças das almas e dos anjos, atravessando o que parecia ser um teto imenso, pintado de cinza brilhante. As almas gritaram alucinadas, clamando misericórdia e perdão, como se estivessem sendo rendidas pela tropa inimiga. Os relâmpagos pareciam que não cessariam. Até uma trombeta tocar, altissonante. Os relâmpagos então cessaram. As almas, atormentadas, aguardavam silenciosas. O personagem do trono voltou a falar e foram trazidos livros, por anjos que voavam atravessando o céu cinza brilhante. O julgamento teve início com suas acusações irrefutáveis, e o veredicto era aplicado. Abria-se então, após a palavra de juízo, um buraco sob os pés da alma condenada e esta era sugada para o mais profundo subterrâneo...

"Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles". Apocalipse, capítulo 20

Execrabilis

I - No bar

A

s chuvas são belas. Quanto mais torrencial, mais bela. Com seus relâmpagos iluminando nuvens cinzentas e barrocas, e os trovões como sonoplastia de um filme épico. Apesar de às vezes destruir, chuvas torrenciais são poéticas. Bem poéticas.

Chovia torrencialmente.

Dentro do bar, o africano vindo da Nigéria ajeitava copos, garrafas e outros objetos no balcão comprido de madeira. Dois casais de nativos conversavam em total monotonia, mesclando português precário com dialeto indígena. Bonito, mas irritante.

A água da chuva formou um lamaçal na rua pobre, com poucas casas, humildes e feias.

E aquele tango triste sussurrava lembranças de amores que o tempo destruiu. A voz rouca do argentino e o chiado da estação do rádio atrapalhavam bastante. Mas era um tango tão visceral quanto as tempestades.

Lá fora, uma velha carregava um menino enrolado em um manto colorido. Encharcada, ela se esforçava para andar mais rápido. Não conseguia. Parava. E, cansada, suspirava. Depois prosseguia.

Chovia. Frederico pensava...

Sete anos naquele lugar. Para trás ficaram um casamento estúpido com uma mulher vigarista, um filho enterrado aos quinze anos de idade, vítima de morte súbita, inexplicável, e um livro de ficção científica que vendeu seiscentos exemplares.

Outro tango lento e belo. Pediu outra dose de vinho rascante, bebeu e fechou os olhos por causa de um relâmpago forte. Parou o tango. Acabou a luz.

O africano já estava prevenido. Acendeu velas e sentou-se atrás do balcão, fumando o charuto fabricado em Cuba.

Frederico pegou um cigarro e levou aos lábios. Riscou o fósforo, acendeu e cantarolou baixinho o tango. Vivia em um estado intermediário entre a felicidade e a infelicidade. A vida é assim...

A porta do bar rangeu. Um barulho incômodo, no meio daquele silêncio de convento. Uma sombra projetou-se, tortuosa, por causa da luz das velas. O indivíduo entrou, bem alto, magro. Caminhou sem embaraço e sentou-se atrás da mesa de Frederico, silencioso. Aguardou a aproximação do africano, que depois voltou trazendo um copo e uma garrafa qualquer.

Minutos depois, um sinal sonoro ecoou no recinto. Era um aparelho que estava com o cara que chegou. Ele atendeu quase de imediato, falando uma linguagem obscura, acelerada, sem alteração no ritmo e intensidade na voz.

O rádio voltou a funcionar e a luz acendeu lentamente. Que interessante, o contraste entre a luz e as trevas.

Lá fora ainda chovia. Menos, é verdade. Relâmpagos cada vez mais distantes e trovoadas suaves. Só um vento gelado uivava como um lobo.

Frederico levantou-se com preguiça, esticando braços, pernas e olhos. Foi ao balcão e pagou as bebidas e o queijo. Deixou o troco, como sempre fazia. Antes de sair, apalpou o bolso da calça e olhou para a mesa de trás, já bem iluminada. O visitante era um estranho. Realmente alto, de fato magro, pele bem branca, olhos claros e cabelos curtos dourados. Estava cabisbaixo, com uma jaqueta lisa, de tom cinza. No braço direito da jaqueta, uma visível mancha vermelha.

Depois que saiu, Frederico falou consigo mesmo do olhar com marca de maldade da parte do estranho, que viu por segundos. Tornou a apalpar os bolsos e acendeu outro cigarro. Tirou o gravador, que esqueceu ligado. Desligou, com um sorriso contrariado. Sempre usava o gravador para registrar entrevistas. Pretendia escrever um livro de crônicas, um relatório de viagem sobre a Amazônia, seus mitos e realidades.

Fixou o olhar em direção ao riacho. Abriu um sorriso, com a imagem meiga de Maiara, linda, dançando na imaginação. Aquela era uma noite para amar, se ela não estivesse com raiva ainda. Tomou a decisão. Enfiou os pés na lama e foi lembrando um hino protestante que aprendeu com a avó e

nunca esqueceu.

Só alguns pingos de chuva insistiam. O céu quase se abriu, mas não tinha estrelas. O vento incomodava, e alguns gatos, ainda filhotes, se divertiam, rolando para lá e para cá, em uma poça mal iluminada. Os gatos são aristocratas. Lindos.

II - Maiara

Ela tinha quinze anos. A mais linda das idades.

Trabalhava no bar do africano, fazendo comida aos domingos. Nunca ria, nunca falava, nunca olhava ninguém. Ia embora de noite em direção à montanha, onde sua tribo vivia caçando, pescando e ritualizando. Uma tribo pacífica, de poucos integrantes.

Frederico olhava, pensava e desejava.

Maiara pouco a pouco se apaixonou. Descortinou os segredos do amor. Desencadeou desejos. Experimentou a saudade que estrangula a alma. Feriu-se nas chamas do ciúme. Quis matar. Quis morrer. Sentiu-se rejeitada e apunhalada. E foi possuída pelo êxtase e abismo. Depois só abismo. A paixão é um caminho de bondades e maldades.

Por fim, esporadicamente se viam, se falavam, se tocavam e se amavam. Esporadicamente. O que restou de um grande amor. Mas até o que restou era bom, pensava Frederico.

A droga do barro cansava a caminhada. Frederico não se sentia com o mínimo do vigor da juventude. A idade, o cigarro, a bebida e o descuido fizeram um bom serviço, segundo dizia.

Pôs as mãos nas pernas, com dores musculares. Fez uma careta zangada e meteu de novo os pés na lama. Não estava longe, ia dobrar mais uma esquina, passar em frente ao cemitério e atingir o destino. Ou ser atingido por ele.

Dobrou a esquina, a rua estava semiescura, o barro menos fofo. Garotas e bêbados faziam uma algazarra em um recinto de causar asco. Desviou o olhar, atravessou um longo terreno baldio, alcançando o portão em frente da casinha, com paredes externas e internas descascadas.

Gritou o nome de Maiara. Nenhuma resposta. Aumentou o tom da voz, olhou ao redor e gritou com mais força. Silêncio. Achou estranho. Pisou na varanda e empurrou a porta, que estava aberta. Continuou achando estranho. Entrou impelido pelo instinto. Acendeu a luz que lhe era familiar. A sala era pequena, com poucos móveis e nada de real valor. Iluminou-se a cena, bárbara e inacreditável. O corpo de Maiara no chão, com as pernas abertas para um lado e para o outro, soltas. Os braços esticados para cima. A cabeça jogada num canto. E um mar de sangue.

Frederico girou o corpo, atônito, com calafrios e náuseas. Atravessou a porta e atirou-se no chão da varanda, jorrando o vômito incontrollável e começando a soluçar como um bebê que tomou um susto brutal.

Encolheu o corpo e gemeu feito um bicho. Depois ficou quieto por um tempo considerável, piscando os olhos como um doente dos nervos. Moveu o corpo, arrastando-se para fora da varanda. Levantou-se e correu, com a dor de uma mutilação no peito e repetindo a palavra "não". Gritando a palavra "não".

III - Policial

Parado na entrada do posto federal, chamou a atenção dos agentes, gritando por socorro. Foi levado para uma sala e entrevistado pelo policial Júlio, um homem educado e violento. Frederico contou a estória, entrecortada por soluços e silêncios. Bebeu água com açúcar e encolheu o corpo várias vezes, sentindo facadas na alma. Júlio erguia a sobrancelha e mostrava-se sereno.

— Vamos até o local, senhor Frederico.

— Vamos...

Os agentes ficaram estarecidos. Andaram para lá e para cá, sem palavras, enquanto Frederico aguardava na varanda, chorando e especulando respostas.

De repente lembrou-se do bar. Lembrou-se do estranho. Lembrou-se do gravador ligado. Entrou na sala, agitado, evitando olhar o corpo. Chamou o policial e contou a história do bar. Imediatamente foram para lá.

Quando chegaram, o estranho já não se encontrava e ninguém sabia dizer em que direção tinha ido. Júlio fez algumas anotações, recomendando que

Frederico voltasse para casa, pois já tinha seu endereço. Voltou para a cena do crime, tentando encontrar pistas ou chegar a alguma conclusão razoável.

Em casa, debaixo da água quente do chuveiro, Frederico fazia confissões de amor à doce mulher com quem viveu tórrida e linda paixão. Abraçava seu próprio corpo como se estivesse abraçando Maiara.

Tentou dormir após ingerir uma sopa, mas não conseguiu. Sentia uma dor na nuca e, vez por outra, calafrios desciam da coluna até aos pés. Percebeu que estava com febre e também estava com medo. Que maldade foi aquela que atingiu uma criatura tão inofensiva e dócil?

Fechava os olhos e o rosto de Maiara enchia o campo de visão na imaginação. Precisava descobrir o que houvera e, se possível, matar o assassino. Desgraçado.

Passou a noite encolhido, encurralado pelos piores sentimentos que um ser humano pode experimentar. A saudade que não podia ir mais embora, a solidão definitiva, o ódio que arrancava pedaços da alma, o nojo de viver, um prenúncio de enlouquecimento, a depressão subindo como um monte de lama sufocante, entrando na boca, nos ouvidos e nos olhos.

Quando o dia amanheceu, Frederico olhou seu rosto no espelho do banheiro e considerou-se irreconhecível. A tristeza produziu um olhar degradado, parecia que tinha emagrecido, os olhos fundos. Não conseguiu resistir por mais tempo. Chorou, vencido, ajoelhado no chão, dando socos no piso.

IV - Enterro

Os índios participaram da cerimônia, com a dança da morte, chocalhos, gritos curtos de lamentos e toques no caixão, representando um comovente adeus.

Uma índia idosa cantou uma música triste, apontando para a montanha, que era como o destino sagrado após a morte.

Reverendo Miguel assumiu a palavra, abraçado com Frederico. Citou de

cabeça o salmo vinte e três.

O senhor é meu pastor, nada me faltará
Ele me faz repousar em pastos verdejantes
Leva-me para junto das águas de descanso
Refrigera-me a alma
Guia-me pelas veredas da justiça
Por amor do seu nome
Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte
Não temerei mal nenhum
Porque tu estás comigo
Teu bastão e teu cajado me consolam
Prepara-me uma mesa
Na presença dos meus adversários
Unge-me a cabeça com óleo
O meu cálice transborda
Bondade e misericórdia certamente me seguirão
Todos os dias da minha vida
E habitarei na casa do senhor
Para todo o sempre.

A voz do ministro, pausada e firme, apesar de avançada idade, naquele cemitério criado por índios, próximo da montanha, causava um impacto em quem estava ao redor, ouvindo, cabisbaixos e silenciosos.

Durante o sermão, rev. Miguel falou sobre o céu e sobre o inferno. E encerrou o sermão com uma oração, pedindo a misericórdia de Deus sobre todos. Frederico usava o lenço para limpar as lágrimas insistentes correndo no rosto.

O corpo desceu na cova e foi coberto por terra e flores. Pouco a pouco, um a um, todos foram embora. Menos Frederico, que sentou na grama, debaixo de uma árvore próxima da sepultura, olhando o horizonte, por um longo tempo. Enquanto vinham na memória cenas, muitas cenas da indiazinha

Maiara. Sorriu e murmurou: Adeus, minha flor.

V - No bar

Frederico dormiu toda a manhã. Parte da tarde ficou na janela, pensando muitas coisas ao mesmo tempo. Por vezes, gritava pragas ao vento.

No fim da tarde foi para o bar. Pediu vinho e queijo e sentou-se em seu canto, desligado e triste. Queria ter morrido no lugar de Maiara, era seu sentimento.

Distraído, nem percebeu quando Dora chegou e sentou-se à mesa. Sorriu para ela e recebeu um beijo no rosto.

Dora era a professora local. Quarentona e determinada a ajudar a todos, inteligente e discreta. Amava Frederico, embora soubesse que ele não tinha amor por ela.

— Dora, que bom te ver.

— Sinto muito pelo que ocorreu.

— Foi terrível.

— Sem dúvidas.

— Eu nunca vou esquecer o que vi.

— É compreensível...

— Quer vinho?

— Um gole...

— Queijo?

— Não, não.

Frederico passou as mãos no rosto de Dora, fixando o olhar em seus olhos.

— Me ajuda, Dora.

— Ajudo, meu amor.

Eles se abraçaram carinhosamente.

— Eu a amava intensamente.

— Eu sei.

Frederico começou a chorar. Dora chorou um pouco junto com ele.

— Quer sair comigo, Frederico?

— Não. Desculpe, não estou bem.

— Não tem problema.

— Acho melhor eu ficar sozinho aqui. Esse lugar é parte do meu lar. O que eu lamento é que perdi um pedaço do que eu era.

— Seja forte, Frederico.

— Você é um amor de pessoa, Dora.

— Obrigada. Se precisar de mim, liga.

— Ligo. Um beijo.

— Outro.

Dora saiu um pouco decepcionada. Olhou para trás, cativante e suplicante. Mas Frederico estava de cabeça baixa, olhando o líquido do vinho no copo, respirando de forma cansada. Um dos punhos cerrados e as pernas balançando, em um movimento que aproximava e afastava os joelhos.

Frederico pediu outro copo de vinho e prestou atenção em uma canção de amor interpretada por Frank Sinatra...

Alguns minutos depois, entrou no bar o agente Júlio, com seu rosto duro e cabelo encaracolado.

— Com licença, professor Frederico.

— Alguma descoberta importante?

— Estamos trabalhando.

— Havia impressão digital?

— Nada.

— O criminoso não deixou nada no local?

— Quem matou sabia o que fazer.

— Assassino desgraçado.

— Você tem razão.

— E a voz no gravador?

— Ouvimos. Realmente alguém fala uma língua não identificável.

— É um estrangeiro que está entre nós, ele esteve aqui no bar. A polícia procurou por ele?

- Em todo canto, professor. Ninguém viu tal homem.
- Não é possível.
- Sinto muito... Queria de sua parte um favor.
- Pois não.
- Encaminhar a fita para a capital, para tentar traduzir...
- Claro.
- Obrigado.
- Eu quero esse crime esclarecido.
- Vai ser, com certeza.
- Obrigado.
- Professor, preciso ir.
- Deus te ajude.
- Deus nos ajude. Cuidado ao andar por aí.
- Vou tomar cuidado.

O agente abandonou o recinto com seu andar intimidador, sempre com a cabeça erguida, olhando pelos cantos dos olhos. Frederico pegou um retrato da índia e ficou olhando, beijando, jurando amor e prometendo vingança.

Guardou o retrato, cruzou os braços e pensou em algo. Levantou-se para executar.

VI - Casa de Maiara

Dentro de um mato cerrado, Frederico escolheu uma posição onde poderia ver qualquer movimentação na casa. Estava na verdade obedecendo a um impulso do seu inconsciente. Acomodou-se e ficou quieto, olhando.

Bom tempo se passou. Apenas dois fatos chamaram a atenção de Frederico. Primeiro um casal de adolescentes, que atravessaram o portão da casa e foram para a varanda namorar. Depois, duas velhas índias pararam em frente à casa e se puseram a encenar um ritual.

Pacientemente, Frederico permaneceu oculto no mato alto. Seu instinto

dizia para ficar ali. Era estranho, mas não tinha dúvida. Sem fazer barulho, abaixou um pouco para descansar as pernas, pensando se o próprio assassino voltaria ao local do crime. Não é provável que isto aconteça. Mas que tem coisas que acontecem, isto tem, mesmo não sendo provável de acontecer. Pegou um chiclete e pôs na boca para mascar.

— Que droga. A vida é uma droga. Eu queria tanto que Maiara estivesse viva, sob os meus cuidados e meus afetos. Por que você morreu, menina?

Mais tempo se passou e nada.

Frederico abaixou a cabeça entre os braços, apoiados nos cotovelos. Tentou ver a hora, mas a escuridão não permitiu. A luz do poste, próxima da casa, estava um pouco distante.

Um pouco sonolento, cochilou. Tomou um susto ao ouvir um barulho, um gato que gritou como se tivesse sido chutado. E de fato foi. Frederico abriu bem os olhos e olhou em direção à casa. Lá estava um homem alto, magro, com a mesma silhueta do homem estranho no bar.

Um arrepio atravessou a espinha de Frederico. Seu coração bateu mais forte e a saliva secou-se na boca. Ficou quase de pé, olhando e procurando não pensar em nada.

O homem alto parou em frente à casa, depois de ter chutado o gato. Olhou, virou-se e continuou a andar. Seus passos eram rápidos e longos. Logo ele estava longe, dentro da floresta, desaparecendo em meio às árvores.

Frederico saiu de dentro da moita e correu. Alcançou, ofegante, a floresta. Percorreu, agitado, uma linha reta, girando o corpo para ver se via algo ao redor. Nada, no entanto. Continuou a correr e às vezes a andar, até cansar-se. Exaurido, sentou-se na terra preta, cercado por grandes árvores fantasmagóricas, e baixinho chorou, mas animou-se com a lógica de que vira o assassino. Só podia ser o assassino.

Quando resolveu levantar, para retornar e desistir de aventuras por aquela noite, entendeu que ouvira um ruído bem suave de motor, quase um zumbido lento e vagaroso. Girou procurando ver algo, mas não viu nada. Considerou que o barulho viera da sua frente. Resolveu caminhar até chegar próximo a um riacho, olhou e nada viu. Levantou a cabeça e piscou os olhos. Parecia que o céu estava escondido por uma sombra. De repente a sombra ficou clara, com uma luz fraca e alaranjada. Imediatamente, Frederico jogou-se para trás

e a sombra alaranjada partiu, tão veloz que assustou, em direção à montanha.

Passaram alguns minutos. Frederico não se mexia. Olhava para a montanha e tremia de medo, embora não fosse alguém acostumado a sentir medo.

Finalmente moveu seu corpo. Firmou as pernas e balançou a cabeça, expressando dúvidas sobre o que viu. Virou-se para a floresta e andou apressadamente, sem saber o que fazer e o que pensar.

VII - Rev. Miguel

— O que é isto, meu Deus?

Muito embora fosse madrugada, Frederico resolveu procurar o rev. Miguel, que morava em uma casa modesta, anexa à congregação presbiteriana da localidade. Quando o reverendo atendeu, esfregando os olhos para espantar o sono, Frederico foi logo se desculpando.

— Reverendo, sinto muito bater em sua porta neste horário.

— Se você veio é porque precisava vir. Entre.

— Agradeço.

— Claro. Quer café?

— Não, só um pouco de água.

— Acalme-se... Vou buscar...

Frederico tentou controlar as mãos, que voltaram a tremer. Pegou o celular e notou que o aparelho sofrera um pane. Voltou então a guardá-lo.

— O que foi que houve com seu celular?

— Pifou. Depois do que aconteceu...

— O que aconteceu?

— Bem, reverendo, hoje eu saí do bar... estava bebendo um pouco.

— Compreendo.

— Saí do bar e fui para casa de Maiara. Eu queria descobrir alguma coisa.

— É normal.

— Fiquei escondido em um matagal em frente à casa.

— Viu alguém?

— Vi.

— Quem? Você acha que era o assassino?

— Era um homem parecido com o homem estranho que apareceu no bar na noite do crime.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Não é melhor avisar logo à polícia?

— Acho que não.

— Por quê?

— Por causa do que aconteceu depois.

— O que aconteceu?

— Eu fui atrás deste homem estranho.

— Estranho, por quê?

— Se deslocou impressionantemente rápido da casa até a floresta.

— Há pessoas que andam muito rápido.

— Eu não sei explicar reverendo, mas aquele homem, às vezes, parecia deslizar no chão. Entende?

— Não.

— Tudo bem, é esquisito mesmo.

— Você está se sentindo bem?

— Estou. Não foi alucinação, eu vi tudo o que vi.

— Não quis dizer isto. O que mais você viu?

— Bem, eu entrei na floresta, corri e andei, mas o homem sumiu.

— Certo.

— Cansei e sentei pra descansar. Aí ouvi um ruído.

— Um ruído?

— Como um zumbido de abelha.

— E não era uma abelha, suponho.

— Caminhei até o riacho, olhei para cima e vi uma sombra.

— Uma sombra?

— Arredondada e gigantesca.

— Parecida com o quê?

— Uma nave.

— Uma nave?

— Uma nave.

— Que estória é esta, Frederico?

— Uma luz alaranjada surgiu bem no meio da sombra e aquela nave disparou, em ultravelocidade, em direção à montanha.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

— É espantoso.

— Pois é. E aí resolvi vim falar com o senhor.

— Por quê?

— Queria sua opinião, como homem que acredita no sobrenatural.

— Sim, acredito. Mas o sobrenatural no cristianismo, meu caro, é representado por Deus, anjos, demônios e milagres.

— Então eu não vi nada, suponho.

— É claro que você viu.

— Mas o quê?

— Existem seres espirituais malignos agindo na Terra.

— E o que isto tem a ver?

— Eu acredito que essa coisa de naves deste tipo é um fenômeno demoníaco.

— E por que não civilizações extraterrestres?

— Você crê nisto?

— Não, sou cético em relação a essas coisas. Tirando Deus, tudo para mim é mito.

— O que você viu hoje é um mito?

— Não.

— Por quê?

— Porque eu vi.

— Você viu um fenômeno demoníaco.
— Pode ser.
— Com certeza, Frederico.
— Eu sei que os índios falam do que vi hoje.
— É, eles falam. Para eles são deuses.
— São muitas opiniões então. Deuses, demônios ou civilizações, como nós, só que vindos do espaço.
— Não trate isto como se fosse ficção científica.
Frederico riu, descontraindo um pouco. Reverendo Miguel cruzou os braços e aproveitou para rir também. E avançaram na noite, trocando ideias sobre o sobrenatural, as crenças humanas e a nave...

VIII - No bar

Dois dias depois, Frederico estava no bar bebendo seu vinho, à noite. Seu olhar ainda era inconformado e melancólico. Dentro da alma, a mesma e profunda dor.

Às vezes os olhos se enchiam de lágrimas e às vezes um ódio subia como uma onda, do estômago para o cérebro.

Ainda naqueles dias, andou na floresta e visitou a casa, fazendo vigília. Não viu absolutamente mais nada, mas não iria desistir. Jamais. Era quase questão de vida e honra.

Adquiriu alguns livros sobre questões relativas a civilizações extraterrestres e voltou a ler a bíblia, depois de muitos anos.

Olhou o relógio. Nove da noite. O horário marcado com o policial Júlio. Não demorou dez segundos, ele chegou.

— Como vai, professor Frederico?
— Mais ou menos.
— Sempre que penso em toda esta estória, fico agitado e infeliz. Foi a coisa mais desumana que eu já vi.
— Esta é a palavra.

- Alguma novidade, professor?
- Não, eu é que pergunto. Novidades?
- Aqui está sua fita. Obrigado.
- E aí? Descobriram alguma coisa importante?
- Tome aqui. Leia...
- O que é isto?
- Foi traduzido o que o estranho falou.
- Foi?
- Foi.
- Qual era o idioma?
- Aramaico.
- Aramaico?
- É.
- Os judeus falavam aramaico...
- A mensagem tá aí...Qualquer coisa, não deixe de me informar. Ok?
- Ok. E esta mensagem, ajuda?
- Creio que não. É uma coisa muito louca.
- Nenhuma pista?
- Sinto muito, nenhuma pista.
- É...
- Preciso ir. Um abraço. Boa noite.
- Boa noite, policial Júlio.

Assim que o agente abandonou o bar, Frederico abriu o bilhete para ler a mensagem. Ficou impressionado e intrigado. Levantou-se e foi à casa do reverendo Miguel.

— Vamos, leia aí a mensagem do homem enigmático.

— Ouça só: Entendido, Omega. Poucos seguidores do livro errado. O principado é mestre de ciências ocultas, arrogante, mas coopera sempre. Subordinados de todo tipo. Principalmente hostes de luxúria, superstição e distúrbios mentais. Meu instinto não pode ser controlado. Saudações à força oculta do universo, que vai se revelar. Absinto, eu sou.

Reverendo Miguel ergueu a cabeça e olhou para Frederico, com as

sobancelhas erguidas e rosto fechado. Fez um gesto com as mãos e pegou mais um copo de guaraná.

— Reverendo, qual sua impressão?

— Um demônio falando.

— Um demônio materializado?

— O mundo espiritual tem sua lógica própria.

— Como assim?

— Ninguém conhece o mundo espiritual tal qual ele é. Só Deus.

— Vou continuar investigando...

— Luxúria, superstição e distúrbios mentais. Isto não te é familiar aqui na cidade?

— Acho que sim.

— Muitas crianças com grau de demência. Prostituição quase desenfreada. E as crenças indígenas, cheias de conceitos bizarros.

— Faz sentido.

— Na minha opinião, total sentido... Só tenho uma coisa a fazer, Frederico.

— O que, reverendo?

— Orar. Orar por mim, por você e por esta cidade.

— Obrigado por orar por mim...

Frederico cumprimentou o pastor e deixou a casa. Cortou caminho e foi para a floresta, atento e pensativo. Atrás de uns arbustos, perto do riacho, montou vigilância. Mas horas passaram e o único barulho era a sinfonia dos insetos, que nunca cessava.

Por fim, despreguiçou e voltou para casa. Confuso. Desanimado. Inconformado.

IX - Na aldeia

Em um domingo, Frederico foi convidado por uma índia, prima de Maiara, para assistir a uma celebração da natureza. À noite na tribo, eles iam cantar e

dançar até de madrugada.

No domingo, portanto, Frederico estava lá, no meio dos seus amigos índios, batendo palmas e observando as cores das roupas, os movimentos dos corpos, os tipos de danças, os mais velhos e a beleza de Gazai, a prima de Maiara.

As bebidas e comidas eram saborosas, à base de milho. As danças giravam em torno de temas importantes, como a guerra, o amor, o trabalho, as tempestades e Deus, chamado "o grande espírito que tudo criou".

Era quase uma hora da manhã quando boa parte da tribo foi se retirando para as cabanas rústicas e pequenas, sorrindo, cantando e contando feitos dos antepassados. Alguns, sob o efeito de plantas, corriam para os riachos ou deitavam na porta de suas cabanas e ficavam gritando palavras de guerra.

Frederico tinha uma cabana reservada pelo cacique, seu amigo. Entrou, tirou a roupa, o relógio e os anéis. Deitou-se em decúbito dorsal e ficou olhando na fresta da porta entreaberta os pontos luminosos no céu, as estrelas.

Não se surpreendeu quando Gazai apareceu, também não falou nada. A menina tirou o vestido simples, colorido e justo em seu corpo, revelando uma beleza quase selvagem, perfeita nas formas e encantadora. Aproximou-se e sussurrou o seu desejo. E, ali, a dor se dissipou nas ondas convulsivas do amor.

Eram quase três horas da manhã. Gazai dormia, como um passarinho mimoso em seu ninho. Frederico não conseguia conciliar o sono. Teve pesadelos, com homens altos, magros, de aparência estranha, extra-humana, que vinham contra ele com ar de fúria e maldade... Olhou várias vezes para Gazai e sentiu um peso na consciência. Não a queria por mulher, apenas usou sua irresistível juventude.

— Eu não sou assim. Por que eu fiz isto? Droga!

Um grito apavorante de mulher acordou a aldeia. De imediato, quase todos saíram para o espaço externo e cercaram uma mulher desesperada, falando com agitação e apontando em direção à floresta. Frederico saiu correndo para lá, junto com outros índios, homens e jovens.

Entraram na floresta olhando em todas as direções e finalmente constataram a tragédia. Dois, três, quatro, cinco corpos de índios no chão,

literalmente carbonizados, exalando um cheiro de queimado... Os homens da tribo foram chegando e choravam, rodeando os cadáveres. Frederico afastou-se e associou aquela cena com a cena do corpo de Maiara. Sentiu dor na cabeça, bem na nuca, e o estômago revirou. Correu para o riacho, olhou a água e vomitou, tossindo sem parar.

O dia amanheceu, Frederico abraçou Gazai e se despediu. Soube pelo cacique que a mulher viu, na floresta, a máquina voadora dos deuses. Disse também que raios de fogo saíram da máquina, como uma luz muito forte e queimou aqueles homens.

Frederico não falou nada. Abaixou a cabeça e voltou para a cidade... Talvez falaria do assunto com o agente Júlio e o reverendo Miguel. Talvez.

X - Em casa

Durante três dias, Frederico trancou-se em casa. Só atendeu alguns telefonemas e nada mais. Usando um velho computador portátil, escreveu alguns poemas em memória de Maiara. E produziu, ou melhor, iniciou um relato biográfico ficcional sobre os últimos acontecimentos. Um romance ao mesmo tempo realista e surrealista. Fechou cinco capítulos. Eram cinco horas da tarde de uma quarta-feira.

O telefone celular tocou. Era o policial.

— Boa tarde, Júlio.

— Você sabia do caso na aldeia?

— Eu estava lá.

— Por que não me avisou?

— Ninguém pode fazer nada.

— Por quê?

— Você conseguiu esclarecer o crime da doce Maiara?

— Não, não consegui.

— Pois é.

— Mas não desisti.

- Obrigado.
- Mas se ocorrer alguma coisa me conte, por favor.
- Ok.
- Desculpe incomodar.
- Fique à vontade.
- Uma boa tarde.
- Obrigado, mais uma vez.

Frederico levantou-se e fritou dois ovos. Colocou no pão e comeu, bebendo limonada batida no liquidificador. Deitou-se no sofá e ficou pensando se deveria escalar a montanha. Pensou até o dia escurecer. Tornou a se levantar, trocou de roupa e foi para a rua.

XI- A montanha

Atravessou a cidade e a floresta, até alcançar a aldeia. Levava consigo uma pistola simples, uma lanterna, um gravador, uma máquina de fotografar bem pequena e uma mochila com água e coisas para comer.

Na aldeia, procurou Gazai e disse para ela que o esquecesse. Não queria se envolver em nenhum caso de amor. Beijou suavemente seus lábios e pegou a trilha que levava à montanha. Não quis nenhum acompanhante.

Em duas horas de caminhada, começou a subir a montanha, com muito esforço. Não andou muito e parou fatigado. Escolheu um ponto adequado e deitou. Acabou dormindo, apesar do vento forte e frio.

Bem cedo, o sol já estava forte. Frederico prosseguiu subindo a montanha. De vez em quando bebia água e comia uma fruta. Ainda bem que havia algumas sombras para aliviar a pressão do calor. Olhou o relógio, sentindo dores na coluna e os pés latejando. Três horas da tarde. Deitou sob uma árvore e dormiu um pouco, sem camisa, com os braços abertos...

Escureceu. Ligou a lanterna e continuou a subir, acelerando o ritmo, na trilha que os índios tinham preparado por muitos anos. Já era madrugada quando parou e foi descansar. Sentia câimbras e dores musculares, mas

estava obstinado em chegar ao topo da montanha. Não demoraria, pelos cálculos.

O dia amanheceu. Olhou a mochila, poucas frutas e mais um litro de água. Suspirou, encheu-se de ânimo e foi andando, muito cansado.

Meio-dia. Ergueu os olhos e dentro de umas duas horas, com certeza, estaria no alto da montanha. Mas errou o cálculo, somente quatro horas depois chegou ao destino. Jogou a mochila no chão, pegou uma pera semimadura e ficou olhando aquele amplo espaço plano.

Lá de cima, o cenário era incrível. A aldeia era uma pequena pedrinha no meio de matas. A cidade era outra pedrinha perdida na imensidão daquela localidade selvagem.

Frederico bateu fotos e planejou passar ali aquela noite, depois iria embora e veria o que fazer da vida, em caráter definitivo.

Rapidamente anoiteceu. Frederico escolheu um local, atrás de um conjunto de arbustos. Sentou-se e ficou atento, sem se preocupar com o tempo, mas planejou começar a descer a montanha, antes do sol nascer. Várias vezes cochilou. Decidiu levantar-se e andar para lá e para cá, para se manter acordado. Foi quando, olhando o céu em todas as direções, viu um ponto alaranjado que se deslocava, em direção à montanha, embora estivesse bem distante.

— Calma, Frederico.

Mudou a direção dos passos e correu feito louco em direção aos arbustos. Pulou no meio deles, deslocando um dos dedos da mão. Conteve a dor. Ajeitou o corpo e ficou olhando, mal piscando os olhos.

A luz estava cada vez mais próxima. De repente seu reflexo atingiu a montanha, como se fosse um holofote iluminando o campo de pouso. Frederico começou a tremer e sentia a palpitação do seu coração aumentar.

Um ponto do alto da montanha estava bem iluminado pelo objeto sobre ela. Só que a cor da luz agora era azulada. Um azul belo, mas havia em tudo aquilo um aspecto aterrorizante. Frederico queria sair dali, ou que aquele troço desistisse de estar presente. Procurou controlar o pensamento e a respiração.

De súbito, a luz desapareceu, e o objeto voltou na direção de onde tinha vindo. Frederico ficou olhando o objeto e por isso assustou-se quando notou

que alguns homens estavam no alto da montanha. A roupa deles às vezes brilhava e tremulava.

— E agora, o que eu faço?

Frederico se encolheu o mais que conseguiu e, por impulso, recitou o salmo vinte e três da bíblia, que havia memorizado. Falou bem baixinho, sussurrando, de tal maneira que quase não se ouvia sua voz.

Estremeceu e não evitou um grito de pavor quando alguém tocou nele por trás. Virou-se, mas tudo escureceu com um golpe na cabeça. E ele entrou na mais profunda inconsciência.

XII - Aldeia

Abriu os olhos e esboçou um sorriso ao ver o rosto de Gazai.

— O que aconteceu, Gazai?

— Guerreiros da tribo foram atrás de você, por causa da nave.

— A nave?

— É. Os deuses. Alguns deles são bons, mas outros são maus. Encontraram você no alto da montanha, desacordado e delirando, ao mesmo tempo.

— Quanto tempo se passou?

— Alguns dias.

— E o que vocês fizeram comigo?

— Você foi trazido pelos guerreiros e tratado por nossos velhos e por mim.

— O que eu tinha?

— Febre e fraqueza.

— Obrigada, Gazai.

— O que vai fazer? Tem de descansar mais...

— Não, vou voltar para a cidade... E minha pistola, lanterna, gravador, minhas coisas?

— Desapareceu tudo, lá no alto da montanha.

— Droga... Preciso ir.

— Acho que você ainda precisa ter mais força. Fique.

— Não. Desculpe... me ajuda aqui ... Você é linda.

Frederico beijou o rosto da menina repetidas vezes. Esfregou as mãos em seus cabelos lisos.

— Tchau, Gazai.

— Tchau.

XIII - Congregação Presbiteriana

O culto já havia começado, poucas pessoas presentes. Reverendo Miguel fez um aceno amistoso ao ver Frederico entrar.

Dois louvores foram entoados, com fervor e bem afinados. Alguém deu um testemunho de oração respondida. Ofertas e dízimos. Uma leitura no livro do profeta Jeremias.

Reverendo Miguel voltou a assumir o culto, sobre um altar bem simples, mas limpo e bonito. Abriu sua bíblia no livro de Apocalipse e leu uma passagem referente ao fato de que todos os anjos caídos seriam um dia lançados no lago de fogo. Pregou durante meia hora, alertando quanto à astúcia dos demônios e exaltando o triunfo final do Deus eterno, criador de todas as coisas. No fim da mensagem, fez um apelo para que todos cressem em Jesus Cristo como o Salvador da humanidade.

Cantaram um hino lento e comovente. Oração final. Reverendo Miguel chamou Frederico e foram para o gabinete onde o pastor guardava alguns livros.

— Sente-se.

— Obrigado, reverendo.

— Que história é esta sobre você na cidade?

— Qual história?

— Que você subiu a montanha e foi encontrado por índios, desmiolado.

— É verdade.

— O que você foi fazer lá?
— Descobrir verdades.
— Descobriu alguma?
— A nave é real, reverendo.
— Você viu de novo?
— Vi, nitidamente.
— O que você acha?
— Como assim?
— O que é isto para você?
— Não sei muito bem. Talvez seja até demônios e o senhor tem razão no que diz.
— Tem lido a bíblia, tem orado?
— Leio a bíblia às vezes, orar é raro.
— Passe a vir à igreja.
— Quando tiver vontade virei.
— Ficaria feliz em vê-lo.
— Ok.
— O que foi?
— Nada, só uma dor aqui atrás do meu ouvido direito.
— Deixa ver...
— À vontade...
— Abaixei a cabeça. Agora vire assim... Isso...
— Alguma coisa?
— Parece uma pequena cicatriz.
— Cicatriz?
— É, isto. Pequena, alguns centímetros.
— Aperte, por favor.
— Estou apertando... Vê se dói.
— Dói, dói...
— Já foi ao médico?
— Saí da montanha para a aldeia e da aldeia para cá.

- Vai ao médico, veja o que é isto.
- Se não passar eu vou.
- Mas o que aconteceu lá em cima?
- A nave veio, alguns tripulantes desceram. E aí eu fui atingido, perdi os sentidos e já acordei na aldeia.
- Incrível. Inacreditável.
- Você acredita?
- Que razão você tem para mentir? Seria mais fácil acreditar que a loucura tomou conta de sua mente.
- Não estou mentindo...
- Hum... Hum...
- O que houve, reverendo?
- Me lembrei... O agente Júlio ficou louco e foi afastado das funções.
- Como ficou louco?
- Foi encontrado em casa, quieto, no canto da sala. Falava coisas desconexas, tremia e se recusava a beber ou a comer. Por muito custo, foi removido para o posto policial e recebeu tratamento adequado.
- E aí melhorou?
- Não. É acometido por delírios e não consegue executar tarefas.
- Que coisa estranha...
- Descanse. Vai para casa.
- Tudo bem.

Frederico saiu da congregação, arrumando um turbilhão de ideias na cabeça. Ideias que insistiam em permanecer, perturbando o coração e turvando a visão da realidade. Passou no bar, bebeu vinho, comeu queijo e continuou a caminho de casa, meio desinteressado da vida e examinando hipóteses. Talvez melhor fosse reconsiderar alguns pontos, ao menos, por exemplo, Gazai. Viver com ela na aldeia poderia ter seu lado bom. Seus amigos índios, a natureza mais próxima, o amor, as festas, as crianças, a caça e a pesca, os rituais, as histórias dos sábios idosos no fim do dia, etc...

Entrou em casa e foi tomar banho frio. Debaixo do chuveiro, repassou todos os acontecimentos desde a morte de Maiara. Voltou a sentir uma tensão

pressionando o peito e a garganta. Chorou, imóvel, com a água batendo no alto da cabeça.

Saiu do banheiro mais calmo. Deitou e começou a ler um livro de filosofia, para passar o tempo. Adormeceu.

Escureceu. E Frederico sonhou que milhões de pessoas desapareciam da Terra. Um rapto em massa de alienígenas?

XIV - Nas nuvens sobre a montanha

Um painel eletrônico com muitas luzes emitia sinais em uma tela de um imenso computador, com caracteres estranhos.

De frente para o painel, Absinto, em sua forma natural. Grotesca.

A tela passou a exibir cenas da aldeia e da cidade, casas, cantos, partes externas e internas. Tudo sob controle.

Lá na aldeia, os índios, alguns deles, olhavam os pontos de luz que giravam sobre a montanha, quase imperceptíveis.

XV - Dois anos depois

Reverendo Miguel morreu de ataque cardíaco, trancado em seu quarto. Deixou uma fita gravada com uma mensagem que explicava o fenômeno Óvni associando-o a ciência da demonologia.

O bar fechou as portas, por dívidas e falta de clientes.

A aldeia é agora apenas um cenário de ruínas e abandono, onde o vento, as chuvas e o silêncio são os principais personagens. Uma epidemia, não identificada, dizimou a população. Poucos sobreviveram. E entre eles não estava Gazai, com sua beleza de primavera.

O policial ,enlouquecido, suicidou-se, ingerindo veneno.

O exército construiu um acampamento próximo da montanha, onde muitos

militares entravam e saíam sem que houvesse nada de interessante ou estranho.

Frederico concluiu seu livro. Deixou a cidade, sem destino. Levando o essencial, dentro de um carro comprado com a última reserva de dinheiro que tinha. Mas por onde andasse estaria monitorado por seres malignos que aguardavam a hora certa de implantar no planeta uma ordem absolutista, diabolicamente despótica.

"...Ai de vós, moradores da Terra, pois Satanás desceu a vós, com grande fúria..." Apocalipse.

Jackes, o filósofo

O

professor de filosofia Jackes Rodhe era um homem de rosto sereno, com seus olhos verdes atentos, um sorriso que se esboçava, mas não se efetivava, e uma elegância discreta, com seus ternos de tom azul marinho.

Com cinquenta anos de idade, o professor atingiu alvos em sua carreira acadêmica. Publicou centenas de artigos em revistas especializadas, concluiu o doutorado, analisando o conceito dos estágios da existência humana segundo o pensador existencialista Kierkegaard, escreveu dois grandes volumes na área da filosofia, um manual dos filósofos contemporâneos, com ênfase em Sartre e na escola de Frankfurt, e um tratado de hermenêutica, confrontando teologia com filosofia crítica.

Jackes morava em um apartamento abarrotado de livros. Era o seu mundo secreto, onde vivia sozinho, desde que ficou viúvo. Passava longas horas lendo e assistindo vídeos de ficção científica.

Seu único trabalho agora eram quatro aulas no curso de filosofia da Universidade Jean-Jacques Rousseau, onde ministrava História da filosofia 1 e 2, abrangendo antiga e medieval e moderna e contemporânea. Era um momento de felicidade pessoal quando os alunos atentos absorviam a matéria e faziam perguntas inteligentes, que motivavam respostas aprofundadas.

Como naquele dia não houve aula, por paralisação dos alunos, reivindicando mais vagas nos cursos universitários, Jackes foi passear no centro de Paris. Gostava de olhar a agitação inútil das tribos urbanas, caminhando de lá para cá, em busca de dinheiro, principalmente. Ninguém mais busca a verdade. Ou melhor, o dinheiro é a verdade que restou no universo estúpido da cultura capitalista.

Atravessou algumas ruas sofisticadas, onde os ricos investem capital e se divertem em conversas levianas nos cafés de belas fachadas. Em uma vitrine, joias de altíssimo valor eram exibidas, como uma agressão a quem não tem o mínimo para viver com dignidade. Isto é revoltante e um fator que gera

cobiça e estimula a criminalidade, pensou.

Mais adiante, dobrou duas ruas e avistou seu recanto de paz intelectual. Um café, frequentado por professores universitários, alguns políticos e jornalistas de revistas temáticas.

Na parte de cima do café havia uma mesa reservada ao professor Jackes. Sentou-se e solicitou uma caneca de chocolate bem quente e algumas torradas com manteiga.

Durante meia hora, apenas bebeu, comeu e olhou o movimento na calçada, através de uma janela com alguns pingos de chuva batendo no vidro, de forma suave e até poética.

Enquanto olhava, imaginava a vida, os sonhos, os fracassos, a solidão, o que é real e o que não é real, o que faz sentido e o que não faz sentido, o que é bom, o que é belo, o que é verdadeiro e o que são apenas tramas do poder e decadência. Até que um amigo interrompeu o fluxo do pensamento.

— Olá, Jackes.

— Olá, Resmois.

— Posso sentar?

— É uma honra.

— A honra é minha.

Resmois era um professor de História contemporânea, especialista em ideologias esquerdistas, sobretudo marxismo e anarquismo. Gostava de escrever artigos contra o que chamava a globalização do pensamento, que, para ele, representava o triunfo maquiavélico do pensamento único da direita internacional, inspirada no modelo civilizatório norte-americano. Embora simpático e educado, era inconveniente na agressividade da exposição de suas ideias.

— A invasão norte-americana da Iugoslávia é nada mais que o sujo imperialismo.

— Invasão?

— Bombardeio é o mesmo que invasão, pois é violação da soberania.

— Entendi.

— É um plano estratégico e amplo de submeter todos e tudo à lógica do capital. O departamento de Estado da América, os centros de unificação da

Europa, o Vaticano e os fundamentalismos, aliados à grande imprensa que se move por dinheiro, estão construindo a nova ordem mundial. É o fim de uma era o que estamos assistindo. O que Napoleão vislumbrou e sonhou, o que Hitler quis e achou que seria viável, agora vai acontecer. Os banqueiros, a indústria cultural e os políticos de direita e da falsa esquerda impuseram a falência do socialismo e promoveram uma única ideia possível para a humanidade: a globalização.

— É isto?

— Com certeza. Quem é a força militar da Europa, quando as crises dramáticas surgem? A América. Quem decide quando e como punir uma nação rebelde? É a ONU? Não. É a América. Quem controla o FMI? Percebe? A civilização liberal-burguesa é o único horizonte aceito de pensamento político.

— Certo.

— A esquerda revolucionária não tem mais voz.

— Não tem capacidade de convencer.

— Não é isto. A massificação da cultura, através da indústria do entretenimento, que apela para a banalização, para a vulgaridade, para a contra-inteligência, para a sacralização da bobagem e do conformismo, tem uma força que não pode ser subestimada. E encontrou um mundo que queria ordem, qualquer ordem, após as guerras mundiais. A revolução poderia ter vencido, mas o Stalinismo queimou as fontes de acesso às utopias socialistas.

— Mas o poder sempre foi e será coerção, assassinato, manipulação e fim de sonhos.

— Eu sei que você não está falando do futuro.

— Claro que não, Resmois. Não sou profeta.

— Eu sou um revolucionário, me associo ao pensamento da contestação. E olho o futuro como uma possibilidade do fim do capitalismo e o surgimento de um novo cenário de ordem social, sem ditaduras política ou econômica.

— Sou um filósofo. Um caçador de virtudes e da felicidade possível. E sei que essas coisas não são, em nada, compatíveis com a política.

— É um mal pensar assim.

— Um mal que não faz mal a ninguém, a não ser à própria pessoa que o

pensa e se propõe a expressar seu pensamento. Vai receber intolerância e insultos panfletários de militantes radicais...

— É, você não é de esquerda.

— Também não sou de direita e sequer alienado.

— Obviamente.

— Gosto de ouvir, entender, pensar e falar.

— À sua maneira, você é um construtor de barricadas contra a hegemonia da mediocridade, Jackes.

— Obrigado.

Duas horas depois, um tanto aliviado, Jackes estava andando, só, nas ruas de Paris, com seu chapéu aberto, sob uma chuva fina e monótona.

Pensou em ir ao cinema. Comprou um jornal e constatou que não queria assistir nenhum filme em cartaz. Continuou andando, à medida que o céu ia se tornando mais escuro. Parou na porta de uma livraria judaica e olhou rapidamente os títulos na vitrine, então resolveu entrar e foi imediatamente atendido por uma jovem de sorriso gracioso. Com gentileza e palavras bem articuladas, ofereceu-se para guardar o chapéu e indicar alguns títulos. Jackes agradeceu e passou a circular em meio aos livros, tocando em alguns, abrindo outros e contemplando os títulos.

O que o agradava em ambientes como aquele era a ideia de civilização que sugeria. Era como se ali fosse o território do bom senso, da lógica, da reflexão, do diálogo sensato e possível, em contraposição ao mundo lá fora, cheio da burrice dos economistas, do mau-caratismo dos políticos e da manipulação torpe dos jornalistas.

Deteve-se em um livro de um escritor britânico: Lewis. Já ouvira e lera a seu respeito. Um intelectual complexo, criativo, de vertente anglicana, que escrevera ensaios e obras ficcionais. O livro ali na estante era o ensaio "Cristianismo puro e simples". Embora sua opinião sobre o cristianismo fosse desfavorável, interessou-se pelo livro. Leu alguns pontos em vários capítulos e decidiu comprar.

A jovem atendente caprichou no embrulho e se despediu do professor desejando que a leitura fosse agradável. Antes de ir embora, sorriu para ela discretamente e perguntou seu nome.

— Julie... E o seu?

— Jackes Rodhe.

— Boa tarde.

— Boa tarde, Julie...

Pegou um táxi e foi para o seu apartamento. A noite chegou rapidamente. Trocou de roupa, comeu presunto e queijo, depois deitou-se, cansado, pensando em algumas cenas do dia. A verborragia do professor Resmois, a chuva fina sobre a cidade, alguns livros interessantes e o sorriso de Julie. Adormeceu até quase uma hora da madrugada, depois levantou, bebeu leite e começou a leitura do livro cristão.

Ao amanhecer, metade do livro havia sido lido. Os argumentos eram bastantes plausíveis. O tom filosófico da obra fascinou o professor. Lewis era um homem capaz de gerar ideias com incrível simplicidade e profundidade.

O cristianismo era, realmente, uma poderosa explicação sobre a relação entre a realidade humana e as ideias de transcendência divina. Era um grito de esperança, bem fundamentado na razão. Uma boa convicção para crises existenciais e uma cosmovisão interessante.

Ponderou algumas afirmativas sobre a natureza da fé e do perdão. Esboçou o que seria um pensamento de oração, impelido pelo passageiro impacto da leitura, mas imediatamente retornou ao ceticismo racional e deixou o livro sobre uma pilha de obras de filosofia, ficção científica e história da Grécia antiga.

Foi até a cozinha e fritou ovos com presunto. Preparou um suco sem açúcar e fez sua refeição, saboreando e pensando algumas coisas banais sobre a arrumação de alguns objetos na estante.

Encostou na janela e divertiu-se com as crianças correndo no espaço de lazer da escolinha infantil Jean Piaget. Por um momento, sorriu e disse baixinho que aquilo era o melhor do construtivismo.

Distraído, assustou-se quando o telefone tocou pela primeira vez. Esperou um pouco e atendeu. Era o amigo e editor de seus livros.

— Como vai, professor?

— Bem, François.

— Fico feliz.

— Obrigado.

— Rodhe, eu sei que você não gosta da mídia televisiva, mas o pessoal do canal Enciclopédia me telefonou solicitando uma entrevista...

— Logo eu. Tantos intelectuais importantes em Paris.

— Você tem sua luz, Rodhe.

— Sou apenas um professor modesto, solitário e cheio de dúvidas existenciais e políticas.

— Pois é. Eles querem entrevistar um sujeito assim, eu suponho.

— Você tem bom humor.

— Olha só. Haverá divulgação dos livros, um cheque razoável em sua conta e aproximadamente um milhão e duzentas mil pessoas ouvindo. Acho tudo isto uma dádiva.

— Uma dádiva? É, vai ver que é.

— O canal Enciclopédia é uma barricada contra a globalização da falta de inteligência.

— Eu vi alguns programas. Eles merecem crédito.

— Certamente. O que me diz?

— Quando?

— Hoje, às cinco horas da tarde.

— Onde?

— Preferência?

— Aqui no meu apartamento. Não vou sair de casa hoje.

— Tudo bem. Vou providenciar tudo.

— Ótimo, obrigado.

— Um abraço, Rodhe. Você é compreensivo e civilizado.

— Persigo este alvo.

— Felicidades.

— Um abraço.

Mal desligou o telefone, deitou-se e dormiu mais um pouco. Um sono leve e agradável. Sem sonhos, sem sobressaltos, encolhido no sofá como um feto no útero materno. Boas horas se passaram e um lindo raio de sol atravessava a janela, com sua luminosidade celeste, atingindo a mesinha de mármore, no centro da sala.

Assustado com a hora, Jackes acordou. Olhou o relógio, esfregando os olhos e bocejando. Eram quinze para as três. Decidiu tomar um banho e vestiu um terno elegante, dispensando o uso da gravata. Fritou batatas e bebeu dois copos de limonada suíça. Sentou-se no sofá, fixou os olhos no teto e ficou aguardando.

Cinco para as cinco a campainha tocou. Era a equipe jornalística do canal Enciclopédia. Jackes ofereceu limonada e imediatamente a entrevista começou.

— Professor Jackes, o que a filosofia pode fazer pela civilização humana, agora que vivemos o triunfo do modo de vida consumista e a permanência das guerras e injustiças?

— A filosofia, desde seu início, em Mileto, na Grécia, não é um conhecimento salvacionista ou redentivo. A política, sim, tornou-se um tipo de religião, com seus devotos, gurus, guias, dogmas e escatologias. A filosofia apenas discute. Depois discute o que discutiu e prossegue discutindo tudo que é discutível, até que se esgote os parâmetros de determinada discussão. E, ao discutir, a filosofia desfaz paradigmas, desenterra utopias, constrói pontes sobre abismos, desilumina falsas luzes, como o progresso enquanto conceito macabro da civilização burguesa, age como força iconoclasta diante dos ídolos de todas vertentes cognitivas e ideológicas. Respondendo à sua pergunta, diria que a filosofia é o que há de melhor para fazer pensar e que pensar é o que há de liberdade possível nestes tempos de brutalidade e alienação.

— Quanto à filosofia grega, qual seu legado mais relevante para os dias de hoje?

— Vivemos hoje em uma época de mitologias. O capitalismo é uma mitologia, as esquerdas em grande parte são mitológicas. A globalização é mitologia. Só isto. E o que fazem as mitologias? Enganam, mistificam, neutralizam o exercício da inteligência crítica, preparam as mentes humanas para aceitar formas de poder obscurantistas e assassinas, considerando que elas são legítimas. A filosofia grega nasce dentro do mito, mas rompe com o mito, que é falso. E propõe crítica, racionalidade e verdade. Um filósofo, na acepção da palavra, é um questionador de fantasias intelectuais. Os sofistas expressam este ponto. Sócrates também.

— Platão?

— É um filósofo do sistema, aristocrático e preconceituoso. Platão justificaria a monarquia absolutista, o fascismo ou o bolchevismo. Mas Platão também é uma inteligência que desafia os críticos superficiais e incultos.

- Aristóteles?

- Ele foi uma enciclopédia do conhecimento possível no seu tempo histórico.

— Professor Jackes, qual sua posição sobre a unidade europeia? É uma mitologia?

— A Europa é um continente onde vivem democratas, fascistas, nazistas, comunistas, anarquistas, católicos, protestantes, agnósticos, feministas, chauvinistas, reacionários, progressistas... Não se unifica um continente, a não ser que ele tivesse uma base cultural, religiosa ou política, marcada por um consenso histórico. A América nunca será unificada, porque uma coisa é os EUA e outra é a América Latina. A África nunca será unificada, porque uma coisa é a África islâmica e outra coisa é a África de herança cristã ou a África animista. Assim é a Europa. Existe uma Europa germânica, uma Europa marcada pela influência da civilização francesa, uma Europa britânica, etc... Elas não se unem, não se encontram, não se toleram. A unidade, melhor dizendo, a unificação europeia, é utopismo piegas.

— O senhor já se disse agnóstico. Continua agnóstico?

— Humildemente agnóstico, pois não ousa decifrar o sagrado, investigar Deus, criticar a Bíblia. Eu silencio, leio, medito e encubro minhas ideias a respeito do assunto, com um manto de resignação e respeito.

— Sua formação foi católica. Isto influenciou seu pensamento cultural, ético e filosófico?

— Não. Apenas deixou em mim um olhar discreto em direção à eternidade.

— O senhor já leu a Bíblia?

— Trechos.

— O que pensa deste livro?

— Fico no meio termo, entre os extremos de uma leitura protestante de linha fundamentalista e o ceticismo arrogante que expulsa a Bíblia do mundo acadêmico, como se nada fosse.

— Já que estamos neste assunto... Qual sua posição diante do conflito

árabe-israelense?

— A mídia mundial dominante é pró—palestina, mas eu não estou convencido de que a interpretação 100% correta é esta, onde israelenses são vilões e palestinos pobres oprimidos. O terrorismo de ambos os lados é injustificável. Seja o Mossad ou o Hamas. As forças da OLP ou os soldados israelenses. Eu não sou pró-Israel. Não sou pró-palestino. Sou um observador das insanidades de ambas as partes. Se houver solução, será com diálogo.

— "A sociedade francesa é pouco civilizada". Esta foi uma frase sua em uma entrevista a um jornal de esquerda, cinco anos atrás. Ainda pensa assim?

— Penso. Só deixamos de ser imperialistas, porque a história nos impôs esta condição. Fomos assassinos durante a Revolução Francesa, a noite de São Bartolomeu e a guerra da Argélia, por exemplo. O mínimo conceito de civilização é ter como ações políticas concretas, no plano interno ou externo, um compromisso com as pessoas, com sua etnia, religiosidade, pensamento e expressão da existência, que é a forma mais particular e específica que cada um tem de ser o que é. A roupa, a linguagem, o olhar, seja qual for nossa estranheza diante desta diversidade, não importa. Mas o que é a França? É a culminância do etnocentrismo europeu. Somos centrados em nosso universo particular de virtudes e horrores. Cremos no mito da superioridade continental europeia e isto não é civilização. É tribalismo, é ignorância, é arrogância e é sumamente tolo.

— O senhor é contra o feminismo, certo?

— Certo.

— Por quê?

— Pelo mesmo motivo que sou contra o machismo. Ou seja, estreiteza de inteligência. Homens e mulheres devem compartilhar a humanidade, construindo solidariedade e experimentando a liberdade. E não acho que estas teorias belicosas, feminismo e machismo, contribuam para um progresso neste sentido.

— Professor Jackes, voltando ao campo da filosofia...

— Pois não.

— Marx disse que os filósofos, em geral, gostam de interpretar o mundo, mas caberia, na verdade, transformá—lo. Concorde com esta observação?

— Não. Entendo que interpretar o mundo não é uma tarefa menor em seu

mérito e esta interpretação já é uma mudança do mundo. O pensamento em si mesmo já pode ser transformador, muda pessoas em contato com ele e pessoas mudam relações, que, por sua vez, vão mudando o mundo. O manifesto comunista de Marx e Engels, a origem das espécies de Darwin e a própria Bíblia, que citamos ainda há pouco, mudaram mais o mundo do que as revoluções Francesa, Russa, Americana e Chinesa. Cabe aos filósofos continuarem a interpretar o mundo e cabe aos políticos legislar com bom senso, bondade e humildade.

— Como um político seria humilde e bondoso?

— Comparando sua inteligência à inteligência de seus críticos. Renunciando quando estivesse errando demais. Ouvindo mais e falando menos. Compreende?

— Sim... O senhor tem medo da morte?

— Tenho medo de que a morte traga o inferno.

— Como assim, professor?

— O inferno. A eternidade de punição.

— Aquilo que diz a Bíblia?

— Exatamente.

— Fogo e enxofre?

— O sofrimento eterno.

— O senhor acha que o inferno pode ser algo além de uma ideia de terror?

— Acho que não se pode achar muito, com muita certeza, sobre um assunto desta natureza.

— Uma última pergunta, professor.

— Pois não.

— Qual sua visão sobre o futuro?

— O futuro será como o passado, cheio de guerras, intolerância, fobias, sonhos, mudanças, ideias, saltos científicos e, claro, novidades filosóficas.

— Muito obrigado. Boa noite, professor Jackes Rodhe.

— Boa noite.

Assim que a equipe jornalística se retirou, Rodhe ligou para seu editor e detalhou a entrevista. Foi felicitado e agradeceu, educado e indiferente.

Debruçou na janela por um bom tempo, sem nenhum interesse e nenhuma vontade referente a nada. Sentia-se cansado. Um cansaço, por assim dizer, existencial. Talvez um cansaço de si próprio. Desviou o pensamento e cogitou retornar à livraria judaica e rever Julie.

Deixou a janela, foi até a cozinha e pegou biscoitos finos com massa de amendoim. Eram uma delícia. Olhou bem aquele apartamento confortável, mas sentiu-se triste e só.

A noite avançou lentamente, como acontece nos tempos de solidão. Tão lentamente que se tornou incômoda à percepção deste fato.

Só a luz do abajur no quarto estava acesa. O silêncio na vizinhança estimulava a concentração do pensamento e ampliava a sensação de melancolia.

— A vida é quase toda desperdício, inutilidade e insignificância — ponderou, esfregando os olhos com um sono distante.

No outro dia, na universidade, sentado no salão da "Biblioteca Denis Diderot", Jackes conversava com um jovem professor de História moderna e contemporânea.

— Professor, ser cristão, do ponto de vista da tradição protestante, é confessar a Jesus Cristo como Salvador e Senhor pessoal. Crer que Ele é tudo que a Bíblia diz que Ele é. Ou seja, o Messias divino que, ao morrer na cruz do Calvário, nos perdoou dos nossos pecados, desde que nós tenhamos arrependimento, evidentemente. A salvação do homem, segundo a Bíblia, é livramento do pecado que dominou a natureza humana, após a queda de Adão, no Jardim do Éden. E é livramento de uma eternidade sem Deus, em meio às trevas profundas.

— É o inferno?

— Sim, Jackes. O homem é um espírito que sobrevive à morte do corpo. Portanto, o corpo morre, mas o espírito humano não morre. Ele vai para a eternidade.

— O céu ou o inferno...

— É o que diz a revelação de Deus, nas Escrituras.

— Tudo é uma questão de fé.

— Você tem razão. Mas não é plausível que, se existe um Deus, Ele é um ser superior à raça humana e é também um ser imortal, perfeito, que haverá de julgar os atos de maldade e pecado de cada criatura?

— A pergunta é profunda, e minha resposta é pronta: sim.

— O fato é, meu amigo, que Deus é real e a Bíblia é o livro que Ele inspirou, para que o ser humano tenha acesso à verdade. Pois no fim de tudo, o que vai contar é se você aceitou ou rejeitou a verdade.

— Jesus Cristo me faz ficar introspectivo.

— Eu posso te fazer um convite, professor Jackes?

— Sim.

— Vai haver uma série de conferências na minha igreja, sobre as parábolas de Jesus. Não gostaria de ouvir um pouco sobre este tema interessante?

— Escreve para mim o endereço, os dias e o horário. Farei o máximo para ir. Deixe as anotações com a auxiliar da biblioteca.

— Certo...

— Com licença, eu preciso atender alunos em minha sala.

— Fique à vontade.

— Um abraço, Derry.

Enquanto descia as escadas em direção ao pátio interno, Jackes pensava na possibilidade de participar de um culto cristão de caráter bíblicista e conservador.

Nos últimos degraus, respirou fundo e deixou-se distrair por uma aglomeração de estudantes anarquistas, que ouviam um rapaz, bem articulado em seu pensamento, criticar o autoritarismo que via nos procedimentos de avaliação acadêmica da universidade.

Jackes apertou o passo e entrou no elevador. Subiu até o sexto andar e em poucos minutos estava dentro de sua confortável sala, com quadros e fotografias da região rural francesa, onde nasceu. Até a hora do almoço, atendeu três alunos, com seus projetos de monografia na área da filosofia grega.

Depois do almoço, foi ao cinema assistir a um filme do cineasta americano, Spielberg. Um filme de ficção científica, baseado na obra literária de Isaac

Asimov. Eram três histórias curtas, inteligentes e bem definidas na estética cinematográfica. Foi um momento de distração e distanciamento da realidade banal e estúpida que sufoca o pensamento.

Antes de anoitecer, tomou um café a convite de um ex-aluno que encontrou ao acaso. Conversaram um pouco sobre internet, a concentração de riquezas nos bancos do primeiro mundo e sobre o crescimento do fundamentalismo islâmico-terrorista na Europa.

— Preciso ir, amigo.

— Sim, professor. Foi especial revê-lo.

— Um abraço.

— Outro.

Assim que chegou em casa, tomou providências gerais e foi ler a Bíblia. Sentia-se impelido a fazê-lo. Sem pressa, folheou algumas páginas do Novo Testamento, detendo-se no Evangelho segundo Lucas. Mais especificamente no capítulo catorze, versículos quinze em diante: "Ora, ouvindo tais palavras, um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus. Ele, porém, respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos. À hora da ceia, enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado. Não obstante, todos, a uma, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo; rogo-te que me tenhas por escusado. Outro disse: Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me tenhas por escusado. E outro disse: Casei-me e, por isso, não posso ir. Voltando o servo, tudo contou ao senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traz para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Depois, lhe disse o servo: Senhor, feito está como mandaste e ainda há lugar. Respondeu-lhe o senhor: Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa. Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia."

Repetiu a leitura por quatro vezes, sentindo as palavras do texto revirarem dentro da alma, como se estivesse diante do próprio Jesus, lhe exortando com aquela mensagem. Considerou que era um dos convidados e seria talvez trágico recusar o convite de alguém como Jesus, um homem que é

apresentado como sendo Deus na forma humana e que conta com milhões de seguidores de todas as classes sociais e níveis de cultura e inteligência.

Interpretou a parábola como sendo uma mensagem sobre o futuro, a eternidade. A ceia seria a própria mensagem do Evangelho. Quem convida é o Messias. Os que recusaram são os incrédulos de todos os tipos neste mundo. E a palavra final de quem convidou é o próprio Juízo Final.

Jackes sentiu seu coração palpitar quando pensou nesta expressão: Juízo Final. Fechou a Bíblia e foi fazer outra refeição: café e sanduíches. E ponderou que estava disposto a ir à Igreja do professor Derry.

Na madrugada, várias vezes levantou-se e a parábola bíblica lhe vinha à mente, contundente, subvertendo conceitos e apontando para a eternidade.

Por fim, desistiu de dormir e voltou a ler a Bíblia, outras parábolas de Jesus.

Dois dias se passaram rapidamente. Jackes estava a caminho da Igreja Batista Nova Jerusalém, no subúrbio de uma cidade vizinha de Paris.

As ruas eram bem limpas e as casas de excelente aparência. Fazia frio, poucas pessoas andavam nas ruas e poucos carros circulavam.

Ao dobrar a segunda esquina, depois que desembarcou do metrô, Jackes avistou o templo da igreja. Bem iluminado e com a bandeira da França tremulando em um pequeno jardim. Apressou os passos e logo estava na porta da igreja, sendo recebido pelo amigo professor. Conversaram rapidamente e entraram, dentro de cinco minutos o culto teria início.

Jackes, atento, observava tudo. Notou que o interior do templo era muito bonito e asseado, sem imagens e sem cruz no altar. Deveriam ter ali, aproximadamente, cento e cinquenta pessoas silenciosas e atentas.

O pastor, um homem idoso, mas com um sorriso bastante jovial, deu as boas-vindas a todos, membros e visitantes. Em seguida solicitou que todos estivessem de pé, e dois hinos bonitos foram cantados, adorando a Deus e agradecendo pela salvação através do sacrifício de Jesus Cristo na cruz.

O próximo acontecimento foi uma oração, realizada por um auxiliar que se encontrava no altar. Jackes notou que todos fecharam os olhos e, por causa

disso, fez o mesmo.

Após a oração, todos sentaram e o coral da igreja cantou dois hinos sobre o céu e sobre ser livre do pecado para entrar no céu. Mais uma vez o pastor assumiu o culto e passou a apresentar o preletor convidado:

— É com alegria que apresentamos o ilustre conferencista internacional e pastor Dr. Paul Drean. Ele é um amigo de longa data, sempre gentil e cordial. É pastor da ala evangélica da igreja anglicana, professor de Novo Testamento do Instituto Bíblico Britânico, em Londres, e autor de muitos livros que têm edificado a vida de milhares de pessoas, na Europa, na América e na África. Dr. Drean atendeu ao nosso convite e veio para esta série de mensagens, durante três dias. É um prazer tê-lo aqui, meu amigo e irmão. Sinta-se em casa. A palavra é sua...

Dr. Drean era um típico inglês. Alto, magro, olhos azuis e um ar de máxima compostura. Assumiu o púlpito e, em francês bem pronunciado, saudou aos presentes. Abriu sua bíblia em um trecho do Evangelho de Marcos, leu, fez uma oração e começou a pregar.

Vez por outra, Jackes se movia, procurando notar como as pessoas reagiam à mensagem simples e consistente que era pregada. O preletor tinha escolhido a passagem da parábola do semeador e explicou que as quatro sementes são quatro tipos de pessoas que sempre existiram no mundo, sendo que só uma delas era salva, porque entendia e se identificava com a palavra de Deus.

Jackes se imaginou em situação incômoda e disse para si mesmo, dentro de sua mente, que ser cristão desta forma é difícil. Mas as palavras do pregador continuavam a encontrar repercussão no seu interior.

No final de quarenta minutos, o sermão chegou ao fim. Todos se puseram de pé e entoaram um cântico falando de vida espiritual.

Ao terminar o cântico, Dr. Drean convidou as pessoas a levantarem uma das mãos sinalizando que aceitavam a Cristo como Salvador e Senhor. Um jovem se pôs a cantar um hino que convidava pecadores a virem diante de Deus obter o perdão.

Jackes abaixou a cabeça e respirava lentamente, considerando que aquele tipo de atitude jamais seria a sua. Seu amigo, professor de História, permaneceu quieto, com os olhos fechados, em oração.

Dez minutos depois, o culto estava terminando. Seis pessoas atenderam ao

convite do preletor e decidiram se tornar cristãos.

O pastor idoso, com seu sorriso jovial, declarou uma bênção que chamou de apostólica e profética, agradeceu a presença de todos e decretou o culto encerrado.

Imediatamente, Jackes fez questão de dizer ao amigo que fora ótimo ter ouvido o que ouviu.

— Eu oro para que você continue interessado na verdade do Evangelho, Rodhe.

— Ore sim. Eu preciso.

— Vamos beber um café, no salão social.

— Ah, vamos...

O salão social era amplamente espaçoso e aconchegante. Bem iluminado, com lustres de bom gosto, tinha umas mesinhas bem distribuídas, com flores sobre toalhas discretas e elegantes.

Jackes sentou-se, imaginando por um instante a volta para casa. O amigo foi buscar o café, no balcão onde jovens simpáticos atendiam. Perdido em seu pensamento, Jackes não notou a aproximação de uma pessoa, que lhe tocou o ombro, suavemente. Ele virou-se e não escondeu a perplexidade, seguida de entusiasmo.

— Julie!? Não acredito.

— Acredite... Posso sentar?

— Mas é claro, por favor.

— O que faz aqui, Sr. Jackes?

— Bem, eu fui convidado por um amigo.

— Quem?

— Aí vem ele.

Julie virou-se e sorriu, ficou de pé e abraçou Derry. Jackes ficou contente com aquele momento de coincidências.

— Vocês também se conhecem. Que bom!

— Derry é membro da igreja há um bom tempo.

— Mesmo que vocês se conheçam, deixe-me apresentá-los um ao outro. Julie, este é o professor Jackes Rodhe, doutor em Filosofia e autor de livros

bombásticos nos meios acadêmicos... E Rodhe, esta é Julie, filha do pastor da igreja.

Julie e Rodhe riram um para o outro, e todos sentaram, bebendo café e conversando sobre a vida. Um pouco depois, Derry pediu licença para falar com outros amigos. Julie e o professor permaneceram conversando.

— O mundo é pequeno, Julie.

— Ou pelo menos podemos dizer que a França é pequena.

— Nunca poderia pensar em encontrar você aqui.

— Posso dizer o mesmo.

— Seu pai é muito simpático.

— E muito amigo, generoso, compreensivo e um exemplo de vida para mim.

— Com certeza.

— Já leu o livro que você comprou?

— Li. Um livro extraordinário.

— Você é católico?

— Não. Sou um agnóstico, admirador da Bíblia e intrigado diante de Jesus.

— O que te intriga na pessoa de Jesus?

— A ideia de que Ele era Deus. Isto não te intriga?

— Eu creio na divindade de Jesus Cristo. Ele é o Salvador da humanidade. Tudo na vida de Jesus me fascina e se traduz dentro do meu ser como uma expressão de amor e verdade.

— É a fé.

— Exatamente. A fé.

— A fé é para todos, Julie?

— É, professor Jackes. É uma questão de livre-arbítrio. Faça a escolha certa. Deus nunca rejeita alguém que o busca.

— O que você chama de buscar a Deus é a oração, certo?

— A oração como uma vontade de alcançar Deus.

— Sim...

— Professor.

— Pois não, Julie.

- Posso te perguntar se você é feliz?
- Bom, você acaba de perguntar.
- Você é feliz?
- Mais ou menos.
- Eu sou feliz. Jesus Cristo é minha felicidade... Pense nisto.
- Vou pensar, certamente.
- Mesmo?
- Prometo...
- Venha, quero te apresentar meu pai e o reverendo Paul Drear.
- Claro...

Assim, até bem tarde, Jackes teve a oportunidade de conversar sobre o Evangelho, ouvir testemunhos e citações bíblicas, fazer perguntas e obter respostas lúcidas e apaixonadas.

Antes de ir embora, pediu que orassem por ele. Beijou Julie no rosto, cumprimentou os pastores e deixou a igreja, acompanhado do amigo, professor Derry, que o levaria em casa.

No caminho, duas coisas ocupavam o pensamento de Jackes, enquanto Derry falava de história, filosofia e teologia: a beleza de Julie e a divindade de Jesus Cristo.

Quando chegaram, embora Jackes insistisse, o amigo não quis subir ao apartamento para beber e comer qualquer coisa. Então se despediram e ficaram de telefonar um para o outro.

No apartamento, Jackes pegou um lápis e um bloco. Anotou o nome de Julie e desenhou ao lado um coração, com linha bem fina. Abaixo escreveu: Eu devo me tornar cristão? Apagou a luz, pouco tempo depois e foi dormir.

Um belo dia. Ensolarado, mas não muito quente. Na parte da tarde, Jackes passou na livraria judaica, mas ficou desapontado. Julie não estava. Perguntou ao gerente se alguma coisa havia ocorrido e foi informado que sim, o pai de Julie estava muito doente. Jackes abaixou a cabeça e saiu.

Telefonou, em seguida, para o amigo, Derry, e obteve mais informações.

Complicações cardíacas. A situação era delicada. O pastor estava internado em uma clínica próxima da igreja. Jackes anotou o endereço e tomou providências para visitar o pai de Julie.

Uma hora depois já estava no táxi, a caminho. Durante a viagem, concentrou seu pensamento na morte. A melhor definição sobre esta experiência última, por assim dizer, era de um amigo também cristão, pentecostal. Ele dizia que a morte é a separação deste corpo terreno da alma e do espírito. Quando a parte imaterial do homem sai, a parte material cai. Isto é a morte.

Jackes perguntou a si mesmo se estava pronto para passar pela morte, se ela fosse uma viagem do verdadeiro eu para a eternidade, com Deus ou sem Deus. Tentou desviar o assunto da mente, mas não conseguia. Era insistente o pensamento. Todos os homens morrem. E se existe um Deus, como a Bíblia diz que Ele é, isto significa que cada homem e mulher vai ter que olhar para Ele e aguardar seu julgamento final. Isto é aterrorizante.

Um medo irrompeu dentro de si. Um medo semelhante a uma angústia diante do que não se conhece, mas que parece extremamente e estranhamente real. Um medo metafísico, quase sobrenatural.

É difícil supor — continuou a pensar — que a existência possa se resumir a esta trajetória terrena, curta e confusa. É quase impossível, na verdade. É como Julie falou, se Deus não existe, qualquer pensamento moral é inútil. Seria melhor viver pragmaticamente, procurando o que é útil e vantajoso.

Fechou os olhos impulsivamente, por um momento, e suspirou um esboço de oração, logo interrompida por um pensamento de ironia que brotou do âmago de sua racionalidade. Orar é uma fraqueza dos ingênuos e ignorantes, disse o pensamento recém-nascido. Jackes abriu os olhos, sentindo-se desconfortável e dividido, no cérebro e na alma, seja o que for a alma.

Puxou do bolso um Novo Testamento, com letras douradas na capa e abriu ao acaso para ler. A passagem era o relato da crucificação de Jesus Cristo, seguido da perplexidade dos discípulos e da ressurreição.

À medida que lia, meditava. Era algo impressionante constatar a verdade histórica daquele fato. Saber que não era lenda ou ficção literária era comovente. Uma onda de emoção moveu-se dentro dele e os olhos se encheram de lágrimas. Não sabia o porquê. Talvez porque naquela hora tenha

experimentado um pouco da bondade de Deus em seu coração.

No final da viagem, Jackes pagou a corrida e com passos rápidos caminhou em direção à clínica. Subiu os degraus cinzentos e atravessou uma porta de vidro elegante, falou com a atendente e foi conduzido até o quarto onde o paciente estava.

Ao se aproximar do leito, contemplou Julie com imensa ternura. Ela estava com o semblante triste, embora tão bela e meiga... Pastor Jean respirava com dificuldade, com ajuda de aparelho. No momento, dormia ou estava sedado. Jackes estendeu a mão para Julie e foi com ela para o corredor. Conversaram durante meia hora. Jackes procurou acalmá-la com delicadeza e identificação com sua dor.

Mais tarde, saíram para almoçar, mas antes Julie passou em casa e pegou um disquete, contendo um livro de escatologia, escrito pelo pai. Entregou o objeto a Jackes e pediu que ele entregasse a um editor cristão em Paris, um amigo que publicava os livros do reverendo Jean. Jackes disse que faria exatamente como ela pediu.

Durante o almoço, Julie permaneceu silenciosa e pensativa. Jackes compreendeu e procurou falar pouco. Conversaram sobre as Escrituras, as opiniões dos médicos e sobre a decisão de sempre manter a fé e a esperança. Depois voltaram para o hospital. O estado de saúde do pastor permanecia o mesmo. No início da noite, Jackes se despediu e prometeu voltar no dia seguinte. Julie agradeceu e abraçou o professor, sentindo-se amparada com as palavras e atitudes dele.

— Obrigada, Jackes.

— Você e seu pai são pessoas magníficas. Adeus.

— Adeus.

Em Paris, tudo estava agitado. Uma gigantesca manifestação antiglobalização reuniu todas as tendências do pensamento esquerdista, desde os herdeiros dos jacobinos até neomarxistas ecológicos. Eles faziam muito barulho, com slogans contra o capitalismo e a nova ordem mundial. Os discursos eram o de sempre, recheados de delírios utópicos e crítica aos

burgueses. A única novidade era a presença de um jovem político belga, sensação nos meios políticos e queridinho da imprensa progressista. Em seu país era senador e estava prestes a assumir um posto chave na União Europeia. Os presidentes e os primeiros-ministros elogiavam sua diplomacia, consistência intelectual e paixão pelo futuro da Europa. Seu nome era Isaac-Luc Harden. Filho de judeus, cientista político e milionário.

Impaciente e cansado, Jackes se desvencilhou dos agitadores e foi para casa. Quando chegou, foi direto para o chuveiro. Em seguida preparou sanduíches e um gole de chá. Descansou um pouco e, ansioso, ligou o computador para ler o livro do pastor Jean.

Na tela surgiu o título do livro: "O arrebatamento extraordinário da Igreja". Eram oito horas da noite. Exatamente às onze e quarenta e cinco, Jackes concluiu a leitura.

Se pôs de pé e ficou andando de um lado para o outro, com mil perguntas na cabeça. Se tudo aquilo fosse verdadeiro, representava, sem dúvidas, o acontecimento mais impensável que o mundo experimentaria. Um desaparecimento súbito e indecifrável de milhões de pessoas do globo terrestre, ao mesmo tempo, como se fosse um rapto cósmico, orquestrado por um superpoder e uma superinteligência.

Quem iria desaparecer? Segundo o estudo e segundo a Bíblia, os seguidores de Jesus Cristo.

Jackes sabia da integridade moral, espiritual e intelectual do pastor Jean. Isto era indiscutível. Mas aquela teoria era, à primeira vista, uma trama de ficção científica e nada mais.

Se tivesse nascido no sul dos EUA, na África faminta ou na América Latina, não seria estranho conceber e crer naquelas formulações doutrinárias. Mas um francês de formação racionalista, adulto e maduro tem uma dificuldade quase intransponível.

Um cristianismo ético e com esperança de paz na vida após a morte tem plausibilidade. Mas um cristianismo com uma doutrina como o arrebatamento é um desafio a qualquer nível da razão. Como pode isto ser ensinado na Bíblia? No entanto, o estudo provava que sim. Jesus falou do assunto, Paulo escreveu em suas cartas e João cita o fato no Apocalipse.

Jackes foi à janela e fitou o firmamento. Tentou imaginar o Homem-Deus,

Jesus Cristo, vindo de uma morada cósmico-celestial, ladeado de uma multidão de anjos e, de repente, veloz como um relâmpago, milhões de criaturas humanas desaparecem na Terra e são transportadas para as regiões celestes. Isto é incrível. Quase uma loucura...

Sem sono, Jackes reviu algumas partes do livro. Depois foi dormir e sonhou com Julie subindo uma montanha, linda e feliz.

Assim que acordou, já um pouco tarde, foi levar o disquete para o editor. E passou o resto da manhã bebendo café com creme e comendo torradas com geleia em um bar discreto em Paris. Pensando na vida, olhando as pessoas e decidido a ver Julie na parte da tarde. Precisava apenas comunicar à universidade sua ausência.

Já era bem tarde quando Jackes estava a caminho para visitar o pastor adoentado. O telefone celular tocou, pouco depois do início da viagem. Era Derry, com uma trágica notícia. Reverendo Jean havia morrido vinte minutos atrás. Foi um golpe na consciência de Jackes, que sentiu uma dor sutil no peito. Apenas sussurrou que estava a caminho e desligou o telefone. Embora conhecesse tão pouco o pastor, o admirava e pensava nele como um amigo.

Quis que o táxi chegasse bem rápido. Estava preocupado com Julie, queria vê-la, abraçá-la e beijar seu rosto. Podia muito bem supor sua dor e solidão.

Ao chegar, soube que o corpo estava na igreja. Imediatamente se deslocou neste sentido. Encontrou Julie abraçada por amigas, chorando, mas resignada. Pediu licença e pegou em sua mão, enxugou suas lágrimas e beijou seu rosto. Acariciou seu cabelo e lhe conferiu palavras de ânimo e carinho. Permaneceu ao seu lado, até o fim de tudo.

O enterro foi uma cerimônia breve e discreta. Alguns cânticos e algumas pregações sobre a vida no céu e o retorno de Jesus Cristo. Jackes ouvia com atenção e algumas vezes derramou lágrimas de solidariedade a Julie.

Ao se despedir, Jackes manifestou o desejo de ver Julie o mais breve possível. Ela concordou e marcaram um encontro em Paris, para almoçar, dentro de dois dias. Ele sorriu para ela e disse as últimas palavras.

— Seu pai ia gostar de vê-la feliz. Não se esqueça de ser feliz.

Sábado de manhã. Jackes acordou bem cedo e pediu ao porteiro para lhe levar o "Le Monde". Tomou café e permaneceu sentado por um tempo, considerando seus sentimentos por Julie. Sabia que a amava, a cada dia mais, no entanto, talvez nunca lhe dissesse isto, a não ser que um impulso forte o levasse nesta direção.

A campainha tocou, era o porteiro. Pegou o jornal e agradeceu, sentou-se de novo e folheou todos os cadernos. Escolheu ler uma entrevista do político belga, Isaac-Luc Harden. Não era uma entrevista longa e ajudaria a passar o tempo.

— Senador Harden, o senhor é a favor de um governo único mundial?

— Sim. Eu, o papa, as principais lideranças políticas da Europa, líderes expressivos do terceiro mundo, facções bastante representativas do universo ideológico da América do Norte, religiosos de várias vertentes, os financistas internacionais, os principais órgãos de imprensa que examinam o assunto com critério, etc... Existe um consenso hoje, cada vez mais ajustado. Só um governo único, respeitando as diferenças das culturas dos povos, obviamente, pode frear neste mundo tanto desperdício de energia, tantas guerras insanas, tanta criminalidade e tanta injustiça social. Sou, fervorosamente, um adepto do governo mundial...

— O que pode unir o mundo, em um projeto abrangente como este, se o mundo nunca se uniu antes, senhor Harden?

— É compreensível este tipo de ceticismo, mas eu sou otimista e radical no meu otimismo. Pouco a pouco, os governos e os povos estarão conscientes de que só há dois caminhos: o governo único ou o caos. E lhe garanto que ninguém é louco para escolher o caos.

— Mas, com certeza, judeus ortodoxos, fundamentalistas cristãos e radicais islâmicos ofereceriam resistência total à ideia de um governo único. Não acha?

— Eu aprendi, estudando a história das civilizações, que a história abre caminho onde não existe caminho, aparentemente. Se o governo único universal surgir como evidência de racionalidade, como única possibilidade,

ninguém terá força para se opor, nada poderá deter. Existe na história um discreto, mas inequívoco fatalismo. O que tem que ser, será. Mas isto não é conformismo e passividade. É ciência. A ciência da história.

— Qual seria o perfil de um líder para o governo único mundial, no seu entendimento?

— Um homem hábil na arte da diplomacia, apaixonado pelas nações e pela paz, firme em seus pronunciamentos na esfera da política e da economia, inteligente, persistente no projeto de reconstrução da nova ordem internacional, ecumênico, democrata até certo ponto, estudioso das grandes questões da vida social contemporânea, inspirador de confiança e, sobretudo, um humanista radical. Alguém que confie mais no potencial do homem do que na ação de Deus ou dos deuses...

— Existe este líder hoje no mundo? O senhor arriscaria citar nome ou nomes?

— Os políticos de hoje são como os políticos de ontem. Alguns medíocres, outros extraordinários. Quando o grande líder despontar, todos reconhecerão nele o homem capaz de gerenciar o mundo, com ordem, paz e prosperidade.

— O senhor seria um candidato ao governo universal?

— Minha vida é um serviço à humanidade. Quero trabalhar para meu país, para a Europa e para o mundo ser um pouco melhor. Não se faz política sem o senso de seus limites.

— As evidências indicam que o senhor será convidado para a superintendência de assuntos administrativos da União Europeia, por causa de seus estudos e sugestões práticas e lúcidas. Isto se confirmando, qual seria sua linha de ação?

— O diálogo e muito trabalho, com educadores, banqueiros e governos em geral, a nível regional e, quanto ao poder, central. Porque cada projeto depende de consciência, investimento e decisão política.

— Poderia adiantar algum projeto, senhor Harden, que seria implementado em sua gestão?

— Especificamente pretendo trabalhar para acelerar a eliminação das fronteiras ideológicas, econômicas e políticas que separam as nações europeias umas das outras. E simultaneamente aproximar a Europa da Ásia, da África e da América. Esta é uma tarefa gigantesca...

— Por falar em América, os EUA sempre foram um país com teoria e prática de rejeição à ideia de uma integração mais plena no cenário mundial, a não ser para fazer bons negócios e aumentar receita. O que pensa o senhor dos EUA?

— Estados Unidos e Europa são aliados. E juntos queremos a liberdade, uma globalização de cooperação mútua e um alastramento da lógica de produção de riquezas em todos os continentes. Desde a II Guerra Mundial que os EUA dão sinais de uma postura flexível para interagir com a comunidade internacional, com algumas exceções. No entanto, este século XXI, ao meu ver, será um século de mudanças de paradigmas. Isto será um fato irreversível. As ideologias serão solapadas diante das boas turbulências que a nova ordem mundial vai causar. O nacionalismo tem dias contados e o internacionalismo vai se impor, naturalmente.

— Suas considerações finais, senador.

— É hora de superar os mitos, os preconceitos e toda sorte de ignorância. Podemos e devemos marchar em direção a um novo horizonte da humanidade redimida por si mesma, através de uma liderança, apoiada em outras lideranças locais, capaz de capitalizar os anseios de todos por paz, prosperidade, justiça e segurança. Esse projeto para o futuro é algo que tem de nascer de nossa racionalidade e resultado de um amplo debate, de toda sociedade organizada, sobre o que queremos e como queremos alcançar os objetivos. A Europa, com sua tradição renascentista, iluminista e crítica, tem um chamado histórico para ser um movimento de vanguarda neste processo de ampliação de possibilidade e consolidação da nova ordem internacional. Precisamos mudar, com coragem e humildade. Precisamos de um grande líder, honesto, competente e audacioso, ainda que ele fosse o próprio demônio encarnado.

— Obrigado, senador Harden.

— Obrigado...

Jackes ficou estarrecido com a declaração final do senador belga. "O próprio demônio encarnado". Era chocante ouvir isto. Realmente, Harden era um sujeito astuto e bastante capaz de prosseguir, por aí, espalhando suas ideias loucas e totalitárias.

Interessante era que o pastor Jean fazia menção em seu livro do anticristo,

um personagem histórico, citado na Bíblia, que apareceria no final dos tempos, após o arrebatamento da Igreja, para estabelecer uma falsa paz, prosperidade e segurança. Durante o seu governo, uma intensa malignidade seria estabelecida na terra, com implacável perseguição a tudo que fosse santo, bom e justo, culminando com o controle dos cidadãos através de uma marca. A marca da besta.

Jackes pôs-se de pé e desviou o pensamento em direção à roupa que iria vestir para almoçar com a mais bela das mulheres. Aproveitou um tempo que ainda tinha e foi ouvir algumas músicas dos CDs de jazz que havia comprado um mês antes. Todos eram bandas norte-americanas de estilo clássico, mesmo ritmo e mesmo compasso. Jackes amava este tipo de música.

O telefone tocou. Era Julie, avisando que já estava a caminho. Jackes disse-lhe algumas palavras gentis e se despediu com cortesia... Desligou o aparelho de som e foi se arrumar.

Sentiu que estava elegante, com seu casaco verde escuro, sobre uma camisa de seda azul. Ajeitou o cabelo, passou perfume e verificou se os sapatos estavam bem engraxados. Tirou as chaves do bolso, pegou o Novo Testamento e saiu, feliz por aquele encontro.

No restaurante, aguardando Julie, ficou lendo trechos do sermão da montanha. Escolheu aquele lugar porque era frequentado por pessoas bem-educadas, que não falam alto nem prestam atenção nas conversas alheias. Além disso, era um lugar sofisticado, em um quarteirão bem afastado do centro. As mesas eram de madeira de lei, com toalhas requintadas e suavemente coloridas. Os garçons eram de uma cortesia exemplar e o próprio gerente visitava as mesas para certificar-se de que o cliente estava sendo bem tratado. Um lugar civilizado, por isto agradável...

A porta se abriu mais uma vez e era Julie, com o sorriso mais lindo da Terra. Uma elegância sem o menor exagero. Simplesmente notável.

Jackes abraçou-a com toda a ternura que era capaz, encostando seu rosto no dela.

- Estava ansioso por vê-la chegar.
- Desculpe o atraso.
- Não há do que se desculpar.

Pela primeira vez, Jackes falou sobre detalhes de sua vida para Julie. Ela,

bastante interessada, ouvia e fazia perguntas. De vez em quando eles apenas se olhavam e sorriam um para o outro.

Julie também não fez segredos, falou de quase tudo ao seu respeito. E, a cada instante, Jackes mais se interessava por ela, a ponto de sentir-se um pouco adolescente diante da situação.

Após a refeição, foram passear no centro de Paris. Visitaram uma exposição de arte barroca e ouviram um coral de música clássica, vindo de Israel. Talvez por isto houvesse tanta polícia no local. Um atentado terrorista seria uma crise e tanto.

Depois foram tomar um sorvete e beber café. O local era uma simpática lanchonete dirigida por espanhóis. Escolheram uma mesinha na calçada, próxima de umas flores penduradas na janela. Julie repousou o rosto sobre as duas mãos, com os cotovelos apoiados na mesa, e Jackes tirou do bolso da camisa um pequeno embrulho e entregou a ela.

— Para mim?

— Lógico.

— Jackes, não precisava.

— Claro que sim. Abra...

Julie abriu e era um lindo anel com uma pedrinha de brilhante.

— É o anel mais belo que eu já vi.

— É seu. Todo seu.

— Não sei como agradecer.

— Já agradeceu, quando você elogiou.

— Realmente é uma obra de arte. Você tem bom gosto.

— Você me inspirou, Julie...

— É bom ouvir as coisas que você me diz.

— Posso te dizer mais uma coisa?

— Pode.

— Te amo.

Instintivamente, Julie abaixou a cabeça. Jackes estendeu a mão e tocou em seu rosto, acariciando sua face, docilmente. Julie olhou para ele e confessou enfaticamente.

— Eu também te amo.

Jackes aproximou-se dela e beijou seus lábios em poucos segundos, com seu coração acelerado de tanta felicidade. Julie sorriu.

— Olha, o sorvete está chegando.

— É. O seu é o de abacaxi, não esqueça...

Foi uma tarde e um início de noite alegres. Julie e Jackes caminharam de mãos dadas pelas ruas de Paris, exibindo alegria, elegância e beleza às pessoas ao redor.

À noite, Jackes tinha um compromisso. Uma palestra na sede da ONG Planeta Vivo, para falar de ecologia e filosofia. Infelizmente, Julie não poderia ir. Precisava ajudar uma tia a fazer compras na cidade. E no domingo estaria na igreja.

No entanto, combinaram um encontro para a segunda-feira, de manhã, no apartamento de Jackes. Ele ia usar o computador para que ela explicasse alguns pontos do livro. Julie concordou e disse que levaria uma cópia do disquete...

O domingo passou lentamente, monótono e sufocante. Jackes só pensava em Julie, seu rosto, seus olhos, seu sorriso, seu jeito de falar. As convicções. A meiguice. A delicadeza quando discordava. O jeito quase infantil de virar o rosto como se estivesse saindo de uma distração absoluta. Julie era apaixonante.

No início da noite, Jackes pegou um táxi para procurar uma igreja evangélica, até encontrar um templo, da Igreja Aliança Missionária. Bem localizado, embora em um quarteirão mal frequentado. Algumas pessoas iam chegando, sorridentes e bem vestidas, dentro de certos limites.

Assim que entrou, procurou logo sentar. O altar ainda estava vazio. Só o púlpito pequeno, mas bonito, e algumas cadeiras envelhecidas. Havia mais ou menos umas cem pessoas. A maioria adultos, casais, com suas crianças.

Muitos eram claramente imigrantes, de origem africana. Entretanto, um bom número dos presentes era de franceses brancos, de classe média. O recinto era iluminado com luzes bem fortes e algumas pessoas estavam de cabeças baixas orando.

O pastor, depois de poucos minutos, subiu ao altar, acompanhado por três homens, que sentaram nas cadeiras disponíveis.

O culto começou com orações longas e emocionadas. Algumas pessoas choravam e outras falavam palavras de um idioma desconhecido.

A pregação foi uma dura exortação contra o pecado, que foi definido como transgressão aos preceitos divinos. O pastor combateu, com uma retórica fundamentalista e estilo de um tele-evangelista americano, o adultério, o homossexualismo, o espiritismo, o ateísmo, a idolatria, a corrupção política, a mentira e o roubo. No final, todos ficaram de pé, cantaram hinos e um dos três homens fez uma longa oração final.

Rápido como entrou, Jackes saiu. Entretanto, um jovem, bastante simpático e com um olhar vivo, o alcançou e se colocou no caminho.

— Senhor.

— Pois não.

— Meu nome é Pierre.

— Eu sou Jackes Rodhe.

— É a primeira vez que o senhor vem aqui?

— Sim.

— Gostou?

— Posso dizer que sim.

— Entendeu a mensagem?

— Foi bem clara.

— Jesus Cristo é teu Salvador, senhor Jackes, morreu na cruz pelos teus pecados. Aceite a Ele como Senhor de sua vida.

— Vou pensar nisto.

— Eu era viciado em cocaína e álcool, mas Jesus me libertou. Demônios saíram de minha vida. Hoje não sou mais escravo do mal. Amo Jesus Cristo e estou aguardando sua vinda para buscar a igreja.

— Bonita a sua história.

— Não se esqueça, Jesus Cristo vai voltar.

— Obrigado por suas palavras. Preciso ir.

— Ah, sim. Pois não. Vai com Deus. Sinta-se à vontade para retornar.

— Um abraço.

— Um abraço, Pierre.

Jackes foi para casa com seu pensamento dividido. Pensava em Julie e nas palavras do jovem pregador, assim como na mensagem do pastor. Antes de dormir, leu um pouco de filosofia grega. Comeu um resto de frango e deitou-se no sofá, ao mesmo tempo inquieto e tranquilo.

No fundo, continuava a achar que Cristo era enigmático, convincente e extraordinário, realmente santo, ético e divino. O cristianismo era um amontoado de tradições diferentes, com muita conspiração contra a liberdade de viver. Como homem comum, era possível conceber a Bíblia como a palavra de Deus e confiar que Jesus Cristo era tudo que Ele disse que era e seus seguidores confirmam. Mas como filósofo e pensador, era preciso considerar que as coisas às vezes não são o que aparentam ser.

Enquanto refletia, Jackes foi adormecendo. Um sono profundo, interrompido por gemidos estridentes de gatos brigando. Vários gatos. Jackes olhou pela janela na direção do terreno baldio e fez cara de raiva e indignação.

- Que droga, estes gatos...

Resolveu, então, esperar o dia amanhecer, navegando na internet por sites cristãos escatológicos...

A campanha tocou uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Jackes havia adormecido na mesa do computador, diante de um site da Instituição cristã chamada do fim, dedicado a disponibilizar textos sobre o fim do mundo e o retorno de Jesus, a chamada Segunda vinda do Messias.

Do lado de fora, Julie ficou um pouco impaciente. Tornou a acionar o mecanismo, produzindo o som estridente.

Jackes achou que tinha ouvido o sinal da universidade tocar. De súbito se deu conta que estava no apartamento. Deu um salto e, com rapidez alucinada, trocou de roupa, penteou o cabelo e lavou o rosto, enquanto gritava a plenos pulmões.

— Já vou. Já vou. Já vou...

Finalmente abriu a porta. Lá estava Julie, bonita como sempre. Com um sorriso suave e um pouco molhada com os pingos da forte chuva que caía.

— Desculpe, Julie.

— Estava dormindo, não é?

— É. Adormeci estudando. Entra...

Dentro do apartamento, Julie secou seus braços e rosto. Sentou—se e pediu um pouco de café.

— Claro, meu amor...

Ficaram um bom tempo examinando pontos do livro "O arrebatamento extraordinário da igreja". Jackes perguntava e Julie respondia, com paciência e entusiasmo evangelístico.

— Julie, o arrebatamento vai realmente acontecer?

— Vai. Jesus Cristo descera da glória celestial, cercado de um número incalculável de anjos, mas não pisará no solo da terra. Transportará seu povo, que vive na fé e na obediência, para se encontrar com Ele nas regiões celestes.

— Incrível.

— Você tem dificuldades, ainda, com certas verdades bíblicas...

— Tenho.

— Pois é, Jackes. A decisão é sua. Eu creio que você viu o caminho e tem uma pequena convicção intelectual da nobreza deste caminho. Mas não se é mais ou menos cristão. Ou temos a fé plena ou ainda somos aspirantes.

— Eu sei, Julie...

— Acho que doses excessivas de racionalismo criaram resistência consistente em sua mente.

— Já faz tempo que procuro olhar melhor o cristianismo, com mais tolerância e vontade de compreensão.

— Entendo. Mas o que importa é a fé de todo coração. Como disse Jesus: "Vinde a mim..." Este vir é entregar-se plenamente, sem reservas, confiando e confessando as verdades bíblicas.

— Bem, vou continuar me relacionando com o assunto.

— Faça isto. Eu vou te ajudar, tanto quanto puder.

— Claro...

— Fiquei com fome.

— Vou preparar sanduíches e sucos.

— Não fuja.

— Para onde eu iria fugir?

Jackes sorriu e dirigiu-se para a cozinha. O tempo lá fora era o pior possível. Muitos relâmpagos e forte quantidade de água, uma tempestade intimidadora.

O pensamento de Jackes viajou até o futuro. Quem sabe um dia não poderia estar casado com Julie e até mesmo formar uma autêntica família com ela.

Estava certo de que ela era a pessoa certa que, no tempo certo, aparecera em sua vida, levando felicidade, entusiasmo e juventude. Com ela, queria construir um futuro que porventura houvesse.

Julie era como uma flor, por mais óbvio que isto fosse. Delicada, encantadora e capaz de exalar uma fragrância existencial que tornava a vida prazerosa.

Chegaria uma hora em que falaria com ela sobre casamento. Mesmo que ela se mostrasse insegura e indefinida, não perderia a esperança, pois o amor é pleno de esperanças que não se apagam.

Um relâmpago especialmente forte desfez a teia dos pensamentos poéticos do filósofo. Sorriu para si mesmo, enquanto caprichava nos sanduíches, após ter feito o suco. Para passar o tempo, cantarolou uma velha canção francesa dos tempos da Revolução de 1789.

Outro relâmpago forte, seguido de mais dois da mesma intensidade, produziram um clarão bem nítido, uma vez que o céu estava totalmente enegrecido pela tempestade.

Jackes olhou através da janela da cozinha e suspirou conformado diante do cenário sombrio daquele dia. Foi quando um vento impetuoso soprou sobre ele, indo em direção à sala, onde estava Julie. Jackes empurrou a janela, imaginando assim impedir outros golpes de vento como aquele.

Pegou a bandeja, pôs sobre ela os sanduíches e os sucos e foi para a sala. Na primeira visão, não viu Julie. Chamou por ela e não obteve resposta. Deixou a bandeja sobre a mesinha da sala e foi aos outros cômodos. Não achou Julie, no entanto. Bateu na porta do banheiro, mas tudo era silêncio. Abriu a porta devagar, entretanto Julie também não estava no banheiro.

Voltou para a sala e ficou olhando ao redor.

— Julie. Julie.

Foi até a porta da sala, que estava trancada e a chave no mesmo lugar, sobre um livro em cima de uma cadeira. Ficou confuso. Ela não tinha saído, com certeza. Tornou a chamar e andar pela casa. Nada... Sentiu um princípio de apreensão.

— Cadê você, Julie?

Olhou a janela, estava fechada. A porta de acesso à varanda, trancada. Abaixou a cabeça e deparou-se com algo que tinha passado despercebido. As roupas que Julie vestia, amontoadas no mesmo local em que ela estava lendo um livro de introdução ao pensamento moderno. Foi um choque. Quase simultâneo com o susto de uma voz feminina gritando histericamente no corredor do apartamento.

Jackes, apressadamente, abriu a porta. Três homens e uma mulher tentavam conter uma crise de nervosismo da Srta. Weill, que perguntava aos gritos quem tinha levado o seu bebê.

Jackes tornou a entrar em seu apartamento. Encostou na porta, fechou os olhos e disse em voz alta:

— Isto não está acontecendo. Eu não estou louco.

Abriu os olhos e olhou, de novo, a roupa de Julie. Ficou imóvel, trêmulo, pálido e incapaz de pensar em uma atitude.

Pegou a roupa e constatou que até mesmo as peças íntimas estavam ali. Assim como os brincos, pulseiras e grampos que ela usava no cabelo. Abraçou as roupas e sentou no sofá, quieto e perplexo.

Por impulso, ligou a televisão, utilizando o controle remoto. Trocou os canais, até localizar um telejornalismo, relatando desaparecimento de pessoas. Inclusive, a câmera de um repórter tinha registrado o desaparecimento súbito de uma mulher no centro de Paris. No lugar em que ela estava, só ficaram suas roupas, bolsa e óculos.

Jackes desligou a televisão, assustado. Deixou o apartamento, sem rumo e sem ideias claras. Na recepção do prédio, vários moradores falavam sobre um mesmo assunto, o desaparecimento de pessoas. Jackes passou sem ser notado.

A chuva diminuía de intensidade. Dois carros de polícia passaram em alta velocidade. Jackes caminhou, na chuva, em busca de um táxi, até que avistou

um. Fez sinal, entrou no carro e indicou onde queria ir. Seu rosto estava profundamente abatido. Uma dor de cabeça incômoda começou a martelar na altura da nuca, fazendo até doer os olhos.

O rosto de Julie não saía de sua imaginação e vez por outra seu coração disparava, como se fosse prenúncio de um infarto.

Chegou no local. Pagou a corrida e caminhou lentamente, contemplando, a curta distância, a fachada da igreja Aliança Missionária. Parou por um minuto e sussurrou algumas palavras de arrependimento.

Prosseguiu caminhando e bateu na porta da igreja. Tocou a campainha, mas ninguém foi atender. Empurrou a porta para ver se estava aberta, não estava. Abaixou a cabeça e sentou-se no degrau que iniciava uma saída lateral, em direção a um parque para crianças. Pôs os cotovelos sobre as pernas e a cabeça entre as duas mãos espalmadas nas faces. Ficou falando baixinho confissões de amor a Julie, entremeadas de confissões de seus pecados e tudo que imaginava ser pecado, enquanto as lágrimas desciam dos olhos, pela face, pingando no chão...

Vez por outra, ambulâncias, carros de polícia e bombeiros passavam, velozes. Jackes sabia porquê. Era o mistério dos desaparecidos. O arrebatamento da Igreja.

- Adeus, Julie.

Lembranças e realidades

A

preensivo, mesmo sem motivo, saltei na última estação do ramal norte. Atravessei a plataforma, com passos apressados e imaginando o improvável. Meu amigo, Tércio, arrebatado até uma cidade celestial. Que coisa estranha. Eu creio em Deus e na Bíblia, mas minha razão impõe limites a minha fé. É como deve ser. Um pouco de fé e muito de razão.

Subi os degraus da estação, atravessei o portão giratório e desci do outro lado. Pouca luminosidade e nenhuma pessoa na rua. Na verdade, apenas vi um gato preguiçoso, escondido debaixo de um jornal sujo, no canto de um banco encostado em uma árvore imensa.

Era a quinta vez que eu vinha a este lugar, sempre à noite. Mas desta vez eu vim para ficar alguns dias e ouvir o relato do meu amigo.

Tércio e eu estudamos Teologia juntos. Ele depois estudou Letras e tornou-se professor de Literatura. Eu tornei-me ministro do Evangelho e professor de Teologia dogmática no seminário da Igreja Metodista do Brasil.

Sempre discutimos o sentido da fé, a esperança da eternidade, a ética do Reino e os apócrifos da Bíblia. Eu sempre iluminista e Tércio sempre místico, mas nunca trocamos insultos. A amizade permaneceu intocável.

Entrei na rua ladeada por casas grandes e velhas, com presença de jardins, árvores e cachorros. Começou a chover. Abri o guarda-chuva e ajeitei meu blazer cinza. Dei algumas pequenas corridas e alcancei a casa. Toquei a campainha e fui logo atendido. Tércio me recebeu com um sorriso e a elegância de sempre.

- A paz do Senhor Jesus.
- A paz, amigo Tércio.
- Sente-se que vou lhe trazer um chá quentinho.
- Agradeço.
- Os amigos merecem tudo de bom...

A casa por dentro era nova e linda, embora por fora fosse malcuidada e feia, sem leveza arquitetônica.

A sala era imensa, com uma mesa grande de madeira nobre e cadeiras imponentes. Um tapete com desenhos geométricos sutis, dois sofás confortáveis, azuis e de veludo, uma estante sóbria, com livros e revistas espalhados. Levantei-me e percorri a estante que eu admirava. Os nomes nos livros eram a tradução do pensamento genial dos quatro cantos do mundo, sobretudo a Europa. As peças de Shakespeare, as epopeias de Homero, traduções da Bíblia, romances de Kafka e Charles Dickens, poemas de Castro Alves, ensaios filosóficos de Platão, Agostinho, Kant e Marx, obras dos pensadores protestantes mais vitais, como Calvino, Lutero, Barth, Richard Baxter, Berkof e outros, sociologia, antropologia e arqueologia. Uma senhora biblioteca. Olhar aqueles volumes de pura inteligência me deslumbrava.

— Apreciando os livros, como sempre.

— Como sempre.

— Nós, intelectuais, somos atraídos pelo que se pode aprender, não é assim?

— Concordo.

— Aqui o chá.

— Obrigado.

Sentamos e, enquanto bebíamos o chá, Tércio iniciou a conversa que não me deixava à vontade, mas ouvia e depois diria o que pensava.

— Obrigado por ter vindo. Eu planejei que você seria o primeiro a ouvir o relato, por causa da nossa amizade e porque eu creio que a tua fé vai crescer, ao ouvir e ponderar o meu relato.

— Pois não.

— Três dias atrás eu estava em meu quarto, no andar de cima, orando e lendo o livro do profeta Daniel. Por volta de onze horas da noite, uma presença gloriosa de Deus encheu o ambiente. Ergui os meus olhos e vi diante de mim um anjo, com vestes douradas e uma aparência dócil. Ele olhou para o alto e, quando fiz o mesmo, senti que estava subindo. Sobre esta mesma casa, vi uma carruagem, que parecia feita de fogo, e cavalos que pareciam prateados. Entramos na carruagem e fui levado a um ponto do universo, onde está a cidade celestial, a Jerusalém que desce do céu.

Atravessamos, no percurso, uma região desértica, onde vi o que seriam naves de variados tipos, ovais e retangulares, um pouco assustadoras. Vi também seres espirituais, bem diferentes do anjo que me conduzia na carruagem. Eram disformes, agitados, bizarros, aglomerados como hostes de pura maldade. O anjo me disse que no dia do arrebatamento estes espíritos caídos seriam removidos dali e lançados na Terra para o período da grande tribulação. Estremeci, espantado ao ouvir isto, e me lembrei do Apocalipse: "Ai de vós, moradores da Terra, pois satanás desceu a vós com grande fúria, sabendo que pouco tempo lhe resta."

Avistei num certo momento uma luminosidade monumental, em forma de um cubo, se posso dizer assim. Nos aproximamos rapidamente daquela massa compacta de luz, bela e fascinante. Apontei na direção e perguntei ao Anjo se era a cidade que Deus preparou para seus filhos fiéis a Jesus. O Anjo respondeu que sim. Eu me alegrei enormemente e cantei louvores ao Altíssimo, Criador dos céus e da terra.

Bem diante do portal da cidade pude contemplar sua colossal grandeza. Desfrutei daquela cena o mais que eu pude, feliz e impactado. O portal se abriu e vi dois anjos, um à esquerda e outro à direita. A beleza da glória de Deus neles é quase impossível de descrever. Eram altos, felizes, com vestes azuladas tão belas que fiquei encantado. Eles tinham trombetas nas mãos.

Dentro da cidade, olhei ao redor e vi vida. Tudo era vida. Crianças no que pareciam bosques com borboletas, lagos, árvores, leões graciosos, jardins, anjos e seres humanos adultos... Finalmente a carruagem parou, na frente de um castelo imponente, clássico, rodeado de flores de todas as cores, exalando um suave perfume, envolvente, com um sabor indescritível. Entramos no palácio, eu e o anjo. Havia lá muitos anjos de vestes coloridas e variadas. Eles estavam de pé e conversavam uns com os outros, com cordialidade e serenidade. Pouco tempo depois, uma trombeta tocou. Três sinais curtos e um longo. Houve um silêncio imediato no local. Formaram-se dois grupos e eu estava em um deles. Entre os grupos, um corredor que conduzia da porta a um altar ricamente adornado de pedras preciosas. Quando olhei em direção ao altar, mais uma vez, vi dois anjos de impactante brilho, olhares solenes, pairando, formosos, sussurrando: Santo, santo, santo, é o Senhor dos Exércitos... Uma onda de temor elevado agitou-se dentro de mim. Senti vontade de chorar e glorificar.

Verifiquei que um anjo apareceu na porta, com seu olhar humilde e formoso. Estendeu um tapete avermelhado, até ao altar, depois misturou-se a um dos grupos, sorrindo de forma gentil. Os anjos abaixaram e ergueram suavemente as fronteiras, olhando em direção à porta, com reverência e alegria. Quando me virei, meus olhos encontraram os olhos mais belos e amorosos que jamais vira. Os olhos de meu Salvador, Jesus. Os anjos começaram a cantar um cântico em uma língua que eu não entendia, mas me fascinava. Jesus caminhou sobre o tapete, com vestes de Rei, majestoso, olhando todos com afeto cativante. Quando seus olhos encontraram os meus, abriu mais seu sorriso e prosseguiu até o altar. O louvor cessou. O recinto se encheu da presença de uma nuvem de glória, e Jesus proferiu uma mensagem, urgente e verdadeira.

Ele disse que o planeta Terra, breve, muito breve, começaria a sofrer uma interferência direta e poderosa do céu. Estava chegando o dia e a hora do início do fim. Enquanto Ele falava, os anjos ouviam em absoluta atenção, com gestos faciais de aprovação e visivelmente impressionados. Eles eram como uma igreja fervorosa, diante do Senhor e sua Palavra. Eu estava impactado, acho que trêmulo e crescendo em amor pela verdade.

Jesus continuou explicando que milhões desapareceriam da Terra, misteriosamente, provocando pânico, caos, violência, suicídios, histeria, medo, teorias loucas e muitas tragédias. Voltou a insistir que pouco tempo resta para os moradores da Terra. Citou versículos da Bíblia e pediu que cantássemos um louvor de adoração. Desta vez cantaram um hino em hebraico que repetia, cada vez mais alto, que Adonai é Deus e Senhor dos senhores. Tão lindo que comecei a rir de felicidade e emoção.

Quando Jesus voltou a falar, explicou que, pouco antes do arrebatamento, a Jerusalém celeste se aproximará extraordinariamente da Terra. Os principados das trevas seriam removidos das regiões celestes ocupadas, o fogo de Deus purificaria aquele lugar maculado pelo pecado de anjos rebeldes e a ordem então seria dada, vinda direta do Trono do Pai, e um poder misterioso, que não pode ser revelado a Anjos ou a homens, desceria sobre os eleitos, envolvendo-os plenamente e transportando-os de forma sublime e perfeita até aos ares, o lugar do encontro entre o Rei dos reis e seus súditos submissos.

Meu coração palpitou e ergui meus braços como se estivesse me rendendo

às palavras, à voz, ao olhar, à doçura, à realeza e à autoridade do único Deus, diante de mim, com semelhança de homem e também semelhança de anjo, mas divino, eternamente divino.

Suas palavras prosseguiriam enchendo aquele lugar de mais e mais poder, quanto mais falava, revelando que o arrebatamento é para quem ouviu o Evangelho e se arrependeu, estudou a Bíblia e se submeteu aos seus valores. Os hipócritas, farsantes, apóstatas, fabricantes de iniquidade, adúlteros, blasfemadores, falsos profetas, enfim, filhos da escuridão, seriam ignorados, recusados e excluídos pelo próprio Criador.

O tempo foi passando. Não havia cansaço. Apenas olhávamos, eu e os anjos, atraídos irresistivelmente pela lógica, santidade e beleza celeste do cordeiro. Jesus, por fim, abaixou seu rosto e, introspectivo, dirigiu-se ao Pai, intercedendo pela humanidade, para que um número maior de homens e mulheres pudesse escapar da terrível ira do Dia do Senhor.

Um tempo depois, saímos do castelo. Eu olhava os anjos e olhava Jesus. Vi quando Ele entrou em uma carruagem toda de ouro, acompanhado de anjos silenciosos e sorridentes. A carruagem ergueu-se do solo e alçou voo, com seus cavalos prateados, em direção a uma montanha iluminada por reflexos de luzes de cores primárias. Na verdade, as cores do arco-íris.

Meu amigo anjo me conduziu em seguida para um bosque encantador. Vi tantas flores, borboletas e pássaros lindos que a minha alma exultou. Havia uma casinha do outro lado de um riacho, modesta e atraente. Um homem saiu de dentro da casa, entrou em um barquinho branco, delicado, e veio em minha direção. Olhei ao redor e notei que o anjo não estava comigo. Sem que eu percebesse, ele havia se retirado. O homem aproximou-se mais, com um rosto discreto, tranquilo, com muita dignidade e bem trajado. Logo iniciamos uma conversa agradável e instrutiva. Nos sentamos à margem do riacho e ele iniciou o diálogo:

— A Terra, o planeta rebelde, será sacudida por acontecimentos inesperados e dramáticos.

— Por exemplo? – eu perguntei, enfático.

— Os clones.

— O que tem os clones?

— É algo terrível.

— Como assim terrível?

— Serão artefatos humanos, habitados por demônios de todo tipo.

— O quê?

— Não terão uma alma/espírito com a marca do Criador, um pouco de suas infinitas virtudes que faz que mesmo um ser humano mau tenha alguma coisa de bom.

— Os clones serão seres sem alma?

— Um exército de demônios sobre a terra, com corpo humano, enchendo o mundo de violência vil, macabra, terrorista, como nunca se viu.

— Por que Deus vai permitir chegar a este ponto?

— A soberania de Deus não pode ser sondada por inteligências limitadas como a minha e a sua.

— O que mais vai acontecer na Terra?

— As denominações cristãs se encherão de pessoas com vida dupla. Na aparência, aquele ar de pureza e santidade, mas secretamente, uma vida escravizada por coisas como luxúria, hipocrisia, cobiça, adultério, feitiçaria, orgulho, patifaria, etc. As igrejas locais estarão infiltradas por prostitutas fingindo serem santas, ministros falsos, satanistas sofisticados e gente cheia de má fé.

— Meu Deus...

— É preciso proclamar o Reino. A proclamação do Reino é um poder doado pelo Santo Cordeiro ao povo de Deus.

— Claro que sim.

— Vamos comigo ver uma cena do futuro.

— O futuro?

— É. O futuro na Terra.

— Onde?

— Na minha casa.

— Ah, sim...

— Entre no barco.

— Ótimo.

Entramos no barco. Atravessamos o riacho e entramos na casa. Tudo era

simples, com exceção do computador que transmitia toda sorte de informações. Pareciam cenas de acontecimentos entre os povos da Terra. Meu amigo sentou-se em frente à tela, junto a mim, e apontou em direção ao vídeo.

— Veja.

Olhei e vi cenas horripilantes, a começar por suicídios, assassinatos gratuitos, cenas de aborto, ataques com mísseis, pessoas gritando alucinadas nas ruas, saques, incêndios, agressões raciais, manchetes de jornais anunciando colapsos econômicos, demônios em grande quantidade entrando nas pessoas. Chocante. Horrível.

Meu amigo tornou a falar:

— Isto é apenas o início, logo após o arrebatamento... Agora olhe outros fatos futuros da Terra, que Deus te concede contemplar.

Olhei de novo para a tela. Vi um rosto masculino em foco, sagaz e determinado. A cena abriu; era o salão de conferências da ONU. Havia políticos e jornalistas lotando o salão. O homem que falava era de aparência ocidental, relativamente jovem e, ao lado dele, um ser notadamente maligno, com cabelos dourados, um uniforme de cor metálica, um sorriso doentio e olhos aterrorizantes. Uma figura sinistra.

— Aquilo é um anjo caído? – perguntei, atônito.

— Sim. E o político é um francês de origem genética árabe-israelense. Se tornará líder incontestado da Europa unificada, por sua inteligência e capacidade diplomática. As nações do mundo vão admirá-lo e louvá-lo, praticamente.

— Ele é o anticristo?

— Ele é o anticristo.

— Meu Deus...

Prossegui ouvindo aquele político, que falava com malícia e poder de convencimento, versando sobre a economia internacional, com proposta objetiva de fusão do Euro com o dólar e com a moeda japonesa. Sobre política, propondo a aceitação de uma carta de princípios constitucionais para as nações. E sobre religião, atacando o fundamentalismo cristão, a Bíblia e toda ideia de profecias por cumprir. Espantoso ouvir tudo aquilo.

Depois a cena mudou e vi tropas da Rússia avançando em direção ao

território israelense. Vi milhares e milhares de crianças negras morrendo de fome na África. Vi recintos sofisticados, com homens e mulheres aristocratas invocando a satanás. Vi o que parecia um grande hospital arrancando fetos de mulheres e negociando a mercadoria em salas onde eram assinados cheques, cigarros eram acesos e apertos de mão aconteciam sem sinal de crises de consciência. Vi organismos pequenos, como vermes, de estranhíssima aparência, parecendo invisíveis aos homens, entrando em seus corpos e produzindo doenças fatais. Vi grupos na rua quebrando tudo pela frente, inclusive pessoas. Vi orgias no altar de igrejas e sinagogas. Vi bebês sacrificados em diversos tipos de rituais. E, finalmente, com uma dor profunda que estrangulava meu ser mais íntimo, cobri meu rosto com as mãos, indignado, entristecido e sem vontade de prosseguir contemplando tamanha tragédia e loucura.

Meu amigo levantou-se e eu o acompanhei, balbuciando palavras de misericórdia e temor, diante do Deus Todo-Poderoso. Voltei para a outra margem do rio. O anjo, meu anfitrião, estava lá, me aguardando. Abraçou-me e sorriu para mim. Eu me virei e acenei para o amigo, com a sensação de que brevemente tornaria a vê-lo. Entramos, então, em uma carruagem e fomos para um ponto na cidade, onde anjos retocavam mansões lindas, em ruas com árvores cheias de flores rosas, amarelas e verdes.

O anjo me disse que havia milhões de residências espalhadas na cidade do Grande Rei, preparadas para os santos que viriam da Terra. Fui convidado a entrar em uma delas. Vários cômodos, móveis bem distribuídos, luminárias elegantes, tapetes coloridos, aparelhos eletrônicos, parecidos com fax, telefone, notebooks, televisão e outras coisas... Subi ao segundo andar e entrei em um quarto, com uma janela de acesso a um imenso jardim, com bancos, objetos de brincadeiras infantis, plantas e flores de extraordinária beleza.

Eu não tinha palavras para expressar minhas impressões sobre o que via. Não toquei em nada. Apenas andei de um lado para o outro, encantado, absorvendo a beleza, a magnitude e a solidez de tudo aquilo.

Perguntei ao anjo se todas as casas eram iguais, ele falou que não e completou dizendo que cada uma delas foi feita para atender ao gosto do morador que virá. É parte do galardão divino, agradar seus filhos por toda a eternidade. Portanto, cada detalhe no céu realizará sonhos que foram gestados

na Terra. Nada podia ser mais formidável do que isto.

Quando saí da mansão, pedi perdão a Deus por meus pecados. O anjo olhou-me com firmeza e disse:

— Seus pecados foram todos perdoados.

Quase imediatamente estávamos voando em direção a uma região afastada da cidade, onde se preparava o Juízo Final. Ao ouvir isto, estremeci mais uma vez, mas firmei meu coração e controlei minhas emoções.

Tércio interrompeu a narrativa e fomos jantar. Durante a refeição, ele me disse que esperava que eu cresse que o céu é real e que o universo não é só a Terra e sua história de risos e lágrimas.

— Os teólogos também são homens de fé, meu caro Tércio.

— A teologia é nada mais do que a fé que se expressa com erudição.

— Nos parâmetros da revelação.

— Isto. A Revelação.

— Isto...

— É como diz a Bíblia, na casa de meu Pai há muitas moradas.

— Perfeito, não se discute.

— Jesus Cristo, breve, muito breve mesmo, virá.

— Eu creio.

— Qual a sua concepção do céu, amigo?

— Só penso no caráter existencial do céu, não me preocupo com arquitetura e outras tangibilidades. Basta a mim saber que no céu predomina a paz, a justiça, o bom senso e a alegria real e profunda, que emana do domínio absoluto de Deus.

— É, já ouvi você falar essas coisas antes.

— Continuo dentro destes limites, pois me parecem razoáveis e não são polêmicos.

— Sempre me instigou pensar na arquitetura do céu, como você disse. As cores dos objetos, os veículos de transporte... As formas de relações sociais, o tipo prático de governo, a culinária, hábitos e costumes, a cultura ou culturas

dos anjos, as atividades criativas que nos ocuparão durante uma eternidade, já imaginou?

— Rarissimamente penso nestes ângulos da questão. É muita metafísica pra minha mente.

— É. O importante é que os teólogos também creem. Não é assim?

— Exatamente.

— Bom, acho que vou dormir um pouco. Passei grande parte do dia estudando as Escrituras e corrigindo provas de pré-vestibular.

— Ah, isso cansa...

— Seu quarto é aquele de sempre, sinta-se à vontade. Amanhã conversaremos mais.

— Exatamente.

— Obrigado, Tércio. Vou deitar e pensar em tudo que você narrou.

— Ótimo. Pense profundamente e tenha bons sonhos.

No quarto, atirei-me no sofá estreito e confortável, depois de trancar a porta e puxar a cortina da janela. Deixei a luz de um abajur acesa e me encolhi debaixo de uma coberta áspera. Citei um salmo do rei Davi e voltei meu pensamento para o passado. Um culto, na Igreja Evangélica Palavra Eterna, onde o pastor J. N. Darby pregava um sermão sobre o arrebatamento da Igreja. Ele repetiu várias vezes que a fé e a santidade são as condições de Deus para a salvação. Jesus não arrebataria os incrédulos, mesmo que eles fossem membros de igrejas e também não arrebataria os pecadores não arrependidos, pois amavam mais o sexo ilícito, seu orgulho próprio, a mentira, os bens materiais, a corrupção, a maldade, os vícios secretos, a mentalidade mundana, as ofensas e podridões de todo tipo do que a Deus e seus mandamentos.

Naquela noite, lembro-me bem, chovia torrencialmente. Eu e minha mãe voltamos para casa, encolhidos frente à chuva de vento. Dentro do ônibus, encostei a cabeça no vidro, olhando a água espirrada pelo atrito da roda do ônibus, enquanto imaginava Jesus voltando para buscar pessoas como minha mãe, sempre fiel a Ele, mesmo nos dias de dor.

Em casa, fui logo deitar-me. Debaixo de lençóis, acendi a lanterna e fiquei olhando as gravuras de uma revista da escola bíblica dominical, onde Jesus voltava e muitos meninos da igreja ficavam, porque eram desobedientes e

maus. Li duas vezes a história e senti dentro de mim uma vergonha por todas mentiras que contei, frutas que roubei, raiva que senti de minha mãe e outras coisas dessa natureza. Fiz uma oração de arrependimento e chorei aquela noite, diante de Deus, prometendo que jamais abandonaria o Evangelho de Jesus Cristo. Cumpri a promessa, nunca abandonei esta fé que me acompanha desde os tempos de menino...

Apaguei o abajur. Sonolento, bocejei. Eu me encolhi mais um pouco e, não demorou, dormi serenamente. Tive um sonho. Tão real e intrigante... Estava em uma estação, com uma mala quadrada, como aqueles modelos antigos. Não tinha ninguém mais na estação. Eu me sentia feliz, seguro e ansioso pela chegada do trem. Vestia um terno bem recortado e mantinha em minha mão direita um relógio de bolso prateado e reluzente, que vez por outra eu olhava.

Saindo de dentro de um túnel na montanha, apareceu o trem. Abri um sorriso de entusiasmo e ergui minha mala com a mão esquerda. Em pouco tempo o trem chegou à estação e parou, com um pequeno barulho de freios. Subi, contente como um menino que alcançou um desejo legítimo e atravessei vários vagões com o trem em movimento. Pessoas de diferentes etnias sorriam para mim, com doçura nos olhos e felicidade iluminada no rosto. Parei em um vagão, quando um homem alto, de semblante amigável, com seus olhos azuis, me apontou uma senhora, de costas para mim. Olhei e soube que era minha mãe. Apressei meus passos e sentei-me ao seu lado. Foi um reencontro indescritível, nos abraçamos longamente, sem palavras. Depois conversamos sobre tudo referente ao céu, por um tempo precioso, que durou o suficiente para uma perfeita harmonia entre nós.

O mesmo homem veio me avisar que eu deveria saltar em seguida. O trem parou, beijei minha mãe e ela me disse que em breve nos veríamos. Concordei e saltei apressado. O trem partiu e fiquei acenando até não conseguir mais enxergar seu movimento. Duas pessoas gentis, um homem e uma mulher de aparência africana, me abraçavam e me conduziam a um vilarejo no meio de um bosque com muitas rosas, girassóis e árvores frutíferas de variados tipos. Pessoas acenaram para mim das janelas, calorosamente. Entrei finalmente em uma casa, onde não vi nada que pudesse reclamar. Coloquei a mala no chão e olhei pela janela parte da beleza daquele lugar... Foi aí que o sonho terminou.

Quando acordei pela manhã, notei que havia um sol tímido iluminando a

manhã ainda fria. Permaneci quieto, ouvindo o silêncio que às vezes era quebrado pelo latido monótono de um cãozinho pequeno. Lembrei logo do sonho e me comovi. Minha mãe estava linda e aquele lugar era o céu, com certeza. Que coincidência, tudo o que Tércio falou e este sonho celeste.

Quando ouvi barulhos dentro da casa, resolvi lavar o rosto, trocar de roupa e descer. Foi o que fiz. Tércio estava sentado, lendo jornal e bebendo suco de uva. Quando me viu, deu um sorriso e me perguntou se eu tinha dormido em paz. Respondi que sim, sem contar-lhe o sonho.

Durante parte da manhã, conversamos sobre as questões do terrorismo internacional, o conflito no Oriente Médio, a ascensão econômica da China, a unificação da Europa e a miséria no mundo. Foi um debate interessante. Tércio é meio de direita e eu meio de esquerda.

Depois ele pediu licença e voltou a relatar-me sobre sua experiência, na cidade de Deus, além do infinito, se posso assim expressar.

— Eu e o Anjo estávamos lá, parados, dentro da carruagem, olhando em direção a um altar que reluzia e se perdia de vista. Era uma região onde não ouvi sons. Os anjos ali eram diferentes, mais altos, mais sérios. Pareciam tropas de guerreiros, com espadas e roupas como uniformes militares. Em alguns vi o que pareciam medalhas. Davam ordens e outros obedeciam. O local era desértico, uma fumaça cinzenta cobria o solo, e nuvens carregadas e baixas cobriam todo o lugar, como se a pior das tempestades fosse desabar. Era de assustar...

Vi anjos segurando correntes pesadas, outros verificando informações em computadores que cabiam na palma de suas mãos. Em pequenos círculos, alguns falavam, enquanto os outros ouviam com absoluta atenção.

O anjo anfitrião me disse que Deus ordenou que os trabalhos nesse lugar fossem acelerados, pois o tempo, no mundo humano, está sendo reduzido. Quer dizer, o tempo passa mais rápido e tudo dura menos. Por causa da horrível iniquidade dos depravados, Deus vai antecipar o juízo, embora seja grande a sua paciência e misericórdia.

Aquelas palavras me fizeram pensar na loucura dos que vivem no pecado, insaciáveis e atrevidos... Quando, subitamente, relâmpagos cruzaram aquele céu tenebroso, de ponta a ponta. Foi um susto enorme. Olhei aflito para o Anjo, meu amigo, ao meu lado. Ele sorriu e disse apenas uma coisa: O Rei.

Aquela cobertura escura se abriu, como uma cortina pesada, rasgada por uma força. E apareceram sobre nós uma, duas, três, quatro, cinco carruagens das mais belas que eu já tinha visto. Em uma delas estava Jesus. Ele desceu, acompanhado do que me pareceu chamados em formas humanas ou angelicais. Eram anjos também, que ficaram próximos da carruagem. Jesus foi em direção a um pequeno círculo de anjos grandes, com muitas medalhas. Quando ele passava por um anjo, este se curvava e falava algumas palavras. Fiquei com os olhos fixos no Rei. Ele falava com mansidão, e todos ao seu redor balançavam a cabeça afirmativamente.

Passou um breve tempo e Jesus retornou à carruagem. Os veículos atravessaram de novo o céu, fazendo o percurso de volta. A luminosidade solar desapareceu, e todo o teto tornou-se como antes, escurecido e sinistro. Relâmpagos explodiram em várias direções, até que o silêncio voltou a reinar. Então os anjos que estiveram com Jesus chamaram outros anjos, passando ordens, que eram repassadas.

Um dos anjos, alto e bem sério, veio até nós e conversou com o anjo meu amigo, em um idioma desconhecido, com pouco espaço entre as palavras, que eram sonoras e algumas sussurradas. Quando ele se foi, nossa carruagem se moveu e saímos daquele lugar ameaçador. No caminho, perguntei o que o anjo tinha dito. Ouvi com agitação nas entranhas a resposta: quase nada falta no relógio de Deus para a hora final.

Retornamos à cidade. A bela cidade que João vislumbrou no Apocalipse. Fomos a um prédio, cujo acesso era permitido por centenas de degraus brancos como um mármore. Dois leões passeavam nesses degraus, belos, amarelos e dóceis. No imenso portão de entrada, um anjo de cada lado, com lanças prateadas nas mãos, pousadas no piso. Passamos por eles, sem que houvesse cumprimentos. Olhei e notei que eram reais, embora parecessem estátuas.

Dentro do prédio havia uma imensa mesa redonda, onde homens idosos (talvez anjos) e contemplativos conversavam. Eu e o anjo andamos ao redor da mesa, mas nenhum ancião olhou para nós. Eu ouvia eles falarem, era uma língua estranha, mas na minha mente eu entendia. Não sei se é razoável dizer isto, mas é o fato. Não era uma língua semelhante a qualquer língua conhecida, mas eu entendia. Eles falavam sobre os últimos dias do silêncio de Deus. O grande Criador do universo começaria a falar, através de

acontecimentos e mudanças drásticas na história humana. Algumas palavras e frases ainda ecoam em meus ouvidos:

— Milhões morrerão e suas almas feridas de dor espiritual cairão no abismo das trevas mais profundas e desesperadoras.

— O fim da misericórdia de Deus é o início imediato de sua ira. E quanta diferença existe entre uma e outra.

— Os inimigos de Deus conhecerão a mais humilhante vergonha e o mais infernal dos tormentos.

— Babilônia cairá. Apunhalada por dentro pelo terrorismo e surpreendida com os mísseis de um ponto obscuro da terra.

— O anjo rebelde e suas hostes serão removidos em breve das regiões celestes.

— O numeroso exército chinês já começará a marchar em várias direções.

— Profetas se erguerão. O último grito de alerta. A última trombeta de despertamento. E o rei dará ordem para execução do plano. Concretização do mistério.

— Presbiterianos, batistas, pentecostais, metodistas. Teólogos, pastores, diáconos, membros. Africanos, asiáticos, europeus. Crianças, velhos, jovens. Homens e mulheres. Ricos e pobres. Uma multidão inumerável formada por aqueles que se arrependeram e creram no Evangelho.

— O poder indecifrável de Elohim vai invadir sepulturas e trazer à vida milhões de corpos tantos anos enterrados e consumidos pela terra.

— O poder indecifrável de Elohim, num abrir e fechar de olhos, transformará o corruptível em incorruptível, o mortal em imortal. Dentro de um segundo. Conte um e tudo acontecerá. Magnificamente.

— O poder indecifrável de Elohim já se move para a Terra. Que se preparem os terráqueos. Os justificados por sua fé na morte substitutiva do Cordeiro imaculado, Jesus de Nazaré, preparem-se para subir em direção às moradas eternas. Os ímpios, rebeldes e resistentes à verdade, para reconhecer que existe um Deus soberano no universo. Preparam-se, terráqueos.

— Os olhos de Deus passeiam no planeta Terra, contemplando a mais nefasta maldade, a mais torpe ganância, a mais louca inimizade para com as virtudes, os mais sujos procedimentos morais, a mais imunda prática de injustiça, mas também encontra resistências comoventes em nome da

santidade, do bem e da eternidade...

Num certo momento eles pararam de falar e com as fronteiras curvadas recitavam salmos de adoração ao Criador e ao seu Messias.

O anjo me fez um sinal e nos retiramos. Ele com olhar pensativo e eu extasiado, recompensado e feliz. Entramos na carruagem e o anjo me avisou que em breve estaríamos voltando para a Terra. Não fiz nenhum comentário.

Passamos por uma cadeia de montanhas, com riachos cristalinos em meio à paisagem selvagem. Muitos animais, pássaros e vegetação marítima, tudo colorido e formoso. Superamos uma montanha e fui impactado ao ver um dinossauro. Eles existiram, pensei, quase em voz alta. Pedi para a carruagem parar e fiquei olhando atentamente aquele grande animal criado por Deus. Ele se movia lentamente e, adentrando uma floresta, desapareceu entre árvores gigantes. Foi aí que o anjo me disse que a fauna e a flora do paraíso são completas. Todas as plantas, flores, pássaros, peixes, borboletas e animais, planejados por Deus, foram preservados no Paraíso... Sorri, como se tudo aquilo fosse meu. Que privilégio olhar tanta beleza, resultado de tanto poder.

Notei que entramos em uma rua estreita, sem muita luminosidade. Casas de dois andares, de ambos os lados, alguns bancos nas calçadas. Não havia ninguém na rua, mas era possível ouvir um som de violino e algumas vozes que conversavam em meio tom.

Subimos a escada de uma das casas. A porta estava encostada, então entramos. Era dali que vinha o som do violino. Sentamos, enternecidos com a tristeza daquela canção. Triste e linda. Enquanto ouvia, fui invadido por pensamentos que me diziam que grande é o amor de Deus pela humanidade, embora desde a queda do Éden haja na Terra toda sorte de sordidez e imundice moral, espiritual e social. Esses pensamentos me enchiam de um sentimento de hostilidade ao mal e submissão às virtudes celestes.

O violinista, concentrado na execução de sua melodia, era uma presença serena, que inspirava paz. Eu me senti tão envolvido por essa atmosfera real de amor que desejei nunca mais sair dali. Quando a música cessou, nós três fitamos os olhares uns nos outros. Sorrimos, de forma singela, louvamos a

Deus e nos despedimos.

O anjo disse-me que o tempo havia acabado. Era hora de partir em direção ao planeta invadido pelo mal. A Terra. Não demorou muito e a carruagem estava em uma das regiões celestes. A cidade ficou para trás. Olhei de novo em sua direção e fiquei mais uma vez maravilhado. Era tão monumental e tão bela. Senti vontade de chorar. Ergui minha mão e dei um aceno, imaginando que um dia, para sempre, eu estaria vivendo todos os momentos naquela cidade.

O anjo chamou minha atenção. Olhei em outra direção e me surpreendi. Milhares, talvez milhões de anjos, perfilados, em trajes esvoaçantes, com espadas que brilhavam, alguns com escudos e capacetes, outros com trombetas. Eles olhavam em um só sentido. Voltei-me para ver e lá estava uma imensa bola de fogo ou um círculo de fogo, com dois tronos no meio do círculo. O Pai e o Filho, pensei...

Subitamente, os anjos começaram a cantar. Milhões de vozes ecoando como a queda de muitas águas. Perfeita harmonia, vibrante, elegante. Meu amigo me disse que era um canto de guerra e da vitória das forças do Cordeiro contra as forças do mal. O quanto era impressionante não é fácil de dizer.

Quando eles começaram a marchar, nossa carruagem se moveu e velozmente adentramos na atmosfera terrestre. Fui perdendo a consciência do que estava ao redor e, quando acordei, ainda era madrugada. Levantei-me da cama e fiquei na janela, pensando e vendo o sol nascer, com a mais plena consciência que estivera no céu...

Tércio suspirou, encarando-me, de forma que parecia cobrar uma opinião. Por alguns minutos, nada falei. Apenas desviei meu olhar em direção aos livros na estante, embora meu pensamento não estivesse lá.

— Meu caro Tércio, eu creio em você. Creio que o céu é tão real quanto a terra. Creio que as verdades divinas, algumas, são misteriosas. Tudo que você contou me impressionou e eu vou meditar...

— Meu caro amigo, agora o que eu mais almejo é ir definitivamente para

lá. Não há nada de errado lá, enquanto aqui na Terra, quase não há nada certo.

— Meu sentimento é semelhante ao seu.

— Nosso tempo é realmente parte dos últimos dias. Quem pode dizer que não?

Por dois dias permaneci hospedado na casa de meu amigo, conversando, em perfeita paz e harmonia...

Subi os degraus da estação e alcancei a plataforma, assim que uma tempestade desabou. O trem estava quase por sair. Entrei no vagão e me encolhi no canto, ao lado de uma senhora gorda, com uma criança doente no colo.

Assim que o balanço da viagem começou, o sono veio e logo estava eu dormindo profundamente. Ignorando o fato de que ao acordar eu não estaria mais na terra... Estaria no ar, mas como se tudo fosse sólido. E ao meu lado aquela criança que estava no colo da mulher gorda, mas sem aparência de doença, curiosa e feliz, cercada de anjos...

"E vi novos céus e nova Terra..." Revelação de Jesus Cristo

Jonas, o profeta

M

ais alguns minutos e o dia iria amanhecer. Jonas, um homem alto de aparência nordestina, com a cabeça sobre os braços, que estavam sobre as pernas, dormia um sono leve e tranquilo, até que os primeiros raios de sol iluminaram a cidade.

Um guri, simpático e agitado, passou em frente aos aposentados oferecendo cafezinho e refresco de caju. Jonas acordou, esfregou os olhos, bocejou e se pôs de pé, esticando o corpo. Encostou-se à parede do banco e olhou o relógio, entediado e conformado.

A rua começou a ficar movimentada. Trabalhadores e estudantes circulavam de um lado para o outro. Jonas ficou olhando os rostos dos transeuntes. Pessoas joviais e velhas, sorridentes e infelizes, pobres e elegantes, feias e belas, apressadas e vagarosas, sujas e asseadas, brancas e mestiças, introspectivas e falantes, loucas e normais... Como é variada e estranha a humanidade.

Faltava uma hora para o banco abrir e pagar o deplorável benefício aos aposentados, homens e mulheres que construíram a riqueza do país, mas mal podiam sobreviver com o salário que era pago. Cada qual tinha sua história de dor, luta, sofrimento, raiva e frustração.

No tempo que restava, Jonas ligou, bem baixo, o radinho. Ficou ouvindo noticiário na rádio Sinai, uma emissora evangélica com programação eclética.

Uma senhora de pele bem branca, um pouco encurvada e com olhar sombrio puxou assunto, com um sotaque italiano.

— Mama mia, como é cansativo este troço.

— Sem dúvidas.

— E o dinheiro uma pouca miséria.

— Absurdo.

— Qual seu nome?

— Jonas.

— Seu Jonas, pobre já vive inferno na terra.

— A situação é penosa.

— Os vigaristas estão no poder. E nada muda.

— É lamentável.

— Meu pappi era anarquista, odiava governos. São todos iguais, ele dizia. Corruptos e assassinos.

— Não tem jeito.

— Não tem. O senhor veja só, seu Jonas...

O tempo agora parecia estagnado e a mulher falava pelos cotovelos. Um fluxo de palavras amargas e críticas, que começou a incomodar. Jonas desligou o rádio e se esforçou para prestar atenção, embora desinteressado e com dores nas pernas e braços. Apesar de aposentado, ainda trabalhava em serviço de obras e outros biscates.

Foi com alívio que viu o banco abrir as portas e iniciar o atendimento. Mais rápido do que de costume, recebeu seu minguado salário e retirou-se.

Imediatamente, atravessou três ruas e caminhou durante vinte minutos até o mercado PARA TODOS. Queria comprar algumas coisas para guardar em casa. Com muito critério em relação aos preços, pôs no carrinho alguns pacotes de biscoito, arroz, feijão, batatas, açúcar, café, laranjas, abacaxi, refrigerante em lata, papel higiênico, chocolate em pó e cotonetes. Fez um cálculo e dirigiu-se ao caixa, pagou as mercadorias e foi em direção ao ponto de ônibus.

Assim que entrou no ônibus, escolheu um lugar, encostou a cabeça no vidro e ficou pensando em qualquer coisa que viesse à mente. De vez em quando alguém entrava falando alto e desviava sua atenção.

Jonas podia ser definido como uma pessoa que já sofreu muito na vida. Não tinha esposa nem filhos, todos morreram. Não guardou o dinheiro que ganhou e vivia em relativa pobreza. Não tinha otimismo nem pessimismo diante da vida. Qualquer coisa que acontecesse teria acontecido e nada mais. Não tinha vínculos com nada, nem com a vida nem com a amante. Só esperava um dia morrer sossegado e um pouco feliz. A única coisa que às vezes o incomodava era a ideia de que existia um Deus inteligente que iria cobrar dele o que fez de certo ou errado. Ou isto é a maior idiotice do

universo ou é uma coisa muito séria... às vezes pensava.

O ônibus saiu dez minutos depois, levando umas quinze pessoas, no máximo. Assim que dobrou umas cinco ruas estreitas, o motorista entrou na pista principal e acelerou bastante o veículo, atingindo uma velocidade exagerada. Os prédios iam ficando para trás de forma rápida.

Quando pegou a pista nova da avenida Santo Agostinho, o motorista aumentou ainda mais a velocidade. Alguém reclamou em voz alta, inutilmente. O veículo parecia pronto para alçar voo. O barulho do motor parecia que ia explodir. Ultrapassou carros, ônibus e caminhões, em uma disparada louca.

Apesar desta circunstância, Jonas adormeceu, segurando as sacolas de compras mais com as pernas do que com as mãos. Sempre que viajava de ônibus era assim, em pouco tempo adormecia.

Havia duas grandes curvas antes de chegar à rua que dava acesso a uma das subidas para a favela do Gato Pintado, onde Jonas morava. Na primeira curva, o ônibus parecia que ia tombar. Alguém tornou a reclamar e Jonas teve um rápido despertar. Olhou ao redor e verificou que tudo estava normal. Encolheu-se, bocejou e voltou a dormir, depois de verificar se as sacolas estavam firmes entre as pernas.

Na segunda curva, o pior aconteceu. Um carro, também em alta velocidade, ao lado do ônibus, entrou na frente do coletivo inesperadamente, para não atingir uma pessoa que atravessou sem olhar. O motorista do ônibus desviou com habilidade do carro, mas perdeu o controle e não conseguiu impedir a colisão com um poste. O ônibus virou e percorreu alguns metros se arrastando no asfalto, produzindo um barulho apavorante e gritos de pessoas, dentro e fora do ônibus.

Quando parou, dezenas de pessoas correram em direção ao coletivo. Um carro de polícia, que estava próximo, logo interviu na situação, ajudando no socorro às vítimas.

Uns rapazes subiram e entraram dentro do ônibus para tirar as pessoas. O primeiro a ser retirado foi um velho bem idoso que gritava de dor e sangrava pelo nariz e nas pernas. Em seguida foi uma mulher de meia-idade, sangrando à altura do peito e com o rosto inchado do lado direito. Ela chorava e gritava, com desespero:

— Minha filha! Minha filha!

Depois dela retiraram a menina, com a cabeça ensopada de sangue. Seu rosto e pescoço estavam totalmente tomados pelo líquido denso e vermelho. Aparentava uns doze anos de idade e arfava como se fosse morrer, de fato. Um policial abraçou a menina e a pôs no colo da mãe, encostada em um muro de pequena altura que separava a pista da calçada. Todo mundo procurava ajudar e uma ambulância já havia sido solicitada.

Jonas foi o próximo a ser retirado. Perfeitamente lúcido e ileso. Apenas um pequeno corte em um dos braços e um dos lábios levemente inchado e dolorido. Um dos policiais aproximou-se de Jonas e perguntou se tudo estava bem.

— Nem sei direito o que aconteceu.

— Sente-se ali, senhor.

Tirou um lenço do bolso, passou no braço e no rosto. Suspirou, olhando o ônibus tombado, enquanto sentava sob uma árvore e teve uma sensação de alívio. Foi por pouco, imaginou agradecido.

Um homem passou ao lado de Jonas. Era de elevada estatura, sua roupa parecia de prata, mas mudava de tonalidade. Jonas achou muito estranho e continuou olhando. O homem caminhou em direção à menina de doze anos, no colo de sua mãe, arfando com intensidade. Parou em frente a ambas, aguardou, e aí algo delirante ocorreu. Uma sombra saiu de dentro do corpo da menina, no mesmo formato dela. O homem estendeu a mão para aquela sombra e os dois saíram em direção a uma construção com um portão de ferro trancado. Um grito distraiu sua atenção. Era a mãe da menina, desesperada.

— Ela morreu, meu Deus! Ela morreu, meu Deus! Morreu! Morreu!

Jonas levantou-se lentamente, foi até o portão e viu que estava trancado. Mas estava certo que o homem e a menina tinham passado por ali. Balançou a cabeça e olhou ao redor. Várias pessoas tentavam conter a histeria da mãe, com a ajuda dos policiais.

Impactado, saiu andando em direção ao seu destino. Queria chegar em casa, sentar na varanda e ficar quieto. Talvez tudo aquilo tivesse sido ilusão. A mente é capaz dessas coisas. Mas que foi algo perturbador, foi. Jamais esqueceria este dia, embora fosse melhor esquecê-lo. Quem era aquele

homem? E o que era aquela sombra que saiu do corpo da menina?

Jonas permaneceu o resto da manhã deitado no sofá velho de sua varanda, que descortinava uma paisagem do asfalto, lá embaixo. Além da pista, era possível ver os prédios elegantes de classe média e a velha ferrovia, quase desativada, a não ser para trens que carregavam metais para reciclagem.

Passou e repassou as cenas na mente. A hora do impacto, com o grande barulho, o resgate e o susto, o alvoroço das pessoas querendo ajudar. A menina ofegante no colo da mãe e aquele homem misterioso, que parecia ter vindo do além e voltado para lá, acompanhado da alma daquela menina morta. Por mais que fosse absurdo, foi isto que aconteceu.

No início da tarde, após comer feijão com arroz e batata, Jonas foi capinar um terreno, com curativo no braço e já sem dor no rosto. Era a forma de aumentar os recursos e viver um pouco melhor, pois sua aposentadoria era menos que mínima.

O terreno fora comprado pela igreja metodista para a construção de uma creche. Sabendo disso, Jonas pediu um preço bem baixo pelo serviço. Por outro lado, também gostava do trabalho físico exposto ao sol. Era uma forma de autenticar a existência, já que não saberia viver o tempo todo na ociosidade. Gostava da liberdade de acordar qualquer hora, de se trancar em casa sem dar satisfações, de dormir tarde, mas gostava também de trabalhar, sentindo o cansaço chegar aos músculos, o suor escorrer no rosto e a respiração se tornar lenta, porque isto trazia de volta sua infância no interior do Brasil, uma pequena cidade de Pernambuco. Um tempo de sofrimento, mas de alegria com sua mãe e seus irmãos. Ainda era capaz de visualizar o rosto de cada um e sentir a mesma ternura de tantos anos atrás.

O terreno, pouco a pouco, foi ficando limpo e aplainado. Às vezes parava, bebia água, olhava ao redor e sentava um pouco. Aí a mente produzia as cenas do acidente. Dessa vez, uma emoção forte entrou em ebulição no seu interior. Pensou na menina morta, sua mãe sufocada por aquela tragédia e chorou. Primeiro, lágrimas rolando, depois, um choro mais intenso e sufocado pela vontade de não chorar em um local público.

Sabia o que era a dor da perda. Sua esposa e seus filhos morreram, alguns anos antes. A saudade deles ainda era um objeto cortante na alma, incômodo e insistente.

Retornou ao serviço, com mais afinco, queria terminar antes de escurecer. Havia calculado que era possível alcançar esse objetivo. Manejou a enxada com toda sua destreza, aumentando a força dos golpes e dando a eles mais agilidade.

Duas horas depois, quase escurecendo, capinou a última faixa do terreno. Recolheu suas coisas, puxou a cerca de arame farpado e voltou para casa, exausto, pensando em jantar.

A noite estava bela, com muitas estrelas no céu e uma lua expressiva. A temperatura bem agradável, longe do frio e do calor. Na favela, só o barulho das televisões, dos rádios, das igrejas e dos que gostavam de conversar nos becos, sobre assuntos sem grande importância.

Jonas sentou-se no sofá e ficou olhando a pista. Considerou, brevemente, a possibilidade da morte naquele horrível acidente, enquanto bebia uma caneca de café...

Esta ideia da morte é tão esquisita e desagradável. Mas o que é morrer? É deixar de existir totalmente? É ir para um outro mundo? Tem inferno? Tem céu? A morte pode não ser nada, além de ter seu corpo jogado no fundo da terra. É até melhor pensar assim. Não dá medo nem pensamentos de culpa.

Logo a madrugada chegou. Jonas adormeceu no sofá, ouvindo ao longe um tango de um vizinho argentino, paralítico e nostálgico. Encolheu o corpo e puxou sobre si uma coberta fininha. Despreguiçou duas vezes, profundamente cansado e sonolento.

Nas primeiras horas da manhã, a polícia invadiu a favela, com a truculência habitual, dando tiros e empurrando com força as portas de alguns barracos, procurando drogas e traficantes.

Como sempre, o pior aconteceu. Troca de tiros. Um policial foi ferido na perna e dois jovens traficantes tombaram mortos, com tiro na cabeça e no peito.

Pela primeira vez naqueles anos, Jonas teve sua casa invadida. Dois policiais. Um escuro de pouca idade e outro branco, de meia-idade. Perguntaram se estava tudo certo.

— Sim, senhor, sou trabalhador.

— Todo mundo diz que é.

— Fiquem à vontade.

Reviraram móveis, mudando as posições, abrindo as gavetas, olhando debaixo dos objetos. Abriram a geladeira, o fogão e o guarda-roupa. Foram ao banheiro e à varanda, revistaram os vasos de flores e então se deram por satisfeitos.

— Bom dia, tio. Desculpe qualquer coisa.

— Tudo bem. Bom dia...

Quando os policiais saíram, Jonas ligou o gás e preparou um chá. Passou manteiga no pão e esquentou no fogo, como se fosse uma carne no espeto. Trocou de roupa após o banho e tomou um remédio. Sentia-se vazio e desmotivado para qualquer coisa.

Nos becos, o povo falava da ação policial, das mortes e da droga de viver naquele lugar, sem respeito, sem dignidade, sem nada. Embora todos, cada qual à sua maneira, já estivessem acostumados com a situação.

Para abafar o som das vozes, Jonas ligou a televisão e ficou vendo e ouvindo desenho animado japonês. Por vezes cochilava. Aí ia até o fogão e bebia mais chá.

A manhã passou com rapidez. Pouco a pouco a normalidade voltou à favela. Os aposentados nos botequins, jogando dominó e cartas, os traficantes circulando e fazendo negócios, adolescentes de ambos os sexos fazendo algumas algazaras e conversando bobagens, mendigos pedindo dinheiro e comida, padres e pastores visitando suas ovelhas.

Jonas deu um salto e ficou de pé, olhando o relógio. Doze horas e vinte minutos. Dormira, sem perceber. Esfregou os olhos, calçou o sapato, pegou a carteira e a chave, saindo sem saber direito para onde ir.

Acabou indo para o bar Quatro Estações. Pediu uma taça de vinho e duas porções de salaminho e ficou por ali, conversando com alguns amigos, rindo, fazendo perguntas e dando respostas.

As horas se passaram. Quietamente ali em seu canto, Jonas ficou pensando, enquanto os outros ao redor reclamavam da vida, falando palavrões e discutindo as razões das desesperanças. Pensou no bem e no mal, na infância e na velhice, na dor e na alegria, no amor e no ódio, na polícia, na violência, na decepção, no sangue que mancha o chão depois que uma vida foi atingida...

Quando decidiu ir embora, pagou parte da despesa, cumprimentou os amigos e dobrou a esquina, pelo lado esquerdo, indo em direção ao terreiro. Era dia de sessão, com músicas e invocações. Não que fosse alguém que acreditava plenamente na realidade dos espíritos, mas gostava de ir ali e fazer mentalizações positivas, assim como ver sua amante, Theresa de Angola, uma mulher jovem, bonita e sensual, embora amarga e capaz de odiar profundamente quando se sentia ofendida.

Jonas conheceu Thereza muitos anos atrás, em um desfile de carnaval. Foram atraídos um ao outro e logo passaram a viver juntos, embora morando em casas diferentes.

O que Jonas mais se encantava nela era sua personalidade forte, aliada a um rosto que parecia um desenho delicado de um artista talentoso.

A poucos metros do terreiro, um homem parou na frente de Jonas, fazendo com que ele se assustasse.

— Boa noite, Jonas.

— Boa noite. Quem é o senhor?

— Meu nome?

— É. Eu não o conheço.

— Eu só quero te dar um recado da parte de alguém que te conhece.

— Quem?

— O Nazareno.

— Nazareno?

— Jesus, o Nazareno.

— Jesus?

- Ele morreu na cruz do Calvário para livrar você de seus pecados.
- Já ouvi isso... – balbuciou tenso e confuso.
- Jonas, Deus tem um plano em sua vida.
- Plano?
- Desvia agora o teu caminho.
- Como assim?
- Não vá procurar a mulher da perdição.
- Mulher da perdição?
- É. Volte para casa e busque a Deus. Com licença, Jonas...

O homem deu as costas e desapareceu, caminhando em determinada direção. Jonas ficou parado, com a respiração ofegante. Esfregou as mãos, deu meia volta e foi para casa, cabisbaixo.

Assim que chegou em casa, vestiu um pijama, preparou um suco e sentou-se quieto, no escuro, repassando na memória a conversa com o sujeito inesperado. Em seu pensamento, procurou entender. O estranho e interessante era que, depois da conversa, duas coisas aconteceram. Perdeu a vontade de procurar Theresa e se lembrou de uma velha bíblia guardada em uma caixa pequena, dentro do guarda-roupa.

Criou ânimo de levantar e foi buscar a bíblia, que encontrou sem dificuldade. Tirou a poeira e foi para a sala. Acendeu uma luz e abriu o livro ao acaso. A página era o livro do Apocalipse, no capítulo vinte e um: "Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicários, feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre: o que é a segunda morte".

As palavras atingiram sua mente com a força de um terremoto de grande intensidade. Era impressionante o que estava escrito, pensou. Por várias vezes repetiu a leitura, vagarosamente, se detendo em cada palavra. Sentiu-se culpado diante de Deus. Pronunciou a palavra perdão, bem baixinho. Fechou a bíblia e guardou-a sobre a mesinha na cozinha.

Deitou-se e trouxe à lembrança o acidente, o estranho homem que levou a sombra que saiu da criança, o outro estranho que encontrou no beco quando

ia para o terreiro, a bíblia e o texto do Apocalipse. Se encolheu debaixo do lençol e ficou olhando as estrelas pela janela entreaberta, como se a qualquer momento fosse ver Deus. Um tempo se passou, virou o corpo para o outro lado, fechou os olhos e começou a dormir.

No outro dia, com o sol brilhante e algumas nuvens no céu, Jonas foi visitar seu amigo Manelzinho, no Hospital Central da zona norte. Um hospital do governo, de aparência precária e muita falta de médicos.

Manelzinho era um amigo de longa data, que tantas vezes ajudou Jonas. Juntos fizeram farras, trabalharam e andaram por muitos cantos. Mas nos últimos dois anos, Manelzinho teve uma doença que o fez emagrecer e sofrer desmaios constantes, foi internado e nunca mais saiu do hospital. Já não andava, o corpo estava constantemente inchado e a visão foi se extinguindo. Um quadro desolador. Jonas era a única pessoa que o visitava. Ficava ao lado dele lembrando os fatos mais alegres da vida.

Ao chegar ao hospital, subiu até o sexto andar, entrou no quarto e viu a cama vazia. Pressentiu o pior. Procurou então a enfermeira e foi informado da morte do amigo. Pacientemente, a enfermeira respondeu as suas perguntas. O enterro seria à tarde, em um cemitério público. Jonas agradeceu a atenção, desceu rapidamente e pegou o ônibus para ir em casa, trocar a roupa e ir para o cemitério. Assim que chegou em casa, trancou a porta e sentou em uma cadeira velha. Curvou o corpo e a cabeça sobre o peito, cruzou os braços e começou a liberar um choro intenso, vindo como impulsos sequenciados, aos solavancos. Chorou muito. Compreendendo que aquele era o mais certo dos destinos humanos. O fim. A morte. Depois, ficou de pé e foi comer qualquer coisa.

Durante aquela manhã, apenas pensou na vida e no amigo, Manelzinho. Às duas horas ocorreu a cerimônia de sepultamento. Um pastor da igreja Assembleia de Deus dirigiu o ato. Cantou um hino, junto com duas irmãs, sérias e bem vestidas. Depois abriu a bíblia e falou sobre o inferno e o céu. Jonas ficou atento, com o coração em dor. Algumas vezes olhava o caixão, sem se distrair da pregação. O pastor terminou advertindo aos presentes, umas quatro pessoas que Jonas não conhecia, de que Deus é justo juiz e

julgará a todos. Fez uma oração e lançou uma flor na sepultura.

Na saída do cemitério, o pastor estava no portão. Quando Jonas se aproximou, o ministro sorriu para ele e lhe disse com voz solene:

— Não fuja de Deus, profeta! Não fuja!

Deu-lhe dois tapinhas no ombro, virou-se, entrou no carro que estava próximo e foi embora. Jonas ficou parado, tentando compreender, até que olhou para o céu e falou consigo mesmo:

— Jonas, Deus existe. Não O decepcione.

Atravessou a rua, com as ideias pulando na mente. Fez sinal para o ônibus, entrou e sentou-se lá na frente, perto de um jovem que lhe deu um folheto. Contava a história de um homem que morreu sem ter se arrependido de seus pecados e foi para um lugar de sofrimento eterno. Jonas leu e depois ficou quieto, olhando lá para fora e sentindo um aperto no peito...

A noite chegou um pouco fria. Era desconcertante esta variação de temperatura na cidade.

Jonas ouvia música sertaneja no radinho e ao mesmo tempo rabiscava um bloco de folhas brancas e amarelas. Fazia desenhos e escrevia palavras referentes a fatos de sua vida, distraído e deprimido.

Ainda não eram dezenove horas, quando um rapaz simpático e bem falante bateu na porta. Queria fazer um convite.

— Seu Jonas, como vai?

— Muito bem.

— Vim fazer um convite.

— Que convite?

— Vamos exhibir um filme na igreja.

— Ah, é?!

— Vida e milagres de Jesus.

— Interessante.

— Então, vamos...

— Eu?!

- O pastor queria ver o senhor lá. Convidado de honra.
- Exagero.
- Convidado especial. Vamos?
- Bem, eu...
- Pega o casaco.
- Tá frio aí fora?
- Um pouco.
- Então espera...
- Espero.
- Já volto...
- Tudo bem...

Jonas acompanhou o rapaz até o prédio da igreja Metodista, no segundo andar, em um salão confortável e bem amplo.

O filme não durou mais que cinquenta minutos, mas foi um impacto. Muitas pessoas enxugavam as lágrimas, quando o pastor começou a orar por todos, pedindo a misericórdia de Deus sobre as pessoas.

Jonas, à sua maneira, se comoveu com o filme. Teve momentos em que quase chorou. Durante a oração, disse amém, baixinho. No entanto, não levantou a mão, junto com dez pessoas que decidiram declarar publicamente a fé em Jesus Cristo.

Despediu-se do pastor e de alguns irmãos, apressado e educadamente. Cortou caminho em um terreno baldio e foi para o bar Quatro Estações. Lá, pediu vinho e queijo. Esticou o corpo na cadeira e relaxou, ouvindo a música americana, lenta, que tocava sem altura indevida, parecia jazz.

Pegou no bolso o pequeno Novo Testamento que ganhou na igreja após o filme e abriu no Evangelho de Mateus. Leu alguns versículos isoladamente. Localizou o relato da ressurreição de Jesus e prestou muita atenção em cada frase, ficando impressionado com o que leu. Guardou o Novo Testamento e fixou o olhar na direção da lâmpada forte que iluminava a frente do bar. Sua imaginação voltou ao Apocalipse e ao sermão no dia do enterro do amigo. Inquietou-se e pediu mais queijo. Pôs as duas mãos atrás da cabeça, encostou na parede e ficou curtindo as canções americanas que o rádio tocava, parecia blues.

Já era uma hora da madrugada. O dono do bar avisou que era hora de fechar, Jonas pediu desculpas e retirou-se, apertando os passos.

Deu uma volta para passar pelo campo de futebol. Não entendeu por que fez isto, mas fez. Atravessou todo o campo, olhando as estrelas e ouvindo os ruídos dos insetos. Lembrou-se dos dias de criança...

Jesus um dia vai voltar. Isto parece uma loucura. É preciso muita fé para crer em coisas deste tipo.

Antes de pular uma cerca de madeira para deixar o campo e alcançar uma trilha no meio do mato, Jonas ouviu um "psiu" atrás de si. Olhou assustado para a direção do som e viu um homem, de terno branco, chapéu na cabeça e uma bengala. Jonas pensou em correr, mas ficou paralisado de medo. Gritou, tentando conter o pânico.

— O que é, cara, o que é?

— Sou seu guia de luz. Foi Theresa quem me mandou.

— O quê?

— Seu corpo é dela e sua alma é minha...

O homem deu uma gargalhada tão sinistra, que Jonas deu vários passos para trás, tropeçando na cerca de madeira e caindo violentamente no chão, batendo com as costas e a cabeça. Rolou para um dos lados e com esforço se colocou de pé. Olhou na direção do homem e não viu mais ninguém. Sentiu que ia passar mal, o coração bateu mais forte. Ficou imóvel, olhando, com as mãos e as pernas tremendo, até tomar coragem e começar a andar, apertando cada vez mais os passos. Foram quinze minutos de pesadelo até chegar em casa. Trancou a porta e a janela, dobrou o joelho e orou. Pediu perdão e proteção a Deus e confessou a Jesus Cristo como Salvador. Enrolou-se no lençol, piscando nervosamente os olhos e só adormeceu quando o dia estava prestes a clarear...

Bem cedinho, intrigado e sonolento, Jonas levantou-se. Tomou um banho

gelado e foi até a casa pastoral da igreja metodista. Queria conversar com o pastor, um homem fervoroso em sua fé.

— Jonas, meu amigo, como vai?

— Mais ou menos.

— O que houve?

— Preciso conversar com o senhor.

— Entre, por favor. Deixa eu trazer um café pra mim e um pra você...

— Não precisa, pastor.

— Faço questão... Um minuto...

Jonas aproveitou para arrumar as ideias na cabeça. Precisava compartilhar com alguém os fatos estranhos dos últimos dias.

— Aqui, Jonas. Caféquentinho e bem forte. Gosta assim?

— Gosto. Obrigado...

— Ótimo. O que está acontecendo?

— Tudo começou com um anjo, que eu vi...

— Um anjo?

— Só poder ser um anjo.

— Me conte então.

— Foi assim...

Durante quase trinta minutos, Jonas contou suas histórias sobrenaturais — ou, pelo menos, antinaturais. O pastor ouvia atentamente, demonstrando interesse. Não interrompeu a narrativa nem desviou o olhar.

Quando Jonas terminou de falar, encolheu-se no sofá e ficou olhando para o pastor, em busca de uma resposta.

O pastor ajeitou o corpo na cadeira e permaneceu pensativo. Depois pediu para Jonas se ajoelhar, pois ele iria orar. Chamou sua mulher, uma senhora escura e bem apessoada, para ajudar a interceder.

Jonas dobrou os joelhos e começou a tremer, sem entender o porquê. O pastor pôs as duas mãos sobre a sua cabeça. Jonas sentiu um tumulto doentio em sua mente e alma. Ficou mais trêmulo ainda, parecia que ia cair pelo chão. O pastor, com voz firme, declarou.

— Te repreendo, demônio.

Jonas não controlou o grito que saiu de sua boca. Começou a rosnar e a sacudir os braços. Gritou uma, duas, três vezes. Rolou no chão e encolheu o corpo, como uma criança acuada.

— Me deixa em paz – falou a voz cavernosa.

— O sangue de Jesus Cristo tem poder sobre ti – disse a mulher do pastor.

— Ele é meu. Meu e de Theresa.

— Cale-se, demônio. Nenhum poder das trevas pode resistir à autoridade que vem do Trono do Deus eterno.

— Odeio vocês.

— Todos vocês, invasores deste corpo, prestem atenção. Como ministro do santo Evangelho de Jesus Cristo, me foi conferido o direito e a unção de expulsar demônios. Quando eu ordenar, vocês sairão e serão precipitados no abismo das trevas profundas...

— Não, não queremos o abismo...

— No poderoso nome de Jesus Cristo, Deus que se fez carne e venceu todas as criaturas infernais na cruz do Calvário, vocês, demônios... saiam!

O corpo de Jonas rolou mais de uma vez, derrubando uma cadeira. Um grito pavoroso saiu de sua boca, atraindo os filhos do casal até a sala.

Jonas levantou-se e ficou sem jeito, pedindo desculpas. O pastor o abraçou e fez com ele uma oração. Explicou tudo que aconteceu e conduziu Jonas ao reino de Deus, através da confissão de seus pecados.

— Você agora é servo de Deus, Jonas.

— Vou seguir Jesus para o resto da vida.

— Fique um pouco, quero ensinar algumas verdades importantes a você.

— Se eu não for incomodar.

— Absolutamente.

Durante três horas, Jonas ouviu e fez perguntas sobre as doutrinas básicas da fé cristã, como o arrependimento, o perdão, a ressurreição de Jesus, o céu e o inferno, a batalha espiritual, o triunfo da igreja e a importância de ter comunhão com os irmãos. Era como ter visto com clareza o que é a verdade. E se entusiasmou com isto.

Quatro horas da tarde, Jonas estava em casa lendo a bíblia, o Evangelho de Mateus, o sermão da montanha. Concentrado.

Alguém bateu delicadamente na porta, e Jonas foi atender. Era Theresa, com um olhar sombrio e desafiador.

— Quero falar com você, Jonas.

— Fale...

— Não me convida para entrar?

— As coisas aqui dentro estão bem desarrumadas.

— Certo, entendi... E você, como vai?

— Muito bem, graças a Deus.

— Não foi no terreiro nem me procurou.

— Não vou mais ao terreiro, Theresa.

— Por que não?

— Vou seguir Jesus.

— Cristão? É isto...

— Exatamente.

— Impossível.

— Por que impossível?

— Eu não vou deixar.

— E como você vai impedir?

Theresa deu uma risada debochada, pôs as mãos na cintura e cerrou os dentes.

— Você está me desafiando?

— Eu te fiz uma pergunta, só isto.

— Você não pode fazer isso comigo, Jonas.

— Por que não? Quem vai me impedir?

— Eu.

— Como?

— Meus guias têm poder para matar você.

— Não, não têm.

— O que você está dizendo?
— Seus guias são demônios que recuam diante do poder de Jesus Cristo.
— Ah, já colocaram ideias malucas na sua cabeça.
— Malucas ou não, é nisto que eu creio.
— Pois bem, Jonas. Essa noite eu vou arriar uma oferenda e fazer uma invocação. E você vai me procurar e me pedir desculpas.
— Não, não vou te procurar.
— Você vai se arrastar aos meus pés...
— Jesus Cristo te ama.
— Vai pro inferno, Jonas, com essa história de bíblia.
— Você não consegue entender.
— Isto mesmo. Vai pro inferno...
Theresa deu as costas e saiu praguejando. Ele fechou a porta e voltou a ler a bíblia.

Na noite do outro dia, Theresa fez uma cerimônia no terreiro. Vários bichos foram mortos e o sangue derramado sobre objetos que indicavam a pessoa de Jonas, como roupas, retratos, peças íntimas e fiapos de cabelo.

No frenesi da dança selvagem, ao som de atabaques e vozes que cantavam músicas de louvor a entidades estranhas, Theresa transpirava ódio, até ficar incorporada por um ser do outro mundo.

— Eu quero o sangue daquele traidor. Quero ele na sepultura. Quero ele no inferno. Desgraçado...

Theresa começou a girar, com as mãos na cintura, rindo de forma vulgar, gritando impropérios, movimentando o corpo, como se o corpo fosse de uma folha de papel... até cair, desacordada.

Na reunião de oração, todos ouviam atentamente o sermão sobre a necessidade de buscar a vontade de Deus.

Jonas ouvia cada frase com interesse. Sua fé crescia a toda hora, como costumava dizer.

Em meio a um louvor, uma irmã idosa caiu sobre o banco, e todos correram. Um jovem enfermeiro tomou a iniciativa, enquanto os outros oravam baixinho. Mas a notícia consternou a todos. O rapaz olhou na direção do pastor e disse que a senhora estava morta.

Muitos começaram a chorar. O pastor ficou imóvel, olhando o corpo caído no banco. Um silêncio longo e melancólico se fez. Pouco a pouco, um a um, foram sentando. Alguém falou em ir chamar o neto, outro pegou o hinário que havia caído no chão.

Jonas sentiu uma dor em seu peito, tal qual sentiu no dia que soube da morte dos filhos e da mulher. Aquela mesma sensação de tristeza profunda e raiva impotente diante da morte.

Foi aí que ouviu uma voz suave ecoar em sua mente, dizendo que ele deveria impor as mãos sobre o corpo da mulher e repreender o domínio da morte. Jonas virou para o pastor, mas não disse nada. O suor correu de sua testa para suas faces, as pernas ficaram trêmulas. Mais uma vez a voz repetiu a ordem, palavra por palavra. Jonas tornou a olhar para o pastor, com a sensação de aceleração das batidas do coração.

Num impulso, foi até o corpo e impôs as mãos. Todos olharam para ele. Abriu a boca e declarou:

— Morte, eu quebro o teu domínio, em nome de Jesus Cristo.

Ato contínuo, o corpo da senhora estremeceu. Espontaneamente, começaram a irromper declarações de louvor a Deus. Jonas repetiu a oração, a mulher abriu os olhos e gritou aleluia. Jonas não resistiu, dobrou os joelhos e, chorando, glorificou a Cristo.

As irmãs trataram de agir, conduzindo a senhora para o gabinete pastoral. O jovem enfermeiro tirou a pressão. Jonas e o pastor se abraçaram, sem palavras...

Ao chegar em casa, não conseguiu dormir de imediato. Sentou na varanda e olhava as estrelas, enquanto repetia em sua mente a declaração de que Deus pode todas as coisas.

A madrugada chegou. Jonas preparou uma vitamina e foi então dormir, sossegado. O que ocorreu nunca mais sairia de sua cabeça. Apesar de não

merecer, Deus foi bom com ele de maneira inacreditável.

Assustou-se, no entanto, quando bateram na porta. Abriu bem devagar e viu que era Theresa, mais uma vez.

— O que você quer esta hora?

— Deixa eu entrar, Jonas.

— Theresa, acabou tudo. Minha vida agora é outra.

— Você mudou. Por quê?

— Agora eu penso diferente, já te falei. Creio na bíblia, me converti, Theresa.

— Eu fiz o trabalho. Os guias vão te matar. Eles são terríveis.

— Não se preocupe, Jesus me protege.

— Pare de falar de Jesus, Jonas. Que droga.

— Não. Nunca mais vou parar de falar dele. Jesus é meu Senhor.

— Besteira.

— Para mim é tudo.

— Tá certo. Você quer morrer.

— Eu não vou morrer. Você é quem vai morrer, Theresa. E se não se arrepender, vai para o inferno.

— Pro diabo você, Jonas.

Theresa virou-se e velozmente desapareceu nos becos da favela. Foi para casa, atirou-se na cama e chorou, com ódio, amaldiçoando a tudo e a todos. Jonas pensou que ia dormir, entretanto, ouviu Deus falar com ele para que permanecesse acordado e sem receio.

Não demorou muito e dois homens de preto entraram na casa e ficaram a pouca distância de Jonas. Eles eram altos e não era possível ver-lhes os olhos. Jonas, obedecendo a um sinal em sua mente, pronunciou uma única palavra: fogo. Então, um clarão iluminou o local, por segundos, e os homens sumiram. Na verdade, estavam lá fora, atingidos pelo fogo, blasfemando e com a verdadeira aparência de monstros deformados, com olhos esbugalhados, cabeças disformes, garras nas mãos e nos pés e protuberâncias saindo da parte de trás do corpo, como se fossem arames farpados.

Os dois seres voltaram para o terreiro, dispostos a matar alguém. A ânsia de morte neles era incontrollável. Gritavam, alucinados, no mundo espiritual: morte, morte, morte.

Quatro anjos entraram na casa de Jonas, invisíveis. Olharam o servo de Deus dormindo, finalmente. Foram para a varanda e conversaram, longamente, sobre o arrebatamento da igreja.

Não passava de oito horas quando a notícia começou a correr no morro, de ponta a ponta. Theresa estava morta. Foi estrangulada, depois de estuprada e cortada com um facão enferrujado. Uma cena horrível.

Depois descobriram que um de seus amantes tinha estado com ela naquela madrugada. Um sujeito de má índole, com cabelos dourados, enroscados e várias tatuagens no corpo. Antes que ele fugisse, dois amigos de Theresa, frequentadores do terreiro, mataram o cara com vários tiros e enterraram o corpo em um cemitério clandestino.

Jonas soube da notícia quando capinava um terreno. Ficou triste, porque sabia que aquela mulher estaria para sempre no lago de fogo, chorando e rangendo os dentes.

À tarde, outro acontecimento abalaria a vida de Jonas. Dois soldados do tráfico foram até sua casa e disseram para que ele fosse até o QG.

Confuso, Jonas perguntou o porquê e não obteve resposta. Os soldados se afastaram com palavras de ameaça. Jonas orou, depois ficou pensando nas possibilidades. Pensou até em fugir do morro, mas desistiu da ideia. Foi para a varanda e ficou sentado um tempo, inquieto e intranquilo.

A temperatura tornou-se fria e nuvens cinzentas surgiram no céu. Relâmpagos distantes e a cada minuto mais próximos. Por fim, irrompeu a tempestade.

Jonas pegou o guarda-chuva, sua capa, sua bíblia e foi ao encontro do traficante.

Chegando, foi revistado e entrou. A sala estava enfumaçada, com vários homens fumando. Uma iluminação fraca. O traficante, um homem negro de pele brilhante e ar carrancudo, estava sentado em uma poltrona de luxo, com

um copo de cerveja na mão e muito ouro nos braços e no pescoço.

— Sente-se, seu Jonas.

Jonas acomodou-se em uma cadeira elegante, de madeira clara e com estofado lilás. Teve então seus olhos atraídos para trás do corpo do traficante e viu um ser, com uma feição de incrível malignidade. Olhos vermelhos, uma roupa parecendo de couro marrom e uma capa envolvendo seu corpo. Com braços cruzados, olhava em direção a Jonas, com desprezo e ofegante.

— Dois amigos seus foram me chamar.

— Não são meus amigos, são meus soldados.

— Desculpe.

— Ok. Ok, seu Jonas.

— Pois não...

— Meu filho é a única coisa que eu amo na vida. Ele se chama Demétrius e morreu faz mais ou menos meia hora. Está na minha casa, lá em cima, perto do cemitério, com minha mulher e alguns parentes. Demétrius tem cinco anos. Não sei do que ele morreu, mas eu quero algo de você.

— De mim? O quê?

— Você ressuscitou uma mulher na igreja, não foi?

— Eu não. Deus ressuscitou.

— Você ou Deus, não importa.

— O poder é Deus quem tem.

— Seu Jonas, eu quero que seu Deus ressuscite meu filho... É simples.

Jonas sentiu seu coração palpitar. Não era um milagreiro. Isto de curar e fazer milagres era um ato da soberania de Deus. Não era coisa da vontade humana, não era assim que funcionava.

— Posso orar a Deus.

— Então ore, seu Jonas. Pois se meu filho não voltar a viver, eu vou achar que seu Deus não gosta do meu filho e que você não orou com muita fé. E aí, eu sei que não posso atingir a Deus, mas posso atingir você. Entendeu? Eu vou mandar buscar a criança...

Jonas não teve ideia do que dizer. Encolheu-se na cadeira e elevou seu pensamento ao céu, clamando, em seu íntimo, por misericórdia divina.

O traficante levantou-se e saiu da sala, acompanhado pelo demônio com sua capa esvoaçante. Um silêncio brutal predominou no recinto, só cortado por alguns sussurros dos seguranças que atuavam na proteção do traficante.

À medida que mais orava, ia se sentindo incapaz de acreditar que um milagre iria acontecer naquele lugar. Implorou que Deus falasse, mas não ouviu sua voz interior.

Quinze minutos se passaram e o traficante voltou, com o filho nos braços, junto com a mulher e uma irmã. Depositou o menino sem vida no chão, olhou para o pregador e fez um gesto com a mão, indicando que era hora de agir.

O traficante puxou a cadeira para próximo do corpo, pegou uma arma e engatilhou. Jonas ficou pálido e paralisado. Intensificou a oração, sem que Deus expressasse nada de sua presença. Estava quase entrando em pânico.

O suspense era pesado naquela sala. O cadáver do menino no chão e todos os olhos convergindo para Jonas.

— Vou orar por seu filho e Deus vai fazer a vontade Dele.

— Estou esperando, seu Jonas.

Jonas ergueu a voz e começou a orar, assustado e fervorosamente:

— Deus Todo-poderoso, criador dos céus e da terra, louvo teu nome e teu poder. Somente Tu és Deus, capaz de salvar, curar e libertar. Tu és o Deus de Abraão, de Isaque e de Israel. Clamo por ti, nesta hora, por tua unção que quebra todo domínio do mal, das trevas e do inferno.

Nesta hora, quatro pessoas caíram prostradas no chão, gritando, possuídas por demônios. Inclusive o traficante, quando o demônio da capa esvoaçante entrou nele.

Uma confusão se formou. Jonas abriu os olhos e ficou sem saber o que fazer. O menino permanecia imóvel. Um homem de rosto sereno, que Jonas não percebeu em nenhum momento, lhe segurou o braço, puxando-o para fora, sem que ninguém notasse.

Do lado de fora, o homem apontou o caminho. Jonas sorriu para ele e avançou em direção ao beco, sem olhar para trás.

Em pouco tempo chegou em sua casa modesta. Por instinto, arrumou uma mala e se preparou para fugir. Foi quando ouviu a voz de Deus.

— Jonas.

- Meu Deus...
- Desarrume as malas.
- Sim, Senhor.
- Deite-se e durma.
- Como?
- Deite-se e durma.
- Sim, Senhor.

Jonas deitou-se e tentou livrar-se da tensão de imaginar os traficantes chegando com raiva para matá-lo. Começou a orar, até que subitamente dormiu, com um sono pesado e profundo.

Jonas nunca dormiu tanto na vida. Acordou com o dia quase amanhecendo. O céu estava nublado e uma chuva fina e fria caía. Tudo era silêncio na favela.

Um garoto veio até a porta de Jonas e disse que tinha um recado.

- Que recado?
- É pra você ir falar em um velório.
- Velório?
- É.

Jonas sentiu que deveria ir. Chegou no local e não se surpreendeu. O menino, filho do traficante, ia ser enterrado. O traficante pediu a Jonas que fizesse uma oração e pregasse sobre a bíblia. Foi uma pregação direta, falando de céu e inferno, seguido de um apelo. Várias pessoas levantaram a mão, crendo em Cristo. O traficante também. Jonas ficou impressionado com a forma como Deus faz as coisas. Quando tudo acabou, foi até a casa do pastor metodista e contou toda a história. Os dois louvaram a Deus, riram bastante e foram orar, durante quase toda a tarde, até anoitecer...

Dois dias depois, tudo estava tranquilo e normal. Jonas, no entanto, adoeceu. Sentiu uma forte dor no peito e as pernas trêmulas, quando voltava para casa após um culto, onde o pastor pregou sobre santidade e o céu.

Jonas chorou quando ouviu um menino, bem escurinho, com um sorriso

inocente, bem trajado, com seu pequeno relógio no pulso, cantar o hino "A Linda Cidade". A letra era simples e bela:

Meu querido Jesus, Tu que és a verdade
Preparaste para nós uma linda cidade
Onde tudo é perfeito, lugar de felicidade
Preparaste para nós uma linda cidade
Eu te amo, Jesus
E eu sei que tu sabes
Preparaste para nós uma linda cidade
Breve aí estaremos, por toda a eternidade
Preparaste para nós uma linda cidade...

A dor apertou e Jonas conseguiu abrir a porta da casa. Deitou-se no sofá, respirando lentamente. Orou, rogando a Deus misericórdia e perdão.

Trocou de roupa e decidiu não pedir ajuda. Caminhou até o quarto para buscar o radinho de pilha, mas tudo ficou turvo e escuro na sua frente. Não teve forças para prosseguir e foi na parede, logo perdeu a consciência, desmaiado.

Como havia esquecido a revista de estudos bíblicos na igreja, o pastor mesmo resolveu levá-la, pois queria convidar seu amigo para ir com ele visitar uma irmã que estava se recuperando de uma cirurgia. Chegou à casa e chamou várias vezes. Notou que a luz estava acesa e a porta não estava trancada, então empurrou e entrou, até se deparar com Jonas, desacordado. Chamou alguns vizinhos e foram para o hospital.

Horas depois, Jonas despertou. Estava deitado em um leito, dentro de um quarto bem iluminado. Virou a cabeça e identificou duas enfermeiras conversando baixinho. Chamou a atenção delas, com a voz fraca e embargada.

— Por favor...

Uma delas veio até ele e explicou seu estado. Inspirava cuidados, mas tudo ia ficar bem.

Nos próximos dias, Jonas fez vários exames e sofreu com a ideia de que seu lado esquerdo do corpo estava muito paralisado.

O pastor e muitos irmãos visitaram-no, oferecendo conforto. Liam os salmos, que Jonas aprendera a amar, faziam orações e davam palavras de ânimo e coragem.

Uma noite, ficou acordado até tarde. Cantava corinhos na mente e recitava versículos. Lágrimas corriam no rosto e uma solidão no íntimo do coração.

Fechou os olhos e começou a orar intensamente, colocando diante de Deus sua vida, seus amigos, a favela, o pastor, as enfermeiras e tudo que se lembrava.

Aí aconteceu, Jonas teve uma visão. Viu um imenso portão de indescritível beleza se abrir e milhares e milhares de anjos saírem marchando, ao som de trombetas. Suas vestes eram lindas e seus semblantes serenos e solenes. Depois vieram carruagens que pareciam de fogo, muitas carruagens. Formou-se uma fileira de anjos à esquerda e outra à direita. E, como se estivesse sobre uma nuvem de glória, apareceu quem só poderia ser Jesus, pois todos se curvaram, exclamando exaltações como a um rei. Até que houve silêncio e uma voz foi ouvida, semelhante ao forte barulho de águas batendo contra o rochedo.

— "Os habitantes da terra, em sua rebeldia contra os mandamentos do Altíssimo, saberão que há um mistério profundo entre Deus e o seu povo que lhe é fiel.

É chegada a hora do Glorioso traslado da igreja da terra para o céu. A profecia vai se cumprir e, num abrir e fechar de olhos, corpos deixarão seus túmulos e os mortais redimidos serão revestidos de imortalidade.

Deus vai recompensar, a partir de agora, a fé, a santidade, o arrependimento e a obediência. Será dia de grandiosa alegria para os que mantiveram a certeza na fidelidade de Deus e não permitiram suas vidas serem sujas pelo pecado.

Apenas uns dias e se cumprirá o prometido. A terra não terá mais, por um tempo considerável, homens e mulheres santos, que vivem para amar a Deus, com inteligência e devoção real.

O mundo nunca mais será o mesmo. O impacto na mente de todos os desobedientes irá perdurar pela vida a fora. Muitos irão chorar para sempre seus bebês e crianças, muitos vão atacar a própria vida, muitos vão enlouquecer. A economia vai entrar em colapso. Os políticos buscarão medidas extremas para conter o desespero da população. Muitos acidentes serão provocados. Alguns fenômenos atmosféricos ocorrerão. E forças do mal, em grande número, atravessarão a terra. Será horrível, mas os profetas avisaram aos habitantes da terra.

É chegada a hora. O momento triunfal. Os decretos divinos são infalíveis. É a hora da recompensa do povo de Deus..."

Fez-se então um silêncio, mas em seguida os anjos irromperam em louvores com suas vozes poderosas, adorando ao Rei, o Cristo, o Messias vencedor.

A visão se desfez, e Jonas envolveu a cabeça com as mãos, apenas balbuciando: Meu Deus, eu te amo...

Percebeu então que uma luminosidade diferente estava no quarto. Viu na sua frente um homem que parecia um médico de boa aparência e tranquilo. O homem veio até Jonas e tocou em sua testa. Jonas sentiu seu corpo ser envolvido por uma onda de calor e sorriu, feliz. O homem se afastou, abriu a porta e saiu do quarto. A luz diferente também se foi. Jonas ficou de pé. Não sentia mais nada, estava totalmente curado.

Pensou no que deveria fazer... Depois foi dormir.

Logo de manhã, caminhou até a recepção para providenciar sua saída. Não tinha ninguém no local. Os corredores também estavam vazios. Na guarita, o guarda dormia profundamente. Era muito cedo e o frio era forte. Jonas não se importou com nada. Passou pelo portão principal e foi embora, sem culpa na consciência. Era um hospital público e ele tinha uma missão com urgência... Localizou-se, procurou um ponto de ônibus, fez o sinal e pouco depois estava em casa, repetindo a todo instante: Deus é Deus.

Logo foi procurar o pastor e contou detalhadamente tudo que aconteceu.

Durante a tarde, jovens da igreja anunciaram de porta em porta que à noite

haveria uma mensagem sobre a vinda de Jesus. Mal o dia escureceu e foram buscar Jonas, que já estava arrumado, com sua bíblia aberta sobre a mesa, enquanto lia a passagem sobre o juízo final.

A igreja lotou. Todos os bancos ocupados e pessoas de pé, na porta e encostadas na janela. O culto se iniciou com uma oração de agradecimento a Deus, por sua misericórdia e amor. Uma breve leitura bíblica foi seguida por um curto período de louvor e imediatamente veio a pregação.

Jonas abriu a bíblia e leu um texto sobre o juízo de Deus, segundo o profeta Ezequiel. Explicou de forma resumida, depois narrou a visão que tivera no hospital.

Na hora da oração final, espíritos malignos se manifestaram, gritando e blasfemando, e um a um foram sendo expulsos. Várias pessoas ergueram as mãos na hora do apelo, confessando Cristo como Salvador e Senhor.

Já no gabinete, o pastor convenceu Jonas que deveriam ampliar aqueles estudos bíblicos sobre a vinda do Senhor. Então, durante seis dias consecutivos, Jonas pregou sobre o assunto, e muita gente mudou de pensamento e mudou de vida, crendo na bíblia como verdade.

Ao final do último dia de mensagens, choveu torrencialmente sobre a cidade, alagando ruas. Relâmpagos fortíssimos cortaram o céu. Estrondos intensos. E tudo ficou muito escuro, como se fosse o fim do mundo.

Os minutos passavam e a chuva não cessava nem diminuía. Parecia uma torneira aberta, com um fluxo intenso de água. Alguns barracos desabaram e uma menina morreu soterrada. A água começou a invadir as residências, destruindo móveis e causando desespero nos moradores.

Jonas pegou um balde para tirar água de dentro de casa. Trabalhou agitadamente, só parava quando sentia um pouco de dor na coluna.

A situação foi se caracterizando como uma tragédia. As emissoras de televisão e rádio já falavam do assunto. Autoridades governamentais desencadearam planos de ação emergencial. Bombeiros e ambulâncias tentavam se deslocar pela cidade, atendendo solicitações aflitas.

Um forte estalo assustou Jonas. Uma parede de sua casa, com estrutura precária, estava sob intensa pressão da água, descendo o morro.

Poucos minutos depois, outro estalo. Jonas arrumou uma mala de porte médio, de forma afoita. Trocou a roupa e correu para fora, com cuidado, pois

a força da água era grande. Assim que pôde, abriu o guarda-chuva. Os pingos pareciam ter força para furá-lo. Examinou a situação e constatou que estava sem saída. Resolveu pular um muro baixo, de acesso a um terreno baldio. Com grande esforço conseguiu, venceu alguns obstáculos e subiu em uma árvore, depois que a mala escapuliu de sua mão e foi carregada pela correnteza. Ficou apenas com o guarda-chuva e a bíblia que estava debaixo do braço. Acomodou-se em um galho e orou agradecido. Abraçou a bíblia e ficou quieto, olhando aquele quadro. Vez por outra ouvia um grito, alguém praguejando, xingando ou simplesmente chorando.

Não demorou muito e Jonas viu a parede de sua casa cair e a água invadir os cômodos como um pequeno dilúvio. Seus olhos se encheram de lágrimas. Amava aquele lugar e cada coisa que tinha ali.

Um bom tempo depois, houve uma diminuição na intensidade da chuva. Graças a Deus, a tempestade dava sinais que ia acabar...

A televisão mostrou cenas chocantes que abalaram a cidade. Casas e carros sendo arrastados, árvores caídas, buracos no chão, pessoas mortas e feridas, gente desesperada, gritando por socorro, verdadeiro caos...

A chuva, finalmente, praticamente cessou. E na favela, uma multidão agitada andava para lá e para cá, conversando, batendo nas portas e procurando vítimas para ajudar.

Na árvore em que Jonas subiu estava sua roupa pendurada nos galhos. No chão, sobre um monte de grama, seus óculos, sua bíblia e uma lanterna. Jonas não estava ali. Estava no meio de uma fileira de anjos, junto com irmãos da favela, muitos na verdade, olhando em direção a uma nuvem belíssima e no meio dela um homem com aparência divina. Com certeza era Jesus. Todos se curvaram e o adoraram, ouvindo sua voz dizer:

— Bem-vindos ao Reino eterno de meu Pai e tomem posse da vossa herança na cidade eterna, pois tudo foi preparado para vós, antes da fundação do mundo.

Primeiro os parentes, depois os vizinhos, depois as autoridades locais e, por fim, as autoridades mundiais. Todos entraram em pânico e em alerta. A

notícia não podia ser mais perturbadora e irreal. Muitas pessoas simplesmente desapareceram do nada...

O governo norte-americano, juntamente com os russos, os chineses, os alemães, japoneses, ingleses e outros tomaram a decisão de articular um governo único para coordenar as ações políticas e econômicas globais do planeta Terra, diante do louco acontecimento.

Uma junta científica de alto nível, reunida no Vaticano, publicou um relatório, divulgado pela mídia internacional, apontando a possibilidade de ter havido um rapto engenhoso de terráqueos, através de sofisticada tecnologia de uma civilização extraterrestre esplendorosamente avançada.

"Os olhos de Deus procuram os fiéis da Terra."

O tempo e o imaginário

S

empre ao voltar, caminhando vagarosamente, Érico contemplava a estrada quase deserta, até o ponto do atalho, rumo à sua casa.

Passou um carro. Dez minutos. Passou outro carro. Quinze minutos. Passou um caminhão cheio de homens, mulheres e crianças. Nômades forçados, que buscavam um pequeno sonho impossível: felicidade.

A estrada sombria era de asfalto esburacado, com mato de ambos os lados. Longa, cansativa e familiar. Por quarenta anos, Érico trilhava aquele caminho, solitário, pensativo e desesperançado. Nunca houve mudança nessa rotina...

Sentou-se sobre um tronco à beira da estrada e assobiou uma canção de ninar. Enxugou o rosto com um lenço velho e desbotado, olhou para cima, contou pequenos pontos de nuvens e cruzou os braços, suspirando a inutilidade.

Enquanto contemplava vacas e bezerros deitados na grama, pensou em sua teoria da infelicidade humana, de que todos, sem exceção, por causa da determinação genética dos antepassados, estavam presos em círculos existenciais, psicológicos, espirituais e morais de sofrimentos variados. E quanto mais você quisesse sair desses círculos, mais eles se apertavam e provocavam dor. Só os conformistas poderiam viver uma certa paz, mas aí era a consciência que não permitia. Existir é vagar em labirintos que dão em abismos. Talvez os teólogos tivessem razão, quando mencionavam um homem chamado Adão, sua tragédia diante de Elohim e o desencadeamento trágico disto na trajetória humana posterior. Se era provável, somos todos filhos de Adão.

Levantou-se abismado com sua insistência doentia de pensar tais ideias perturbadoras e sonolentas. Despreguiçou e voltou para a estrada para caminhar de novo. Sete minutos. Dois carros passaram velozes. Meia hora. Um ônibus velho, barulhento, ziguezagueando, quase saiu da estrada. O

motorista estava embriagado, era certo. Coitado. Ele carregava uma tristeza, era de supor. Que nada acontecesse.

Na encruzilhada, viu um homem negro, bem negro. Todo de branco e tocando uma gaita. Curioso... Se aproximou, pensando no melhor a fazer. Ignorar o estranho. Só isso, mais nada...

— Meu amigo Érico.

Amigo? Como assim? Nunca tinha visto aquela criatura. Podia olhar bem seu rosto e seus olhos e constatar que não era conhecido. Podia ser um bandido, alguém perdido, uma miragem, um vagabundo ou, pior, um ser do outro mundo.

— Meu amigo?

— Não sou seu inimigo, sou?

— Nem amigo.

— Olhe bem para mim.

— Estou olhando.

— Pensa que tenho a intenção de fazer algum mal?

— Penso que não.

— Sou seu amigo. Lembra-se do pacto?

— Que pacto?

— Você invocou meu príncipe.

— Seu príncipe? Que é isto?

— Diana.

Silêncio.

— O que tem Diana?

— A mulher que você amou com desespero agudo, consumiu com desejo incendiado e matou, depois que sua juventude foi sugada por uma doença mortal a vocês humanos.

Érico firmou seus pés no chão, mas seu corpo sacudiu com pequenos tremores. Ideias combatiam dentro da mente, como se fosse subitamente enlouquecer. Um aceleração cardíaco. Os olhos nervosos olhavam ao redor. Medo brotou de dentro da alma, a boca ressecou e o suor, frio, escorria na fronte.

— Quem é você?

— Sirvo ao meu príncipe.

— Príncipe?

— Aquele que vive nas mais densas trevas.

— Estou confuso...

— O veneno que você deu a Diana foi em dose excessiva. Por isso ela agonizou com tanto desespero e o sangue escorreu do seu nariz e cantos da boca. Definitivamente, amigo. Mas, enfim, ela morreu e já ocupa seu lugar em um abismo profundo. Tão profundo que assusta... Não se assuste, amigo. Eu só vim aqui, neste fim de mundo, para te lembrar do pacto. Aquele punhal, aquele sábado tempestuoso, aquele corte no pulso e um homem de pele muito branca, cabelos bem dourados, olhos tão azuis em um sorriso meio suplicante, meio macabro. Lembre-se, amigo. Diante de você, eu voltei.

Érico contraiu os músculos do corpo, mas não falou nada. Em memória, desenterrou o passado vivo como nunca. Um passado pegajoso.

Aquela mulher, por demais linda. Diana. Selvagem beleza anglo-latina, com seus olhos verdes, sorriso meigo, um olhar apolíneo. A pele ensolarada, lisa, rígida, a beleza de uma leoa. Como era amável.

O desejo nasceu, simplesmente, vociferante. Érico gritava por dentro. Alma e sangue arrebatados de paixão. Daria tudo por ela e realmente deu a alma... Na mais terrível das noites.

Não havia lua. Não havia estrelas. Não havia ideia contrária ao desregramento dos sentidos. Deixou-se cortar, aspergir de sangue e, despido, ritualizar. O corpo não sentiu dores, o pensamento desvaneceu, madrugada adentro, com volúpias e transe metafísico, diante do altar. Sobre ele, um ser enigmático, agressivo.

— Não pare de pensar, amigo...

Érico levantou os olhos, absorto e confrontado. O homem negro ria, como se não houvesse tragédias, sentimentos amargos ou algo que importasse ao menos um pouco.

— Deixe-me ir, eu suplico...

A risada estancou. Começou a ventar forte. Nenhum carro passava. Aquele silêncio incomodava profundamente. Érico sentia uma dor no peito e pressão

sobre sua cabeça.

— Amanhã eu venho buscar.

— Buscar?

— Sua alma... Corpos são valiosos para vocês humanos, até na hora da morte. O corpo é enterrado e isto custa alguma coisa... Almas são valiosas para nós. Não sei te explicar, mas nos alimentamos da substância chamada alma, quando é nossa, em nossas mãos. Ah, eu amo as almas que escravizo. Quer dizer, não é que eu ame, eu absorvo e dissolvo em mim... É estranho, Érico?

— Deixe-me ir.

— Vá e lembre-se. O pacto.

Érico virou-se lentamente, pensando na realidade daquela irreabilidade.

Caminhou batendo uma perna na outra. Já tinha dado uns vinte passos e ouvia o som da gaita. Aquele enervante blues melancólico. O coração palpitou mais intensivamente. A música foi diminuindo, depois de algum tempo, até que só ouvia o vento, monótono e frio.

Dobrou no atalho, já escurecendo. Parou um pouco e cruzou os braços, ainda tenso. Pulou, enfim, a cerca de madeira e arame, subiu uma ladeira de caminho torto e avistou a casa. Forçou os passos e passou pela varanda, sem brincar com o cachorro, como de costume. Entrou, sentou na cadeira em frente a janela, abaixou a cabeça e ficou longo tempo pensando em Diana.

Érico ficou acordado, madrugada adentro. A escuridão em volta da casa era mais estranha do que nunca. Mas, sem dúvida, aquele homem louco na estrada era uma bobagem, só isto. Deveria pegar uma arma e matá-lo, se ele aparecesse, com muitos tiros. Se ele aparecesse, no dia seguinte, a hora que fosse, morreria.

Vasculhou a casa e encontrou uma pistola, encheu de balas e testou com dois tiros em direção à mata. Ficou satisfeito.

Na varandinha velha, empoeirada e cheia de trastes, ficou observando a ausência de som e a escuridão. Insetos noturnos entoavam uma sinfonia Mozartiana.

Foi dormir bem tarde, com o rádio tocando músicas de vários tipos, todas chatas. Mastigava gomos de melancia e cuspiu pequenas sementes pela janela. Pensou em ler uma de suas revistas velhas, com matérias imbecis, mas desistiu. Aquele era um bom dia para ler um conto escrito por C. S. Lewis ou Dostoievski.

Tocou um blues. Érico torceu a cara e desligou o rádio. Enrolou-se no lençol fininho e cheio de furos, sem paciência de esperar a manhã brilhar. Dormiu, cansado e com frio. O dia amanheceu cinzento, mas tão belo. Uma chuva fininha e nuvens grossas, como um manto amarrotado sobre a terra. Érico bebeu um café morno, trocou de roupa, abriu o guarda-chuva, escondeu a arma debaixo do casaco em um bolso interno e saiu atolando o pé em poças de barro.

No serviço, não conversou nada com ninguém. Fez seu trabalho tolo de vigiar uma velha fábrica, quase falida. Eles cortavam madeira e aguardavam semanas para aparecer compradores. Por isso o salário sempre era atrasado e diminuto.

Almoçou uma carne seca ressecada, com arroz grudento. Bebeu um gole de guaraná natural, quente e sem gosto. Jogou o resto fora.

— Esse italiano, ladrão e safado...

Três amigos, ao lado, riram e apoiaram o protesto mal-educado. Anoiteceu, a chuva parou e Érico resolveu ir embora. Já havia passado do horário. Achava que estava inquieto, ansioso e afrontado por sua própria consciência.

Aceitou o convite de um amigo e foram para um bar, cheio de homens vadios, mulheres sem moral e música de amores perdidos.

Érico, sentado em frente a uma janela com vidro rachado, olhando a estrada, pensava em tudo e não pensava em nada.

— Érico.

— Fala.

— Escolhe uma garota, que eu pago.

— Não.

— Perdeu o interesse?

— Nunca tive. Certas coisas são nocivas.

— Então, com licença.

— Fique à vontade.

— Você é cara estranho.

— Tem coisas e gente mais estranhas do que eu.

— Mas ainda assim sou seu amigo.

— Obrigado...

Tão logo o amigo desapareceu, Érico levantou-se e saiu do bar.

— Espere-me aí na estrada, seu vigarista ou demônio do inferno, que eu vou te matar.

Na estrada, fixou seu olhar na curva e caminhou, com a mão dentro do bolso, onde estava a arma. Com a outra segurava o guarda-chuva colado sobre um dos ombros.

— Eu matei. Matei Diana, porque não suportei ver sua beleza desaparecer. E eu sei que ela queria morrer. Ela sofria e não era justo viver aquele sofrimento. Mas o que importa é que mesmo quando a matei, eu a amei.

Dobrou a curva e contemplou, imóvel e trêmulo, a imensidão da estrada. Um carro veio em baixa velocidade e passou por ele sem anormalidade. Érico olhou para trás e suspirou com alívio confortante. Tornou a caminhar, imaginando que tudo estava acabado. Ninguém iria aparecer naquela estrada, muito menos em busca de uma alma velha, cansada e povoada de pensamentos e sentimentos decrepitos.

— Que tolice. Alguém vir buscar minha alma. Eu devia estar louco ontem, naquela hora. Completamente louco, esclerosado.

Pôs-se a dar curtas risadas e agitar o guarda-chuva como se fosse uma espada, ameaçando um inimigo invisível.

— Hoje eu mataria qualquer um que me incomodasse por um minuto que fosse.

Inesperadamente, um traço de luz — talvez — cortou o caminho de Érico. Da esquerda para a direita e da direita para esquerda, quase simultaneamente.

Tomado de uma vertigem, perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos. Pôs a mão no peito, piscou várias vezes os olhos, olhando o asfalto. Solto o guarda-chuva e a arma caiu, fazendo um barulho seco. Érico não se importou, impulsionou o corpo e ficou de pé, olhando as pernas e esfregando as mãos uma na outra. Uma gargalhada frenética fez com que ele levantasse a cabeça

e visse uma mulher alta, pouco curvada, ruiva, com olhos afundados na órbita e um jeito parcialmente demente de abrir e fechar o sorriso e balançar a cabeça de um lado para o outro, como se não pudesse controlar o movimento. Ela estava próxima, bem próxima. Érico desviou rapidamente o olhar para a arma no chão. A mulher deu um grito histérico, quase animalesco, e ergueu suas mãos enrugadas, abraçando o próprio corpo. Érico perdeu o controle de si e urinou na calça. Teve vergonha de si mesmo e permaneceu quieto, sem ação, sem conseguir pensar.

— Todos e tudo têm um fim, verme humano.

A voz saiu como se fosse um som metálico, ampliado por um sistema de ampliação sonora da voz.

— O mal, quem pode entendê-lo, senhor? Eu sou o mal, o próprio mal, a expressão absoluta dele.

Érico deslizou com sutileza um de seus pés para frente. Precisava pensar que era possível alcançar a arma e atirar contra aquilo, fosse o que fosse.

— Sua mente é um túnel escuro de ideias que não servem para absolutamente nada. Seu corpo são apenas rugas apodrecidas. Só um bem há em ti, ser ignóbil. Tua alma. Eterna e capaz de sofrer. Por isto que eu quero a tua alma. Nós fizemos um pacto e nada é mais verdadeiro do que um pacto... Fale-me assim: minha alma é tua. Fale-me.

— Nunca – sussurrou Érico, em pânico e pálido.

Imaginando ser possível, atirou-se para pegar a arma. No entanto, o traço de luz cortou de novo a estrada e sua arma foi carregada para dentro da mata.

Estirado no asfalto com os joelhos e ombros doloridos pela queda, Érico olhou em direção à mulher, que transpirava um ódio quase possível de ser tocado.

— Meu Deus, me ajude.

— Deus só ajuda seus escolhidos, miserável. Quem te escolheu não foi Deus, foi o inferno. E eu represento aqui, neste dia em que tudo acabou para você, o inferno.

Durante um bom tempo, não houve palavras. A noite ficou mais escura e voltou a chover. Érico permanecia deitado no asfalto, com o rosto apoiado em uma das mãos e a outra, de punho fechado, ao lado do rosto. Os olhos cerrados e o pensamento fustigado por imagens de Diana, agonizando com o

veneno devastando suas entranhas. Um desespero cresceu dentro de si.

— Eu não quero morrer. Alguém me ajude. Alguém, por favor. Misericórdia, Deus. Eu sei que sou abominável. Eu sei que sou vil. Eu sei que não sou bom. Eu matei Diana. Me ajude, só uma vez, só essa vez... Por favor, por favor.

Érico foi se arrastando no asfalto e a marca de sangue de suas mãos e rosto ia ficando pelo chão. Ele gritava, chorava, clamava e fraquejava.

— Nós somos apenas isto. Desgraçados. Desgraçados. Oh, Deus. Você existe?

Um carro com farol baixo e em grande velocidade veio na direção de Érico. O motorista distraído nada pôde fazer. Quando notou, era tarde. O carro passou sobre o corpo do velho assassino, esmagando sua cabeça e um dos braços. Não houve nem um grito, só um suspiro, rápido como um piscar de olhos. Érico estava morto.

O motorista saltou do carro, inconformado. A estrada estava escura, vazia e silenciosa. Olhou o cadáver e balançou a cabeça, chateado. Passou a mão no rosto e no cabelo, depois deu de ombros, decidido a não se martirizar por aquela história. Entrou no carro e arrancou, deixando para trás uma criatura com seu destino trágico e irreversível.

O dia amanheceu e o cadáver estava ali na estrada. Alguém avisou a polícia, que foi até o local, horas depois. Os amigos também chegaram e olhavam com certa piedade e nada mais.

Durante o enterro, sem emoção e sem saudade, um ministro batista, disponível por acaso naquela tarde, leu trechos do livro de Apocalipse e do livro de Gênesis. Falou da criação da humanidade, da morte enquanto maldição do pecado, do juízo final e de um lugar de paz perfeita chamado paraíso ou céu. Fez uma oração pelos presentes, enquanto os poucos amigos da fábrica jogavam um pouco de terra dentro da cova. Como eram católicos, fizeram o sinal da cruz e se retiraram, indiferentes.

Érico encolheu o corpo em forma fetal. Arregalou os olhos, assustado, com as batidas do coração aceleradas e intensas. Notou que Diana dormia

profundamente, de forma serena e tranquila. Esticou o braço e tocou em seu cabelo, com amor.

Ao se levantar, foi até a cozinha e bebeu um pouco de leite. Voltou para a sala, sentou-se e disse para si mesmo com a voz um pouco embargada e lentamente.

— Preciso voltar para o caminho da fé...

Lá fora, uma chuvinha fina e um vento forte traçava o painel de uma noite melancólica. E Érico orou a Deus para não ter mais pesadelos como aquele.

"Não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal..."

O prisioneiro Alfa

"A

i de vós, moradores da Terra..."

O posto do exército ficava em um vale cercado de matagal cerrado. Uma pequena trilha, mal definida, ligava a estrada ao posto. Um complexo de vinte e poucas casas, cercadas por arame eletrificado e bem vigiadas por soldados que faziam revezamento na função.

Quando parou a moto perto da trilha, o agente Elias foi recebido pelo agente Rui. Os dois se olharam bem sérios. Um rápido aperto de mão e palavras sucintas.

— Sou o agente Rui. Eu e você vamos levar o prisioneiro Alfa para o local designado.

— Onde?

— Atravessaremos uma cidadezinha e chegaremos no local.

— É longe?

— É.

— Quem é o prisioneiro?

— Não sei.

— Por que o nome Alfa?

— Não sei.

— O que você sabe?

— O que já falei.

— Certo.

— Ok?

— Ok.

A viagem iria começar ao amanhecer. Durante a noite, os dois agentes, cada qual em seu alojamento, dormiram e descansaram. Quando o sol emitiu seus primeiros raios, o caminhão do exército já estava pronto, perto do início

da trilha. Meia hora depois, após um banho frio e café, partiram para a missão designada.

Por quase duas horas não trocaram uma palavra, até que o agente Elias quis urinar. Fez uma careta e abriu a porta do caminhão, ameaçando saltar. Rui freou e ficou esperando o parceiro resolver seu problema o mais rápido possível.

— Pronto? – gritou, olhando o relógio.

— Tô indo, cara.

Elias voltou para o caminhão correndo e foi logo falando:

— Pode acelerar essa droga.

— Espero que o prisioneiro Alfa não queira fazer xixi também.

— Prisioneiro Alfa! Quem é esse sujeito?

— Já disse.

— Não tem pista?

— Tenho.

— Qual?

— Desde que ele chegou, morreram cinco homens.

— De que maneira?

— Com alucinações e erupções horrorosas na pele. Apodreceram.

— Qual foi a explicação do médico?

— Doença misteriosa...

— O que é isso, cara?

— É isso.

— Ele é o quê? Traficante? Guerrilheiro?

— Não sei nem se é gente.

— Como?

— Não sei. Não conheço ninguém que tenha visto o prisioneiro.

— Podemos parar o caminhão e ver?

— Não, não podemos. Há um dispositivo na porta. No posto, eles podem saber que tentamos abrir a porta. Além disso, está muito bem trancada. Nossa missão é levar quem está aí dentro até o posto do Portal Quinze.

— Portal Quinze?

- Exatamente.
- É um posto de pesquisas científicas.
- Que pesquisas?
- Não sei. Ouvi falar e estive com um documento em mãos que confirma que é um posto de pesquisas...
- Que tipo de documento?
- Estava lacrado.
- Certo.
- Portal Quinze... Nem entraremos lá, com certeza.
- Claro que não, vamos deixar o caminhão na porta e voltaremos com uma moto, já foi definido.
- Quanto cuidado.
- O prisioneiro Alfa é importante.
- Se é que é um prisioneiro.
- Como assim?
- Pode ser um caso de contaminação e aí inventaram essa história.
- Teoria da Conspiração, companheiro? Qual é...
- Se você é ingênuo, eu não sou...
- Ah, quer saber. Vamos ouvir música, certo?
- Certo. E comer um pouco desse presunto aqui, ó...
- Ótima ideia.

A Rádio Poeira AM 270 tocava clássicos da música universal. Frank Sinatra, Beatles, tangos argentinos, bandas de Jazz, etc... Pena que o som era chiado e às vezes falhava. Entre as músicas, um locutor contava histórias, piadas e anunciava entrevistas. Elias olhava a paisagem mística, com pouca vegetação e montanhas longínquas. Rui tentava ouvir as canções e xingava toda vez que freava em um buraco. A estrada era péssima, um retrato do país.

Depois de dois clássicos de música pop, o locutor anunciou uma entrevista com uma jornalista de São Paulo, sobre um assunto misterioso e interessante.

— É isso aí, amigo ouvinte da rádio Poeira AM 270, é isso aí. Você acredita em papo de enigmas e mistérios além da imaginação? Não? Ah, sei. É difícil acreditar, né? Mas eu vou entrevistar a jornalista Anna Dim, da

revista Olhar, aqui no nosso estúdio. Ela tem motivo para ter vindo ao fim do mundo, a terra de ninguém, muita poeira, montanhas, cobras e pássaros. Qual é, Anna, tudo legal?

— Tudo.

— Você veio atrás de um negócio estranho, não é? Qual é o negócio? Qual é a história?

- Bom dia. A revista Olhar é especializada em curiosidades científicas ou supostamente científicas.

— Sei. E qual é a história então? Diga lá.

— Nós fomos informados que aconteceu um fenômeno aqui na região e que o exército se envolveu nisto.

— Qual é essa, Anna? Fala pra gente, vamos...

Elias e Rui olharam um para o outro surpresos com o que ouviram. Sabiam que a cidadezinha próxima era o local onde ficava o estúdio da rádio. Mas não comentaram nada, continuaram atentos às palavras da mulher.

— Um OVNI circulou nesta região. A informação que eu tenho foi dada por uma fonte de credibilidade, homem de ciência e com capacidade intelectual de observar o que observou.

— Um OVNI? É isto mesmo? Um OVNI?

— Exato. E este OVNI fez contato.

— Com quem?

— Com um posto militar.

— Então foi um militar que te contou a história, não é?

— Não importa detalhes sobre a fonte, mas o fato realmente ocorreu. É isto que importa.

— O que exatamente a fonte te disse?

— Que foi assustador, pessoas morreram.

— E a nave? Onde está a nave?

— Retornou ao espaço, mas deixou vestígios e um tripulante.

— O quê? Um extraterrestre entre nós?

— É o que eu vou investigar. Se alguém, entre os ouvintes, souber de alguma coisa, entre em contato aqui com a rádio ou com o Hotel Luar onde

estou hospedada...

— Ok, Anna... Vai fundo nessa. Você acredita mesmo...

— Não é uma questão de fé. Tem de ser provado, tem que ser fato registrado. E eu acho que, mais cedo ou mais tarde, nossa civilização será contatada por outra civilização vinda de um ponto qualquer do universo. É algo plausível...

— É isso aí. Que coisa. Que doideira... Vamos ouvir umas canções. Começando com Elvis, cantando lindas baladas de paixão, de amor... Que doideira, mano.

Elias virou-se e ficou olhando o compartimento onde o prisioneiro Alfa estava. Passou a mão no cabelo, endireitou o corpo e fixou o olhar na estrada. Rui deu uma gargalhada cínica.

— Ei, amigo, não vai dizer que você imagina que estamos transportando um extraterrestre?

— Claro que não, eu não sou idiota.

— Então abre aí uma garrafinha de água mineral. Que calor. Que sede, meu irmão.

— O que você acha desse negócio de discos voadores?

— Bobagem. É mais fácil acreditar na Bíblia do que nesse assunto de doido. E você? Concorda?

— Concordo... Vou desligar o rádio, ok?

— Por quê?

— Estou com dor de cabeça.

— Ótimo, desliga. Logo estaremos chegando na cidade.

— Qual o nome da cidade?

— Povoador dos Ventos.

— Bonito.

— De morrer.

— É lá que está a jornalista. Bicho curioso, esses caras.

— Bom, pela voz deve ser meio velha e um pouco feia.

— Maluca ela é, isso sim.

— Eu e você aqui no meio do nada também somos malucos, parceiro.

Rui continuou falando sem parar e de vez em quando lembrava de um nome feminino e rogava pra. Elias estava cada vez mais longe, sonolento e incomodado com a dor de cabeça.

Estava bem cansado quando avistou a pequena cidade. Pouquíssimas casas, tudo com aparência fantasmagórica. Não havia luzes na rua, só dentro das casas. Um posto de gasolina abandonado serviu como local para Rui estacionar o caminhão. Um velho bastante senil fez sinal de ok do lado de fora. Rui desligou o farol e sacudiu o amigo.

— Acorda. Você está em serviço.

— O quê? Chegamos?

— Povoado dos Ventos. Vamos comer alguma coisa e beber pelo menos uma gotinha de cerveja. Ninguém é de aço.

— Eu não bebo em serviço.

— Bom, você é um homem decente. Eu tentei e não consegui.

— Escuta...

— O que foi?

— E o prisioneiro?

— O que tem?

— Ele não se alimenta?

— É pra não se preocupar com nada disso. São ordens.

— Estranho.

— Não acho nada estranho.

— Não ouvi nenhum barulho.

— Talvez tenha sido projetado para não fazer barulho.

— Por quê?

— Ora, ora... Estou com fome.

— Vamos.

— Temos pouco tempo e precisamos prosseguir a viagem rapidamente. O horário de chegada no Posto Portal Quinze foi definido.

— Que droga, hein?

— Quem pode manda. Quem não chega lá obedece.

Bateram as portas e desceram. Andaram por entre as ruas, olhando se

descobriam uma pensão ou coisa do tipo. Finalmente um bar, com um letreiro mal iluminado, onde se lia a palavra Azteca.

Dentro do bar, um forte cheiro de bebida alcoólica e fumaça de cigarros em todos os cantos. Tocava uma música nativa apropriada para quem perdeu a vontade de viver, melancólica e depressiva.

Os dois sentaram em uma mesa suja e torta, pediram uma sopa e permaneceram atentos a qualquer movimento anormal.

Passados uns vinte minutos, um homem magro, de pele morena, alto e rosto ossudo, foi até a mesa e pediu para sentar-se. Rui e Elias não responderam nada. Ele puxou a cadeira e sentou-se, olhando um e outro com olhar de súplica.

— Eu não sou desse lugar. Venho aqui por causa dessas almas perdidas e atormentadas. Sou um pregador do Final dos Tempos, quando o Deus que governa todo o universo vai interferir neste planeta cheio de pecado, para purificar e restaurar o que é certo, o que é justo e o que é bom. Quando vi vocês, tive que vir até aqui trazer a mensagem. Creiam em Jesus Cristo, o único Salvador do mundo, e se arrependam de seus pecados. Deus quer perdoar tudo que vocês fizeram de errado.

— É muita coisa, pregador. – Observou Elias, com ironia.

— Pastor Enoque, é este meu nome.

— Desculpe.

— Não tem importância. O que importa é as almas de vocês não serem lançadas um dia no lago de fogo e enxofre, onde só haverá dor, angústia, gritos e ranger de dentes. Rejeitem o mal no coração de vocês e obedeçam a voz de Deus, que na Bíblia diz: quem crê será salvo e quem não crê será condenado. E este crer é a fé em Jesus Cristo, que morreu crucificado lá no Calvário, derramando seu sangue para livrar homens e mulheres da culpa e do Juízo Final.

— Se Jesus morreu, pastor, como é que ele vai salvar? Não é melhor esquecer essa história? – ponderou Rui com uma ponta de irritabilidade.

— Ele morreu, mas ressuscitou. Foi para o céu de forma sobrenatural e vai voltar para buscar quem nele crê. Meu conselho a vocês é este: saiam das trevas e creiam na verdade.

O pregador se afastou e voltou a comer sua sopa, que àquela altura deveria

ter esfriado consideravelmente. Rui e Elias balançaram a cabeça com desdém, olhando discretamente para algumas mulheres sem compostura, ao lado de homens idênticos a elas.

Não demorou muito, o pregador levantou-se, pagou ao homem atrás do balcão, pôs debaixo do braço o que parecia ser um exemplar da bíblia e foi em direção à porta de saída. Subitamente parou e voltou-se para a mesa onde os dois agentes estavam. Caminhou com um olhar assustado, debruçou-se sobre eles e praticamente sussurrou:

— O diabo está dentro daquele caminhão, ouviram? É isto mesmo. Um demônio, materializado. Não prossigam na missão ou terão encontro marcado com a morte e a eternidade no vale profundo das trevas. Ouçam-me, eu suplico...

Virou o corpo lentamente e saiu, repetindo uma oração contra as forças do mal. Rui e Elias permaneceram sérios e introspectivos por um instante, até que foram abrindo o sorriso, pouco a pouco.

— Muitos loucos vagando pelo mundo.

— Você tem razão.

— Bom, é nossa hora, amigo.

— Quem paga?

— Eu pago. Vai na frente, que eu vou ao banheiro.

— Ok.

Elias despreguiçou-se e saiu, bocejando e esfregando as mãos. Estava um pouco frio. Correu até o caminhão, entrou e bateu a porta. Ligou o rádio e encostou a cabeça no vidro, imaginando o fim daquela missão. Depois iria voltar para a cidade de Manaus e aos braços da bela noiva, que lhe consolava de todas as mazelas da vida...

Ao passar pela mesa onde uma mulher de roupa sedutora estava sentada sozinha, Rui piscou um dos olhos. Entrou em um corredor de acesso aos banheiros, aguardou por um minuto aproximadamente e a mulher chegou, com sua falsa timidez. Rui segurou-lhe com um dos braços e a puxou para dentro do banheiro. Beijou algumas vezes seus lábios, mas subitamente sentiu-se enojado. Jogou umas notas no chão e abandonou o recinto infecto. Pagou o homem do balcão e alcançou a rua, onde cuspiu seguidas vezes e respirou como se estivesse sugando o ar.

Quando abriu a porta do caminhão, deu uma risada com cara de esperto. Fez a manobra e avançou na estrada escura, batendo com as mãos no volante ao som da música "country", à medida em que a cidade ia ficando para trás, até desaparecer do retrovisor.

— Quantas vezes você já ficou doente?

— Várias.

— São essas mulheres, sabia?

— Não me importo.

— Você é um dos loucos que andam por aí.

— Você tem razão. Sou um sacerdote do deus Eros. E você é sacerdote de qual deus?

— Aprecio e venero o deus dólar.

— Somos homens de fé.

A rádio começou a transmitir um recital de poesias. Maiavóvisk, Neruda, Baudelaire, Álvares de Azevedo, com música instrumental ao fundo, flautas e violões. Elias voltou a adormecer, depois de contar uns dois fatos de sua vida pessoal. Rui concentrava os olhos na estrada, tentando evitar os buracos, mas sem diminuir a velocidade média.

O tempo voou. Três e trinta da madrugada, o rádio desligado, Elias dormindo. Tudo normal, até Rui entrar em uma curva, contornando um pequeno monte bem no meio da estrada. Diminuiu a velocidade quando teve a impressão de ter visto uma luz vermelha bem fraquinha, que piscou. Firmou a vista, pois pareceu haver algo de estranho na estrada. Assustado, desligou o farol e acordou o amigo. Elias esfregou os olhos, preguiçosamente.

— O que foi?

— Tem algo na estrada.

— Acende esses faróis.

— Não, não.

— O que você viu?

— Uma pequena luz vermelha, que em seguida desapareceu.

— O que mais?

— Acho que tem uma coisa na estrada.

— Uma coisa?
— Um carro. Um caminhão. Sei lá...
— Acende o farol.
— Pegue as armas.
— Estão aqui...Toma.
— Acho melhor a gente descer e verificar.
— É perigoso.
— Vamos fazer o quê?
— Não sei.
— Piscar o farol?
— Realmente não sei. Tem certeza que tem algo na estrada? Não vejo nada.
— Eu imagino que vi alguma coisa.
— Não bebeu demais?
— Não estou bêbado.
— Com sono, talvez...
— Não.
— Acende os faróis.
— Vou acender essa droga. Prepare-se e, se for preciso, atire.
— Estou preparado. Acende os faróis.

Rui acendeu os faróis do caminhão, com o coração batendo forte e a pistola israelense em uma das mãos. Elias trincou os dentes com uma mini-metralhadora de fabricação francesa...

Em poucos segundos, viram uma sombra arredondada, enorme, subir da estrada e quase ao mesmo tempo descer na mesma direção. Poderosos holofotes brilharam daquele objeto em direção aos agentes, ofuscando totalmente a visão. Rui deu um grito e jogou-se para fora do caminhão. Elias apontou a metralhadora e espatifou o próprio vidro a sua frente. As poderosas luzes avançaram sobre eles e ambos perderam a consciência, em meio àquela experiência abaladora e inexplicável...

O dia amanheceu. A jornalista Anna Dim dirigia com um mapa aberto sobre o volante, em direção à base no posto Portal Quinze. Saindo do vilarejo Povoados dos Ventos, tentaria descobrir qualquer coisa interessante para sua reportagem. Seu faro jornalístico dizia que teria alguma coisa. Estava disposta a não desistir. Começou a comer uma maçã e a pensar no que escrever se tivesse que fazer uma matéria sem nenhuma informação de peso.

Seu carro alugado era um Corcel velho, barulhento, com vidros rachados, pneus carecas e fedorento. Foi o melhor que conseguiu.

De longe, viu que tinha alguma coisa na estrada, depois de um longo percurso concluído. Aumentou um pouco a velocidade, curiosa e reflexiva, formulando hipóteses. Entrou na curva contornando o pequeno monte, bem no meio da estrada. Assim que ficou de frente para a cena, freou bruscamente. Abriu bem os olhos e saltou do carro, com a máquina fotográfica e o gravador portátil ligado dentro do bolso de um blusão largo. De imediato começou a bater fotos e fazer uma narrativa em voz alta.

Lá estava, no meio da estrada, um caminhão do exército partido em várias partes. Cabalmente destruído. Braços, pernas, troncos e cabeças humanas espalhadas no chão, com as roupas envolvendo os membros dos corpos esquartejados. Anna olhou e raciocinou. Compreendeu que os cadáveres eram de dois homens adultos, descobriu os documentos e constatou que eram agentes da polícia secreta. Mas o que ou quem teria feito aquilo? Já tinha visto tragédias terríveis, mas o que estava olhando agora superava tudo.

Parou por um instante, desligou o gravador e ficou olhando ao redor, tentando achar um vestígio qualquer. Caminhou um pouco na estrada, no sentido contrário à localização do povoado. Verificou, perplexa, que havia marcas profundas no chão. Algo extraordinariamente pesado havia pousado ali ou estivera ali. Bateu novas fotos e resolveu fazer um teste: colocar uma das mãos próxima das marcas de afundamento. O calor era intenso. Era tudo impressionante. Voltou para o carro e tornou a ligar o gravador, para fazer alguns comentários e observações.

Por fim, abaixou a cabeça sobre o volante e permaneceu olhando aquele cenário dantesco e anti-humano, não duvidando que o que ocorreu ali era algo além do natural e do conhecido. Permaneceu mais de uma hora dentro do carro, olhando e pensando. Imaginava se as pessoas acreditariam.

Não percebeu quando um comboio do exército veio aproximando-se do local. Quando se deu conta, eles não estavam muito distantes. Levantou-se e ficou aguardando. Ao chegarem, os militares, sem constrangimento algum, revistaram o carro e as roupas da jornalista. Confiscaram tudo e ignoraram solenemente os protestos. Anna foi conduzida para o interior de uma caminhonete, onde não havia janela. Gritou e exigiu respeito, em vão. Tratou de ficar quieta, então. Era melhor aguardar. Não ouviu nenhuma voz dizer nada. Algum tempo depois, o carro em que estava entrou em movimento, lentamente, depois velozmente. Seu corpo jovem e belo seria enterrado em um cemitério indígena, perdido no meio de um deserto. Queima de arquivo.

No Povoado dos Ventos tudo permanecia como antes. O pregador, pastor Enoque, propagando o iminente desabrochar dos decretos apocalípticos. A rádio Poeira AM 270, no ar, levando cultura aos infelizes habitantes do nada, onde tudo que restava eram afetos e ofensas e outras coisas mínimas...

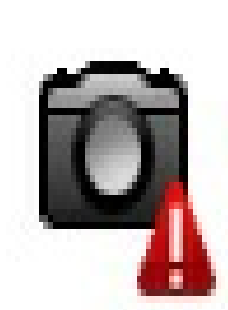
Um helicóptero velho do exército, junto com duas patrulhas em terra, vasculhava a região, buscando encontrar o prisioneiro Alfa e os terroristas que executaram seu resgate. Em meio ao tédio das rondas, um soldado pardo de meia-idade, franzino e despenteado, sentado no banco traseiro de um Jipe, desfolhava as páginas de uma bíblia amarelada, com letras pequenas e algumas partes sublinhadas. A lua, naquele dia, estava encantadora, o ar um tanto quente e todos exaustos. O soldado pardo de meia-idade, caracterizando uma fisionomia de deboche, leu em voz mais ou menos alta:

— Ai de nós, moradores da terra. Satanás desceu até vós com grande fúria. Sabendo que pouco tempo lhe resta...

Bem acima do Jipe e bem acima do helicóptero, quase transparente e absolutamente silencioso, um objeto não classificado planejava atacar e destruir.

O soldado pardo fez uma piada, que ninguém riu. Fechou a bíblia, a boca e os olhos, tentando descansar um pouco, antes do fim...

Sobre o autor



M.C. Martins é ministro na Igreja Batista Internacional da Paz.

É autor dos livros de ficção *Gusman, o gênio do mal e o povo do Apocalipse* e Contos de tirar o fôlego.

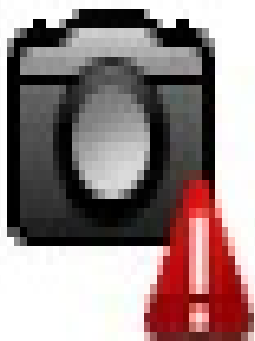
Bacharel em Teologia, graduado e pós-graduado em História na UFF. Pós-graduado em Filosofia na Gama Filho.

Professor de Apologética, Filosofia da Religião e Ética.

Membro da Academia Evangélica de Letras e da ABTL.

Casado com Wani Martins. Vive no Rio de Janeiro.

Leia também do autor



Ao longo de sua história, o cristianismo tem produzido ideias em todos os campos do conhecimento humano. A contribuição da fé cristã ao desenvolvimento cultural das civilizações é algo notável. Em meio a debates intelectuais intensos, o cristianismo prossegue firme como um horizonte de pensamento lúcido e eficaz. Este livro propicia dois curtíssimos mergulhos acadêmicos; na escolástica medieval, com seu esforço triunfante de afirmar Deus a partir da filosofia e no iluminismo e sua estratégia cientificista-naturalista de

expressar conhecimento.

O pensamento cristão deve buscar alianças intelectuais que reforcem seu legado de veridades ao mesmo tempo em que esteja apto a fazer a crítica da crítica às suas convicções, com equilíbrio e aprofundamento cognitivo.

Título: Razão e fé: dois breves ensaios sobre apologética

Autor: Moisés Carvalho Martins

Editor: Eneas Francisco

ISBN: 978-85-66941-67-8

72 páginas

FALE CONOSCO

www.upbooks.com.br

cpbereana@gmail.com

(19) 98430-7994